

Coordenação
Maria de Fátima Sousa e Silva

Representações
de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo

Volume II



Edições Colibri

•
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

REPRESENTAÇÕES
DE TEATRO CLÁSSICO
NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

VOL. II

Colecção: ESTUDOS

Livros Publicados:

- 1 – SCHEIDL, Ludwig – *A Viena de 1900: Schnitzler, Hofmannsthal, Musil, Kafka*, Coimbra, 1985 (esgotado).
- 2 – RIBEIRO, António Sousa et alii – *A literatura, sujeito e a história. Cinco estudos sobre literatura alemã contemporânea*, Coimbra, 1996 (esgotado).
- 3 – BURKERT, Walter – *Mito e mitologia*, Coimbra, 1986 (esgotado).
- 4 – GUIMARÃES, Carlos e Ribeiro Ferreira – *Filóctetes em Sófocles e em Heiner Müller*, Coimbra, 1977 (esgotado).
- 5 – FERREIRA, José Ribeiro – *Aspectos da democracia grega*, Coimbra, 1988 (esgotado).
- 6 – ROQUE, João Lourenço – *A população da freguesia da Sé de Coimbra 1820-1849*, Coimbra, 1988.
- 7 – FERREIRA, José Ribeiro – *Da Atenas do séc. VII a.C. às reformas de Sólon*, Coimbra, 1988.
- 8 – SCHEIDL, Ludwig – *A poesia política alemã no período da revolução de Março de 1848*, Coimbra, 1989.
- 9 – ANACLETO, Regina – *O artista conimbricense Miguel Costa (1859-1914)*, Coimbra, 1989.
- 10 – CRAVIDÃO, Fernanda Delgado – *Residência secundária e espaço rural. Duas aldeias na serra da Lousã, Casal Novo e Talasnal*, Coimbra, 1989.
- 11 – SOUSA, Maria Armanda Almeida e, VENTURA, Zélia de Sampaio – *Damião Peres. Bibliografia analítica (1889-1976)*, Coimbra, 1989.
- 12 – JORDÃO, Francisco Vieira – *Mística e filosofia. O itinerário de Teresa de Ávila*, Coimbra, 1990.
- 13 – FERREIRA, José Ribeiro – *Participação e poder na democracia Grega*, Coimbra, 1990.
- 14 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e OLIVEIRA, Francisco de – *O teatro de Aristófanes*, Coimbra, 1991.
- 15 – CATROGA, Fernando – *O republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*, Coimbra, 1992.
- 16 – TORGAL, Luís Reis et alii – *Ideologia, Cultura e mentalidade no Estado Novo – Ensaio sobre a Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1992.
- 17 – SEABRA, Jorge et alii – *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*, Coimbra, 1993.
- 18 – ANACLETO, Marta Teixeira – *Aspectos da recepção de 'Los siete libros de la Diana' em França*, Coimbra, 1994.
- 19 – MARNOTO, Rita – *A Arcadia de Sannazaro e o Bucolismo*, Coimbra, 1995.
- 20 – PONTES, J. M. da Cruz – *O Pintor António Carneiro no Património da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1997.
- 21 – SANTOS, João Marinho dos – *Estudos sobre os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa*, Coimbra, 1998.
- 22 – LEÃO, Delfim Ferreira – *As ironias da fortuna – Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, Coimbra, 1998.
- 23 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo*, Lisboa, 1998.
- 24 – MARQUES, Maria Alegria Fernandes – *Estudos sobre a ordem de Cister em Portugal*, Coimbra, 1998.
- 25 – SCHEIDL, Ludwig – *Mitos e figuras clássicas no teatro alemão – do século XVIII à actualidade*, Lisboa, 1998.
- 26 – BRANDÃO, José Luís Lopes – *Da Quod Amem. Amor e amargor na poesia de Marcial*, Lisboa, 1998.
- 27 – CARDOSO, João Nuno Paixão Corrêa – *Sociolinguística rural – a freguesia de Almalaguês*, Lisboa, 1998.
- 28 – SOARES, Carmen Isabel Leal – *O discurso do extracénico – Quadros de guerra em Eurípides*, Lisboa, 1999.
- 29 – MONTEIRO, João Gouveia – *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, 1999.
- 30 – FERNANDES, João Luís Jesus – *O homem, o espaço e o tempo no maciço calcário estremenho – O olhar de um geógrafo*, Lisboa, 1999.
- 31 – SEABRA, Jorge, AMARO, António Rafael, NUNES, João Paulo Avelãs – *O C.A.D.C. de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*, Lisboa, 2000.
- 32 – FERREIRA, Paulo Sérgio Margarido – *Os elementos paródicos no Satyricon de Petrónio e o seu significado*, Lisboa, 2000.
- 33 – COELHO, Maria Helena da Cruz, SANTOS, Maria José Azevedo, GOMES, Saul António, MORUJÃO, Maria do Rosário – *Estudos de diplomática portuguesa*, Lisboa, 2000.
- 34 – DIAS, Paula Cristina Barata – *Regula Monastica Communis ou Exhortatio ad Monachos? (Séc. VII, Explicit). Problemática. Tradução. Comentário*, Lisboa, 2000.
- 35 – SILVA, Maria de Fátima Sousa e (coord.) – *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo*, Vol. II, Lisboa, 2001.
- 36 – MARNOTO, Rita – *A Vita Nova de Dante Alighieri. Deus, o Amor e a Palavra*, Lisboa, 2001.
- 37 – URBANO, Carlota Miranda – *A Oração de Sapiência do P.º Francisco Machado SJ (Coimbra – 1629). Estudo. Tradução. Comentário*, Lisboa, 2001.

**REPRESENTAÇÕES
DE TEATRO CLÁSSICO
NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO**

VOL. II

Coordenação
Maria de Fátima Sousa e Silva

*

Edições Colibri

*

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Representações de teatro clássico no Portugal Contemporâneo /
coord. Maria de Fátima Sousa e Silva. – 2 v. – (Estudos da
F.L.U.C. ; 35)
2.º v.: p. – ISBN 972-772-227-X

I – Silva, Maria de Fátima Sousa e, 1950- , coord.

CDU 792(=1.38)(469)“1943/1998”
821.14’02-2

Título: *Representações de Teatro Clássico
no Portugal Contemporâneo – Vol. II*

Coordenação: Maria de Fátima Sousa e Silva

Tratamento do texto: Cláudia Raquel Cravo da Silva
Susana Hora Marques

Edição: Edições Colibri

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 124 648/98

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Março de 2001

COORDENAÇÃO

Maria de Fátima Sousa e Silva

COLABORADORES

Ana Paula Quintela
Carlos Manuel Ferreira Morais
Carmen Isabel Leal Soares
Cláudia Raquel Cravo da Silva
Delfim Ferreira Leão
Jorge Pereira Nunes do Deserto
José Luís Brandão
José Ribeiro Ferreira
Luísa de Nazaré Ferreira
Maria do Céu Zambujo Fialho
Maria Helena da Rocha Pereira
Marta Isabel de Oliveira Várzeas
Nuno Simões Rodrigues
Paulo Sérgio Ferreira
Susana Hora Marques

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE

PRÓLOGO	9
ÉSQUILO	11
SÓFOCLES	37
EURÍPIDES	87
ARISTÓFANES	143
CRATINO	159
MENANDRO	163
LUCIANO	169
HERONDAS	173
TEÓCRITO	177
ADAPTAÇÕES DE TEMAS GREGOS	181
PLAUTO	293
SÉNECA	333
TERÊNCIO	339
ADAPTAÇÕES DE TEMAS LATINOS	343

(Página deixada propositadamente em branco)

PRÓLOGO

Anos passados sobre a publicação do primeiro volume de *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, é chegado o momento de acrescentar, à informação a esse tempo já recolhida, um novo e alargado conjunto, que resultou de um trabalho interessado de um grupo de investigadores, com algumas alterações e novas presenças em relação ao que assumiu a primeira fase de pesquisa. A ideia que norteou este segundo projecto era a de actualizar, antes de mais, com o que de novo tivesse entretanto sido representado após o encerramento do material do volume anterior, os registos já feitos, que deveriam, por outro lado, ultrapassar os limites da última metade do século XX e estender-se à sua totalidade. Foi ainda repartida a tarefa árdua, até então não claramente sistematizada, de uma consulta de jornais e revistas que cobrisse todo este período temporal. Em resultado, não apenas se tornou evidente o acréscimo de informação no que são os topos cronológicos do período de que se ocupou o primeiro volume, como sobre os 50 anos já tratados se pôde compilar uma insuspeitada variedade de produções.

Mais uma vez, para além do esforço de pesquisa do grupo que se tem empenhado neste projecto, foi relevante a colaboração de companhias, grupos de teatro, actores, professores ou simples indivíduos que trouxeram ao nosso conhecimento experiências de teatro que, sem a sua colaboração voluntária, ficariam arredadas do nosso campo de investigação. A todos os que, com generosidade, nos deram materiais, informações ou qualquer tipo de testemunho sobre representações no âmbito a que nos dedicamos, deixamos aqui expresso o nosso mais veemente agradecimento.

Uma palavra de gratidão se impõe também aos elementos do grupo de trabalho – Dr.^{as} Cláudia Raquel Cravo da Silva e Susana Hora Marques – que, para além do esforço dedicado à colecção de materiais e redacção de notícias, deram à elaboração informática do texto o melhor da sua experiência e muitas, e por vezes penosas horas, de trabalho.

Sabemos que esta pesquisa não estará nunca completa, estamos certos de que muito poderá ter ficado ausente do percurso que fizemos em

busca de representações de teatro de tema clássico entre nós. Com o tempo e com outros contributos futuros talvez lhes possamos ir dando resposta. Pudemos apesar de tudo colaborar na inventariação, neste campo específico que definimos como nosso, nos dois níveis que nos norteiam: no plano nacional e dentro de um projecto europeu que colige informação similar, de forma a proporcionar, da actividade teatral portuguesa de tradição clássica, a visão optimista e construtiva que merece.

Maria de Fátima Silva



ÉSQUILO

(Página deixada propositadamente em branco)

AGAMÉMNON

Ésquilo, *Agamémnon*

Produção: Collegium Delphicum Mainz (Alemanha)

Encenação: Anne Marie Leyhausen

Tradução Alemã: Wilhelm Leyhausen

Iniciativa: VIII.ª Delfíada-Festival Internacional de Teatro Universitário

1.ª Apresentação: Coimbra

Data: 10.9.1961.

A cor geral que foi impressa a esta representação caracterizou-se pelo tom estático e hierático que, se por um lado cria em relação ao público alguma distância, não deixa de ser particularmente impressivo. Através dele, a tragédia exprime-se como uma liturgia. Este tem sido, de uma forma geral, o espírito que a responsável pelo grupo, Anne Marie Leyhausen, sempre preferiu para as produções trágicas entretanto apresentadas. Mário Vilaça, na crónica que dedicou a este *Agamémnon*, valorizou sobretudo o trabalho de vozes e a real competência dos actores. Um elogio particular lhe mereceu Cassandra pela forma como se apresenta ao público, que no entanto teria podido ser ainda mais expressiva se tivesse havido recurso ao carro, tal como esta cena foi originalmente concebida.

Elenco: Figurinos – Renate Klain-Rodder.

M. F. S. S.

COÉFORAS

Ésquilo, Coéforas e O Processo de Orestes

Produção: Groupe de Théâtre Antique de la Sorbonne

Encenação: André Steiger

Adaptação: Philippe Hordoir

Iniciativa: VIII.ª Delfíada-Festival Internacional de Teatro Universitário

1.ª Apresentação: Coimbra

Data: 11.9.1961.

A produção apresentada pelo Groupe de Théâtre Antique de la Sorbonne recebeu do crítico Deniz Jacinto o maior dos elogios: “O espectáculo que o excelente agrupamento francês nos proporcionou bastaria, só por si, para justificar a VIII.ª Delfíada”. Para estas *Coéforas* o grupo adoptou uma concepção ousadamente inovadora. Inspirando-se no texto de Ésquilo, foi propósito desta leitura valorizar do tema um aspecto relevante: a reforma profunda das instituições gregas, a luta entre as velhas leis, inadequadas já mas que resistem ainda, e as leis novas, enfim triunfantes. Todo o sentido da peça beneficiou de um desdobramento dos intervenientes comentadores da acção; assim, a par do Coro das Escravas surgiram os três recitantes numa função de verdadeiro segundo Coro.

Marcante foi ainda o papel desempenhado pela música, que funcionou como um verdadeiro suporte da fala das personagens. De facto, as intervenções do Coro prescindiram do carácter rítmico tradicional, em favor de uma intervenção mais individualizada, que se mostrou por isso mais rápida, natural e directa. Ao canto colectivo foi sobretudo investida a expressão do lamento.

O cenário reduziu-se a uma rampa de acesso ao túmulo de Agamémnon, que mais tarde se converteu em átrio do palácio de Clitemnestra e em templo de Atena. Na sua simplicidade, este enquadramento tornou tanto mais espectacular a movimentação corporal das figuras.

Ainda o mesmo crítico, Deniz Jacinto, memoriza como particularmente felizes alguns efeitos: “O ritmo do Coro das Erínias, que chegou a tomar aspectos de alucinado pesadelo; os golpes dos instrumentos de percussão e a estridência das trombetas; os lamentos das escravas em torno do túmulo; o apelo dos dois irmãos ao pai morto”.

Foram todos estes ingredientes um contributo decisivo para a recriação equilibrada de um espectáculo que se manteve fiel a um padrão antigo, sem por isso deixar de obter de algumas ousadias equilibradas um efeito convincente para o gosto moderno.

Elenco: Actores – Grupo de Teatro Antigo; **Personagens** – Recitantes, Orestes, Píldades, Electra, Clitemnestra, Egisto, Atena, Apolo, Coro das Mulheres Cativas, Ama, Escravo, Coro das Erínias, Juízes; **Decoração** – François Joxe; **Figurinos** – Jacques Schmidt; **Música** – César Gattegno.

M. F. S. S.

Ésquilo, *Coéforas*

Produção: Alunos do Liceu Francês Charles Lepierre (Lisboa)

Encenação: George Salviat e Philippe Fridmann

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 16-17.4.1982

Outras: Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 23.4.1982.

Ver Vol. I, pp.15-16.

Carmen Soares

Ésquilo, *Coéforas*

Produção: Citemor (Festival de Teatro de Montemor-o-Velho)

Encenação: Paulo Castro

1.ª Apresentação: Montemor-o-Velho, ruínas do Palácio das Infantas

Data: 13.8.1998

Outras: Montemor-o-Velho, 14.8.1998; Porto (Auditório Nacional Carlos Alberto), 3 – 6.9.1998.



Três anos depois de ter encenado para o Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) o *Íon* de Eurípidés¹, Paulo Castro, respondendo ao convite da organização do XX Citemor (Festival de Teatro de Montemor-o-Velho) para que integrasse o certame desse ano, decidiu retornar à antiguidade clássica, encenando as *Coéforas* de Ésquilo.

Fixando residência artística em Montemor, durante o mês de Agosto, Paulo Castro projectou e construiu, com um reduzido leque de actores,

¹ Cf. Maria de Fátima Sousa e Silva (coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Lisboa – Faculdade de Letras de Coimbra, Ed. Colibri, 1998, pp.104-105.

um espectáculo despido de quaisquer adereços clássicos que, explorando as potencialidades do espaço natural das ruínas do Palácio das Infantas², subiu à cena, nas noites de 13 e de 14 de Agosto de 1998.

Terão, porém, ficado desiludidos muitos dos que, esperando assistir a uma encenação mais ou menos canónica do texto esquiliano, se deslocaram, nestes dias, a Montemor ou, três semanas mais tarde, ao Auditório Nacional Carlos Alberto (Porto), onde a peça esteve em cena, entre os dias 3 e 6 de Setembro. De facto, ninguém de bom senso terá considerado que Paulo Castro, ao montar este espectáculo, imitou a tragédia grega e muito menos que a recriou, se se atender à forma abusiva como, para exercícios cénicos mais ou menos absurdos e descabidos, se serviu da conhecida história da vingança de Orestes pelo assassinio de seu pai. Face ao que vimos, atrever-nos-íamos a dizer, com Correia Garção, que o encenador «roubou e despedaçou obra alheia: desfigurou o que lhe agradou, como se tomasse por empresa fazer-nos aborrecer o que admiramos»³. E certamente aborreceu e desagradou a todos os que do teatro grego têm uma concepção diametralmente oposta à leitura dramática que Paulo Castro fez da peça esquiliana.

De resto, já a música estridente e agressiva do longo «inróito», bem como os «ruídos cruéis» de ferros e madeiras, «rugindo, rangendo... estrugindo, ferreando», que mais lembravam uma tentativa de encenação da *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos, não auguravam nada de bom nem de esteticamente harmonioso, porque, no conjunto, formavam uma «beleza...totalmente desconhecida dos antigos»⁴. E esta impressão inicial acabaria por ser confirmada, quando, logo a abrir, apresentou um primeiro quadro de Orestes (João Pedro Vaz) a rapar «obsessivamente o cabelo já rapado» (*Hei!*, 18, Setembro de 1998, p.16) ou quando, no decurso da acção, e contra as expectativas mesmo dos menos exigentes, Castro pôs o Coro (Nuno Cardoso) a contracenar com o Corifeu (Fernando Moreira) em “intermezzi” burlescos, de gosto e qualidade duvidosos, que visavam subverter e parodiar o tom sério e patético da tragédia ou ainda quando caricatamente colocou Egisto (Bernardas Bagdanavicius) a falar lituano.

Ainda que se deva destacar uma certa mestria na direcção de actores e no uso da luz que proporcionou «*raccords* bruscos entre planos gerais e grandes planos» (*Hei!*, 18, Setembro de 1998, p.16), somos de opinião

² Em entrevista ao jornal *Público* de 10 de Agosto de 1998, Paulo Castro afirma expressamente que «o espaço físico é já o grande potencial do espectáculo», que «cria a possibilidade de contracenar com o céu, as muralhas, o vento...».

³ Citação adaptada de Correia Garção, *Obras Completas. Vol. II: Prosas e Teatro* (texto fixado, prefácio e notas de António José Saraiva), Lisboa, Sá da Costa, 1958, p.133.

⁴ As palavras citadas neste período foram retiradas de Álvaro de Campos, *Ode Triunfal*, Lisboa, Ática, 1978, pp.144-154.

que o público que habitual e fielmente se interessa pela tragédia grega dispensava bem este recurso descabido e quase obsessivo ao cómico e ao burlesco, que acabou por “desfigurar” e “despedaçar” o original esquiliano.

Elenco: Actores – Ângela Marques (Electra), João Pedro Vaz (Orestes), Nuno Cardoso (Coro), Fernando Moreira (Corifeu), Bernardas Bagdanavicius (Egisto); **Música** – Albrecht Loops; **Fotografia** – Susana Paiva.

Carlos Morais

Ésquilo, Sófocles, Hoffmannstahl, H. Müller, *Elektra*

Produção: Companhia Atalaya

Encenação: Ricardo Iniesta

Iniciativa: XXIII FITEI

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Nacional de S. João

Data: 7 – 8.6.2000.



A apresentação de *Elektra* pelo grupo de teatro andaluz Atalaya esteve integrada no XXIII Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica que decorreu nas salas de espectáculos do Porto entre 31 de Maio e 11 de Junho de 2000. Em termos temáticos, a tragédia, cujo texto resulta da adaptação das peças de Ésquilo, Sófocles, Hoffmannstahl e H.Muller que trataram o mesmo assunto, é uma reflexão dramática sobre a violência. Ricardo Iniesta opta por uma revisitação “a negro” do mito de Electra, sem a solução libertadora de *Euménides*, a última peça da trilogia esquiliana. Nesse sentido vai o principal elemento desta estranha cenografia – as inúmeras banheiras onde as personagens se encontram, ora na vertical, ora na horizontal, lugar estratégico para a defesa e para o ataque num mundo dominado pela vingança sangrenta. A adensar este ambiente mais apocalíptico que trágico, “vestes andrajosas, tochas acesas, uma coreografia frenética e um clima ritual que hoje poderíamos definir como de intolerância e vingança – tudo contribui para recriar um mundo bárbaro e nebuloso...” (Manuel João Gomes, *Público* de 10.6.2000, p.40).

Elenco: Actores– Jerónimo Arenal, Aurora Casado, Joaquim Galán, María Mtnez de Tejada, Marga Reyes, Charo Sojo, Sario Téllez, Juanjo

Ruano; **Cenografia** – Ricardo Iniesta; **Arranjos Musicais** – Paco Yuste, Inmaculada Almendral, Teresa Guardia.

Marta Várzeas

J. Giraudoux, *Electra, a Mensageira dos Deuses*

Produção: Companhia dos Comediantes de Lisboa

Tradução: António Lopes Ribeiro

1.^a Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: Setembro de 1945.

Electra, a Mensageira dos Deuses foi o título com que os “Comediantes de Lisboa” levaram à cena pela 1.^a vez em Portugal uma peça de J. Giraudoux, a *Electre*, na abertura da temporada teatral do Trindade, em Setembro de 1945. A tragédia, que na versão original fora representada em Paris em 1937, foi traduzida por António Lopes Ribeiro, responsável pela produção do espectáculo, que assim justificava a sua escolha de Giraudoux (*Diário de Lisboa* 27.9.1945): “...é necessário fazer a experiência de acreditar que não há peças que não possam ser representadas entre nós, quer por insuficiência de meios cénicos, quer por indiferença do público. Não pode representar-se bem se não o que é realmente bom. E o que é realmente bom nunca pode ser indiferente ao público.”

O título português pretendia evitar a confusão com a obra de O’Neill, apresentada dois anos antes no Teatro D. Maria II, pois, como referiu António Lopes Ribeiro, havia quem, numa atitude de profundo desconhecimento não só das peças em questão, mas também do que fosse a arte teatral, considerasse inútil a apresentação de uma obra já encenada em Lisboa com grande qualidade.

O trabalho dos actores, dirigidos com mestria por Francisco Ribeiro, foi altamente elogiado pela excelência com que souberam dizer um texto difícil, de longas e, por vezes, densas tiradas, conseguindo, no entanto, comunicar ao público o humor irónico e sarcástico que Giraudoux imprimiu ao material mítico grego. Todos os papéis foram desempenhados por actores de enorme talento, mesmo aqueles que se iniciavam ainda nas lides teatrais. Foi o caso de Carmen Dolores que aqui se estreou como actriz e para a qual a crítica adivinhava uma carreira promissora.

Os cenários e o guarda-roupa tentaram evocar o mais possível o ambiente grego da tragédia, nas suas qualidades de harmonia e elegância.

Para sugerir o crescimento das Euménides, que na peça encenada em França se fizera através da duplicação das personagens, a opção do encenador português foi a de mudar a caracterização e as vestes das figuras corais.

Elenco: Actores– Maria Lalande (Electra), Lucília Simões (Clitemnestra), João Villaret (Jardineiro), Ribeirinho (Mendigo), Assis Pacheco (Egisto), Carmen Dolores (Agathe), Maria de Lourdes, Meniche Lopes e Lúcia Mariani (Coro das Euménides), Igrejas Caeiro, António Silva, Hortense Luz, Maria Brandão, Mário Santos, José Amaro, Vergílio Macieira, Alfredo Henriques, António Sarmiento, Baltazar de Azevedo; **Cenários e Figurinos**– António Soares e, na execução, Frederico George e Alberto Anahory.

Marta Várzeas

Eugene O’Neill, *Electra e os Fantasmas*

Produção: Rey Colaço Robles-Monteiro

Encenação: Robles-Monteiro

Tradução: Henrique Galvão

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 21.2-18.4.1943

Outras: Porto (Teatro Rivoli), 9-10.10.1943.

Electra e os fantasmas é a tradução portuguesa, de autoria de Henrique Galvão, da trilogia dramática do americano E. O’Neill, intitulada *Mourning becomes Electra*. As peças foram pela primeira vez representadas em Lisboa, pela Companhia de Amélia Rey Colaço Robles Monteiro, por ocasião da reabertura do Teatro Nacional D. Maria II, na temporada de 1943. O dramaturgo, que fora prémio Nobel em 1936, abdicou dos seus direitos de autor para que a peça fosse apresentada em Portugal. Foi um acontecimento notável, muito noticiado pelos jornais, e que suscitou grande interesse por parte do público dentro e fora de Lisboa. Igual reacção teve em Outubro do mesmo ano o público portuense que assistiu, no Teatro Rivoli, à sua apresentação como trabalho inaugural de uma série de espectáculos levados à cena pela Companhia naquela cidade.

Dada a extensão da obra, com os seus catorze actos, as três peças eram representadas em noites sucessivas. Assim não aconteceu no Porto, onde, nos dois dias em que esteve em cena, se assistiu a sete horas de representação apenas com um intervalo.

A primeira peça intitulava-se *Regresso ao Lar*, a segunda *Expição* e a terceira *Fantasmas*. A versão portuguesa continha um prólogo declamado que não existia no original. A forma trilogica inspirou-se na *Oresteia* de Ésquilo, mas o conteúdo, aquilo que se pode considerar do domínio da ideologia, difere muito da tragédia grega. O tom de fundo da

peça de O'Neill é profundamente pessimista e das suas personagens não parece desprender-se qualquer grandeza moral ou de carácter. Os traços psicológicos desta "Electra" cujo nome é Clara Mannon, revelam uma personalidade patológica, com todos os ingredientes freudianos tão ao gosto da época.

A encenação portuguesa recebeu os maiores e mais unânimes elogios de críticos lisboetas e portuenses, tendo sido considerada "um caso raro, uma lição, um exemplo no meio da anarquia cénica que entre nós reina." Graças ao trabalho de Lucien Donnat, que foi também autor dos figurinos, bastaram os cenários para transmitir desde logo um clima pesado, de violência e agressividade, que pressagiava os acontecimentos terríveis que iriam suceder-se no palco. Particularmente sublinhado também o perfeito trabalho de reconstituição da época em que a acção decorria, o ano de 1865-66.

No que diz respeito à interpretação, distinguiu-se a de Amélia Rey Colaço, no papel de Clara, e a de João Villaret, que teve de se desdobrar em dois papéis diferentes, fazendo na primeira peça a personagem de César Mannon, pai de Clara, e nas restantes a de Carlos, o filho que vingará a morte do pai. De referir ainda a boa actuação de Raúl de Carvalho, como Marcos Brant, e, apesar de breve, a de Maria Lalande. Menos boa, porque não adaptada às características da actriz, foi, na opinião avisada do crítico Eduardo Scarlatti, a de Palmira Bastos, que fez o papel de Cristina, a Clitemnestra de O'Neill. No entanto, o jornal *Primeiro de Janeiro* de 10 de Outubro referia que "Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço, João Villaret e Robles Monteiro foram demoradamente aplaudidos" no Rivoli.

Elenco: Actores– João Villaret (César Mannon, Carlos), Palmira Bastos (Cristina), Amélia Rey Colaço (Clara), Raúl de Carvalho (Marcos Brant), Luiz Filipe (Pedro Niles), Robles Monteiro (Tomás), José Cardoso (Lourenço Ames, Clemente Hills), Maria Corte-Real (Luisa), Beatriz Santos (Dácia), Maria Lalande (Irene Niles), Mário Santos (José Borden), Maria Clementina (Ema), Maria Brandão (Sr.^a Hills), Pedro Lemos (Dr. Blake, Mackel), Henrique Santos (José Silva), Augusto Figueiredo (Small); **Cenários e Figurinos**– Lucien Donnat.

Marta Várzeas

Eugene O'Neill, *Electra*

Produção: USA

Data da Produção: 1947

Direcção Cinematográfica: Dudley Nichols

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Politeama

Data: 29.9.1949.

M. F. S. S.

Eugene O'Neill, *Electra e os Fantasmas*

Produção: Cénico de Direito

Encenação: Pedro Wilson

Adaptação: Pedro Wilson e Gilberto Gouveia

1.ª Apresentação: Lisboa, Auditório da Cantina Velha da Cidade Universitária

Data: 29.5.1996

Outras: Lisboa (Teatro da Trindade), 1-16.6.1996; Lisboa, Benfica (Auditório Carlos Paredes), Julho de 1996; Cairo (Quasr Al-Ghuri, VIII Festival Internacional de Teatro Experimental), 4-5.9.1996; Covilhã (Cine-Teatro), 11.10.1996; Portimão (III Encontro de Teatro Universitário do Algarve), 19.10.1996; Porto (Reitoria da Universidade do Porto), 26-27.10.1996; Lisboa (Faculdade de Direito), 12.11.1996; Estremoz (Teatro Municipal Bernardim Ribeiro), 11.1.1997; Lisboa (Teatro Taborda), 18.3.1997.

Ver Vol. I, p.18.

Marta Várzeas

Eugene O'Neill, *O Luto de Electra*

Produção: RTP

Encenação e Realização: Artur Ramos

Tradução: Henrique Galvão

1.ª Apresentação: RTP2

Data: 23.2.1992.

Trata-se da adaptação para televisão da trilogia dramática de Eugene O'Neill *Mourning becomes Electra* que passou na RTP2 no dia 23 de Fevereiro de 1992. Realizada por Artur Ramos contou com o excelente desempenho de actores como



Lourdes Norberto, Natália Luíza, Virgílio Castelo, Rogério Paulo e João Grosso.

Tudo neste trabalho mereceu o louvor da crítica, pois desde o desempenho dos actores, à encenação e filmagem das peças, todos os elementos se harmonizaram na criação do ambiente austero da tragédia de O'Neill. O crítico Manuel João Gomes, no *Público* daquele dia, não poupou elogios à realização de um espectáculo televisivo de qualidade rara em Portugal: “Infelizmente não veremos tão depressa na RTP teatro tão bem filmado, uma realização plasticamente tão cuidada, com tanta atenção às cores, tão minuciosa no desenho das luzes, tão contida nos movimentos de câmara.”

Apesar da diferença do título, aqui traduzido literalmente, a tradução portuguesa utilizada foi a que Henrique Galvão fizera para o espectáculo de 1943.

Elenco: Actores – Natália Luíza (Lavinia Mannon), Lourdes Norberto (Cristina Mannon), João Grosso (Orin Mannon), Rogério Paulo (Ezra Mannon), Virgílio Castelo (Mark Brant), Paulo Ferreira (Fred Niles), Rita Loureiro (Aida Niles), Canto e Castro (Gabriel), Amílcar Botica (Nick), Adelaide João (Luísa), Leonor Poeira (Minnie), Santos Manuel (Dr. Blake), Cremilda Gil (Mrs. Hills), Teresa Gafeira (Ema), Carlos Mendes (Marinheiro), Manuel Cavaco (George Borden), Benjamim Falcão (Joe), Carlos Santos (Lucas Hills), António Montez (Mackel), Carlos Gonçalves (Small); **Cenários** – Maria João Silveira Ramos; **Figurinos** – Francisco Ferreira de Almeida; **Sonoplastia** – António Esteves; **Anotadora** – Maria Helena Araújo.

Marta Várzeas

Nelson Rodrigues, *Senhora dos Afogados*

Produção: Teatro Seraphim

Encenação: António Cadengue

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Carlos Alberto

Data: 6, 8 e 10.9.1994

Outras: Tondela (Teatro ACERT); Lisboa (Cinearte).

A apresentação ao público, em Setembro de 1994, da peça *Senhora dos Afogados* inseriu-se na programação do Projecto Cumplicidades – iniciativa cultural luso-brasileira organizada, na parte portuguesa, pelo Teatro Acert de Tondela em conjunto com a Gesto Cooperativa Cultural do Porto, e no Brasil pela Fundaj, Fundação Joaquim Nabuco, que trouxe

pela primeira vez a Portugal em 1994 uma mostra de Artes do Nordeste brasileiro. Este programa, que inclui espectáculos variados de música, dança, artes plásticas, cinema, vídeo e teatro, decorreu em várias cidades do país de 23 de Agosto a 11 de Setembro daquele ano. O objectivo de tal projecto é realizar um intercâmbio de culturas, levando também ao Brasil manifestações artísticas representativas da cultura portuguesa.

De autoria de Nelson Rodrigues, um dos mais importantes dramaturgos da modernidade brasileira, cuja dramaturgia chegou a ser considerada precursora do teatro do absurdo, *Senhora dos Afogados*, de 1956, pertence ao grupo de peças míticas compostas à maneira da tragédia grega. A inspiração, porém, não foi colhida por via directa, mas, para este caso particular, na obra de E. O'Neill, designadamente na trilogia *Mourning becomes Electra*. O mito de Electra manifesta-se como elemento residual numa peça centrada na realidade brasileira, e muito marcada pela análise e interpretação freudiana dos comportamentos humanos.

Responsável pela produção deste espectáculo foi a Companhia Teatro de Seraphim, criada em 1990, em Pernambuco, Recife, tendo como encenador um dos seus fundadores, António Cadengue, professor na Universidade Federal de Pernambuco, cujo trabalho foi já várias vezes premiado. Com *Senhora dos Afogados* a Companhia iniciava um projecto intitulado *Trilogia Brasileira* que pretendia “encontrar elementos para uma reflexão dos aspectos míticos” da cultura nordestina.

A encenação da peça primou pelo anti-convencionalismo. O texto dramático recuou para o século XVI, mas o texto teatral fazia a ligação com a contemporaneidade. A acção decorria em dois cenários diferentes: a casa dos Drummond e o cais do porto; e em cada um destes ambientes havia um Coro – nas cenas do cais um coro de cinco mulheres, nas outras, um de onze vizinhos integrado por elementos exclusivamente masculinos. A existência da figura do Coro foi, de resto, o elemento estrutural e estético mais evocador da tragédia clássica. Os cenários do cais, com a representação de barcos-máscaras, lembravam os barcos típicos de Pernambuco que têm rostos gravados na proa.

Elenco: Actores – Cira Ramos (Moema), Sônia Bierbard (Eduarda), Ana Maria Ramos (Avó), Hilton Azevedo (Paulo), Marcus Vinicius (Misael), Maurício Melo (Noivo), Zuleica Ferreira (Madame), Paulo de Pontes, Ricardo Ageiras, Lúcia Machado, Maria Eduarda Antunes, Roberta Ramos, Andréa Paraíso, Edivane Baptista, André Filho, André de França, Nino Fernandes, Tiago Dines, Saturnino de Araújo, Paulo Feitosa, Carlos Ataíde, Jailson Martinho, Manuel Carlos, Fernando Lôbo; **Cenografia** – Aníbal Santiago; **Música** – Fernando Lôbo; **Luzes** – Augusto Tiburtius; **Sonoplastia** – António Cadengue.

Marta Várzeas

EUMÉNIDES

Ésquilo, *Euménides*

Produção e Realização: Peter Hall

Tradução: Tony Harrison

1.ª Apresentação: RTP2

Data: 10.12.1992.

A trilogia trágica de Ésquilo, *Oresteia*, com tradução do grego para o inglês de Tony Harrison, foi produzida para a Channel Four em 1983 por The National Theatre of Great Britain. Foi a terceira peça, *Euménides*, que passou na televisão portuguesa, canal 2, no dia 10 de Dezembro de 1992.

Os papéis foram desempenhados por actores masculinos tal como acontecia nas representações trágicas gregas. De salientar, quanto ao cenário, o *theatron*, por onde o Coro, no final, subia, de tochas acesas nas mãos.

Elenco: Actores– Sean Baker (Sacerdotisa), James Carter (Agamémnon), Timothy Davies (Pílates), Philip Donaghy (Clitemnestra), Rofer Gartland ((Electra), James Hayes (Ama), Greg Hicks (Orestes), Kenny Ireland (Apolo), Alfred Lynch (Egisto), John Normington (Cassandra), Tony Robinson (Servo), David Roper (Guarda), Barrie Rutter (Mensageiro), Michael Thomas (Atena); **Coro** – composto pelos actores precedentes e ainda por David Bamber e Peter Dawson; **Anti-Coro** – Nigel Bellairs, Mark Bond, Martin Garfield, Peter Gerald, John Gill, Colin Haigh, Peter Hale, Robert Howard, Graham Pountney, Robert Ralph, Norman Rutherford, Leslie Southwick, Glenn Williams, Richard Williams; **Música**– Harrison Birtwistle; **Direcção Musical** – Malcolm Bennett; **Adereços, Figurinos e Cenografia**– Jenny West, Sue Jenkinson, Jocelyn Herbert.

Marta Várzeas

Ésquilo, *Euménides*

Produção: Alunos da Oficina de Artes 12.º D da Escola Secundária da Quinta do Marquês

Encenação e Direcção: Ricardo Amaro

Tradução: adaptação por Maria do Céu Moreira do texto de M. O. Pulquério

1.ª Apresentação: Oeiras

Data: 17-19.3.1997.



Foi em Março de 1997 que os alunos do 12.º D de Oficina de Artes, dirigidos por Ricardo Amaro, levaram à cena na Escola Secundária da Quinta do Marquês, em Oeiras, a última peça da trilogia de Ésquilo, *Euménides*. O espectáculo pretendia ser fiel ao teatro antigo, imitando, na medida do possível, as condições de representação da tragédia grega, bem como o seu espírito. Foi assim que, apesar da inexistência de um anfiteatro, a equipa imaginou uma *orchestra* e uma *skene*. O guarda-roupa foi feito de modo a reproduzir as vestes trágicas. Também as máscaras foram usadas, mas apenas pelos elementos do Coro; a opção para os restantes actores foi a de se apresentarem com o rosto pintado. Quanto à distribuição dos papéis, os objectivos pedagógicos da iniciativa exigiam naturalmente a participação de alunos de ambos os sexos. Mas porque existia a vontade de sublinhar a diferença, também neste aspecto, entre os costumes teatrais gregos e os nossos, a decisão foi, nas palavras do encenador, “baralhar tudo: rapazes a fazer papéis femininos e raparigas a fazer papéis masculinos.”

O texto usado foi a tradução portuguesa de M. O. Pulquério que Maria do Céu Moreira adaptou, fazendo alguns cortes de passos mais difíceis, no sentido de o tornar mais acessível à compreensão do público pouco familiarizado com a linguagem da tragédia antiga. As partes que mais sofreram foram os estâsimos, fundamentais no teatro esquiliano, mas que, na ausência de boa música e coreografia, mais estranhos parecem aos olhos actuais.

Elenco: Actores– Sofia Morais (Pitonisa), Andrea Gonçalves, Catarina Preto (Espectro de Clitemnestra), Domingos Figueira, Nuno Rebelo (Apolo), Cristina Rosas, Janine Belo (Orestes), Daniel Amaral (Atena); **Coro** – Ana Pontinha, Ana Rita Pestana, Clara Lobo, Cláudia Cruz, Joana Teixeira, Mafalda Pinto, Patrícia Viegas, Pedro Roldão, Pedro Semedo e Sílvia Chantre; André Ramos, Francisco Bastos, Hugo Reis, Miguel Gomes, Miguel Sousa, Pedro Castro, Ricardo Queirós, Susana Tavares

(Juízes); Ana Sofia Tojeiro, Cátia Carrilho, Emanuela Margaride, Paula Mateus (Cortejo); **Assistente de Encenação e Contra-regra**– Daniel Amaral, Cristina Rosas; **Cenografia e Produção Gráfica**– Alunos da Oficina de Artes 12.º D, Izilda Areia e Pedro Morais; **Guarda-roupa**– Prof. do Atelier de Ocupação de Tempos Livres, Fernanda Cardoso, Izilda Areia; **Figurinos**– Maria do Céu Moreira; **Luzes e Som**– Hugo Alves, Rodrigo Leal.

Marta Várzeas

ORESTEIA

Ésquilo, Orestes

Produção: Theatro da Natureza

Encenação: Pinto

1.ª Apresentação: Porto, Palácio de Cristal

Data: 20.8.1911.

Orestes, adaptação portuguesa da trilogia esquiliana, foi representada no Porto, no Palácio de Cristal, no dia 20 de Agosto de 1911. Com esta peça dava-se início a uma série de espectáculos teatrais designados por “Theatro da Natureza” que ocorreu naquela cidade no final do mês de Agosto.

Segundo o *Jornal de Notícias* de 19.8.1911 a montagem do espectáculo esteve a cargo do actor Pinto. Fizeram parte do elenco, como figuras principais, Adelina Abranches e Alexandre Azevedo, que o crítico do mesmo jornal apelidou respectivamente de “notabilíssima actriz” e “um dos mais correctos dos actores actuaes.” Também desempenharam papéis, entre outros não mencionados, Barbara Volkart, Anna Abranches e Pinto Costa.

Marta Várzeas

Ésquilo, *Orestes*

Produção: Teatro da República (Lisboa)

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 7.10.1911.

Orestes, tragédia de Ésquilo apresentada em três actos, foi levada à cena no Porto por actores do Teatro da República de Lisboa, juntamente com a *Écloga III* de Virgílio.

Susana Hora Marques

Ésquilo, *Oresteia*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (em dois programas)

Tradução: Joaquim Alves de Sousa

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 1956.

Elenco: Actores – B. Bivar, Adelina Campos, Alves da Costa, Tomás de Macedo, Alexandre Vieira, L. Cerqueira, Rui de Carvalho, Silvino Maio, Alves da Cunha, Álvaro Benamor, Isabel Vasconcelos, Júlia Santos, Maria Albergaria, Emília Duque, Maria Crespo, Maria Teresa Santos, Maria do Carmo Fonseca.

M. F. S. S.

Ésquilo, *Oresteia*

Produção: Academia Contemporânea do Espectáculo,
Porto (11 alunos de Interpretação, 3.º D)

Encenação: António Capelo

Dramaturgia: António Capelo

Cenografia: Direcção de Moura Pinheiro, com 4 alunas de Cenografia (3.º E)

Data: 13-23.6.1994.

M. F. S. S.

Ésquilo, *Oresteia*

Produção: Grupo de Teatro de Reclusos do EPPF

Encenação: Nuno Cardoso, responsável pela equipa de que fizeram parte Saguenaíl, Albrecht Loops, Eric da Costa, Regina Guimarães

Iniciativa: Porto 2001

1.ª Apresentação: Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

Data: 16-17.2.2001.

M. F. S. S.

Jean-Paul Sartre, *Ésquilo, Sófocles,****As Moscas ou A Herança de Agamémnon***

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (alunos do 3.º ano)

Direcção: Carlos J. Pessoa

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II (Sala Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro)

Data: Junho de 1997.

M. F. S. S.

Marguerite Yourcenar, *Clitemnestra ou o crime*

Produção: Grupo de Teatro de Carnide

Encenação: João Ricardo

1.ª Apresentação: Teatro de Carnide

Data: 27.3-30.4.1994.

O texto desta peça é uma confissão, expressa em prosa poética, extraída e adaptada de uma conhecida obra da escritora francesa Marguerite Yourcenar, *Fogos*, onde a autora ensaia e disserta sobre questões da sua predilecção, diversos mitos e matérias de cultura clássica. Nele, Clitemnestra ressuscita num palco escuro para falar do marido Agamémnon, que matou, do amante Egisto, e dos filhos Orestes e Electra. A peça conta os últimos momentos de um fantasma que recorda o passado, e o que acaba por ser um exame de consciência, antes de este desaparecer nas brumas do desconhecido *post mortem*. As palavras inspiradas nos escritos de Yourcenar, de uma grande profundidade, acabam por ser fundamentalmente um motivo para uma evocação da tradição clássica, para que a partir desta e do universalismo que a liga à cultura ocidental se passe a

uma reflexão sobre as relações conjugais. Uma das afirmações mais significativas da personagem é ‘O adultério é uma forma desesperada de fidelidade’.

Clitemnestra ou o crime é fundamentalmente um monólogo, um espectáculo concebido para uma actriz, onde os outros dois actores suportam a figura central com uma quase mera figuração de presença. Esta representação foi especialmente aplaudida pela crítica devido à encenação de João Ricardo e ao desempenho da actriz titular, Teresa Lima.

Elenco: Actores – Teresa Lima, Manuel Ramos, Gonçalo Ferreira; **Luzes** – Marinel Matos, Joaquim João; **Guarda-roupa** – Maria Gonzaga; **Coordenação de Espaço** – Elisabete João; **Apoio Técnico ao Espaço** – Aragão, António Silva; **Promoção** – Paula Granja, Gonçalo Ferreira.

Nuno Simões Rodrigues

PERSAS

Ésquilo, *Os Persas*

Encenação: Miguel Franco e Luís Tito

Tradução: Natália Correia

1.ª Apresentação: Leiria, Festivais de Arte de Leiria

Data: 28-31.7.1972.

Ver Vol. I, p.19.

Carmen Soares

Ésquilo, *Os Persas*

Produção: Attis Theatre

Encenação: Theodoros Terzopoulos

Tradução: para grego moderno, Panos Moulas

Iniciativa: Festival Internacional de Almada

1.ª Apresentação: (em Portugal) Almada, Esc. Sec. D. António da Costa

Data: 16.7.1993.

Ver Vol. I, pp.20-21.

Carmen Soares

Ésquilo, *Os Persas*

Produção: Escola da Noite (Coimbra)

Encenação: Pierre Voltz

Tradução: M. Oliveira Pulquério

1.ª Apresentação: Coimbra, Espaço do Pátio da Inquisição

Data: 28.1.1999 (ante-estreia); 29.1-27.2.1999 (de quarta a sábado)

Outras: Évora, 14.7.1999.



A condição de ser o mais antigo exemplar de tragédia grega a chegar praticamente intacto aos nossos dias, somada ao facto de se tratar de uma obra de um dos três grandes vultos do género, distinguida com o primeiro lugar nos mais célebres festivais dramáticos atenienses, as Grandes Dionísias, faz de qualquer encenação d' *Os Persas* um projecto tão estimulante como arrojado. O maior desafio reside, naturalmente, em conseguir manter a grandiosidade de uma peça produzida pela primeira vez há cerca de 25 séculos (mais precisamente em 472 a. C.) sem correr os riscos opostos de enveredar por uma 'leitura arqueológica' do texto esquiliano – com o perigo inerente de provocar o enfado de um público contemporâneo pouco familiarizado com a problemática do conflito que opôs Gregos e Persas entre 490-479 a. C. – ou de truncá-lo em absoluto de todos os seus referentes ideológicos e espaço-temporais, reduzindo-o apenas a mais um incoerente 'retalho' da vida moderna.

A actualidade do drama de Ésquilo, decorrente da exposição dos flagelos da guerra pelos olhos dos vencidos, permitiria com relativa facilidade despir *Os Persas* dos seus elementos circunstanciais. Regra geral a primeira vítima de um encenador contemporâneo de teatro grego clássico é o coro, personagem incompreendida pela dinâmica de colectivo e natureza lírica das suas intervenções. Outro dos 'incómodos' dramáticos, capazes de suscitar o desejo de simples eliminação, encontra-se nas extensas intervenções do Mensageiro, figura fundamental no relato de acontecimentos decorridos longe da vista do espectador – como são, numa peça de temática bélica, as cenas de batalha. Consideramos, portanto, pelo talento colocado por Pierre Voltz no tratamento destas duas instâncias mal amadas da dramaturgia antiga, que a representação levada a cabo pela Escola da Noite não só venceu o principal desafio de um projecto desta envergadura estética como reforçou a ideia de que a cooperação entre especialistas em várias áreas resulta num evidente enriqueci-

mento dos actores e trabalhos produzidos. O sucesso da companhia coimbrã ficou, nesta medida, a dever-se à conjugação de conhecimentos e experiências de quatro pessoas, cujo trabalho foi determinante para o resultado levado ao palco em finais de Janeiro e mantido em cartaz durante cerca de um mês. A encenação e a coreografia estiveram a cargo de Pierre Voltz – antigo director do Instituto de Estudos Teatrais da Universidade francesa da Sorbonne e presidente da Associação ‘Les Théâtres des Jeunes en Europe’ – que contou com o contributo de um encenador grego e especialista em música bizantina, Lakis Karalis, e de um figurinista francês de ascendência marroquina, Rachid Dradar. Se da conjugação da participação destes três homens resultou a tarefa ingrata de reconstituir com a maior verosimilhança possível dois campos bastante mal conhecidos da tragédia grega antiga – a coreografia e a música –, a tradução usada para o original foi a de um professor universitário doutorado em Literatura Grega, Manuel de Oliveira Pulquério.

A título ilustrativo destacamos algumas das soluções dramáticas e cénicas que consideramos mais relevantes: a transformação da zona de anfiteatro em sala de reunião da assembleia de Anciãos Persas, artifício capaz de fazer de cada espectador um membro desse órgão consultivo da corte; o espaço reservado à actuação do coro, situado num plano térreo, ficava ladeado pelas duas bancadas para o público, ao passo que as personagens régias (Atossa e Xerxes) actuavam preferencialmente num estrado com vários níveis, disposto em um dos topos da sala de espectáculo; de frente para este, resguardado numa zona de penumbra, erguia-se o túmulo de Dario, cuja aparição constitui o clímax emotivo da peça.

A encenação de *Os Persas* pela Escola da Noite insere-se numa linha formativa do fenómeno teatral, isto porque constituiu um projecto encetado de parceria com um forte contributo europeu (português, francês e grego), apresentado numa sessão pública antes de subir à cena (a 18.12.1998) e que o encenador pretende internacionalizar com a reunião num mesmo espectáculo de actores dos três países envolvidos.

Em jeito de balanço da produção teatral desenvolvida nos inícios de 1999, Manuel João Gomes, na edição de 27.2.1999 do *Público*, reconhece n’*Os Persas* um dos grandes acontecimentos nacionais de 1999.

Elenco: Actores – Mário Montenegro (Corifeu), Sílvia Brito (Atossa), António Jorge (Mensageiro), Isabel Leitão (Dario), Sofia Lobo (Xerxes), Elsa Rajado, Patrícia Simões (Aias); **Coro** – Alexandre Ventura, João Saboga, Margarida Dias, Maria Simões, Pedro Laranja, Raúl Rosário, Ricardo Silva, Ruy Malheiro; **Adaptação dos Coros** – Mário Jorge Bonito; **Figurinos** – Rachid Dradar; **Música** – Lakis Karalis; **Luzes** – Mário Montenegro.

Carmen Soares

PROMETEU**Ésquilo, *Prometeu Acorrentado***

Produção: Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro

Concepção, Realização e Comentários: Eurico Lisboa (filho)

1.ª Apresentação: 2.3.1967.

Conferência subordinada ao tema “A maravilhosa história do teatro. I – Teatro grego e latino”, ilustrada com passos de várias peças clássicas. Entre elas, encontrava-se o “Prometeu” de Ésquilo.

Elenco: Actores – António Teixeira (Prometeu).

D. F. Leão

Ésquilo, *Prometeu Agrilhoado*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Encenação: Paulo Quintela

Tradução: Ana Paula Quintela Sottomayor

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Avenida

Data: 2.5.1967.

Ver Vol. I, pp.21-23.

D. F. Leão

Ésquilo, *Prometeu Crucificado*

Produção: TUP

Encenação: Eduardo Araújo

1.ª Apresentação: Valongo, Sala das Artes

Data: 10.5.1998.

A peça “Prometeu Crucificado”, feita a partir do *Prometeu* de Ésquilo, com encenação de Eduardo Araújo, encerrava o programa de espectáculos e conferências intitulado “Entretanto – o Porto em Valongo”. Segundo o *Jornal de Notícias* (6.5.1998, p.50 “Espectáculos”), a iniciativa do evento partira da companhia valonguense “Entretanto Teatro” e realizou-se entre 6 e 10 de Maio de 1998, na Sala das Artes de Valongo.

D. F. Leão

Beethoven, *Prometheus*

Produção: As Sociedades Dramáticas d' Amadores

1.ª Apresentação: Porto (?)

Data: 1.7.1909 (?).

O *Tripeiro* (1.7.1909, p.7) anunciava a realização de audições musicais, destinadas a um grupo de amigos, numa iniciativa cuja responsabilidade é atribuída a Manoel Eduardo Correia Pinto. O *Prometheus* de Beethoven vem citado, a título de exemplo, como uma das obras que integravam o programa.

D. F. Leão

Goethe, *Prometeu*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Encenação: Santos Simões (?)

Tradução: Paulo Quintela

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Avenida

Data: 26.3.1955.

Ver Vol. I, pp.23-24.

D. F. Leão

Goethe, *Prometeu*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Encenação: Santos Simões

Tradução: Paulo Quintela

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Avenida

Data: 21.5.1955.

Ver Vol. I, pp.24-25.

D. F. Leão

Jorge Silva Melo, *Prometeu – Rascunhos à luz do dia*

Produção: Artistas Unidos

Encenação: Jorge Silva Melo

1.ª Apresentação: XIII Festival Internacional de Teatro de Almada

Data: 12-13.7.1996

Outras: Lisboa (Sala das Novas Tendências Cénicas da Comuna), 6-25.2.1997;
Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 1.3.1997.

Ver, Vol. I, pp.26-27.

D. F. Leão

Jorge Silva Melo, *Prometeu Agrilhado / Libertado*

Produção: Artistas Unidos, INATEL e Teatro da Trindade

Encenação: Jorge Silva Melo

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 15.5.1997.

Ver Vol. I, pp.27-29.

D. F. Leão

Jorge Silva Melo / Paulo Claro, *Prometeu – Ruínas*

Produção: Artistas Unidos

Encenação: Jorge Silva Melo

1.ª Apresentação: Cacilhas, Espaço Ginjal

Data: Julho de 1997

Outras: 19.º Festival de Teatro de Montemor-o-Velho (Teatro Esther de Carvalho), 1.8.1997; Festival de Teatro da Guarda, 15.9.1997.

Ver Vol. I, p.29.

D. F. Leão

Heiner Mueller, *A Libertação de Prometeu*

Produção: Artmobil GmbH, Frankfurt; Luciana Fina, Portugal

Concepção e Direcção: Heiner Goebbels

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Monumental

Data: 27.6.1995

Outras: Porto (Rivoli, Teatro Municipal) 18.11.1997.

Ver Vol. I, pp.30-31. Pudemos entretanto apurar que, ao contrário do que informávamos no vol. I, a primeira apresentação em Portugal da obra *Die Befreiung des Prometheus* se deu a 27 de Junho de 1995, no Teatro Monumental (Lisboa). Nessa altura, o actor que colaborou com Heiner Goebbels não foi João Pedro Vaz (como acontecia no espectáculo de 1997), mas sim André Wilms. Quanto à natureza do espectáculo, a notícia que demos continua válida.

D. F. Leão

Luigi Nono, *Prometeu*

Produção: Orquestra Gulbenkian e Freiburger Solistenchor

Direcção Musical: Emilio Pomarico e Kwamé Ryan

1.ª Apresentação: Lisboa, Coliseu

Récita: 6-7.5.1995.

Este espectáculo, com a duração de duas horas e meia, retoma, no campo da expressão musical, o mito clássico de Prometeu, eterno símbolo da audácia criadora e da filantropia. Segundo as palavras de Vanda de Sá, comentadora do *Público* (14.5.1995, p.35 “Cultura”), com *Prometeu* «Luigi Nono procede como que a uma sublimação das suas motivações mais profundas no acto de criação artística: o inconformismo perante as tendências, involuntárias ou não, de regulamentação que impedem à partida o aprofundamento das infinitas possibilidades de um acto tão natural como, por exemplo, a escuta. É assim no seguimento de uma postura assumida de dissecação dos estímulos sonoros que este *Prometeu* foi definido pelo compositor como uma “tragédia da escuta”. [...] Nessa “tragédia da escuta” procedeu-se à total submersão do ouvinte – que não se queria passivo – através de uma envolvente espacial eminentemente sonora numa espécie de “continuum” musical. O fluxo sonoro adaptado a uma noção de tempo muito alargada remeteu a audição para uma atmosfera rarefeita em termos de acontecimentos. Deste modo, a fruição audi-

tiva do *Prometeu* de Nono torna-se pontualmente esgotante devido à ampliação, quase ao limite, da coordenada tempo. Todavia, o equilíbrio acaba por se restabelecer quando chegamos a “ilhas” de sublimes envolventes sonoras, como é o caso das partes 6, 8 e 10.»

Elenco: Intérpretes – Ingrid Ade-Jeseman, Monika Bair-Ivenz (Sopranos), Helena Rasker (Meio-soprano) e Suzanne Otto (Contralto).

D. F. Leão

SUPPLICANTES

Ésquilo, As Suplicantes

Produção: Academia Contemporânea do Espectáculo,
Porto (11 alunos da Turma A)

Encenação: João Grosso

Dramaturgia: João Grosso

Cenografia: Direcção de Moura Pinheiro, com 4 alunos de Cenografia (3.º B)

Iluminação: Direcção de Orlando Worm, com 3 alunos de Iluminação (3.º C)

Data: 31.5 – 19.6.1992.

M. F. S. S.



SÓFOCLES

(Página deixada propositadamente em branco)

ÁJAX

Produção: RTP 2

Realizador: Herlander Peyroteo

Adaptação da Tradução: Carlos Wallenstein

Data: 7.8.1975.

Nesta representação para televisão o cenário é apenas sugerido, o desempenho tende a conferir aos gestos e à palavra uma dimensão quase ritual.

Elenco: Actores – João Perry (Ájax), Lia Gama (Tecmessa), Jorge de Sousa Costa, Carlos Cabral.

Maria do Céu Fialho

Heiner Müller, *Ájax* (leitura de textos)

Produção: Jorge da Silva Melo

1.ª Apresentação: Lisboa, N'a Capital

Data: 24.4.2000.

Através de um conjunto de leituras de textos de Heiner Muller, não apenas do *Ájax*, mas também de *A Morte de Séneca* e *O Bloco de Mommsen*, pretendeu-se ir em busca da verdadeira história de Ájax e da Guerra de Tróia, do assassinio de Séneca às mãos de Nero e da proscricção de Mommsen.

M. F. S. S.

ANTÍGONA

Sófocles, *Antigone*

Produção: Companhia de Ópera Italiana

Libreto e Música: Alberto Ghislanzoni

Direcção Musical: Angelo Cuesta

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Politeama

Data: 18.5.1938.

A encerrar a época de ópera no Politeama, a Companhia de Ópera Italiana, sob a direcção do maestro Angelo Cuesta, levou à cena, no dia 18 de Maio de 1938, um espectáculo memorável que abriu com *Antigone*, uma ópera em um acto, com libreto e música de Alberto Ghislanzoni, interpretada por Maria Llacer Casali, no papel principal de Antígona, e por Eduarda Sarmiento (Ismene), Fiorenzo Tasso (Emone), Giulio Cirino (Creonte), Umberto Nicoletti (L'Armato) e Ubaldo Toffanetti (Il Nunzio). Seguiu-se, na 2.ª parte, *La Monacella della Fontana*, com libreto de G. Adami e música de Giuseppe Mulé, sendo a interpretação confiada a Sara Gei (La Monacella), Iris Adami Corradetti (Maru), Alessandro Gandra (Pedru) e Ernesta Nicoletti (La Madre). A récita terminou com a audição do 3.º acto de *La Boheme*, com Iris Adami Corradetti (Mimi), Madga Piccarolo (Musette), Alessandro Gandra (Rodolfo) e Domenico Malatesta (Marcello).

Elenco: Intérpretes – Maria Llacer Casali (Antigone), Eduarda Sarmiento (Ismene), Fiorenzo Tasso (Emone), Giulio Cirino (Creonte), Umberto Nicoletti (L'Armato), Ubaldo Toffanetti (Il Nunzio); **Empresa e Direcção Artística** – Ercole Casali.

Carlos Morais

Sófocles, *Antígona*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (um programa)

Data: 1956.

Elenco: Actores – B. Bivar, Isabel de Vasconcelos, Júlia Santos, Alves da Costa, Alves da Cunha, Silvino Maio.

M. F. S. S.

Sófocles, *Antígona*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Encenação: Paulo Quintela

Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Avenida

Iniciativa: CITAC e AAC

Data: 15.4.1959

Outras: Porto (Teatro S. João), 22.5.1959 – Iniciativa: ESBAP; Bristol (Royal Theatre), 30.7.1959 – VI Delfíada; Bragança (Cine-Teatro Camões), 22.11.1959

Reposição: Montemor-o-Velho (castelo), 26.8.1961 – Iniciativa: AAEC; Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente).9.9.1961 – VIII Delfíada.

Ver Vol. I, pp.35-37.

Ana Paula Quintela

Sófocles, *Antígona*

Produção: Escola Industrial e Comercial da Marinha Grande

Tradução: Manuel Couto Viana

Iniciativa: Festival do Dia de Portugal (Centenário dos Lusíadas)

1.ª Apresentação: Leiria, Teatro José Lúcio da Silva

Data: 9.6.1972.

Pela presença de um narrador e ainda pelo facto de esta representação preencher uma das três partes que constituíam o programa deste sarau, concluímos que a peça não deve ter sido apresentada na íntegra.

Segundo crítica do jornal *A Voz da Marinha Grande*, de 12 de Junho de 1972, a encenação pecou pela mistura de elementos clássicos com inovações “realistas da nova vaga” e pela utilização excessiva e gratuita da voz «off». Tratando-se duma récita escolar, parecem-nos perdoáveis determinadas falhas apontadas pela referida crítica, como a má dicção de Creonte, a excessiva gesticulação de Eurídice, a inadequada juventude do Corifeu, resultando tudo isto, afinal, de uma deficiente direcção de actores. Os desempenhos da protagonista, de Hémon e de Tirésias parecem ter sido bastante apreciados.

Elenco: Actores – Eturete Martins (Antígona), Baptista (Creonte), Fernando Rita (Hémon), Roldão (Tirésias), Dolores (Eurídice), Vítor Lima (Corifeu), Professor Rui (Narrador).

Ana Paula Quintela

Sófocles, *Antígona*

Produção: Alunos da Escola Secundária de Queluz

Encenação: Graça Freitas

Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Escola Secundária de Queluz

Data: Maio de 1984

Outras: no mesmo local, no mês de Maio.

Remonta já aos inícios da década de oitenta o começo de actividades teatrais regulares na Escola Secundária de Queluz (actualmente, Escola Secundária P.º Alberto Neto), dirigidas pela Dr.ª Graça Freitas. Para o 3.º espectáculo deste grupo de teatro a que deu alma, esta docente de História escolheu e encenou a *Antígona* de Sófocles, tendo o cuidado de previamente preparar todos os alunos para o que se ia passar em palco, naquele mês de Maio de 1984. Assim, com a colaboração dos estagiários de Filosofia, elaborou um pequeno jornal que fornecia informações várias sobre a tragédia grega, sua estrutura e importância em toda a Hélade. E, por forma a rapidamente motivar e inserir os jovens espectadores na acção trágica, idealizou uma encenação que começava mal se transpunha a porta que dava acesso ao espaço teatral. Ao som das Odes Guerreiras interpretadas por Irene Papas, os espectadores dirigiam-se aos seus lugares por entre o Coro que, de costas voltadas e envergando tochas acesas, abria alas. Ao mesmo tempo, no palco, era visível o quadro de Antígona enforcada e Hémon a seus pés trespassado pela própria espada.

Após este começo impressionante *in ultimas res*, a acção, com música de fundo de Wagner e seguindo, com ligeiras adaptações, a cuidada versão portuguesa da Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, retomava o seu curso normal num cenário que, representando um templo a ruir e recriando o ambiente clássico, estava dividido em três espaços de representação: um para o coro, outro para o solitário Creonte e um terceiro para as restantes figuras.

Elenco: Actores – Clara Barata (Antígona), Paulo Simões (Creonte), João Raul Farinha da Silva (Tirésias), Jorge Jorge (Soldado); **Adereços e Figurinos** – Grupo Profissional de Trabalhos Oficiais da Escola Secundária de Queluz; **Cenografia** – Arq.º Luís Medeiros e turmas de Educação Visual da Escola Secundária de Queluz; **Encenação** – Graça Freitas. Colaboração de vários professores em estágio, nomeadamente do grupo de Filosofia.

Carlos Morais

Sófocles, *Antígona*

Produção: Ópera segundo S. Mateus

Encenação: José António Pires

1.ª Apresentação: Montemor-o-Velho, castelo (Iniciativa: CITEMOR)

Data: 22.8.1992

Outras: Lisboa (Castelo de S. Jorge), a partir de 26.8.1992.

Ver Vol. I, p.38.

Ana Paula Quintela

Sófocles, *Antígona*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Encenação: Rogério de Carvalho

Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente

Data: 28.11.1995

Outras: Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 29.11 – 2.12.1995.

Ver Vol. I, p.39.

Ana Paula Quintela

Sófocles, *Antígona*

Produção: Alunos de Latim e de Grego da Escola Secundária de Bocage (Setúbal)

Encenação: António Patrício e Maria de Lurdes Henriques Patrício

Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Setúbal, Escola Secundária de Bocage

Data: 15.3.1996

Outras representações se seguiram, incluindo uma deslocação à Escola Secundária Infanta D. Maria (Coimbra), 3.5.1996.

Ver Vol. I, pp.40-41.

Carlos Morais

Sófocles, *Antígona* (Colagem de textos de Sófocles e de Brecht, da autoria do colectivo “Imagine”)

Produção: Imagine Teatro (Setúbal)

Encenação: Fernando Casaca

1.ª Apresentação: Setúbal, Auditório do Edifício Arrábida

Data: 30.1.1997

Outras: No mesmo local, 31.1 – 9.2.1997.

Ver Vol. I, p.43.

Carlos Morais

Sófocles, *Antígona*

Produção: Aramá Grupo de Teatro (Porto)

Encenação: João Paulo Costa

Tradução: Manuel Couto Viana

1.ª Apresentação: Porto, Antiga Fábrica Moagens Harmonia, junto ao Palácio do Freixo (onde será instalado o futuro Museu da Ciência e Indústria)

Data: 15.2.1997 (inicialmente previsto para 13.2.1997)

Outras: No mesmo local, até 13.3.1997.

Ver Vol. I, pp.41-42.

Carlos Morais

Sófocles, *Antígona*

Produção: Endymion Ensemble-BBC

Encenação: Don Taylor

Tradução para língua inglesa: Don Taylor

Data da Produção: 1984

Data da Apresentação na RTP 2: 1.6.1997.

Ver Vol. I, p.44.

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Antígona*

Produção: Ballet Bolshoi de Moscovo

Encenação: Sergey Bobrov

Iniciativa: Banco Privado Português

1.ª Apresentação: Porto, Coliseu

Data: 4.6.1998.



Quase um ano depois de emprestar um invulgar colorido às milenares pedras do Teatro Romano de Mérida, ao integrar a 43.ª edição do Festival de Teatro Clássico⁵, o Ballet Bolshoi de Moscovo, na noite de 4 de Junho de 1998, passou pelo palco do Coliseu do Porto, deliciando os muitos convidados (muitos deles alunos das escolas de Música e de Ballet do grande Porto) do recém-fundado Banco Privado Português (promotor da iniciativa) com um espectáculo em dois actos, baseado na *Antígona* de Sófocles.

Pena foi que as reduzidas dimensões de um palco ainda não recuperado, depois do incêndio de 1997, tivessem condicionado a encenação, empobrecendo-a de forma inevitável, e tivessem retirado alguma profundidade ao recorte dos movimentos coreográficos, magistralmente pensados e desenhados para um elenco de dezoito bailarinos por Sergey Bobrov, um predestinado discípulo dos consagrados Yuri Grigorovich e Maurice Bejart, galardoado já, apesar da sua juventude, com dois dos mais importantes prémios coreográficos (Moscovo – 1992 e Kiev – 1994).

Não obstante esta exiguidade de espaço, a actuação da Companhia de Bailado Russa teve, como era de esperar, momentos de raro brilhantismo. A retina dos inebriados espectadores não terá, por certo, ficado insensível aos jogos de luz que sublinhavam o contraste entre os vermelhos e os negros do cenário e do guarda-roupa, nem, seguramente, terá ficado indiferente à plasticidade dos movimentos do corpo de baile (O Povo/Coro), às pontuais intervenções burlescas dos sátiros, ao virtuosismo da enérgica e expressiva Julia Malhacians (Erínia), bem como ainda aos desempenhos dos frágeis mas determinados Mariana Ryshkina e Konstantin Ivanov (*Antígona* e *Hémon*, respectivamente) e do rígido e inflexível Iliá Rishakov (*Creonte*), cuja caracterização fazia lembrar um czar da Rússia.

⁵ No *Boletim de Estudos Clássicos* 28, 1997, p.183, demos notícia desta actuação do Ballet Bolshoi de Moscovo na 43.ª edição do Festival de Teatro de Mérida.

Elemento actuante nesta “festa dos sentidos” foi também a orquestra de percussão de Mark Pekarsky que, interpretando fragmentos de Prokofiev e de outros compositores russos da nova geração, pautou o ritmo desta tradução coreográfica da *Antígona* de Sófocles, uma sempre inesgotável fonte de inspiração artística.

Elenco: Actores/Bailarinos – Mariana Ryshkina (*Antígona*), Iliia Ryshakov (*Creonte*), Konstantin Ivanov (*Hémon*), Julia Malhacians (*Erínia*), Sergei Antonov, Kiril Shulepov (*Sátiros*), E. Dolgaliova, S. Tigliova, S. Rudenko, A. Rebetskaia, L. Filipova, O. Shurba, V. Aliohin, G. Geraskin, E. Simaghev, K. Kuzmin, M. Gondureev, A. Leshinsky (*O Povo/Corpo de Baile*); **Orquestra e Coro** – M. Pekarsky, Nolgovsky, Ronorotkov, A. Souvorov, S. Folomeshkin, A. Tounik (*Ensemble de Percussão de Mark Pekarsky*); **Direcção** – German Sitnikov; **Coreografia** – Sergey Bobrov; **Adaptação Musical** – Mark Pekarsky; **Desenho de Luz** – Vladimir Melnikov; **Cenografia e Guarda-roupa** – Theodor Tezник.

Carlos Morais

Sófocles, *Antígona*

Produção: Oficina de Expressão Dramática da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo – Leiria

Encenação e Adaptação: Constantino Alves

Iniciativa: V Festival de Teatro Juvenil

1.ª Apresentação: Leiria, Auditório do Instituto Português da Juventude

Data: 26.4.1999.

A crer no semanário *Região de Leiria*, de 30 de Abril de 1999, esta récita dos alunos do 12.º ano da Escola Secundária de Francisco Rodrigues Lobo deixou muito a desejar. Não por disporem de uma meia-dúzia de colunas como único elemento cénico (quantos espectáculos notáveis se desenrolam, por vezes, em cenários mais pobres!), nem por ter sido péssimo o jogo de luzes (quantas companhias profissionais pecam, às vezes, por isso!), nem sequer por se apresentarem em palco de camisa e gravata ou envergando fardas militares (pois se eles até se propunham sublinhar “a intemporalidade e a universalidade da peça”, conforme declararam no programa!), mas porque não conseguiram conter o riso e sobretudo por assumirem, com toda a leviandade, essa sua atitude infantil, chegando um deles a confessar: “Era para ser dramático, acabou por ser um pouco comédia”. Uma atitude destas não dignifica o Teatro, não dignifica os

educadores, não dignifica estes jovens que estão a dois passos da Universidade. Sinceramente duvidamos se, assim, vale a pena!

Elenco: Actores – Tânia Pinto (Antígona), Marta Sousa (Ismena), João Duarte (Creonte), Laura Gelbecke (Eurídice), Wilson Gaspar (Hémon), Cristiana Teixeira (Tirésias), Carla Anselmo (Guarda), Ana Rita Gomes (Mensageiro); **Coro** – Ana Cristina, Ana Rita Santos, Joana Peralta, Ricardo Pinto, Patrícia Baptista, Ana do Carmo; **Assistentes de Encenação e Contra-regras** – Wilson Gaspar, Ricardo Pinto, Carla Anselmo; **Cenografia** – Cristiana Teixeira, Ana do Carmo, João Duarte; **Figurinos** – Patrícia Baptista, Ana Rita Santos, Tânia Pinto, Ana Cristina Barcelos; **Sonoplastia e Luminotecnia** – Wilson Gaspar.

Ana Paula Quintela

Sófocles, *Antígona*

Produção: Grupo de Teatro “Os Jotas”

Encenação: Filipe Marinho Bastos

Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Cacém, Escola Secundária Ferreira Dias

Data: 1999.

Esta encenação representa um regresso do grupo amador *Os Jotas* à tragédia clássica, depois de ter representado *Rei Édipo*, *As Troianas*, *Júlio César* e *A Castro*. As razões da escolha, segundo o encenador, assentam no facto de os intervenientes no projecto quererem abordar o tema das relações Humanidade/Mundo e, como tal, aquilo que há de universal nessa relação. Nada melhor do que a cultura grega para essa abordagem.

Os problemas em torno do poder são o denominador comum de todos esses textos. Destacar os perigos do abuso e da usurpação, que facilmente levam à tirania, é o principal objectivo desta produção. Os actores intervenientes não deixam de pensar em *Antígona* como a eterna luta contra a prepotência, hoje tão presente, exemplificando com os casos das ditaduras contemporâneas. A relação entre as personagens Antígona/Creonte e os excessos em que o Estado incorre são o seu melhor exemplo. Uma escolha que, por isso, faz todo o sentido no seguimento da produção de *Júlio César* de Shakespeare, feita no ano anterior. Como diz o encenador, no programa de apresentação: Antígona defende com a própria vida a solidez de antiquíssimos valores da Humanidade, Bruto

sucumbe ao peso da consciência depois de se ter rendido ao pragmatismo das razões de Estado.

Para a cenografia, foram deliberadamente escolhidas opções cromáticas que acentuaram os objectos e os edifícios representados, tal como os Gregos faziam, ao usarem as cores puras para colorir as suas criações no domínio das artes plásticas.

Elenco: Actores – Sara Diogo (Antígona), Catarina Barros (Ismena), José Infante de Almeida (Creonte), Pedro Marques (Guarda), Ricardo Capela (Escravo), Eduardo Ribeiro (Hémon), Norberto Pires (Tirésias), Nuno Lopes (Mensageiro), Lia (Eurídice), Rita Santos (Corifeu), Maria João Feliciano (Coreuta); **Luzes** – Paulo Santos; **Cenografia e Guarda-roupa** – Carla Freitas, Nice Boialvo, Sara Boialvo; **Montagem** – Paulo Santos, Sara Boialvo, Nice Boialvo, Pedro Marques, Eduardo Ribeiro, Catarina Barros, Nuno Lopes; **Publicidade** – Eduardo Ribeiro.

Nuno S. Rodrigues

Jean Anouilh, *Antigone*

Produção: Comediantes de Paris

Encenação: Jean Marchat

1.ª Apresentação: Lisboa, Jardins da Embaixada (Legação) de França

Data: 2.ª quinzena de Junho de 1945.

Ver Vol. I, p.45.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antigone*

Produção: Comediantes de Paris

Encenação: Jean Marchat

1.ª Apresentação (ou reposição?): Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 18.10.1946

Outras: Lisboa (Teatro da Trindade), 24.10.1946.

Ver Vol. I, pp.45-46.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Teatro Experimental de Lisboa

Encenação: Jacinto Ramos

Tradução: M. Breda Simões

1.ª Apresentação: Lisboa, Clube Estefânia

Data: 16.3.1957

Outras: no mesmo local, nos dias seguintes.

Ver Vol. I, pp.47-48.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Companhia de Teatro do Nosso Tempo (empresa Jacinto Ramos) – Lisboa

Encenação: Jacinto Ramos

Tradução: M. Breda Simões

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Villaret

Data: 26.3.1965

Outras: No mesmo local, 27.3.1965 (4.º dia mundial do teatro) até finais de Abril.

Ver Vol. I, pp.48-49.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona* (?)

Produção: Alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

1.ª Apresentação: Lisboa, Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

Data: 1.3.1969.

Ver Vol. I, p.49.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Primeiro Acto (Algés)

Encenação: Armando Caldas

Ante-estreia: 16.6.1969 (destinada aos órgãos de comunicação social)

1.ª Apresentação: Algés, Sala da Cooperativa Primeiro Acto (destinada aos sócios)

Data: 17.6 – 3.8.1969

Outras: Algés (Sala da Cooperativa), Outubro de 1969.

Ver Vol. I, pp.50-51.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Associação Recreativa “Os Plebeus Avintenses” Avintes – V. N. de Gaia

Encenação: José Cayolla

Tradução: Manuel Breda Simões

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 31.5.1971

Outras: Matosinhos (“Aurora da Liberdade”).

Ver Vol. I, pp.51-52.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: GET – Grupo Experimental de Teatro de Paço de Arcos

Encenação: Domingos Lobo

Tradução: Manuel Breda Simões (?)

1.ª Apresentação: Paço de Arcos, Salão Paroquial e Social da Nova Igreja

Data: 8.7.1972

Outras: Paço de Arcos (Salão Paroquial), 9.7.1972.

Ver Vol. I, p.53.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: E. N./ R. D. P. (Programa Tempo de Teatro)

Realização: Maria José Mauperrin

Direcção: Carlos Avilez

Tradução: António Mega Ferreira

Data: 5.1.1978.

Elenco: Actores – Maria Albergaria, Mário Sargedas, Carlos Rosa, Álvaro Faria, António Marques, Lurdes Norberto, Marília Costa.

M. F. S. S.

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Alpendre – Grupo de Teatro (Ilha Terceira)

Encenação: Álamo de Oliveira

Tradução: Manuel Breda Simões

1.ª Apresentação: Angra do Heroísmo, Teatro Angrense

Data: 27.12.1979 (três anos após o primeiro espectáculo do grupo)

Outras: Angra do Heroísmo, nos dias seguintes, sendo interrompidas devido ao sismo de 1.1.1980; as representações foram retomadas a 9.4.1980.

O «Alpendre – Grupo de Teatro», da ilha Terceira (Açores), contava já três anos de existência e nove espectáculos no seu repertório, quando levou ao palco do Teatro Angrense a *Antígona* de Jean Anouilh, em tradução de Manuel Breda Simões.

Num cenário simples e alvinitente, que realçava a plasticidade dos movimentos das personagens “sedentas de ‘pureza’, de luz e de autenticidade” (cf. Programa), Álamo de Oliveira construiu, de acordo com o crítico de *A União* (28.12.1979), um espectáculo “elegante e subtil”, a que “um fundo musical ímpar emprestava tons de apoteose”.

Contando, na sua estreia, com uma fraca adesão do público, (*Diário Insular*, 29.12.1979), este espectáculo acabaria por ser interrompido escassos dias depois, devido ao sismo que abalou os Açores no primeiro dia de 1980. O grupo retomaria os espectáculos meses mais tarde, a 9 de Abril.

Elenco: Actores – Eduarda Resende (*Antígona*), António Valente (*Creonte*), Belinha Simões (*Isménia*), Fernando Natal (*Hémon*), Maria João (*Eurídice*), Eduarda Reis (*Ama*), Mimi Bretão (*Pagem*), Ildeberto Pamplona

(1.º Guarda), António Azevedo (2.º Guarda), Jorge Azevedo (3.º Guarda), José Rocha (Declamador do Prólogo), Joaquim Almeida (Mensageiro); **Coro** – Idelta Lourenço, Francisco Almeida, Manuel Henrique, Eduarda Reis, José Rocha, Joaquim Almeida; **Cenário** – Rocha e Silva; **Luminotecnica** – Paulo Sousa; **Sonoplastia** – Ruben Simas, Francisco Soares; **Guarda-roupa** – Rocha e Silva.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Rádio Televisão Portuguesa (Luísa Maria Jacinto)

Tradução: António Lopes Ribeiro

Adaptação para TV: João Serradas Duarte

1.ª Apresentação: RTP 1

Data: 16.5.1984.

Na noite de 16 de Maio de 1984, a Rádio Televisão Portuguesa produziu e apresentou, no seu canal 1, com tradução de António Lopes Ribeiro e adaptação para a TV de João Serradas Duarte, a *Antígona* de Jean Anouilh.

Fazendo uma leitura renovada e singular da recriação que o escritor francês fez da peça grega, o realizador “transpôs a frágil mas assumida criatura de Sófocles”, excelentemente interpretada por Luzia Paramés, “para um tempo à frente do nosso tempo, paralisando aqui, libertando acolá, a mensagem viva da insubmissão e de auto-afirmação que ela encerra” (*TV Guia*, n.º 275, 12-18 de Maio de 1984, p.39). Este seu objectivo de inovar manteve-se quando substituiu, com engenho e mestria, a actuação do Coro pela de um jornalista, interpretado por Carlos Pinto Coelho, ou quando, no capítulo da encenação, deu um toque de modernidade ao palácio de Creonte, dotando-o de televisores que mantinham o tirano informado de tudo o que se passava na polis.

Elenco: Actores – Luzia Paramés (*Antígona*), Carlos Pinto Coelho (jornalista, Coro), Maria Albergaria (*Ama*), Natália Luísa (*Isménia*), Álvaro Faria (*Hémon*), Jacinto Ramos (*Creonte*), António Assunção (1.º Guarda), Luís Cerqueira (2.º Guarda), João Rodrigo (3.º Guarda), José Baptista (*Operador de VTP*); **Cenografia** – António Casimiro; **Figurinos** – Jasmim; **Música** – Luís Cília; **Realização** – João Serradas Duarte.

Carlos Morais

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Grupo de Teatro da Escola Alemã de Lisboa / Die Theater-AG der Deutschen Schule Lissabon

Encenação: Stefan Ludwig

1.ª Apresentação: Lisboa, Casa Alemã

Data: 28-30.4.1994.

Adaptação do texto de Anouilh, feita por Stefan Ludwig, professor e encenador do Grupo de Teatro da Escola Alemã de Lisboa, que funcionou como exercício lúdico e simultaneamente pedagógico para os alunos daquela instituição. Isso porque ao mesmo tempo que se assumia como uma actividade paralela aos estudos obrigatórios, a encenação da *Antígona* foi feita em língua alemã. Esta versão introduz uma personagem nova na tragédia, a figura da Ama, apesar de tudo, típica da estrutura trágica, e acentua a sua problemática sobretudo numa questão de conflito geracional, expresso pelas personagens Antígona, a jovem / Creonte, o velho.

O programa distribuído aquando do espectáculo convidava os espectadores a visitarem os actores após a representação e a conversar com eles sobre a peça e as questões nela envolvidas. A produção distribuiu também uma maquete da encenação, com as marcações cenográficas de luzes e personagens, e um exemplo de como se fez a adaptação do texto de Anouilh, exibindo o original com a versão adaptada ao lado.

Elenco: Actores – Joana Pereira (Antígona), Marta Costa (Antígona 2), Carina Xavier (Antígona 3), Inês Frade (Ismena), Manuel Silva (Creonte), Maria Carneiro (Creonte 2), Nádia Ribeiro (Creonte 3), Carla Moreira (Guarda), Cristina Custódio (Hémon), Iris Alves (Mensageiro), Inês Godinho (Ama); **Coro** – Joana Frade, Rita Tavares, Sílvia Abrantes, Tiago Santos; **Técnicos** – João Antunes, Duarte Carneiro, Mario Matthes; **Caracterização** – Safira Lopes, Susana Almeida; **Assistentes de Encenação** – Michael Schulz, Ana Isabel Silveira.

Nuno Simões Rodrigues

Jean Anouilh, *Antígona*

Produção: Elinga – Teatro (Angola)

Encenação e Versão Livre do Texto: José Mena Abrantes

Iniciativa: IV Estação da Cena Lusófona

1.ª Apresentação: Coimbra, Cine-Teatro de S. Teotónio

Data: 29 – 30.11.1999.

Este espectáculo, que não estava inicialmente previsto na programação da IV Estação da Cena Lusófona – que decorreu em Coimbra entre 28 e 30 de Novembro de 1999 – é um exemplo de dedicação e de amor ao Teatro, visto que os actores deste grupo angolano – que é, aliás, o primeiro a marcar presença nesta iniciativa – manifestaram o desejo de se deslocarem a Coimbra a expensas próprias.

Ana Paula Quintela

Bertolt Brecht, *Antígona*

Produção: Grupo de Teatro da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, Lisboa

Encenação: Mário Sérgio

1.ª Apresentação (mais ou menos clandestina)

Data: Maio de 1969.

Ver Vol. I, pp.53-54.

Ana Paula Quintela

Bertolt Brecht, *Antígona*

Produção: Seiva Trupe, Porto

Encenação: Júlio Cardoso

Iniciativa: XI FITEI

Ante-estreia: Porto, Cooperativa do Povo Portuense, 1988 (Maio?)

1.ª Apresentação: Porto, Cooperativa do Povo Portuense

Data: 3-4.6.1988

Outras: Almada (Incrível Almadense), Julho de 1988 – Iniciativa: V Festival de Teatro de Almada.

Ver Vol. I, pp.54-55.

Ana Paula Quintela

Bertolt Brecht, *Antígona*

Teatro filmado: TV2 (Noite de Teatro)

Encenação e Realização: Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

Data: 5.3.1996.

Ver Vol. I, p.55.

Ana Paula Quintela

Quico Cadaval e Xavier Lama, *Memória de Antígona*

Produção: Centro Dramático Galego

Encenação: Guillermo Heras

Iniciativa: «Festeixo» – Teatro do Noroeste

1.ª Apresentação: Viana do Castelo, Teatro de Sá de Miranda

Data: 25.7.1998.



Na sua terceira edição, que decorreu entre 19 de Junho e 4 de Julho, o «Festeixo» (Teatro do Noroeste), à semelhança do que acontecera no certame anterior⁶, ofereceu ao seu fiel público a possibilidade de presenciar a recriação de mais um clássico da tragédia grega. Foi na noite de 25 de Julho que, vindo de Santiago de Compostela, o Centro Dramático Galego subiu ao palco do Teatro Municipal de Sá de Miranda, em Viana do Castelo, para representar *Memória de Antígona*, «unha escrita escénica» de Quico Cadaval e Xavier Lama, a partir da tragédia sofocliana.

Para o encenador, Guillermo Heras, que assina a nota de apresentação do espectáculo, um texto com a carga histórica e emotiva como o da *Antígona* de Sófocles propicia, pelas enormes potencialidades que oferece, um verdadeiro exercício de memória. Memória de referentes artísticos e de valores políticos e culturais que transcendem o mito clássico e se projectam no nosso tempo.

Por isso, servindo-se de um elenco de catorze actores com indumentárias actuais, Heras construiu, num cenário sóbrio e despojado de

⁶ Cf. Maria de Fátima Sousa e Silva (coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Lisboa – Faculdade de Letras de Coimbra, Colibri, 1998, p.138, onde se dá notícia da representação de *As Troianas* de Eurípides pelo «Espello Cóncavo» (Galiza), no II Festeixo, em 25 de Novembro de 1977.

adereços clássicos, um espectáculo que recriou e actualizou o mito sofocliano, na convicção de que «Antígona é unha muller de hoxe en día, aunque, por suposto, foi de onte e proxectarase com toda a forza cara ó mañá».

Elenco: Actores – Rosa Álvarez (Eurídice, Coro), María Barcala (Coro), Xosefa Barreiro (Coro), Lino Braxe (Guarda, Coro), Xan Casas (Hémon, Coro), Susana Dans (Ismene), Xavier Estévez (Teseo, Confrade, Edipo 3), Rebeca Montero (Antígona), Xosé M. Oliveira “Pico” (Creón), Andrés Pazos (Edipo, Confrade, Edipo 1), Laura Ponte (Iocasta), Salvador del Río (Polinices, Confrade, Edipo 2), Patricia Vázquez (Coro), Marcos Viéitez (Eteocles, Confrade, Edipo 4); **Direcção e Encenação** – Guillermo Heras; **Produção** – Francisco Oti Ríos; **Maquilhagem** – Carmela Montero; **Composição Musical** – Bernardo Martínez; **Iluminação** – Francisco Veiga; **Cenografia e Guarda-roupa** – Rodrigo Roel.

Carlos Morais

Hélia Correia, *Perdição – Exercício sobre Antígona*

Produção: Comuna

Encenação: João Mota

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Nova da Comuna Teatro de Pesquisa

Data: 18.9.1993 (50.º espectáculo da Comuna Teatro de Pesquisa).



Hélia Correia escreveu esta “peça feminista”, como ela própria lhe chama, para a actriz Rita Salema e ofereceu-lha como prenda de anos. Esta Antígona é, no dizer da autora, “uma rapariguinha ansiosa, histérica e possessa”. Daí talvez a forçada colocação da voz por parte da protagonista, que tanto desagradou a Carlos Porto. É curioso notar, a este propósito, que a crítica se dividiu em relação a este controverso espectáculo. Miguel Crespo, por exemplo, considera excelente a interpretação de Rita Salema no desempenho de Antígona, enquanto Manuel João Gomes entende que esta não é a actriz ideal para este papel.

Carlos Porto, para quem “o grande trunfo do espectáculo” é a música de Eduardo Paes Mamede – considerada, aliás, excelente, por toda a crítica – é de opinião que a encenação de João Mota tornou ainda mais ilegível o já difícil texto de Hélia Correia.

Elenco: Actores – Rita Salema (Antígona), Margarida Cardeal (Ismena), José Figueiredo Martins (Tirésias), Alexandre Lopes (Ninguém), Manuela Couto (Ama de Antígona), Carmen Santos (Eurídice), Alfredo Brissos (Creonte), Victor Soares (Criado de Creonte), Álvaro Correia (Mensageiro) Victor Rodrigues (Guarda), Sandra Machado (Antígona morta), Cecília Sousa (Ama morta); **Música e Direcção Coral** – Eduardo Paes Mamede; **Cenografia e Luminotecnia** – Abílio Apolinário, Renato Godinho; **Figurinos** – Colectivos; **Execução do Guarda-roupa** – Joaquina Garcia.

Ana Paula Quintela

Júlio Dantas, *Antígona*

Produção: Empresa Rey Colaço e Robles Monteiro

Encenação: Amélia Rey-Colaço

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de D. Maria II

Data: 20.4.1946

Outras: Porto (Teatro Rivoli), 28.10 – 3.11.1946

Reposição: Festival de Teatro Português – Iniciativa: “30 Anos de Cultura”.



Robles Monteiro, assistido por Erwin Meyenburg, ensaiou esta peça encenada por Amélia Rey Colaço. Foi neste espectáculo que a filha de ambos, Mariana Rey Monteiro, fez a sua estreia.

Os cenários foram da autoria de Lucien Donnat, bem como os figurinos, executados por Maria Meirinho. A montagem do espectáculo esteve a cargo de José Jorge, tendo como contra-regra Carlos Durão, que desempenhou também as funções de aderecista. A montagem eléctrica coube a António Madeira. Luiz Alagarim dirigiu a orquestra.

A crítica não foi unânime na apreciação deste espectáculo. Praticamente todos os jornais, semanários e revistas da época assinalaram o evento, tendo quase todos salientado o surgimento duma “estrela” nos palcos portugueses – Mariana Rey Monteiro, para quem Júlio Dantas expressamente escreveu esta peça. Desta variada gama de críticas, desde as mais encomiásticas até algumas irónicas e contundentes, salientam-se as que se nos afiguram mais significativas. Ciríaco Trindade (*O Figueirense*, de 11.5.1946) considerou a protagonista – a quem carinhosamente

chama “Marianinha” – “uma fulgurante certeza do teatro português”. A. da Costa Ferreira (*Sol*, de 4.5.1946) não poupa elogios, não só a Mariana Rey Monteiro, mas também a Raúl de Carvalho, a Álvaro Benamor, a Luís Filipe e a Maria Barroso. Luís Francisco Rebelo (*Diário da Manhã*, de 23.4.1946), além de se referir ao “promissor talento de Mariana Rey Monteiro”, faz especial menção a Álvaro Benamor, Samwell Dinis, Amélia Rey Colaço, Maria Barroso, Robles Monteiro e Manuel Correia, censurando, no entanto, “o tom declamatório e gritado” de Raúl de Carvalho e de Luís Filipe. Julião Quintinha (*Alerta do Alentejo*, de 17.5.1946) não poupa rasgados elogios à protagonista e a Raúl de Carvalho, lamentando, no entanto, a declamação enfática de Varela Silva, bem como a escassez de figurantes em cenas que gostaria de ver mais movimentadas. João Pedro de Andrade (*Seara Nova*, de 4.5.1946), por seu lado, não aplaude com grande entusiasmo a actuação de Mariana Rey Monteiro, embora lhe reconheça qualidades e releve as faltas, atribuindo-as ao nervosismo da estreia, louvando, contudo, o desempenho de Raúl de Carvalho, de Paiva Raposo, de Manuel Correia, de Amélia Rey Colaço, de Álvaro Benamor, de Robles Monteiro e de Luís Filipe, considerando que Maria Barroso viu o seu papel prejudicado “pela indumentária, pela *maquillage* e pelo estilo histriónico”. Rodrigues Melo (*Acção*, de 25.4.1946), numa crítica em geral bastante desfavorável, refere-se a Mariana Rey Monteiro como “acarinhada, juvenil e culta estreante”, a Amélia Rey Colaço e a Robles Monteiro como “os pais de Marianinha”, a Raúl de Carvalho como “dominador histriónico ... artista que é dono de um físico favorecedor”, a Maria Barroso como “uma conservatorial Isménia”, aos senadores como “azougados pares do reino”, elogiando apenas o desempenho de Álvaro Benamor. António Pedro (*Mundo Literário*, de 11.5.1946) afirma que, tendo em conta o desempenho de Mariana Rey Monteiro, não se pode concluir se se trata duma actriz talentosa ou não, pois apesar de lhe reconhecer “boa figura, bonita voz, braços lindos ... olhos expressivos e facilidade de modelação e do gesto” declamou o papel aos gritos do princípio ao fim.

Elenco: Actores – Mariana Rey Monteiro (Antígona), Maria Barroso (Isménia), Amélia Rey Colaço (Eurídice), Raúl de Carvalho (Creonte), Álvaro Benamor (Hémon), Robles Monteiro (Tirésias), Luiz Filipe (Egéon), Paiva Raposo, Samwell Diniz, Manuel Correia (Senadores: Enópides, Ástaco, Proseu), António Palma (Um Senador), José Cardoso (Outro Senador), Maria Clementina, Maria Côrte Real (Mulheres Tebanas).

No espectáculo do Porto, os actores Samwell Diniz e Manuel Correia foram substituídos por Pedro Lemos e Augusto Figueiredo, tendo sido mantido o restante elenco.

Na década de 50 (1956), por ocasião das comemorações “30 Anos de Cultura”, a peça foi reposta, para o festival de teatro português, com um elenco quase totalmente renovado.

Elenco: Actores – Mariana Rey Monteiro (*Antígona*), Helena Félix (*Isménia*), Amélia Rey Colaço (*Eurídice*), Raúl de Carvalho (*Creonte*), José de Castro (*Hémon*), Luiz Filipe (*Tirésias*), Varela Silva (*Egéon*), Manuel Correia, Pedro Lemos, Paiva Raposo (*Senadores: Enópides, Ástaco, Proseu*), António Palma (*Um Senador*), José Cardoso (*Outro Senador*).

Ana Paula Quintela

Júlio Dantas, *Antígona*

Encenação: António Moura de Magalhães

1.ª Apresentação: Armazém da casa agrícola de um dos habitantes de Castanheiro do Norte (Trás-os-Montes)

Data: 19-20.9.1953.

A ideia da representação desta peça partiu de Victor Alexandre Filipe de Carvalho, membro de uma das famílias da aldeia de Castanheiro do Norte, e que era então estudante de Germânicas em Coimbra e haveria de frequentar o TEUC. Os dados que a seguir apresentamos correspondem ao relato facultado por um dos espectadores do evento, informação que achámos por bem reproduzir, salvaguardando embora o compromisso de não divulgarmos a sua fonte. Ajuntamos também, no elenco, a identificação das ocupações dos intérpretes, por nos parecer constituir um curioso documento de época.

«... na minha última e recente estadia na terra berço, tive ocasião [...] de recolher dados sobre a representação da “*Antígona*”, ali realizada quando eu era criança (tinha oito anos), e que sempre me ficou na memória pelo inusitado do acontecimento e por ter sido transformado em casa de espectáculos um velho “armazém” da minha família, com “camarotes” improvisados em madeira de pinheiro por cima de tonéis de vinho, para os dignitários da terra, e bancadas ao “rés-do-chão”, para a geral.

O cenário esteve a cargo de uns armadores, os Carolinos, de S. Mamede de Riba-Tua, que costumavam ser contratados para engalanar igrejas, por altura de festividades religiosas da região, e que eram também

encenadores e actores dos “dramas” populares que anualmente se representavam naquela terrinha. Nos Autos da Paixão, a figura de Cristo foi, durante sucessivas gerações, encarnada por membros dessa família, e daí que um deles fosse já conhecido pelo “Cristo”.

Com as panóplias de que dispunham, transformaram então em cena o patamar de pedra das escadas que dão acesso aos lagares e os ditos lagares, por detrás do cenário, serviram de camarim.

Espaço báquico, com algumas emanações a mosto, mais adaptado a comédia do que a tragédia, mas o certo é que por ali se passou o “coturno” e não o “soco”!

O texto representado foi o da versão de Júlio Dantas, feita para o Teatro Nacional, em 1946, a pedido da Sr. D. Amélia Rey Colaço, propositadamente para a estreia da sua filha, Mariana Rey Monteiro, que desempenhou o papel de Antígona. [...] Vieram assistir aos espectáculos populares pessoas gradas das terras circunvizinhas e houve programas impressos e difundidos pelas aldeias do concelho.»

Elenco: Actores – Victor Alexandre Filipe de Carvalho, estudante (Creonte); Marília Lopes, costureira (Eurídice); Políbio da Costa Santos, proprietário (Tirésias); Celestino Gomes, alfaiate (Hémon); Clarisse Silva, estudante (Antígona); Maria da Conceição Faria, costureira (Isménia); José Augusto Faria, carpinteiro (Egéon); Luís Trindade, trabalhador rural (Mensajeiro); vários trabalhadores rurais (Velhos, Guardas e Povo de Tebas); **Guarda-roupa** – alugado à Casa Valverde, no Porto.

D. F. Leão

Júlio Dantas, *Antígona*

Produção: Associação Recreativa e Dramática “Rocha Silvestre”, Oliveira do Douro – V. N. de Gaia

Encenação: Emídio Fernandes

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 27.8.1959.

Ver Vol. I, pp.57-58.

Carlos Morais

Athoel Fugard, J. Kani, W. Ntshona, *A Ilha*

Produção: Serpente

Tradução e Encenação: Ademir Ferreira

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Grande da Comuna

Data: 29.6 – 14.7.1991.

Algumas cenas desta peça tinham sido representadas, dois anos antes, no Porto e em Lisboa, pelo grupo moçambicano Tchova Xita Duma, no âmbito do espectáculo *Black and White*. O sentido geral deste texto implica a criação do teatro dentro do teatro: dois negros sul-africanos, na cela da prisão, ensaiam a *Antígona*. Valendo-se dos nomes dos autores da peça, o prisioneiro mais novo (Winston) faz o papel feminino, e o outro (John) o papel de Creonte. Desta vez a representação fez-se na íntegra pelo grupo Serpente, constituído por actores de origem angolana residentes em Lisboa. Segundo Manuel João Gomes (*Público*, 29.6.1991), “*A Ilha* não é uma peça sobre os sofrimentos dos negros sul-africanos numa prisão de alta segurança; é uma peça sobre a dificuldade de encarnar um papel, pelo menos enquanto não percebemos que esse papel é o nosso, já que todos somos *Antígona* e temos de nos haver com um Creonte.”

O mesmo crítico distingue, como momentos particularmente felizes do espectáculo, a cena em que os presos telefonam para a família, aquela outra em que relembram a viagem até à prisão e finalmente a especulação que fazem sobre o futuro após a libertação.

Elenco: Actores – Onileva Oten (*Antígona*), Tó Gregório (*Creonte*).

M. F. S. S.

Dusan Jovanovic, *Antígona*

Produção: Drama – Teatro Nacional da Eslovénia Liubliana

Encenação: Meta Hocevar

Iniciativa: Encontros Acarte 95

1.ª Apresentação: Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Grande Auditório)

Data: 9-11.9.1995.

Ver Vol. I, pp.58-59.

Ana Paula Quintela

Mathilde Monnier, *Pour Antigone*

Coreografia: Mathilde Monnier

1.^a Apresentação: Lisboa, Anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: 12-13.7.1994.

Este bailado integrou as actividades decorrentes do encontro promovido pelo serviço Acarte da Fundação Gulbenkian, subordinado ao tema “Festival Francês – A Cultura da Descentralização”. A obra “Pour Antigone” baseia-se na tragédia “Antígona” de Sófocles, mas explora fortes relações com África, facto que se espelha na escolha dos próprios bailarinos, que são europeus e africanos (do Mali e do Burkina Faso). O mesmo objectivo assiste, igualmente, à opção por uma dança simples e despojada de grandes efeitos cénicos, conforme explica a coreógrafa, Mathilde Monnier (*Público*, 4.7.1994, p.18 “Cultura”): «Burkina Faso é um dos países mais pobres do mundo, [“Pour Antigone”] é a escolha da pobreza, a rejeição de qualquer luxo, de todos os ornamentos supérfluos que não sejam a dança».

D. F. Leão

António Pedro, *Antígona*

Glosa nova da tragédia de Sófocles, em três actos e 1 prólogo, incluído no 1.^o acto

Produção: Círculo de Cultura Teatral – Teatro Experimental do Porto

Encenação: António Pedro

1.^a Apresentação: Porto, Teatro S. João

Data: 18.2.1954

Outras: Porto (Teatro S. João), 19.2.1954; Braga (Teatro-Circo), inicialmente marcado para 9.3.1954, foi adiado para data não apurada; Guimarães (Teatro Jordão), 10.3.1954; Viana do Castelo (Teatro Sá de Miranda), 12.3.1954; Aveiro e Lisboa, em Março; Coimbra, 5 de Abril; Porto (Sá da Bandeira), 9-10.4.1954

Reposição: Teatro de Algueira (Trav. Passos Manuel, 9 – Porto)

Data: 16.11.1956

Outras: nos dias que se seguiram à estreia desta reposição, no mesmo local. Lisboa (Teatro da Trindade), 19-22.2.1957.

Ver Vol. I, pp.59-62.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Glosa nova da tragédia de Sófocles, em três actos e 1 prólogo, incluído no 1.º acto

Produção: Juventude Operária Católica (Secção de Leça da Palmeira – Matosinhos)

Encenação: Aníbal Pina

1.ª Apresentação: Matosinhos, Salão Paroquial de Leça da Palmeira

Data: 14.8.1959.

Ver Vol. I, p.63.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Glosa nova da tragédia de Sófocles, em três actos e 1 prólogo, incluído no 1.º acto

Produção: Teatro do Centro Ramalho Ortigão (Porto)

Encenação: Jayme Valverde

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 26.8.1959

Outras: Lisboa (Teatro da Trindade), 24.9.1959

Reposição: Porto (Teatro Rivoli), 1.6.1960.

Ver Vol. I, pp.63-65.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Glosa nova da tragédia de Sófocles

Produção: Teatro de Estudantes do Instituto Industrial do Porto

Encenação: José Brás

1.ª Apresentação: Porto, Teatro S. João

Data: 23.5.1969

Outras: Porto (Teatro Sá da Bandeira), 22.8.1969; Lisboa (Teatro da Trindade), 16.10.1969.

Ver Vol. I, pp.65-66. À informação então dada é agora possível acrescentar a respeitante ao elenco.

Elenco: Actores – António Bento (Encenador), Berta Costa (1.^a Figurante), Lívio Pinto (1.^o Velho), João Teles (2.^o Velho), Luís Patacas (3.^o Velho), Alfredo Abreu (Tirésias), Aurora Estrela (Artemísia), Judith Fernanda (Antígona), Emília Castro (Isménia), Álvaro Mota (Creonte), Carlos Bento (Pregoeiro), Eduardo Lacerda (Soldado), Domingos Ferreira (Hémon), Rodrigo Crispiniano (1.^o Soldado), Costa Godinho (2.^o Soldado), Bijuca (Eurídice), Agostinho Ribeiro, Santos Dinis, Manela, Eduarda, Cristina (Figurantes); **Luminotecnia** – Fernando Teixeira; **Ponto** – Jorge Leal; **Contra-regra** – Martins de Almeida; **Sonoplastia** – Armando Teixeira.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Produção: Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação

Encenação: Rui de Matos

Ante-estreia: Lisboa, “Teatro de Bolso”

Data: 27.6.1969

1.^a Apresentação: Lisboa, “Teatro de Bolso”

Data: 28.6.1969

Outras: Lisboa (“Teatro de Bolso”), 16-18.10.1969.

Ver Vol. I, p.67.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Glosa nova da tragédia de Sófocles, em três actos e 1 prólogo, incluído no 1.^o acto

Produção: Companhia de Teatro Popular

Encenação: Augusto Figueiredo

1.^a Apresentação: Lisboa, Teatro da Estufa Fria

Data: 20.7.1970

Outras: no mesmo local, nos dias seguintes.

Ver Vol. I, p.68.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Versão livre da adaptação de António Pedro da tragédia de Sófocles

Produção: Grupo de Teatro de Letras *Artec* (Lisboa)

Encenação: Marcantónio Del-Carlo

1.ª Apresentação: Bar Novo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Data: 15.1.1996

Outras: Bar Novo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 16-21.1.1996; 2-3.2.1996; 8.5.1996.

Ver Vol. I, p.69.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Glosa nova da tragédia de Sófocles

Produção: Escola Secundária de Nossa Senhora da Boavista (Vila Real)

Encenação: Acácio David Pradinhos

1.ª Apresentação: Vila Real, Auditório da Filandorra Teatro do Nordeste

Data: 25.5.1997.

Ver Vol. I, p.70.

Carlos Morais

António Pedro, *Antígona*

Glosa Nova da *Antígona* de Sófocles

Produção: Grupo Académico de Teatro Amador (GATA, de Braga)

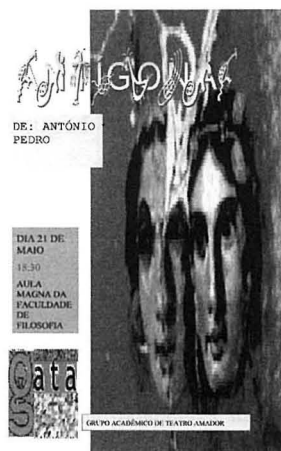
Encenação: José A. Pinto e GATA

1.ª Apresentação: Braga, Aula Magna da Faculdade de Filosofia

Data: 21.5.1999

Outras: Braga (Aula Magna da Faculdade de Filosofia), 26.5.1999.

Integrado no *Symposium Classicum I Bracarense: A Mitologia Clássica e a*



sua Recepção na Literatura Portuguesa, o recém-fundado Grupo Académico de Teatro Amador (GATA) levou à cena, no dia 21 de Maio de 1999, na Aula Magna da Faculdade de Filosofia de Braga, o seu 1.º espectáculo. A peça escolhida foi a *Antígona* de António Pedro, pela sua premente actualidade e por ser, no entender do grupo, a mais portuguesa, de entre as inúmeras versões e recriações de *Antígona*. De facto, esta “glosa nova” da tragédia sofocliana, nas suas encenações pelo Teatro Experimental do Porto (TEP)⁷, quando então, no nosso país, se vivia sob um regime ditatorial e repressivo, tinha uma inquestionável intenção subversiva que o GATA não quis diminuir, nem sequer diluir, mas sim direccionar para outras formas de corrupção e de abuso de poder, que se podem vislumbrar «no despoletar de uma guerra, na insanidade de um massacre, na violência de um patrão sobre o seu empregado», e que, em seu entender, demonstram que «o poder é a cegueira dos fortes» (do programa).

Num cenário simples, de fundo branco, recortado por colunas gregas pintadas e por conseguidos jogos de luzes, as personagens, sem indumentárias clássicas, evoluíram com algum acerto e dignidade na representação desta «tragédia da liberdade», como bem a definiu António Pedro.

Dignos de destaque foram, no capítulo da interpretação, os desempenhos de Sara Gião (*Antígona*), de José A. Pinto (*Creonte*) e de Luísa Parra (*Artemísia*). Os três Velhos de Tebas (*Coro*), nesta encenação do GATA, foram substituídos por vozes femininas que, de fora do palco e não do proscénio, recitaram os breves trechos que iam comentando dialecticamente a acção e a vida humana⁸.

Elenco: Actores – Sara Gião (*Antígona*), Lígia Ramos (*Isménia*), José A. Pinto (*Creonte*), Abílio Morais (*Soldado*), Rui Fernandes (*Hémon*), Jorge Silva (*Tirésias*), Magda Moreira (*Eurídice*), Luísa Parra (*Artemísia*), Magda Moreira (*Encenador*), Elizabete, Joana, Andreia, Adriana, Tereza (*Vozes*); **Cenário** – Lígia Ramos; **Luz** – Nuno Rebelo, David Maia; **Grafismo** – Jorge Silva.

Carlos Morais

⁷ Vide Maria de Fátima Sousa e Silva (coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Lisboa – Faculdade de Letras de Coimbra, Colibri, 1998, pp.59-62.

⁸ Urbano Tavares Rodrigues, *Noites de Teatro*, Lisboa, 1961, p.153.

ÉDIPO

Sófocles, *Rei Édipo*

1.ª Apresentação: Real Teatro de S. João, Porto

Data: 5.12.1904.

A peça vem à cena com o texto de Sófocles em versão francesa, sob o título *Oedipe-Roy*. O famoso actor Monnet-Sully, que ao tempo já arrebatara o público francês, na Comédie Française, com a interpretação de um Édipo que o celebrou, e que tanto terá impressionado o então juvenzinho Jean Cocteau, arrebatou, com a sua interpretação no teatro português, o público português. São significativos os ecos da crítica, que unanimemente classifica a interpretação de assombrosa e, a todos os títulos, perfeita.

O papel do Coro é repartido entre várias personagens, a música sóbria e interpretada por uma orquestra oculta.

No dia seguinte o público assistiu a um *Hamlet* também representado por Monnet-Sully.

Elenco: Actores – Monnet-Sully (Édipo), Leon Segon (Creonte), Mme. Gallet (Jocasta).

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Teatro do Arco da Velha

Encenação: Humberto d'Ávila e António Sarmiento

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Apolo

Data: 1954.

O grupo amador teatral Teatro do Arco da Velha foi fundado em 1951, com a participação de operários da Fábrica Portugal e deu o seu primeiro espectáculo, com a encenação de uma peça do teatro clássico português, no Teatro da Voz do Operário.

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Tradução / Adaptação: Raúl Machado

Data: 1956.

Elenco: Actores – Rui de Carvalho, Luís Cerqueira, Mário Pereira, Alves da Costa, B. Bivar, Tomás de Macedo.

M. F. S. S.

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Companhia Rey Colaço Robles Monteiro

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: Março de 1967.

Dentro de um plano promovido pela Companhia Rey Colaço Robles Monteiro, Eurico Lisboa proferiu duas conferências no âmbito do Teatro Greco-Latino, acompanhadas de representação de cenas de diversas peças, entre as quais o *Rei Édipo* de Sófocles.

Elenco: Actores – Paiva Raposo (Édipo), Pedro Lemos (Tirésias), Cecília Guimarães (Jocasta).

M. F. S. S.

Edipo Rey

Produção: Ballet Nacional de Cuba

Coreografia: Jorge Lefrebe

Texto: texto livre inspirado em linhas gerais no conteúdo informativo da tragédia *Rei Édipo* de Sófocles

1.ª Apresentação: Porto

Data: 21.5.1975.

Ver Vol. I, p.71.

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Alunos da Escola Secundária Ferreira Dias

Encenação: Carla Freitas, João Carlos

1.ª Apresentação: Cacém, Escola Secundária Ferreira Dias

Data: 1986.

Para a récita, feita na Escola pelos alunos, foram utilizados excertos da tradução da peça. Na mesma escola foi feita uma reencenação em 1990, também apresentada na Escola Secundária de Caneças e no Salão Paroquial de Queijas.

Elenco: Actores – Pedro Caldeira (Édipo), Liliana Miranda (Jocasta), Bruno Pereira (Mensageiro), Fernando Conde (Servo), Cláudia Coutinho (Arauto), Carla Patrícia (Escrava); **Coro** – Sara Marques, Eunice Marques, Mafalda, Bruno Marques, Nuno Pereira; **Sonopastia** – Yolanda Adriana; **Luminotecnia** – Marco Alexandre; **Cenografia e Carpintaria** – Grupo; **Figurinos** – José Carlos, Carla Freitas, Ana Cristina Claro.

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: TEAR

Encenação: Moura Pinheiro

Tradução: texto montado a partir de traduções diversas

1.ª Apresentação: Porto, TEARTO

Data: 27.11.1987.

Ver Vol. I, p.72.

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Comuna – ACARTE

Encenação: João Mota

Tradução: texto adaptado a partir da tradução de Agostinho da Silva

1.ª Apresentação: Mérida, Teatro Romano (34.º Festival Internacional de Mérida)

Data: 4.7.1988

Outras: Málaga (Colégio de San Agustín, 6.º Festival Internacional de Teatro), 7.1988; Lisboa, 10.9.1988.

Ver Vol. I. pp.73-74.

Maria do Céu Fialho

Édipo, o dos pés inchados

Produção: Grupo Rever os Clássicos

Encenação: Roberto Merino

Texto: Texto livre a partir de extractos de Sófocles, *Rei Édipo*

1.ª Apresentação: Porto, III Festival Internacional de Marionetas

Data: 11-19.5.1991

Outras: Lisboa (Cinearte), 30.9.1991.

Ver Vol. I, p.75.

Maria do Céu Fialho

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Teatro del Norte

Encenação: Etelvino Vásquez

Texto: livre. Versão abreviada do original

1.ª Apresentação: Portalegre, Cine-Teatro Crisfal (II Festival de Portalegre)

Data: 21.10.1992.

Ver Vol. I, p.76.

Maria do Céu Fialho

O Rei dos Pés Inchados (adaptação de Sófocles, *Rei Édipo*)

Produção: Escola Secundária de Sacavém

Iniciativa: Escola em Palco

1.ª Apresentação: Odivelas, Centro Cultural da Malaposta

Data: 29.4.1997.

M. F. S. S.

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Endymion Ensemble – BBC

Encenação: Don Taylor

Produtor: Louis Marks

Tradução para língua inglesa: Don Taylor

1.ª Apresentação: RTP 2

Data: 4.5.1997.

Ver Vol. I, pp.77-78.

Maria do Céu Fialho

Édipo

Produção: “Máscaras” Grupo de Teatro (adaptação livre da peça *Flores de Estufa* de Nuno Júdice)

Encenação: António Jorge Marques

1.ª Apresentação: Espinho, Auditório da “Cooperativa Nascente”

Data: 28.3.1998

Outras: Espinho (Auditório da “Cooperativa Nascente”), 29.3.1998, 4, 5, 11, 12, 18, 19 de Abril de 1998.

Previstas: Aveiro, Oliveira de Azeméis, Paços de Ferreira, Freamunde, S. João da Madeira, Joane, Paços de Brandão e Ovar.

Ver Vol. I, pp.79-80.

Carlos Morais

Sófocles, *Rei Édipo*

Produção: Grupo de Teatro de Letras

Encenação: Victor Eduardo Pinto

1.ª Apresentação: Faculdade de Letras da
Universidade do Porto

Data: 18 – 22.6.1999.

Em boa hora um punhado de alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto decidiu levar à cena o *Rei Édipo* de Sófocles. O programa peca pela omissão do nome do tradutor, conforme é infelizmente hábito entre nós, mas pareceu-nos tratar-se da versão feita, a partir do original grego, por Maria do Céu Zambujo Fialho. Com poucos recursos, soube o novel encenador criar um espectáculo digno e sóbrio, que não envergonharia nenhum profissional. Como cenário foram inteligentemente aproveitados os degraus de um dos pátios da Faculdade e, como pano de fundo, o passadiço de aberturas ajaneladas às quais assomavam, por vezes, os coreutas e que permitiam ainda vislumbrar cenas de interior. O guarda-roupa e adereços, nem sempre muito ortodoxos, pois, por vezes, foi necessário recorrer à “prata-da-casa”, serviram, no entanto, para criar uma certa intemporalidade. Para o bom gosto, que foi a nota dominante de todo o espectáculo, contribuiu também uma música adequada. Os actores tiveram, em geral, um desempenho correcto, sem falhas de memória. Havia vozes lindíssimas e a dicção melhor do que a de muitos profissionais. Só não aplaudimos o facto de o coro ser constituído por elementos femininos e de a figura de Tirésias ser representada por uma jovem, que, além do mais, não sabia simular a cegueira. A argumentação apresentada no programa não nos parece satisfatória: “O coro é aqui apresentado com voz feminina, *dúbia*, como é, de resto, a de Tirésias”. E quanto ao profeta, o encenador, a esta nossa observação, lembrou que, segundo o mito, Tirésias foi mulher, em parte da sua vida. Também não nos convenceu. A verdadeira razão talvez tenha sido meramente pragmática: numa Faculdade de Letras, onde o contingente feminino é muito superior ao masculino, é mais fácil recrutar actrizes do que actores! Estes reparos que fazemos não se destinam a deslustrar esta iniciativa, meritória a todos os títulos. Gostaríamos de poder assistir a mais eventos deste género.

Para terminar, uma curiosidade: o impressionante cartaz deste espectáculo que apresenta um rosto de criança, cujos olhos vazados irradiam

18 a 22 junho '99
Faculdade de Letras
da Universidade do Porto (via D. Diniz)

21:30

Rei Édipo
Sófocles



dois feixes de luz, foi elaborado a partir duma fotografia antiga do protagonista, Daniel Jonas.

Elenco: Actores – Daniel Jonas (Édipo), Nuno Pedro (Creonte), Pedro Henrique (Sacerdote), Flávia de Brito (Tirésias), Mafalda Ferreira (Jocasta), Marco António (Mensageiro), Victor Eduardo Pintó (Estrangeiro de Corinto), Miguel Marques Ribeiro (Pastor), Alexandra (Antígona), Gabriela (Ismena); **Coro** – Daniela Alves, Fernanda Moura Pinto, Filipa Roque, Liliana Pinto, Madalena Alfaia, Natacha Carvalho, Sílvia Campos, Sónia Gouveia, Vanessa Pereira; Jovens suplicantes cedidos pela Fundação Lar Evangélico Português – Basílio, Luís, Marco, Óscar, Rogério, Valter; **Concepção Gráfica do Cartaz** – Miuxa Carvalho.

Ana Paula Quintela

Steven Berkoff, *À grega* (versão contemporânea de *Édipo* de Sófocles)

Produção: Academia Contemporânea do Espectáculo, Porto

(12 alunos de Interpretação, 3.º F)

Encenação: Júlia Correia

Dramaturgia: Júlia Correia

Iluminação: Direcção de Francisco Beja, com 2 alunos de Iluminação (3.ª I)

Cenografia: Margarida Carronda, com 2 alunas de Cenografia (3.º G)

Data: 5-23.6.1995.

M. F. S. S.

Jean Cocteau, *Rei Édipo*

Produção: Alunos da Escola Secundária Ferreira Dias

1.ª Apresentação: Cacém, Escola Ferreira Dias

Data: 1988.

De novo o mito de Édipo atrai os alunos da Escola Ferreira Dias, que encenam, após a experiência com excertos da tragédia sofocliana, a tragédia de Cocteau. Trata-se de um texto que segue de perto Sófocles, numa versão propositadamente condensada por parte do autor.

Maria do Céu Fialho

Roberto Merino, *O Rei Édipo tem olhos vazios*

Produção: Rever os Clássicos, Teatro de Marionetas e Objectos

Encenação: Roberto Merino

1.ª Apresentação: Porto

Data: 19.5.1991

Outras: Lisboa (Cinearte), 27.9.1991 e 1-2.10.1991.

O texto de Roberto Merino tem como ponto de partida a tragédia de Sófocles em resumo, combinando o discurso em monólogo com teatro de marionetas. A cena é ocultada com um pano branco que ostenta a máscara de Édipo, devidamente sugerida a sua cegueira. Máscara que a caracterização do intérprete reproduz. Alexandre Passos interpreta, através de registos diversos de voz, as várias personagens, enquanto manipula as várias marionetas. Estas têm a forma de pequenas esculturas, em busto, que o intérprete exhibe ao público.

Elenco: Actores – Alexandre Passos; **Música** – António Carvalho; **Marionetas, Cortina e Espaço Cénico** – José Emídio, Honório Henriques.

Maria do Céu Fialho

Pier Paolo Pasolini, *Afabulação*

Produção: A Cornucópia

Encenação: Luís Miguel Cintra

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: 4.11.1999.



Dentro da sua concepção de 'Teatro da Palavra', que desenvolveu a partir dos anos sessenta, Pasolini escreve, em 1966, esta peça, inspirada na tragédia de Sófocles, que constitui uma espécie de anti-Édipo.

A subversão da instituição familiar traduz a incompreensão do futuro e a incapacidade de compreensão do que move as relações entre velhos e novos, ou do nexa entre passado e futuro. Na peça, um industrial lombardo de meia idade, em crise, deixa-se fascinar pela juventude do filho, o que destrói a estrutura das relações familiares, e, desejando em vão ser morto pelo filho, acaba por matá-lo. Mas a referência sofocliana, mesmo

ao invés, está visivelmente presente neste drama, em que a figura de Sófocles aparece, em diálogo com o protagonista.

A peça só viria a ser representada em estreia em 1977, no Teatro da Tenda de Roma, tendo Vittorio Gassman, seu encenador, no papel do protagonista.

Elenco: Actores – Luís Miguel Cintra (Pai), António Cerdeira (Filho), José Manuel Mendes, Glicínia Quartin, Luís Lucas, Rita Durão, Rita Loureiro; **Cenário e Figurinos** – Cristina Reis.

Maria do Céu Fialho

Bernardo Santareno, *António Marinheiro – o Édipo de Alfama*

Produção: Companhia Portuguesa de Comediantes

Encenação: Costa Ferreira

Texto: criação inspirada na tragédia sofocliana

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro S. Luís

Data: Abril de 1967

Outras: Várias.

Ver Vol. I, pp.80-81.

Maria do Céu Fialho

Alexandra Moreira da Silva,
Édipos (baseado no texto de Sófocles)

Produção: Teatro do Noroeste

Encenação: Guillermo Heras

Iniciativa: V Festeixo

1.ª Apresentação: Viana do Castelo, Teatro Sá de Miranda

Data: 4.10.2000.



Esta é uma leitura moderna do tema sofocliano, que marca o início do V Festival Internacional de Teatro do Eixo Atlântico (Festeixo), onde participarão onze companhias do Norte do país e da Galiza. Manuel Cintra, no *Expresso* de 30.9.2000, chama a atenção para o facto de Heras se ter inspirado no pintor Magritt para conceber uma encenação onde são relevantes a plasticidade da atitude.

Elenco: Actores – José Martins (Édipo), Castro Guedes (Creonte), Célia Ramos (Jocasta), Ana Branco (Tirésias); **Cenografia** – António Simón; **Figurinos** – Sílvia Alves.

M. F. S. S.

Igor Stravinsky-Jean Cocteau, *Oedipus Rex*

1.ª Apresentação: Lisboa, 10.º Festival Gulbenkian de Música – Coliseu

Data: 1.6.1966.

A 30 de Maio de 1927 estreia-se em Paris, no Teatro Sarah Bernhard, a ópera-oratório *Oedipus Rex*. Trata-se de uma criação conjunta, de Stravinsky e Cocteau, na esteira de outras criações dramático-musicais conjuntas. O mito de Édipo sempre representou uma referência marcante no universo poético de Cocteau, que já havia composto e encenado, no início dos anos vinte, um texto condensado a partir do texto sofocliano, assim como o fez com *Antígona*, ainda dentro de uma outra concepção de recepção da tragédia grega que não é já exactamente a de *La Machine Infernale*, ou *Oedipus Rex*.

Esta última peça pretende recuperar uma dimensão de hieratismo da tragédia grega, através da preponderância da música como elemento narrativo principal, a que se associam, como “intermediários da narração”, a voz e o texto, na língua do sagrado por excelência – o latim. É a mesma de *La Machine Infernale* a visão do homem, esmagado pela inexorabilidade de um mecanismo indominável, para além do visível, que poderá chamar-se destino ou deuses.

Na versão original apenas as intervenções de um narrador – a sublinhar a dimensão narrativa do mito – são em francês.

A versão latina do texto de Cocteau é da responsabilidade de um jovem seminarista de então, que viria a ser um famoso teólogo jesuíta – Jean Daniélou.

Elenco: Intérpretes – Gerard English (Édipo), Regina Sarfaty (Jocasta), Raimundo Herincx (Creonte), Ricardo Muniain (Tirésias, Mensageiro), António Arzallus (Pastor).

Maria do Céu Fialho

Igor Stravinsky – Jean Cocteau, *Oedipus Rex*

Direcção Musical: John Neschling

Maestro do Coro: Antonio Brainovich

Tradução: Afonso Botelho

Encenação: Vaclav Kaslik

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 19, 21, 23.11.1982.

A partitura foi interpretada pela Orquestra e Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. O texto do narrador foi traduzido do francês por Afonso Botelho.

Elenco: Actores – Sven Olof Eliasson (Édipo), Reinhild Runkel (Jocasta), Oliveira Lopes (Creonte), Erich Knodt (Tirésias, Mensageiro), Krunoslav Cigoj (Pastor), Fernando Serafim (Narrador); **Cenografia** – Dominik Hartmann.

Maria do Céu Fialho

António Pinho Vargas – Pedro Paixão, *Édipo, Tragédia do Saber*

Co-Produção: Culturgest-Teatro Rivoli

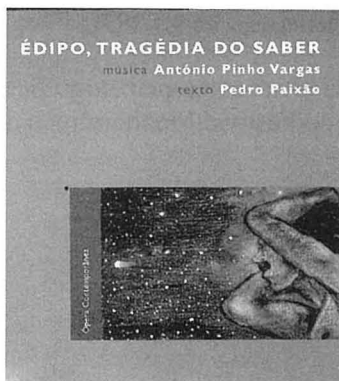
Encenação: José Wallenstein

Direcção Musical: João Paulo Santos

1.ª Apresentação: Lisboa, Grande Auditório da Culturgest

Data: 8, 10, 11.11.1996

Outras: Porto (Teatro Nacional de S. João), 22-23.11.1996.



O texto desta ópera de câmara, como é designada no programa, representa uma simbiose de extractos de *Rei Édipo* de Sófocles, sinopses do mito antes e depois de Sófocles, e um poema do próprio Pedro Paixão. A articulação destas várias peças é da iniciativa de Pinho Vargas, que assim determina a conexão entre texto e partitura, de sua composição. A ópera apresenta oito etapas: prólogo, o poder, a ignorância, a hipótese errada, a descoberta, o desenlace rápido, monólogo modernista e epílogo.

Indo para além de Freud, que, segundo Pinho Vargas, é responsável pela versão popular do mito, pretende o compositor recuperar a verdadeira dimensão da tragédia grega na modernidade de leitura de um trágico que é o dos nossos dias e o foi de Édipo – “o processo do conhecimento tornou-se um processo de auto-conhecimento intolerável”, segundo palavras suas. Conhecimento que, todavia, tem de ser feito.

Elenco: Intérpretes – Jorge Vaz de Carvalho (Édipo), António Wagner Diniz (Creonte, Narrador), Luís Rodrigues (Tirésias), Ana Ester Neves (Jocasta); **Coro** – Elementos do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; **Cenografia e Figurinos** – Vera Castro.

Maria do Céu Fialho

Édipo é encontrado em Panóias

Produção: Cineclube do Porto

Realização Cinematográfica: Paulo Castro

1.ª Apresentação: (na Grécia), Festival Mediterrânico dos Novos Realizadores de Larissa, 11 e 17.3.1996; (em Portugal), Vila do Conde, Festival Internacional de Curtas-Metragens, 2 e 7.7.1996.

Esta produção cinematográfica representou Portugal na secção competitiva do Festival Mediterrânico dos Novos Realizadores, em Larissa.

M. F. S. S.

ÉDIPO EM COLONO

Sófocles, Édipo em Colono

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (um programa)

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 1956.

Elenco: Actores – B. Bivar, Isabel de Vasconcelos, Alves da Cunha, Samuel Dinis.

M. F. S. S.

Sófocles, *Édipo em Colono*

Produção: Endymion Ensemble – BBC

Encenação: Don Taylor

Produtor: Louis Marks

Tradução para língua inglesa: Don Taylor

Data da Produção: 1986

1.ª Apresentação: RTP 2

Data: 18.5.1997.

Ver Vol. I, p.82.

Maria do Céu Fialho

ELECTRA

Sófocles, *Electra*

Produção: Piraikon Theatron

Encenação: Dimitrius Rondiris

Tradução: G. Gryparis

1.ª Apresentação: Lisboa, Tivoli

Data: 6, 9, e 11.5.1963

Outras: Porto (Rivoli), Coimbra (Parque de Santa Cruz).

Ver Vol. I, pp.83-84.

Marta Várzeas

Sófocles, *Electra*

Produção: Academia Contemporânea do Espectáculo, Porto

(10 alunos de Interpretação, 3.º O)

Encenação: Jerzy Klesik

Dramaturgia: Jerzy Klesik

Cenografia e Figurinos: Direcção de José Barbieri, com 2 alunos de Cenografia (3.º Q)

Iluminação: Direcção de Robert Onrbo, com 2 alunos de Iluminação (3.º R)

Data: 17.2 – 3.3.1997.

M. F. S. S.

Sófocles, *Electra*

Produção: Lisbon Players

Encenação: Keith Esher Davis

Tradução: John Moore

1.ª Apresentação: Lisboa, Estrela Hall Theatre

Data: 23-25.11.2000, 1-2, 7-9, 14-16.12.2000.

Esta representação da *Electra* de Sófocles foi feita em língua inglesa, visto a companhia que a produziu ser a dos *Lisbon Players*, ou a companhia inglesa de teatro de Lisboa. Seguindo aquilo que começa a ser uma tradição contemporânea na produção de textos clássicos, optou-se por uma encenação que assenta no minimalismo ‘atemporal’ e ‘utópico’ do cenário, de modo a realçar a força do texto e a ‘atemporalidade’ do mesmo: o conflito familiar, as relações mãe/filhos, a infidelidade conjugal, as consequências de tudo isso no equilíbrio emocional dos filhos. Como referia a documentação que publicitava o espectáculo, trata-se de ‘an immortal story, but a story of mortal beings’.

Para enquadrar musicalmente esta *Electra* escolheu-se o *Concertino for strings, brass and timpani* de Franco Donatoni, composto em 1927. A versão adaptada é a de John Moore, tendo sido eliminada a personagem de Pílades.

Elenco: Actores – Rhyana Blakely (*Electra*), Diana Pereira (*Crisótemis*), Amanda Booth (*Clitemnestra*), Jonathan Weigthman (*Pedagogo*), Mário Nascimento (*Orestes*), Michael Brown (*Egisto*); **Coro de Mulheres de Micenas** – Joana Costa, Renate de Neve, Ana Catarina Mendes, Teca Oliveira; **Luzes e Som** – Tânia Teixeira; **Desenho de Luzes** – K. E. Davis; **Cenografia e Guarda-roupa** – Joan Foster Silva, Richard de Luchi e Lisbon Players; **Publicidade** – Ana Preto, Sofia Silva; **Música** – Franco Donatoni.

Nuno Simões Rodrigues

R. Strauss, *Electra*

Libreto: Hugo von Hofmannsthal

Récita: Temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1954.

A *Electra*, ópera num acto de Richard Strauss, com libreto de Hugo von Hofmannsthal, foi levada à cena em Lisboa, na temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1954. Apresentada pela primeira vez na Alemanha, na Ópera de Dresden, a 25 de Janeiro de 1909, sob a direc-

ção de Ernst Schuch, tem como motivo inspirador a tragédia da casa dos Atridas, tal como o título sugere. João de Freitas Branco, coetâneo de uma apresentação posterior da ópera na capital portuguesa, afirma que “Hofmannsthal aborda o tema de um ângulo que não o dos mestres gregos <da tragédia>, que acentuaram o elemento heróico”, e acrescenta que o dramaturgo se serviu “...principalmente do intenso conteúdo mítico, fazendo as suas forças dramáticas elevar a figura da protagonista e descobrir nela todo o seu complexo psicológico. (...) O entrecho é um longo crescendo de tensão nervosa, condensada na psique implacável da filha de Agamémnon, até ao clímax da vingança e à distensão última da morte.”

Relativamente à partitura da *Electra*, continua João de Freitas Branco: “...Strauss lança-se numa polifonia arriscadamente livre, de que resultam harmonias ásperas, chegando por vezes à politonalidade e às raias do atonalismo. No que (...) se manifesta (...) a compreensão do enervamento dramático que era mister pôr em música.”

Em 1954, no Teatro Nacional de S. Carlos, a par da *Electra*, foram apresentados, como prelúdios, um poema sinfónico de Franz Liszt e o bailado de Francis Graça pelo Grupo de Bailados “Verde Gaio”.

Elenco: Intérpretes – Res Fischer (Clitemnestra), Inge Borkh (Electra), Helene Bader (Crisótemis), Wolfgang Windgassen (Egisto), Alexander Welitsch (Orestes), Heinrich Nillius (Pedagogo), Hanna Scholl (Confidente), Elisabeth Sippel (Caudatária), Martin Vantin (Jovem Criado), Richard Bitterauf (Velho Criado), Ira Malaniuk (Inspectora), Ruth Michaelis, Natália Viana, Elisabeth Sippel, Hanna Scholl, Lore Wissmann (Criadas); **Produção** – Companhia Alemã e Austríaca, com a Orquestra Sinfónica Nacional; **Maestro Director** – Pedro de Freitas Branco; **Maestros do Coro** – Mário Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestro Substituto** – Konrad Brenner; **Regista** – Frank de Quell; **Ponto** – Josef Zosel; **Cenários** – Cajo Kühnly; **Execução e Luzes** – Alfredo Furiga.

Susana Hora Marques

R. Strauss, *Electra*

Libreto: Hugo von Hofmannsthal

Récita: Temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1958.

Elenco: Intérpretes – Res Fischer (Clitemnestra), Christel Goltz (Electra), Liane Synek (Crisótemis), Walter Geisler (Egisto), Heinz Borst (Orestes), Walter Hagner (Pedagogo), Ingeborg Weiss (Confidente), Hella Ruttkowsky (Caudatária), Karl Krollmann (Jovem Criado), Walter Hagner (Velho Criado), Maria Teresa de Almeida (Inspectora), Regina Dinis da Fonseca, Susanne Will, Hella Ruttkowsky, Ingeborg Weiss, Prisca Dietrich (Criadas); **Produção** – Orquestra Sinfónica Nacional; **Maestro Director** – Pedro de Freitas Branco; **Maestros do Coro** – Mário Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestros Substitutos** – Konrad Brenner, Rudolf Sailer; **Regista** – Frank de Quell; **Ponto** – Sitta Muller-Wischin; **Cenários** – Cajo Kuhnly; **Luzes e Arranjos de Cena** – Alfredo Furiga; **Electricista Chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista Chefe** – José Paulo Mota; **Director de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Contra-regra** – Sabino Columbano; **Guarda-roupa** – “Peris Hermanos”.

Susana Hora Marques

R. Strauss, *Electra*

Libreto: Hugo von Hofmannsthal

Récita: Temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1965.

Elenco: Intérpretes – Martha Mödl (Clitemnestra), Astrid Varnay (Electra), Liane Synek (Crisótemis), James Harper (Egisto), Heinz Borst (Orestes), Álvaro Malta (Pedagogo), Ingrid Goeritz (Confidente), Claudia Hellmann (Caudatária), Willi Brokmeier (Jovem Criado), Walter Hagner (Velho Criado), Maria Teresa de Almeida (Inspectora), Ingrid Goeritz, Claudia Hellman, Alma Erbe, Natália Viana, Katharina Alder (Criadas); **Produção** – Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; **Maestro Director** – Georges Sebastian; **Maestros do Coro** – Mário Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestro Substituto** – Klaus von Axelson; **Regista** – Frank de Quell; **Ponto** – Sitta Muller-Wischin; **Cenários, Luzes e Arranjos de Cena** – Alfredo Furiga; **Electricista Chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista Chefe** – José Paulo Mota; **Maquinista Adjunto** – Inocência Marques; **Director de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Aderecista** – Raúl de Campos; **Contra-regra** – Columbano Sabino; **Guarda-roupa** –

“Peris Hermanos” (Madrid) e Teatro Nacional de S. Carlos; **Cabeleireiros** – Casa Victor Manuel.

Susana Hora Marques

R. Strauss, *Electra*

Libreto: Hugo von Hofmannsthal

Récita: Temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1972.

Elenco: Intérpretes – Regina Resnik (Clitemnestra), Inge Borkh (Electra), Teresa Kubiak (Crisótemis), Niels Möller (Egisto), Kari Nurmela (Orestes), Arnold van Mill (Pedagogo), Hannelore Schulz-Picard (Confidente), Cornelia Dolan (Caudatária), Victor Costa (Jovem Criado), Arnold van Mill (Velho Criado), Gisela Neuner (Vigilante), Rita Lill, Hannelore Schulz-Picard, Gertrud Engelmann, Cornelia Dolan, Barbara Vogel (Criadas); **Produção** – Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; **Maestro Director** – Fritz Rieger; **Maestros do Coro** – Mário Pellegrini, Carlo Pasquali; **Encenadora** – Regina Resnik; **Cenografia** – Arbit Blatas; **Director do Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Electricista Chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista Chefe** – Inocência Marques; **Contra-regra** – Columbano Sabino; **Costureira Chefe** – Isabel Chaves; **Cenário e Guarda-roupa** – Teatro La Fenice, de Veneza.

Susana Hora Marques

R. Strauss, *Electra*

Libreto: Hugo von Hofmannsthal

Encenação: Regina Resnik

Direcção Musical: Gustav Kuhn

1.^a Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 29.4-2.5.1977.

Em 1903-1904 o famoso encenador Max Reinhardt leva à cena em Berlim a *Electra* de Sófocles, numa nova versão de Hofmannsthal. O que provavelmente tenha suscitado em Strauss a ideia de compor uma *Electra*, propondo colaboração a Hofmannsthal para, a partir da sua peça, escrever o libreto para a ópera – trabalho que iniciam em Junho de 1906.

É nítida a marca freudiana no tratamento da figura de Electra, nesta ópera caracterizada pela riqueza em contrapontos, bem como das outras duas figuras femininas, Crisótemis e Clitemnestra. A ligação neurótica de

Electra a Orestes é sublinhada na cena de reconhecimento, em que os sentimentos a que Electra dá livre curso sugerem um pendor incestuoso.

Elenco: Intérpretes – Danica Mastilovic (Electra), Regina Resnik (Clitemnestra), Teresa Kubiak (Crisótemis), Franz Ferdinand Nentwig (Orestes), George Fourrié (Preceptor de Orestes), Gisela Neuner (Confidente), Elvira Archer (Caudatária), Vasco Gil (Mensageiro), George Fourrié (Criado), Gisela Neuner (Vigilante), Ingrid Göritz, Anneliese Fackler, Rita Maria Lill, Fernanda Nunes, Elvira Archer (Criadas); **Cenografia** – Arbit Blatas; **Maestro Assistente** – Wilhelm Wodnansky.

Maria do Céu Fialho

FILOCTETES

Heiner Müller, *Filoctetes*

Produção: Teatro da Rainha

Encenação: José Peixoto

1.ª Apresentação: Caldas da Rainha, Teatro da Casa da Cultura

Data: Janeiro de 1987

Outras: Porto (Auditório Nacional Carlos Alberto), Março de 1987; Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 3.4.1987.

Ver Vol. I, pp.84-85.

José Ribeiro Ferreira

Heiner Müller, *Filoctetes*

Produção: Karas e Susana Torrão

Encenação: Karas

Tradução: Karas

Iniciativa: IV Mostra de Teatro de Almada

1.ª Apresentação: Vila Nova de Gaia, Hard Clube

Data: 29.7 – 2.8.1998

Outras: Lisboa (Teatro Taborda), 4 – 7.8.1999.

Durante a IV Edição da Mostra de Teatro de Almada, que decorreu de 29 de Julho a 2 de Agosto de 1998, com tradução do texto, adaptação

e encenação de Karas, o Grupo Ninho de Víboras apresentou, no Hard Clube, em Gaia, o *Filoctetes* de Heiner Müller, uma versão próxima da tragédia de Sófocles sobre o herói grego desterrado na ilha de Lemnos, para problematizar em especial o drama do homem solitário, traído pelos seus. Em 4 de Agosto de 1999, a peça foi reposta, no Teatro Taborda, em Lisboa.

Neste espectáculo do *Filoctetes* (versão “Podre”), preparado pelo Grupo Ninho de Víboras, três palhaços jogam às tragédias e servem-se do mito do herói abandonado numa ilha deserta pelos próprios companheiros e depois persuadido a regressar a Tróia em nome dos interesses do Estado. A interpretação pertenceu a Torrão Mendes, Joaquim Pedro e Paulo Diegues; a música era de Pat Metheny Group; o cenário esteve a cargo de Tânia Franco, a luz de Mónica Trüninger e Gonçalo Ribeiro; sonoplastia de Gonçalo Alegria; movimento e assistência de encenação de Cláudia Dias.

Heiner Müller, com leves mas significativas alterações no mito, embora com final muito diferente, joga na ambiguidade da peça e opera transformações nas figuras, que têm permitido dispares interpretações no contexto político actual. Ulisses e Neoptólemo vêm buscar Filoctetes, visto os soldados se recusarem a combater sem o seu chefe. Executado o ardil que permite aos dois apossarem-se do arco infalível, em breve no espírito do jovem se instala o conflito. O rei de Ítaca tenta evitar a devolução do arco pelo filho de Aquiles mas, durante a luta dos dois enviados, Filoctetes consegue recuperá-lo, ameaçando de morte o Cefalénio. Então, para salvar o companheiro, Neoptólemo acaba por apunhalar o herói desterrado. Ulisses inventa novo ardil que torne útil o cadáver: contar que a morte fora provocada pelos Troianos. E no final do drama do autor alemão, Filoctetes sai de Lemnos morto, ao contrário do que acontece na tragédia de Sófocles.

Assim no *Filoctetes* de Heiner Müller, Ulisses é o político pragmático; Neoptólemo o jovem inocente com as mãos manchadas de sangue; Filoctetes o homem impoluto, mas desadaptado do seu tempo.

Elenco: Actores – Torrão Mendes, Joaquim Pedro, Paulo Diegues; **Música** – Pat Metheny Group; **Cenário** – Tânia Franco, **Luz** – Mónica Trüninger, Gonçalo Ribeiro; **Sonoplastia** – Gonçalo Alegria; **Movimento e Assistência de Encenação** – Cláudia Dias.

José Ribeiro Ferreira

(Página deixada propositadamente em branco)



EURÍPIDES

(Página deixada propositadamente em branco)

ALCESTE

Eurípides, *Alceste*

Produção: Emissora Nacional-Rádiodifusão Portuguesa

Adaptação do Texto: Eurico Lisboa Filho

Data: 1956.

A história de Alceste é uma das mais comoventes da mitologia clássica. Fundamentalmente uma esposa dedicada, é a rainha de Feras, casada com Admeto, a quem foi prometido um prolongamento da vida, caso encontrasse alguém que o substituísse na morte. É precisamente Alceste quem aceita, por amor, fazer a troca, e a rainha acaba por morrer no lugar do marido. O tema de *Alceste* é também uma variação do de *Orfeu e Eurídice*. Em ambos os mitos se conta a história da mulher amada que, estando morta, é resgatada do Hades. Porém, enquanto na história de Orfeu, Eurídice acaba por ficar presa ao mundo dos mortos, na de Alceste e Admeto, esta consegue escapar graças à audácia de Hércules que a liberta do reino inferior. Na tragédia de Eurípides percebe-se também um certo tom satírico-humorístico que provém da personagem de Hércules, que ébrio e no intervalo de dois dos seus grandes trabalhos, faz um pequeno serviço a um amigo.

A apresentação destes excertos da *Alceste* de Eurípides insere-se num conjunto de produções de teatro radiofónico, que a Emissora Nacional fez nos anos 50. O programa tinha como título *História do Teatro* e era da autoria de Eurico Lisboa Filho, professor do Conservatório Nacional. Entre o longo repertório clássico de que temos notícia, encontramos também a *Alceste* de Eurípides, a conhecida tragédia de final feliz que aborda o tema da devoção conjugal, centrada na figura da esposa que não hesita em morrer no lugar do marido.

Tal como acontecerá com a representação da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Teatro Avenida, em 1967, também a *Alceste* evocada na rádio esteve restrita a apenas algumas cenas que ilustram os momentos mais significativos da tragédia e de maior importância para a história do teatro, pelo que em nenhum dos dois casos o público português teve oportunidade de assistir a esta peça na íntegra, o que comprova a dificuldade das companhias profissionais em assumirem os textos clássicos originais para encenação e representação.

Elenco: Actores – Adelina Campos (Alceste), Berta Bivar (Ama), Artur Semedo (Admeto), Luís de Vasconcelos (Hércules).

Nuno S. Rodrigues

Eurípides, *Alceste*

Produção: Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro

Encenação: Amélia Rey Colaço e Pedro Lemos

Seleção do Texto: Eurico Lisboa Filho

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Avenida

Data: 2 e 16.3.1967.

Esta representação concentrou-se apenas num excerto da tragédia de Eurípides. Tratou-se fundamentalmente de uma recriação pedagógica feita no âmbito de um trabalho de cooperação entre o então Conservatório Nacional e a Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, que era na altura a empresa concessionária do Teatro Avenida, aí instalada após o incêndio que destruiu o Nacional. Num projecto a que Amélia Rey Colaço chamou as *Tardes Culturais*, reuniram-se os actores e encenadores da companhia com Eurico Lisboa Filho, professor do Conservatório, e cinco autores do teatro antigo, escolhendo-se excertos de uma peça de cada um deles, de modo a ilustrar as tendências teatrais da Antiguidade Clássica. O objectivo era fundamentalmente dar a conhecer ao público português, o mais alargado possível, o que tinha sido o teatro desde os seus primeiros tempos. Algumas notícias da época falam mesmo em dificuldades de adaptação entre as companhias profissionais de teatro e os currículos académicos do mesmo. Tarefa nem sempre fácil e nem sempre bem sucedida.

Eurípides esteve representado por *Alceste*. O objectivo, ao que parece, foi o de destacar a capacidade euripidiana para a análise intimista das almas das suas personagens, nomeadamente as das suas heroínas, de que *Alceste* é um feliz exemplo. Daí a escolha desta personagem e deste excerto. Admeto é representado como um marido egoísta e ingénuo que, apesar disso, ama a esposa. E que por isso se indigna quando o seu próprio pai, Feres, se recusa a sacrificar-se como vítima de substituição. Só com a morte de *Alceste*, Admeto compreende a grandeza do seu acto e reconhece a esposa como uma mulher de virtude, que aceita como natural o dever de morrer pelo marido e que se inquieta sobretudo com o que acontecerá aos filhos de ambos.

Na época, a crítica teatral elogiou o desempenho de Lourdes Norberto como *Alceste*, pela sua pose trágica, sem no entanto ser fastidiosa. As personagens moveram-se num cenário sóbrio, adaptável às cinco peças em representação, decorado com panos exibindo motivos clássicos (colunas, frontões e gregas). Os efeitos especiais estiveram a cargo da luz, da música e dos coros gravados. Quanto ao guarda-roupa, os actores apareceram vestidos a rigor, de acordo com o espírito da época evocada.

Elenco: Actores – Lourdes Norberto (Alceste), Josefina Silva (Ama), António Teixeira (Admeto).

Nuno S. Rodrigues

C. W. Gluck, *Alceste*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Alexander Krannhals

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1957

Data: 25 e 27.1.1957.

A história trágica da esposa que não hesita em dar a vida pelo marido, escrita por Eurípides em 438 a. C., foi musicada pelo compositor alemão Christoph Gluck, em 1767, com base num libreto de R. de Calzabigi. Este inspirara-se na tragédia grega. No repertório de Gluck, a escolha de Alceste surge na sequência do aparecimento de diversas óperas de temática clássica que, em colaboração com Calzabigi, compôs ao longo da sua carreira, das quais se destacam *Orfeu e Eurídice*, *Sofonisba*, *Antínoo*, *Páris e Helena*, *Ifigénia na Áulide*, *Ifigénia na Táurica* e *Eco e Narciso*. Quando morreu, Gluck estava a trabalhar na composição de *As Danaides*. *Alceste* é considerada uma das obras-primas deste poeta-compositor, conhecido como o Miguel Ângelo da música.

A ópera foi representada pela primeira vez ainda numa versão italiana no Burgtheater de Viena, em 1767. O argumento segue fundamentalmente o texto escrito no século V a. C., sendo motivo para que as personagens façam salientar vozes que se pretendem excelentes nos diversos registos intervenientes. Todavia, como refere o compositor, no prefácio da ópera, pretende-se que a música seja acima de tudo o acompanhamento da poesia que, por sua vez, dá sentido à acção. Esta peça prescindiu, por isso, dos longos momentos de interlúdio e dos malabarismos vocais que as óperas do século XVIII tinham como característica, cujo objectivo era o de demonstrar as capacidades de composição dos seus autores e as voais dos seus cantores, e que interrompiam a acção. Com este objectivo, *Alceste* assumia-se como um marco importante na história da ópera. Esta récita foi dada na sua tradução alemã.

Elenco: Intérpretes – Inge Borkh (Alceste), Sebastian Feiersinger (Admeto), Jean Cox (Evandro, homem da Tessália), Manfred Jungwirth (Apolo, Sumo Sacerdote), Alexander Welitsch (Hércules), Heinz Borst (Arauto, Tánato, Oráculo), Germana de Medeiros (Mulher da Tessália);

Bailarinos – Violette Quenolle, José Azevedo, Fernando Isasca, Albino Morais, Helena Miranda, Isabel Santa Rosa, Sara Antonieta, Maria Bernardette, António de Sousa, Alice de Mello, Tália Ferreira, Maria José, Helena Jardim, Eugénia de Sousa, Silvério Assancadas, António José, Leopoldo Augusto, João Coutinho, Jorge Holbeche Bastos; **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestros Substitutos** – Konrad Brenner, Rudolf Sailer; **Direcção de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Figurinos** – Abílio de Mattos e Silva; **Coreografia** – Francis Graça, V. Quenolle; **Ponto** – Sitta Müller Wischin; **Electricista-chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista-chefe** – José Paulo Mota.

Nuno S. Rodrigues

C. W. Gluck, *Alceste*

1.ª Apresentação: RTP2

Data: 8.1.2001.

Elenco: Intérpretes – Teresa Ringholz (*Alceste*), Justin Lavender (*Admeto*).

M.F.S.S.

Shadow Zone (espectáculo de marionetas baseado na *Alceste* de Eurípides)

Produção: Theater Ohne Grenzen (Áustria)

1.ª Apresentação: Porto, Balleatro Auditório

Data: 17.12.2000.

M.F.S.S.

ANDRÓMACA

Eurípides, *Andrómaca*

Produção: Selene – Grupo de Teatro Clássico Grego (Madrid)

Encenação: José Luís Navarro e Gemma López Martínez

Tradução: José Luís Navarro

1.ª Apresentação: (em Portugal) Coimbra, Museu Machado de Castro

Data: 5.6.1998

Outras: Coimbra (Museu Machado de Castro), 2.5.2000.



Por ocasião do I Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC), decorrido entre os dias 4-6 de Junho de 1998 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a Companhia de Teatro Grego Clássico ‘Selene’ do Instituto de Bachillerato Carlos III de Madrid trouxe ao nosso país a representação de uma das tragédias euripidianas menos representadas na actualidade, a *Andrómaca*. A relativa pouca difusão da obra nos palcos modernos, cronologicamente tão distantes da data da sua aparição em Atenas no ano de 425 a. C., acabou por resultar num incentivo para a produção do grupo madrileno e num atractivo para o público, muito em especial o conhecedor do legado do drama grego antigo. A avaliação correcta dos factores determinantes do sucesso de um desafio desta natureza passa por uma breve análise do percurso diacrónico desta companhia académica.

De facto o motor principal dos projectos teatrais do ‘Selene’ reside na inserção dos mesmos no programa curricular da disciplina de Grego oferecida aos alunos do Instituto de Bachillerato Carlos III. Fundado em 1981 pelo catedrático da cadeira, Prof. José Luís Navarro, o grupo contava, em 1999, ao ritmo de uma produção por ano, com dezanove representações de textos gregos, onde, conforme seria de esperar, predominam as tragédias e comédias⁹. O espectáculo trazido a Coimbra serviu para reforçar a ideia de que os bons resultados de um trabalho se devem à articulação entre teoria e prática. Aos conhecimentos filológicos e

⁹ Tragédias: *Antígona* (1981), *Rei Édipo* (1983), *As Troianas* (1985), *Electra* (de Eurípides: 1991; de Sófocles: 1995), *Alceste* (1992), *Medeia* (1993), *Os persas* (1996, 1997); comédias: *As Mulheres no Parlamento* (1982, 1988), *Lisístrata* (1986), *A Paz* (1994), *A Mulher que veio de Samos* (1999); outros textos adaptados ao palco: *Deuses e lendas da Grécia Antiga* (1984), *A Barca de Caronte* (1987), *O Sonho de Tróia* (1989).

literários inerentes ao ramo de saber em que investiga, José Luís Navarro alia uma formação pessoal na área das técnicas do drama antigo. No caso particular da *Andrómaca*, o vestuário foi desenhado a partir de um levantamento feito, consoante tem o cuidado de esclarecer no folheto do programa do espectáculo, ‘única e exclusivamente’ na Grécia.

Aproveitamos para destacar alguns dos aspectos que nos parecem mais relevantes do elevado nível conseguido por actores, não é demais lembrá-lo, amadores e ainda bastante jovens. O trabalho das vozes reflectiu a sobriedade exigida ao texto trágico e a coreografia revelou a vantagem de veicular a emotividade contida nas intervenções corais. Numa peça em que – ao contrário de outras como as esquilianas *Persas* e *Euménides* ou as euripidianas *Suplicantes* e *Troianas* – a relação do coro com o progresso da intriga é algo débil, o desenho da sua actuação em cena exige cuidados especiais, de modo a evitar a transformação da sua presença num adereço supérfluo. As danças geométricas das coreutas, desenhando círculos, semicírculos, cruces em forma de aspas ou simples linhas rectas, surtiram um agradável efeito de harmonia. Mas é sobretudo no final da tragédia, quando o corpo de Neoptólemo é trazido para o palácio da Ftia, que a pujança emocional da presença das mulheres tessalas vestidas de negro atinge o clímax. Em marcha lenta, o cortejo fúnebre acompanha o príncipe jazente fazendo estalar a compasso duas correias que traz seguras nas duas extremidades. O local escolhido para a representação, a Igreja de S. João de Almedina no Museu Machado de Castro, proporcionou a acústica perfeita e contribuiu em muito para a comoção dos espectadores.

Elenco: Actores – Amparo Torres (Andrómaca), Laura Chica (Hermíone), Javier Valverde (Peleu), Miguel Angel Navarro /Javier García Penas (Menelau), Javier Torrijos (Orestes), Veronica Benito (Tétis), Alexandra Córdoba / Susana Critóbal (Filho de Andrómaca), Cristina Sánchez (Mensageiro), Sara Andrés (Ana), Hector Bolanos (Soldado), Mónica Casal, Andrea Cristóbal (Criados), Iolanda Machío (Helena de Tróia), Fátima Mohamed (Primeira Serva), Raquel Pino (Segunda Serva), Marta Pérez Benito (Corifeu); **Semi-coro A** – Cintia Medina, Estefania Pérez, Sara Dablanca, Ruth Rubio, Ester Diaz, Noelia Mera; **Semi-coro B** – María Méllen, Beatriz del Castillo, Beatriz Magán, Laura Pascual, Laura López, Alejandra López-Moriarty; **Coreografia e Figurinos** – Gemma López Martínez; **Luzes e Som** – Carlos Guitart, Alvaro Bibiano; **Maquilhagem** – Mireya Alirangues, Helena del Río.

Carmen Soares

J. Racine, *Andrómaca*

Produção: Goteborgs Studentteater (Suécia)

Iniciativa: VIII.ª Delfíada-Festival Internacional de Teatro Universitário

1.ª Apresentação: Coimbra

Data: 13.9.1961.

O que mais sugestionou aqueles que assistiram a esta representação foi a sua enorme sobriedade. A dificuldade que sempre constitui a actuação do Coro foi substituída por Confidentes. Por outro lado, esta produção dos estudantes suecos conseguiu valorizar uma nova concepção de diversas figuras do drama; assim Pirro, em vez de um senhor galante do século XVII, apresentou-se como um indivíduo inseguro e atormentado; Andrómaca deixou de ser tímida e passiva para se comportar de uma forma violenta; por contraste Hermíone prescindiu de um comportamento agressivo em favor de um nervosismo suscitado pela paixão; por fim Orestes sofreu o ataque de uma nova loucura, mais ingénua e inócua do que o habitual, de onde desapareceram os excessos da demência. O todo resultou extremamente equilibrado, sendo a atenção, graças à própria sobriedade geral da cena, por inteiro canalizada para as personagens.

M. F. S. S.

J. Racine, *Andrómaca*

Produção: Alunos da Escola Secundária Ferreira Dias, Cacém

Encenação: Filipe Marinho Bastos

1.ª Apresentação: Cacém, Escola Secundária Ferreira Dias

Data: 1991

Outras: Queluz (Escola Secundária Veiga Beirão), 1991.

Esta encenação insere-se numa linha de produção teatral amadora e de carácter escolar com alguma divulgação no nosso país, mas cujo carácter estritamente académico condiciona a nossa informação aos elementos técnicos abaixo enunciados.

Elenco: Actores – Ana Claro/ Rita Santana (Andrómaca), Victor Pereira (Pirro), Rui Rações (Orestes), Sandra Catarino (Hermíone), Jorge Humberto (Píades), Amélia Baptista (Cleoneia), Ana Isabel Malheiro (Cefíxia), Miguel (Fénix), Carla Freitas (Trisifíone), Ana Claro/ Rita Santana

(Alecto), Carla Sofia (Megera), Sérgio Filipe (Astíanax), João Almeida, Luís Lima, Luís Ribeiro, Rui Soares, Sérgio Lopes, Norberto (Soldados); **Luzes** – Sérgio Afonso; **Som** – Luís Filipe B.; **Guarda-roupa, Cenários e Adereços** – Ana Claro, Carla Freitas, Rita Santana, Mário Peixoto, João Almeida, Rufino, Rui Almeida, Sérgio Afonso, Rui Soares, Catarina R., Ana Isabel, Adérito, Luís Lima, Paulo Sérgio, Zé Carlos Catalão.

Carmen Soares

J. Racine, *Andromaque*

Encenação: Marguerite Jamois.

Ver Vol. I, p.89.

Carmen Soares

BACANTES

Eurípides, *As Bacantes*

Produção: Teatro Attis

Encenação: Theodoros Terzopoulos

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Teatro Maria Matos

Data: 1-2.12.1989.

Ver Vol. I, pp.89-90.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, *As Bacantes*

Produção: ACARTE e Escola de Mulheres – Oficina de Teatro

Encenação: Fernanda Lapa

Tradução: M. H. Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Lisboa, Anfiteatro ao ar livre da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: 12-21.9.1995.

Ver Vol. I, pp.90-92.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, Bacantes?

Produção: Grupo Deliratio da Escola do Ensino Básico da Bobadela

Iniciativa: Escola em Palco

1.ª Apresentação: Odivelas, Centro Cultural da Malaposta

Data: 28.4.1997.

M. F. S. S.

Eurípides, *As Bacantes*

Produção: Grupo Cénico de Direito

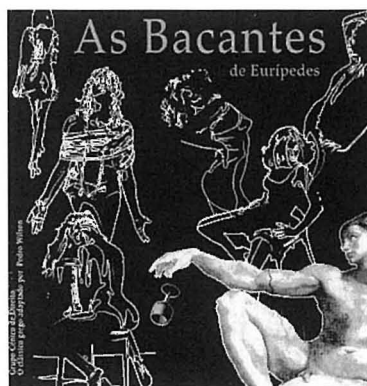
Encenação: Pedro Wilson

Iniciativa: Actus IV – Encontros de Teatro Universitário

1.ª Apresentação: Coimbra, Claustros do Museu Machado de Castro

Data: 22.10.1998

Outras: Lisboa (Fatal' 99, 1.º Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa), 20.4.1999.



Incluído no programa da quarta edição do ACTUS – Encontros de Teatro Universitário –, realizados em Coimbra entre os dias 17 e 25 de Outubro de 1998, o drama de Eurípides *As Bacantes* foi representado no cenário privilegiado dos Claustros do Museu Machado de Castro. A encenação ao ar livre, no entanto, terá sido dos poucos elementos originais respeitados. A abordagem feita pelo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa revelou como elemento distintivo uma subversão ostensiva da obra do tragediógrafo grego, patente na mutação do sexo dos protagonistas da peça. Em vez de um Penteu, rei de Tebas, como tal anunciado no programa distribuído aos espectadores à entrada para a sessão, surge uma personagem de mulher, cuja missão, segundo a versão da peça clássica, de um modo geral respeitada, residia em expulsar da cidade o culto orgiástico do deus da vitalidade agreste, Diónisos. No entanto a “leitura” do Cénico faz tábua rasa do elemento estrutural do drama, a religião dos cultos místéricos. Assim sendo, quem nos surge no papel de Diónisos, senhor da fertilidade, simbolicamente identificado pelo falo, é uma nova personagem feminina, vestida, como convinha à componente erótica do culto, com um sumário *body* escarlate.

A natureza subjectiva de qualquer manifestação de arte permite uma constante reinterpretação dos seus objectos, realidade desta feita reafirmada pelo espectáculo oferecido pelo Cénico de Direito. Uma das apostas

mais fortes da produção verificou-se ao nível da coreografia e música do Coro, conjugação de que resultou o efeito pretendido, a evocação do arrebatamento e do erotismo natural nas adoradoras de Baco, as Ménades.

Elenco: Actores – Alexandra Gonçalves, Ana Catarina Sousa, Ana Panão, Ana Paula Ribeiro, Daniela Monteiro, Kátia Pina e Silva, Laura Simas, Luís Borges, Pedro Alves, Pedro Menezes, Rita Caceiro, Sandra Marques, Tiago Antunes; **Movimento do Coro** – Rita Caceiro; **Música** – Susana Cotta, Pedro Wilson; **Luminotecnia** – Pedro Wilson, Carlos Ferraz; **Figurinos e Cenário** – Cénico de Direito.

Carmen Soares

Caryl Churchill e David Lan, *Uma boca cheia de pássaros*

Produção: Escola de Mulheres – Oficina de Teatro

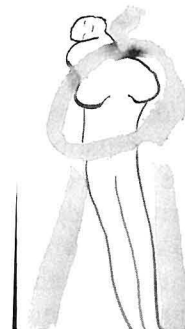
Encenação: Fernanda Lapa, Francisco Camacho

Tradução: Paulo Eduardo Carvalho

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II

Data: 6.11-29.12.1998.

Uma Boca Cheia de
Pássaros
Caryl Churchill e David Lan



Uma boca cheia de pássaros (*A Mouthfull of Birds*) é um texto inquietante da autoria de dois ingleses que se apoiaram n'As *Bacantes* de Eurípides

para o conceber. A encenação original da peça surge na sequência de uma *workshop* feita em colaboração com a Joint Stock Theatre Company, em que se experimenta a reunião da dramaturgia com a dança e o movimento.

Os temas-base da peça são a violência e a possessão que o quotidiano move sobre o ser humano. Possessão essa que atinge tanto os homens como as mulheres, que se revelam tanto ou mais capazes de actos de violência do que os seus parceiros. É assim que elas aparecem após 'um dia sem defesas', que dá todo o mote ao texto. As mulheres, identificadas com as *Bacantes* euripidianas, ganham primazia na manifestação da loucura, que marca uma série de actos radicais, cuja justificação se encontra na possessão demoníaca feita por uma divindade como Dioniso.

O deus grego aparece logo na primeira cena com um aspecto andrógino, dançando e evocando os movimentos do antigo culto báquico. Dança frenética que representa o prelúdio da possessão a que em breve assistiremos entre as personagens que, supostamente, não passam de sete seres humanos aparentemente : uma dona-de-casa, uma telefonista, uma massagista, um desempregado, um homem de negócios, um padre e uma secretária. Como se o grito de revolta contra a rotina esmagadora de uma vida sem sentido, que aflige o homem contemporâneo, correspondesse a uma explicação do dionisismo como uma realidade omnipresente e compreensível para o homem antigo e ansiável para o homem contemporâneo. Apesar de atingir os homens, a revolta é indubitavelmente liderada pelas mulheres, que evocam as Bacantes como aquelas que actualizam no antigo culto a desordem do mundo às avessas. Existe, até mesmo nos homens presentes, uma certa feminilidade insinuada, que pretende abolir o estereótipo dos sexos, quer pela identificação com o sexo oposto, que atinge o seu clímax com a introdução da personagem hermafrodita, quer pela subjugação a uma certa ginecocracia do quotidiano.

Estruturalmente, a peça está dividida em dois actos, que se distribuem por 32 cenas. A escolha desta peça para encenação justifica-se com o nome da encenadora, Fernanda Lapa, uma das poucas personalidades do teatro português a dar especial atenção à tragédia clássica. Em 1995, encenara *As Bacantes* e por isso este texto surge como um complemento do anterior. O trabalho dos actores foi considerado quase perfeitamente homogéneo, do qual se destacaram as actuações de São José Lapa, Maria Henrique e Ivo Canelas. A importância dada ao movimento, como parte componente e evocadora da dança bacante, foi visível ao longo de toda a representação, fazendo deste espectáculo uma união do gesto com a palavra, à antiga maneira grega.

Elenco: Actores – Ivo Canelas (Paulo, Dioniso, Homem 1, Homem na cadeia), São José Lapa (Lena, Sogra, Margarida, Guarda Prisional, Mãe de Ivone, Bacante 3), Paulo Pinto (Tadeu, Carlos, Eduardo, Penteu, Musicólogo, Guarda Prisional, Amigo, Tó), Marta Lapa (Ivone, Espírito, Mulher 2, Décima, Porco, Bacante 2, Lia), António Rama (Daniel, Rui, Sr. Madeira, Homem 2, Colega, Ivo, Dioniso 2), Fátima Belo (Márcia, Mulher 3, Júlia, Bacante 1, Mulher A e Susi), Maria Henrique (Dora, Mulher 1, Agave, Sibila, Colega, Herculine Barbin, Mulher B); **Cenografia** – Ana Vaz; **Desenho de Luzes** – Daniel Worm d' Assumpção; **Figurinos** – Maria Gonzaga; **Música** – Carlos ; **Produção Executiva** – Teresa Couto Pinto; **Direcção de Palco** – Manuel Coelho, Manuel Guincho, Cristina Vidal, Fernanda Lima.

Nuno S. Rodrigues

CICLOPE**Eurípides, *Ciclope***

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 1956.

Elenco: Actores – B. Bivar, I. de Vasconcelos, António Palma, A. da Costa, T. de Macedo, L. Cerqueira, Silvino Maio.

M. F. S. S.

Eurípides, *O Ciclope*

Produção: Centre Dramatique de l'Université Panteion

Tradução: Y. Andreadis

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, EXPO 98 (Pavilhão de Chipre)

Data: 4.9.1998.



Sob o patrocínio do Ministério da Defesa Nacional de Chipre, o Centre Dramatique de l'Université Panteion marcou presença na EXPO 98 de Lisboa com a representação da peça *O Ciclope*, de Eurípides. A apresentação deste espectáculo teatral na capital portuguesa a 4 de Setembro de 1998 encerrou o périplo cultural que o grupo iniciara no dia 18 de Julho do mesmo ano em Salamina, e que incluiu locais como Quios, Chipre e Cádiz. Para a sua digressão, o Centre Dramatique de l'Université Panteion contou com o apoio dos Ministérios da Defesa Nacional e do Mar Egeu, bem como com o do Governo cipriota.

Elenco: Actores – Y. Kyriakidis (Ciclope), K. Rigopoulos (Ulisses), S. Mavridis (Sileno); **Coro de Sátiros e de Ovelhas** – D. Agoras, V. Zotis, D. Kanellos, M. Karathanou, D. Margaritis, N. Mavridis, K. Parissi, P. Raptakis, J. Scarlatou; **Encenação** – K. Rigopoulos; **Cenografia e Figurinos** – S. Paschalidis; **Coreografia** – A. Ghyra; **Luzes** – A. Anastasiou.

Susana Hora Marques

ELECTRA

J. Giraudoux, *Électre*

Produção: Comédie Française

Encenação: M. Pierre Dux

1.ª Apresentação: Lisboa, Tivoli

Data: 19-20.4.1961.

Ver Vol. I, p.92.

Marta Várzeas

M. Yourcenar, *Electra ou a Queda das Máscaras*

Produção: Casa da Comédia

Encenação: Filipe la Féria

Tradução: Luísa Neto Jorge

1.ª Apresentação: Lisboa, Casa da Comédia

Data: 30.4.1987.

Ver Vol. I, pp.93-94.

Marta Várzeas

HIPÓLITO

Eurípides, *Hipólito*

Produção: Piraikon Theatron, Grécia

Encenação: Dimitrius Rondiris

Tradução: (para grego moderno) Dimitrius Sarros

Iniciativa: Fundação Calouste Gulbenkian

1.ª Apresentação: Lisboa, Cinema Tivoli

Data: 8.8.1968

Outras: Lisboa (Parque do Estoril), 10.8.1968.

Ver Vol. I, p.95.

Jorge do Deserto

Eurípides, *Hipólito*

Produção: Contradiction (grupo amador, francês)

Iniciativa: Alliance Française

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Paulo Quintela

Data: 19.5.1993.

Ver Vol. I, p.95.

Jorge do Deserto

Eurípides / Séneca, *Fedra*

Produção: Teatro Nacional de Craiova

Encenação: Silviu Pucarete

Iniciativa: Festival Internacional de Teatro, Lisboa

1.ª Apresentação: Lisboa, Convento do Beato

Data: 10-14.6.1994.

Ver Vol. I, pp.96-97.

Jorge do Deserto

Gabriel D'Annunzio/Ildebrando Pizzetti, *Fedra*

Produção: Teatro S. Carlos

Empresário: Ricardo Covões

Maestro Director: G. Armani

Data: 1926.

Com libreto de Gabriel D'Annunzio e música de Ildebrando Pizzetti, foi apresentada, no final do ano de 1926, no Teatro S. Carlos, a ópera *Fedra*. O empresário Ricardo Covões contratou uma companhia italiana, dirigida pelo maestro G. Armani, e o público de Lisboa teve oportunidade de assistir a mais uma recriação do mito de Fedra e Hipólito, mais uma vez centrada essencialmente sobre a figura de Fedra, que, segundo nos é dado ver pelo resumo do argumento, é uma mulher violenta e cheia de ciúmes, capaz de matar, junto de um altar, uma bela escrava tebana que acompanhava os despojos do exército de Teseu, apenas porque o rei (ainda ausente) planearia oferecê-la ao filho. É uma mulher ousada, que revela a sua paixão pelo enteado, não recua diante do horror deste e imediatamente o calunia diante de Teseu, acabado de chegar. Hipólito, por

seu lado, aparece também com alguns sinais de insolência excessiva, neste caso, pela sua teimosia em tentar domar o famoso cavalo Aríon, que pertencera a Adrasto e lhe fora oferecido como presente. Nesta versão, será exactamente o cavalo a causar-lhe a morte, num episódio violento que nos é relatado por Eurito, no papel de mensageiro.

Note-se, pois, que um dos factores que tornam interessante esta versão é a forma como, apesar das evidentes diferenças, vai disseminando sinais que já se encontravam no tratamento original de Eurípidés.

Elenco: Intérpretes – Giulia Tess (Fedra), Gennaro Barra (Hipólito), Marino Emiliani (Teseu), Antonietta Toini (Etra), Luciano Donaggio (Eurito), Ginevra Amato (Ama), Luba Mirella (Escrava Tebana), Pietro Friggi (Pirata Fenício).

Jorge do Deserto

Robert Garnier, *Hipólito*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1959.

M. F. S. S.

Eugene O’Neill, *Desejo sob os ulmeiros*

Produção: Novo Grupo

Encenação: João Lourenço

Tradução: João Lourenço, Vera San Payo de Lemos

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Aberto

Data: 29 de Abril a Junho de 1990

Outras: Setembro de 1990.

Desejo sob os ulmeiros é um texto que revisita o mito de Fedra e Hipólito, escrito por Eugene O’Neill, em 1924. O’Neill é, talvez, dos dramaturgos norte-americanos com maiores afinidades com a Antiguidade Clássica. Podemos encontrar vestígios desta em muitas das suas peças, nomeadamente em *O luto de Electra*, uma das mais famosas trilogias americanas, também representada em Portugal e já registada neste elenco.

Neste texto, o autor faz a paráfrase do antigo mito, transferindo para a América dos anos 20 o espírito da antiga tragédia grega, que aqui se alia ao naturalismo que caracteriza a sua obra. No programa de apresentação

do espectáculo, Luiz Francisco Rebello chamou-lhe mesmo 'o momento mais perfeito da expressão realista' do seu teatro.

O enredo gira em torno de um velho fazendeiro, Ephraim Cabot, da sua jovem esposa, Abbie Putnam, e do seu filho, Eben. A família Cabot tem uma formação puritana, todavia é assolada por sentimentos de cobiça e inveja, que acabarão por os conduzir à catástrofe trágica. Qual Fedra, Abbie sente uma atracção pelo jovem enteado e acaba por tentar seduzi-lo. Eben, que teve uma educação puritana, sexualmente inibida, tenta resistir, como Hipólito faz. Abbie denuncia então um falso assédio a Ephraim, que funciona como Teseu. Mas ao contrário de Hipólito, Eben acabará por ceder à sedução da madrasta, o que também levará à consumação da tragédia.

Os motivos trágicos gregos são vários neste texto. Um motivo edipiano, quando Eben sente uma forte ligação à figura da mãe, já falecida, chegando a projectá-la na pessoa da madrasta, que beija apaixonadamente. Um motivo próximo do tema de Medeia, quando Abbie pratica o infanticídio, para agradar ao amante. E, como é claro, o motivo fédrico, que conduz toda a acção da tragédia. Esta utilização da cultura grega deve-se ao facto de O'Neill interpretar a natureza humana de uma forma semelhante à dos Gregos, aceitando a ideia de que a condição do Homem se rege pela vontade e liberdade pessoal, condicionadas pelas forças externas, sobre as quais o ser humano não tem qualquer controlo. Do mesmo modo, Virginia Floyd lê nos textos de O'Neill uma interpretação nietzschiana do Homem, aplicando-lhe os conceitos de 'apolíneo' e 'dionisíaco', como forças de racionalidade e de irracionalidade, em que umas predominam sobre as outras, variando de indivíduo para indivíduo, de sociedade para sociedade. Ephraim é a personagem racional que assume as características apolíneas; Abbie e Eben são as personagens dionisíacas controladas pela emoção.

Também a nível da estrutura textual, o coro trágico é de alguma forma usado nesta composição, quando O'Neill utiliza os convidados de Ephraim Cabot, chamados para o baptizado da criança que entretanto nasceu a Abbie e a Eben, mas que Ephraim tem como sua. Esta é a primeira vez que o dramaturgo tenta usar um coro à maneira grega. Os convidados do baptizado criticam negativamente o nascimento, fazendo claras insinuações à paternidade da criança, dizendo que aos 76 anos dificilmente se é pai, como Ephraim supostamente foi. Além disso, tal como a morte, que domina o espírito trágico grego e nunca é exibida em cena, também a sexualidade, que de algum modo assume as funções da morte nesta nova tragédia, nunca é posta explicitamente no palco. Apenas é insinuada, o que contribui para o valor do texto, pois exige do espectador uma construção mental que favorece a densidade psicológica pretendida.

São precisamente a sensualidade e o amor proibidos que elevam este texto de O'Neill ao sublime da tragédia.

A encenação de João Lourenço caracterizou-se pela sobriedade e até mesmo rudeza cenográfica, que valorizou a representação dos actores e os diálogos, que constroem a tensão e o drama psicológicos. A nível das interpretações, destacou-se a de Irene Cruz, pela força e calor sensual que imprimiu à sua Abbie Putnam. Em 1958, Delbert Mann adaptou *Desejo sob os ulmeiros* ao cinema, entregando os principais papéis a Burl Ives, Sophia Loren e Anthony Perkins.

Elenco: Actores – Irene Cruz (Abbie Putnam), Rogério Paulo (Ephraim Cabot), Fernando Luís (Eben), Francisco Pestana (Peter), Melim Teixeira (Simeon), António Filipe (Xerife), Joaquim Monchique (Ajudante), Alexandra Sedas, Arnaldo Silva, Cristina Carvalhal, Élio Correia, Luísa Salgueiro, Zita Esteves, Alfredo Nunes; **Música** – Eduardo Paes Mamede; **Cenografia** – José Carlos Barros; **Figurinos** – António Filipe; **Luz** – João Lourenço, Melim Teixeira; **Publicidade** – Francisco Pestana; **Montagem** – Manuel Vitória; **Assistência, Cenografia e Figurinos** – Ildeberto Gama, Virgínia Rico, Augusta Graça, Sano de Perpessac; **Assistência de Produção** – Élio Correia; **Assistência de Palco** – Joaquim Monchique; **Operador de Luz** – Carlo Pereira; **Assistência de Cabine** – Arnaldo Silva; **Cartaz** – António Inverno.

Nuno S. Rodrigues

Jean Racine, *Fedra*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1960.

M. F. S. S.

Jean Racine, *Fedra*

Produção: Teatro Experimental de Cascais

Encenação: Carlos Avilez

Tradução: António Barahona da Fonseca

1.ª Apresentação: Sintra, Teatro Carlos Manuel (encerramento do Festival de Teatro)

Data: 8.9.1967

Outras: Cascais (Teatro Gil Vicente), 10.9.1967

Reposições: digressões por Angola (1973, final do ano) e Moçambique (início de 1974) – elenco modificado.

Ver Vol. I, pp.97-99.

Jorge do Deserto

Jean Racine, *Fedra*

Produção: Compagnie Antoine Bourseiller (digressão com o apoio da Embaixada de França em Portugal)

Encenação: Antoine Bourseiller

1.ª Apresentação: Évora, Teatro Garcia de Resende

Data: 13.6.1978

Outras: Coimbra (Teatro Gil

Vicente), 15.6.1978; Porto, 16-17.6.1978; Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II), 19-21.6.1978.



Com o apoio da Embaixada de França, a companhia dirigida por Antoine Bourseiller efectuou, em Junho de 1978, uma curta digressão pelo nosso país, com início em Évora e passagens por Coimbra e pelo Porto, tendo terminado em Lisboa, com três espectáculos no Teatro Nacional de D. Maria II.

Trata-se do regresso da obra de Racine aos palcos portugueses, agora pelas mãos de uma companhia francesa, depois da estreia absoluta, em 1967, numa encenação de Carlos Avilez para o Teatro Experimental de Cascais. Essa experiência, algo polémica, tinha deixado marca, em boa parte devido ao desempenho de Eunice Muñoz.

O trabalho de Bourseiller, pelo seu lado, é também um trabalho de autor. Trata-se, e isso é devidamente sublinhado, da *Fedra* de Racine na

versão de Bourseiller. Uma interpretação que, mais do que destacar os elementos específicos do século XVII a que a peça pertence, pretende deixar bem patente a enorme riqueza da peça, sempre passível de novas abordagens, à medida que os anos vão passando. São sintomáticas as palavras do encenador, numa entrevista ao *Le Monde*, recuperada pelo programa do espectáculo: “*O que faz a perenidade de uma peça é essa possibilidade de mil interpretações possíveis; é um elemento que a informa poder passar desapercibido durante anos, durante séculos, antes de, finalmente, surgir à luz. Quando o sentido de uma peça se esgota rapidamente é porque não tinha muito sentido.*”

A obra de Racine reflecte uma determinada época e visão do mundo, dominada pelo jansenismo, e um dos seus maiores trunfos, a nível formal, é a forma magistral, por muitos considerada insuperável, como utiliza o verso alexandrino. É um teatro da palavra, e é fácil encenações recentes da peça serem apontadas a dedo pelo seu excessivo estatismo. O eixo da acção, ao contrário do que acontecia em Eurípides, desloca-se para a figura de Fedra, e de tal modo ela se agiganta, que a encenação pode ganhar-se ou perder-se pela forma como for encenada e interpretada esta figura.

A opção de Bourseiller – e, do seu ponto de vista, essa opção determina tudo o resto – foi a de construir aquilo a que chama uma “*Fedra carnal*”, o que, de algum modo, teve efectivo impacto na recepção crítica do espectáculo, pois o desempenho de Chantal Darget (Fedra) foi destacado em relação a todos os outros, embora não possa falar-se de aplauso unânime.

Outra opção importante foi o despojamento cenográfico, numa mistura entre o negro do fundo e tons de acobreado, dando uma impressão de falsa frieza, como acentua Jorge Listopad (*A Luta*, 26.6.1978).

Num cômputo geral, pode dizer-se que a vinda a Portugal desta peça, um dos grandes marcos na História do Teatro em França, para mais numa representação na sua língua original, foi saudada como factor de enriquecimento do panorama teatral português. As escolhas de Bourseiller foram, na sua maioria, bem entendidas, embora se levantassem algumas reservas ao rigor das marcações, nem sempre felizes, ao trabalho de alguns dos actores (nem mesmo Chantal Darget, a protagonista, escapa a acusações de frieza – *vide* Carlos Porto, *DL*, 24.6.1978), a algum hieratismo e solenidade em excesso. No entanto, a larga repercussão crítica e o destaque dado ao espectáculo mostram que ele foi entendido como um dos momentos fortes da temporada teatral, ainda que a par com queixas em relação ao alheamento do público que, no dia da estreia lisboeta, não ocupava mais do que meia sala.

Elenco: Actores – Hervé Bellon (Hipólito), Richard Martin (Terâmenes), Chantal Darget (Fedra), Michele Couty (Enone), Laure Sabardin (Arícia), Anne Mathé (Ismena), Roger Montsoret (Panopeu), Yves Lefebvre (Teseu).

Jorge do Deserto

Jean Racine, *A table avec Phèdre*

Produção: Compagnie ‘La Fête’ (Departamento de Estudos Franceses da Universidade do Minho)

Direcção e Encenação: Marie Manuelle Costa e Silva, Denis Bernard

1.ª Apresentação: Braga

Data: 9.12.1999

Outras: Évora, 17.12.1999; Liège, Março de 2000.

Esta proposta do Departamento de Estudos Franceses da Universidade do Minho parte de um tratamento do texto de Jean Racine, uma obra reconhecidamente assente no peso da palavra e, por isso, adequada a suportar este trabalho de construção, baseado na apreensão do texto e na paulatina busca do seu significado, em permanente descoberta.

Eis como o próprio grupo justifica a sua aposta: *“Uma proposta que convida o público a partilhar momentos íntimos do trabalho dos actores ‘na mesa de leitura’ e a refazer com eles o caminho que os levou ao amor, à morte, a Fedra. Tudo começa à volta de uma mesa com o texto: é lido, explorado, até que se desdobra, toma corpo e sobe à cena, arrasando os actores e os espectadores consigo.”*

Este trabalho, assente na participação de estudantes e estagiários da licenciatura de ensino em Português e Francês, terá funcionado, também, como um precioso exercício de preparação.

Elenco: Actores – Céline Fernandes, Céline dos Reis, Céline Rodrigues, Maria dos Anjos Dias, Sylvie Rêgo, Daniel Correia Coelho, Filipe Martins Rocha, Luís Filipe Pereira.

Jorge do Deserto

Casimiro Duarte Simões, *A ira dos deuses*

Produção com o apoio do INATEL

Encenação: Carlos Aurélio

1.^a Apresentação: Lisboa, Sala-Estúdio do Teatro da Trindade

Data: Maio de 1999.

Numa primeira abordagem, apenas ao texto, publicado por iniciativa do INATEL, já tinha ficado sublinhado que a visão de Casimiro Simões em relação ao mito de Fedra e Hipólito era um tanto redutora, ao afunilá-lo num triângulo amoroso relativamente comezinho (ver Vol. I, p.100). Faltava, então, a prova do palco.

Esta foi feita, em 1999, com encenação de Carlos Aurélio e, se atentarmos no severo julgamento de João Carneiro, no *Expresso* (5.6.1999), ter-se-á tratado de uma experiência falhada, sujeita a vários momentos “vulgares”, de “mau gosto” e “ridículos”. João Carneiro chega mesmo a questionar-se: “*O que leva artistas a exporem-se desta forma tão pouco digna? Nada justifica tanta falta de senso.*” Resta esperar que ao texto de Casimiro Simões seja dada uma segunda oportunidade.

Elenco: Actores – Helena Flor (Fedra), Regina Paula (Aia), entre outros.

Jorge do Deserto

Miguel Unamuno, *Fedra*

Produção: Teatro Experimental do Porto

Encenação: Fernando Gusmão

Tradução: Luís Sttau Monteiro

1.^a Apresentação: Porto, Teatro de Bolso

Data: Abril de 1967.

Ver Vol. I, pp.101-102.

Jorge do Deserto

Fedra

Produção: Espanha

Data da Produção: 1956

Direcção Cinematográfica: Manuel Mur Oti

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Odeon

Data: 20.11.1957.

Elenco: Actores – Emma Penella, Enrique Diosdado, Vicente Parra.

M. F. S. S.

Phedra

Iniciativa: Cinematographo

1.ª Apresentação: Porto, Salão Pathé

Data: 8.4.1910

Outras: Porto (Salão Pathé), 9-10.4.1910; Porto (Salão High-Life), 9-10.4.1910, 5.5.1910.

Nos primeiros tempos do cinema, um dos filões mais explorados foi aquele que dizia respeito aos mitos antigos, exactamente porque assentavam em enredos com os quais os espectadores, de algum modo, já estavam familiarizados.

Claro que, para além disso, numa forma de arte que descobria as novas virtualidades dos actores, em termos expressivos, através de grandes planos que anulavam a distância em relação ao espectador e que permitiam uma proximidade até aí impossível, faz todo o sentido que fossem procuradas as grandes histórias de amor sofrido legadas pela tradição. Fedra e o seu amor condenado estariam certamente entre as primeiras opções. Não deixa de ser significativo, aliás, que, na notícia do *Jornal de Notícias* que anuncia a estreia, se saliente especificamente o nome dos actores que “desempenham as scenas” (“a famosa Italia Vitaliani e Carlo Duse”), aparentemente italianos. Um dos caminhos da afirmação do cinema fez-se através da recuperação destes enredos já universais, capazes de contribuir para a afirmação de uma linguagem nova e, muitas vezes, olhada com bastante desconfiança.

Jorge do Deserto

IFIGÉNIA EM ÁULIDE**Eurípides, *Efigénia em Aulis***

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 1956.

Elenco: Actores – A. da Costa, L. Cerqueira, Alexandre Vieira, José Correia, B. Bivar, Isabel de Carvalho, R. de Carvalho.

M. F. S. S.

Eurípides, *Ifigénia em Áulide*

Produção: RTP

Versão para TV: Álvaro Martins Lopes

Data: 1968.

Elenco: Actores – Ruy de Carvalho (Agamémnon), Carmen Dolores (Clitemnestra), Manuela de Freitas (Ifigénia), Mário Pereira, Virgílio Macieira; **Direcção de Ensaios** – Virgílio Macieira; **Cenário** – António Botelho; **Realização de Televisão** – Pedro Martins.

Jorge do Deserto

Eurípides, *Ifigénia em Áulide*

Produção: Piraikon Theatron

1.ª Apresentação: Lisboa

Data: Agosto de 1968

Outras: Estoril (ao ar livre); Porto.

No Verão de 1968, a companhia grega Piraikon Theatron fez uma bem sucedida digressão em Portugal, onde apresentou as peças *Hipólito* e *Ifigénia em Áulide*. Sem pôr em causa a qualidade dos espectáculos, elogiada por vários especialistas, não deixa de ser curioso sublinhar também algumas resistências manifestadas, de que pode servir como exemplo um texto publicado na revista *Vida Mundial* (30.8.1968), no qual o autor (que usa as iniciais C.P.) defende que a representação de clássicos numa língua estranha e ininteligível (tratava-se do grego moderno) se presta aos mais variados equívocos, já que o público não entende minimamente o que se está a passar e, desse modo, acaba por perder-se o essencial – que são os textos.

Para lá da polémica, evidentemente datada e fruto de uma época em que o país estava sedento de palavras interventivas, fica o registo do excelente trabalho da companhia grega.

Jorge do Deserto

Eurípides, *Efigénia em Áulide*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Programa Noite de Teatro)

Adaptação: Leopoldo Araújo

Tradução: Manuel de Figueiredo

Direcção de Actores: Raúl de Carvalho

Data: 2.1.1969.

Elenco: Actores – Álvaro Benamor, Manuel Correia, Mário Pereira, Carmen Dolores, Cremilda Gil, Lurdes Lima, José Maria, Assis Pacheco, Fernanda Gusmão, Raúl de Carvalho.

M. F. S. S.

Anabela Mendes, *Uma conversa sobre Ifigénia*

Produção: Grupo de Teatro de Letras (Universidade de Lisboa)

1.ª Apresentação: Lisboa, Faculdade de Letras

Data: 1981-1982.

Ver Vol. I, p.102.

M. F. S. S.

Yannis Ritsos, *O Regresso de Ifigénia*

Produção: Lúcia Sigalho, Carlos Pimenta

Encenação: Carlos Pimenta

Tradução: Carlos Porto

1.ª Apresentação: Lisboa, Estabelecimento Prisional das Mónicas

Data: 25.8.1992.

Ver Vol. I, pp.102-103.

Jorge do Deserto

Manuel Lourenzo, *Agamémnon em Áulida*

Produção: Grupo de Marionetas, Actores e Objectos (Viana do Castelo)

Encenação: Lucilo Valdez

Iniciativa: Festeixo

1.ª Apresentação: Viana do Castelo, Paços do Concelho

Data: 12.1.2000

Outras: Viana do Castelo (Antigos Paços do Concelho).

Trata-se de um espectáculo de marionetas, com a singularidade de estas contracenarem com um actor, a desempenhar o papel de Agamémnon, a figura mais torturada dos acontecimentos no porto de Áulida, que levaram ao sacrifício de Ifigénia. Este espectáculo leva a efeito algo muito habitual nestas zonas do norte do país, uma colaboração estreita com a vizinha região da Galiza, num fenómeno em que a evidente proximidade cultural se sobrepõe à inflexibilidade das fronteiras.

Elenco: Interpretação e Manipulação – Alexandre Passos; **Marionetas** – Jorge Cerqueira; **Música Original** – Sérgio Echeverri.

Jorge do Deserto

IFIGÉNIA ENTRE OS TAUROS**C. Gluck, *Ifigénia em Táurida***

Produção: Orquestra Sinfónica Nacional

Maestro Director: Georg Solti

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 1955.

Esta obra de C. Gluck foi apresentada, pela primeira vez, em Paris, no Palais Royal, no ano de 1779. Reinava Luís XVI e tinha sido exactamente a rainha, Maria Antonieta, quem chamara a Paris o compositor. Cento e setenta e seis anos depois chega a Portugal, ao Teatro Nacional de S. Carlos, pelas mãos de uma companhia alemã.

O enredo da ópera segue de perto a matriz mítica, tal como foi cristalizada, por exemplo, na obra de Eurípidés. Ifigénia, miraculosamente salva do sacrifício, é enviada para a Táurida, onde se torna sacerdotisa, ao serviço de Toas, e é obrigada a praticar sacrifícios humanos. A chegada de dois estrangeiros, Orestes e Pílates, vai significar a sua salvação e o regresso à pátria, depois de peripécias várias que quase a levam a

ser obrigada a sacrificar o irmão, pouco antes de um emocionante reconhecimento. A emoção e a variedade do material mítico são, desde logo, ponto de partida bastante para um espectáculo cheio de interesse.

Elenco: Intérpretes – Martha Herrmann (Diana), Herta Wilfert (Ifigénia), Hannelore Steffek (Grega), Heinz Imdahl (Orestes), Kurt Wehofschitz (Pílades), Karl Donch (Toas), Hanna Scholl (1.ª Sacerdotisa), Germana de Medeiros (2.ª Sacerdotisa), Herbert Clauss (Guarda do Templo).

Jorge do Deserto

C. Gluck, *Ifigénia em Táurida*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: António de Almeida

Libreto: François Guillard

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1961.

Ver Vol. I, p.251.

Aires Rodeia Pereira

C. Gluck, *Ifigénia em Táurida*

Produção: XIV Festival Gulbenkian de Música

Director de Orquestra: Gianfranco Rivoli

Encenação: David William

1.ª Apresentação: Lisboa, Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: 17 e 20.5.1970.

A terceira apresentação em Portugal da ópera *Ifigénia em Táurida*, de C. Gluck, representou o ponto culminante de um conjunto de comemorações em honra do compositor, levadas a efeito no âmbito do XIV Festival Gulbenkian de Música.

Com encenação de David William, e com o papel de protagonista entregue a Regine Crespín, que *O Século* (17.5.1970) define como “um dos maiores nomes da cena lírica do nosso tempo”, esta récita trouxe aos palcos portugueses a mesma companhia que, em 1965, apresentara, na Ópera de Paris, com assinalável êxito, esta mesma obra de Gluck.

Elenco: Intérpretes – Regine Crespín (Ifigénia), Robert Massard, Guy Chauvet, Louis Quilico, entre outros.

Jorge do Deserto

ÍON

Eurípides, *Íon*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Encenação: Paulo Castro

Tradução: (baseada em) Frederico Lourenço

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Gil Vicente

Data: 28.3.1995

Outras: Coimbra (Claustros da Faculdade de Psicologia), 28.4.1995; Porto (A. N. Carlos Alberto), 30 e 31.5.1995; Coimbra (Teatro Gil Vicente), 15.7.1995; Portimão (II Encontro Nacional de Teatro Universitário, Auditório Municipal), 5.10.1995; Alicante e Múrcia (I Bienal Internacional de Teatro Universitário), 9 e 11.11.1995.

Ver Vol. I, pp.104-105.

Jorge do Deserto

MEDEIA

Eurípides, *Medeia*

Produção: Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC)

Encenação: Paulo Quintela

Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Avenida

Data: 8.6.1955.

Ver Vol. I, pp.105-108.

Luísa de Nazaré Ferreira

Eurípides, *Medeia*

Produção: Piraikon Theatron

Encenação: Dimitrius Rondiris

Tradução: D. Sarros

1.ª Apresentação: Lisboa, Cinema Tivoli

Data: 7.5.1963.

Ver Vol. I, pp.109-110.

Luísa de Nazaré Ferreira

Eurípides, *Medeia*

Produção: Companhia de Teatro da Juventude de Gorna Oriahovítza (Bulgária)

Encenação: Atanasse Bahtchevanov

1.ª Apresentação: Porto, Auditório Nacional Carlos Alberto

Data: 26.5.1986.

Ver Vol. I, pp.110-111.

Luísa de Nazaré Ferreira

Eurípides, *Medeia*

Produção: Teatro de Papel (Costa da Caparica)

Direcção e Encenação: Yolanda Alves

Tradução: sub-versão de Karas, Yolanda Alves e Mónica Truninger, a partir das traduções de Maria Helena da Rocha Pereira e de tradutor incógnito

1.ª Apresentação: Almada, Sala Polivalente da Escola D. António da Costa

Data: 13.7.1993.

Ver Vol. I, pp.112-113.

Luísa de Nazaré Ferreira

Eurípides, *Medeia*

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (Lisboa)

Direcção: Fernanda Lapa

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala de Ensaios do Teatro Nacional D. Maria II

Data: Fevereiro de 1997.

M. F. S. S.

Eurípides, *Medeia*

Produção: Academia Contemporânea do Espectáculo, Porto (12 Alunos do Curso de Interpretação, 3.º S)

Encenação: Fernanda Lapa

Dramaturgia: Fernanda Lapa

Cenografia e Figurinos: Direcção de Moura Pinheiro

Iluminação: Vítor Correia, com 7 Alunos do Curso de Iluminação (3.º T)

Data: Maio de 1998.

M. F. S. S.

Eurípides, *Medeia*

Produção: National Theatre of Greece

Direcção e Encenação: Niketi Kondouri

Tradução para grego moderno: Yorgos Cheimonas

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Teatro Camões, EXPO 98

Data: 7.7.1998.

No dia em honra da Grécia, o National Theatre of Greece apresentou na EXPO 98 a *Medeia* de Eurípides, com encenação de Niketi Kondouri. Ao *Público* de 17.7.1998 a encenadora revelou que aceitara com algum receio o convite que lhe havia dirigido Nikos Kourdoulos, director artístico do Teatro Nacional da Grécia, uma vez que a *Medeia* de Eurípides é uma tragédia universal e uma das mais representadas. Por outro lado, esta encenação também significava para Kondouri a sua estreia neste género dramático.

Com um elenco de vinte jovens actores gregos, escolhidos pela própria encenadora, pretendeu-se recriar “uma ‘Medeia’ modernista, mas muito concentrada no texto de Eurípides, que é de tirar a respiração.” (*Público*, 17.7.1998). Assim, a encenação apostou na fidelidade ao original euripídiano e na exploração da simplicidade do cenário e dos figurinos, como esclareceu Kondouri ao mesmo jornal: “As vestes, tal como o cenário, são brancas, vermelhas e pretas, as cores também usadas para pintar os rostos e braços dos actores”.

A estreia desta *Medeia* ocorreu no verão de 1997, quando abriu o Festival de Epidauro, na Grécia, e foi representada na Turquia, França, Austrália e Israel antes de chegar à EXPO 98. Ao longo deste percurso, a encenação foi sofrendo algumas alterações: “Fui sentindo que não precisava de recorrer a tanta coisa, porque o texto é verdadeiramente de cortar a respiração. Por isso concentrei-me cada vez mais nele. E a peça foi ficando mais abstracta” (*Público*, 17.7.1998). Para depois da EXPO 98, estavam previstas apresentações em Boston, Nova York e Montreal.

Elenco: Actores – Melina Vamvaka (Ama), Meletis Georgiadis (Pedagogo), Karyophyllia Karambeti (Medeia), Kostas Triandaphyllopoulos (Creonte), Lazaros Georgakopoulos (Jasão), Aristotelis Aposkitis (Egeu), Maria Katsiadaki (Mensajeiro); **Improvisações Vocais** – Savina Yannatou; **Coro** – Viki Kambouri, Fresi Machera, Zacharoula Ekonomou,



Martha Tomboulidou, Fotini Tsantili, Annie Tsolakidou, Dimitra Zerva, Eleftheria Koutsavlaki, Evgenia Apostolou, Parri Korachaï, Vassiliki Dimou, Betty Nikolessi; **Figurinos e Adereços** – Yorgos Patsas; **Música** – Savina Yannatou; **Coreografia** – Vasso Barboussi; **Iluminação** – Lefteris Pavlopoulos; **Análise Dramática** – Marilena Panayotopoulou.

Luísa de Nazaré Ferreira

Eurípides, *Medea* (bailado)

Produção: Omada Edafous Dance Theatre

1.ª Apresentação: Lisboa, EXPO 98, Anfiteatro da Doca

Data: 14.7.1998.

Na noite de 14 de Julho, a companhia grega Omada Edafous Dance Theatre, fundada em 1986 por Demetris Papaioannou e Angeliki Stellatou, apresentou no Anfiteatro da Doca da EXPO 98 um bailado contemporâneo criado a partir da *Medeia* de Eurípides e com música de Vicenzo Bellini.

De acordo com o site do festival «The Kypria'98 International Festival», que decorreu entre 7 de Setembro e 3 de Outubro e no qual a companhia grega se apresentou com o mesmo espectáculo, o cenário e figurinos foram concebidos por Nicos Alexiou e integraram o elenco Angeliki Stellatou (*Medeia*), Demetris Papaioannou (*Jasão*), Eleftheria Lagoudaki (*Glauce*), Grigoris Lagos e Fotis Nicolaou.

Luísa de Nazaré Ferreira

Eurípides, *Medeia*

Produção: Grupo Amador de Teatro de Taveiro (Coimbra)

A *Medeia* de Eurípides é uma das principais produções desta companhia de teatro amador fundada em 1968.

Luísa de Nazaré Ferreira

Maricla Boggio, *Medeia – O amor de uma mulher*

Produção: Seiva Trupe

Encenação: Júlio Cardoso

Tradução: Estrela Novais

1.ª Apresentação: Porto, Sala da Cooperativa do Povo Portuense

Data: 30.3.1984

Outras: Mesmo local, dias seguintes, de terça a sábado, domingos e feriados.
Continuava em cena a 9.7.1984.

Ver Vol. I, pp.113-114.

Luísa de Nazaré Ferreira

Mónica Calle, *O Bar da Meia-Noite*

Encenação: Mónica Calle

1.ª Apresentação: Lisboa, Centro Cultural de Belém

Data: 16.6-23.7.2000.



Este espectáculo é uma adaptação de um texto da poetisa Fiama Hasse Pais Brandão,

Eu vi o Epidauro, a que se juntaram excertos de dramaturgos como Eurípidés (*Medeia*), Shakespeare (*Romeu e Julieta*) e Anton Tchekhov (*As Três Irmãs*). O objectivo é fazer um périplo pela história do teatro, a que também não são estranhas referências a Wagner, Pirandello, Artaud e Beckett.

As personagens começam por surgir como anjos, que se encontram num bar e onde se metamorfoseiam em figuras reconhecíveis da cultura ocidental, extraídas dos textos referidos, como *Medeia* e *Jasão*. O texto é fundamentalmente psicológico, violento, como se faz adivinhar pelo cenário despojado de um balcão, ao longo do qual os espectadores se sentam e onde as actrizes se arrastam, ao mesmo tempo que são agredidas verbal e fisicamente pelos actores. Cena que ganha particular impacte na tensão entre a feiticeira da *Cólquida* e o *Argonauta*. O tema clássico acaba por surgir apenas como motivo de tensão masculino/feminino, marido/mulher, amante/amado. Objectivo, aliás, já presente na concepção euripidiana. Citando a própria encenadora: «a peça é sobre homens que partem e mulheres que ficam, vítimas de um modelo de sociedade mas-

culino... são também as mulheres que agem, que tomam a iniciativa e as decisões mais violentas», como Medeia que opta por executar os filhos para se vingar do marido (*Público*, 16.6.2000, p.30).

Elenco: Actores – Mónica Calle (Medeia), Mónica Garnel (Brunilda), Ana Ribeiro (Julieta), Adriano Carvalho (Jasão), Amândio Pinheiro (Siegfried), Pedro Gil (Romeu); **Dramaturgia** – Mónica Calle, Luís Fonseca; **Cenografia** – Nadir Bonaccorso; **Figurinos** – Nadir Bonaccorso, Mónica Calle; **Fotografia** – João Tuna; **Produção** – Francisco Villalobos, Luís Fonseca; **Produção Executiva** – Contracosta Produções; **Co-Produção** – Centro Cultural de Belém.

Nuno S. Rodrigues

Ricardo Carísio, *Jasão & Medeia, o pesadelo do amor*

Produção: Companhia Absurda

Encenação: Ricardo Carísio

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Maria Matos

Data: 15.1.1998, em cena até 22.2.1998

Outras: Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 27-28.2.1998 e 1.3.1998.

Ver Vol. I, pp.114-116.

Luísa de Nazaré Ferreira

M.-A. Charpentier, *Medeia*

Produção: W. Christie

Encenação: Jorge Listopad

1.ª Apresentação: Lisboa, Coliseu

Data: 1992.

Luísa de Nazaré Ferreira

Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes, *Gota d'Água*

Produção: Seiva Trupe

Encenação: Ulysses Cruz

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 26-29.10.1989.

Ver Vol. I, pp.116-117.

Luísa de Nazaré Ferreira

Robinson Jeffers, *Medeia*

Encenação e Direcção: Tomaz Ribas

1.ª Apresentação: Sintra, Palácio Nacional de Queluz

Data: 10.8.1970.

Ver Vol. I, pp.117-118.

Luísa de Nazaré Ferreira

Willy Kirklund, *Medeia Estrangeira*

Produção: Companhia de Teatro de Almada

Encenação: Jorge Listopad

Tradução: António Pescada

1.ª Apresentação: Festival de Almada 1998 (Forum Municipal Romeu Correia, Auditório Lopes Graça)

Data: 5.7.1998

Outras: Almada (Teatro Municipal), 23.9-4.10.1998.



Uma Medeia africana (Teresa Gafeira)

A 15.ª edição do Festival de Almada, uma organização conjunta da Câmara Municipal de Almada e da Companhia de Teatro de Almada, sob a direcção de Joaquim Benite, decorreu entre 4 e 18 de Julho de 1998 e nela participaram dezassete companhias estrangeiras e vinte portuguesas, o que se traduziu num total de trinta e oito espectáculos. O espectáculo inaugural, a cargo da companhia anfitriã, constituiu a estreia em Portugal de *Medeia Estrangeira*, de Willy Kirklund, escritor e dramaturgo de nacionalidade finlandesa, mas que escreve as suas obras em sueco.

Willy Kirklund nasceu em 1921, em Helsínquia, mas vive e trabalha desde 1940 na Suécia. Nas suas obras evoca temas das culturas clássica e oriental e em *Medeia Estrangeira* oferece-nos uma interpretação muito própria do mito de Medeia: “Entre o mercado e a casa imaculadamente caiada de branco se esgota a vida de Medeia. Uma mulher inconformada, que “bebe chá à inglesa” e se entretém a esculpir máscaras, enquanto o marido trata dos negócios, faz “footing” ou lê o *Financial Times*.” (Paula Lobo, *Jornal de Notícias*, 23.9.1998). Como o título claramente sugere, Willy Kirklund sublinha a condição de estrangeira da protagonista, condição essa que continua a suscitar permanentes conflitos nos nossos dias: o racismo, a discriminação étnica e social são flagelos das sociedades modernas, o que só por si justificaria o interesse que o mito de Medeia desperta nos dramaturgos e encenadores contemporâneos.

Por conseguinte, numa peça que procura actualizar o mito antigo, não é de estranhar que esta mulher seja uma negra africana, casada com um homem branco que lhe pede o divórcio, quando vê na separação um meio de subir na vida, trocando a esposa por uma jovem de quinze anos. Citando Eugénia Vasques, “a relação entre um Jasão branco (João Grosso) e uma Medeia africana (Teresa Gafeira), serve de pano de fundo ao ficcionista-filósofo para lançar um desafio reflexivo que se torna interessante, sobretudo no modo como metaforiza as relações sócio-políticas que reflectem as tensões e a violência «inconscientes» dos países em fase post-colonial. A Corinto, branca e suja, a que o texto alude, podia ser, perfeitamente, a Lisboa de Tanner, assim como aquele Jasão, indiferente e narcisista, e aquela Medeia, ferosa e tão obcecada pela água como Lady Macbeth, poderiam ser dois portugueses «retornados» em crise matrimonial.” (*Expresso*, 11.7.1998).

Embora actualize o mito, mantém-se nesta peça uma forte ligação à tragédia grega pela presença de um Coro, constituído por três pessoas ligadas ao comércio (André Gomes, Francisco Costa e Maria Frade). Desempenham uma função idêntica à do Coro da *Medeia* de Eurípides, pois ao comentarem os acontecimentos do dia, percebem os sinais de desgraça, mas não a conseguem evitar. Este Coro tem um papel fundamental na peça e adivinha-se demasiado interveniente, a crer no comentário de Carlos Porto: “Admite-se que o excesso de presença destas personagens, no entanto, tenha prejudicado, em termos de dramaturgia, o equilíbrio, e a profundidade desta inesperada Medeia.” (*Jornal de Letras*, 15.7.1998).

Sobre o trabalho de Jorge Listopad se pronunciou Manuel João Gomes: “*Medeia Estrangeira* (...) é mais um trabalho da Companhia de Teatro de Almada, dirigida desta vez por Jorge Listopad, cuja marca está muito evidente em belas sequências de “théâtre-vérité”, como as minu-

ciosas abluções capilares de Medeia, ou no irónico e automático móvel-máquina que dá brilho aos sapatos de Jasão. Ou o “smoking” do noivo, ainda na fase de provas, com riscos de giz e os alinhavos ainda à mostra.” (*Público*, 6.7.1998).

A representação de *Medeia Estrangeira* no Festival de Almada foi, nas palavras de Fernando Midões, “um inequívoco êxito artístico”, elogiando, em especial, o trabalho sobre o texto (tradução de António Pescada) e as interpretações de todos os actores (*Diário de Notícias*, 11.7.1998).

Depois desta primeira apresentação, que consistiu propriamente numa ante-estreia, *Medeia Estrangeira* esteve de novo em cena no Teatro Municipal de Almada, de 23 de Setembro a 4 de Outubro do mesmo ano. Sublinhe-se que o primeiro espectáculo desta temporada, o de 23 de Setembro, foi anunciado como verdadeira estreia. Mais uma vez, os críticos reconheceram por unanimidade as qualidades do trabalho desenvolvido pela Companhia de Teatro de Almada, elogiando, em particular, as interpretações, como confirmam estas palavras de Fernando Midões: “... interpretação excelente de Teresa Gafeira no seu confronto com o Jasão, João Grosso, admirável, este, quanto a contensão, interioridade e intencionalidade. Para o êxito do espectáculo, conta o bom funcionamento do coro (...)” (*Diário de Notícias*, 1.10.1998).

Elenco: Actores – Teresa Gafeira (Medeia), João Grosso (Jasão); **Coro** – André Gomes, Francisco Costa, Maria Frade; **Música** – Américo Cardoso; **Uma Escultura/Máscara** – Deodato Santos; **Direcção de Montagem** – Carlos Galvão; **Montagem** – António Cipriano, Hugo Ferreira; **Execução do Guarda-roupa** – Maria José Pereira; **Assistente de Cenografia** – António Olaio; **Assistente de Figurinos** – Sónia Benite; **Assistente de Encenação** – São José Correia; **Desenho de Luzes** – José Carlos Nascimento; **Encenação, Dramaturgia, Cenário e Figurinos** – Jorge Listopad.

Luísa de Nazaré Ferreira

Ernest Legouvé, *Médée*

Tradução: José Silva Mendes Leal Junior

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 1861.

A. De Magalhães Basto, em *O Tripeiro* n.º 1 – Maio de 1952, numa homenagem muito emotiva à actividade dramática desenvolvida na cidade do Porto pela célebre actriz Emília das Neves, na segunda coluna da

p.4 fornece a seguinte informação: “Sempre que Emília das Neves esteve no Porto despertou enorme entusiasmo. Alberto Pimenta viu-a representar nesta cidade algumas das grandes peças do seu velho repertório: a *Joana a Doida*, a *Mulher que deita cartas*, a *Medêa*.”.

Um registo de arquivo do Teatro Nacional D. Maria II com o n.º 016.08 confirma que a “Linda Emília”, como era chamada, integrou o elenco de uma *Medêa* [sic], uma tragédia em três actos estreada por aquele teatro em 1861 e que teve quatro apresentações. O registo indica o nome do autor da tragédia (Ernest Legouvé) e do tradutor (José Silva Mendes Leal Junior). Trata-se, portanto, da tragédia *Médée* de Ernest Legouvé, publicada em Paris em 1854 por G. Sandré¹⁰. O registo inclui ainda a distribuição dos artistas pelas diversas personagens e permite-nos concluir, sem grande margem de dúvida, que a tragédia de Legouvé se afasta da *Medeia* de Eurípides, pois no seu elenco figuram *Creonte* (D. Ferreira), *Creúsa* (E. Adelaide), *Orphêo* (Theodorico), *Jasão* (Tasso), *Medêa* (E. das Neves), *Ama de Creúsa* (C. Emília), *uma donzela* (C. Abreu), *um corinthio* (Amaro), Laocoonte e Melantho.

Emília das Neves nasceu em Lisboa em 1820 e faleceu na mesma cidade em 1883. Na sua época chegou a ser a actriz mais requisitada, repartindo a sua actividade entre o Porto e Lisboa, onde se estreara aos dez anos desempenhando o papel de Beatriz na peça *Um Auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett (Ed. de Jesus, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*).

Elenco: Actores – D. Ferreira (Creonte), E. Adelaide (Creúsa), Theodorico (Orphêo), Tasso (Jasão), E. das Neves (Medêa), C. Emília (Ama de Creúsa), C. Abreu (Donzela), Amaro (Corinthio).

Lúisa de Nazaré Ferreira

Darius Milhaud, *Medeia*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Reynald Giovaninetti

Libreto: Madeleine Milhaud

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1971.

Ver Vol. I, p.252.

Aires Rodeia Pereira

¹⁰ Estes dados foram obtidos em Duarte Mimoso-Ruiz, *Médée Antique et Moderne. Aspects rituels et socio-politiques d'un mythe*, Paris, 1982, pp.214 e 220.

Juan Morillo, *Medeia. Rito e cerimónia sobre uma lenda imortal*

Produção: Teatro Carrusel (Cádiz, Espanha)

Encenação: Jesús Fuentes, Miguel A. Butler

1.ª Apresentação: Porto, Auditório Nacional Carlos Alberto

Data: 21-23.11.1980.

Ver Vol. I, pp.118-120.

Luísa de Nazaré Ferreira

Heiner Müller, *Material Medeia*

Produção: ACARTE

Encenação: Jorge Silva Melo, com a colaboração de Manuel Mozos

Tradução: Maria Adélia Silva Melo, Jorge Silva Melo

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: 8-10.9.1988.

Ver Vol. I, pp.120-121.

Luísa de Nazaré Ferreira

Heiner Müller, *Ribera Despojada, Medea Material, Paisagem com Argonautas*

Produção: La Tartana Teatro (Madrid, Espanha)

Encenação: Carlos Marquerie

1.ª Apresentação: (em Portugal) Encontros ACARTE 89

Data: 1989.

Ver Vol. I, pp.121-122.

Luísa de Nazaré Ferreira

Heiner Müller, *Medeia*

Produção: Attis Theater de Atenas

Encenação: Theodoros Terzopoulos

1.ª Apresentação: Almada, Palco Grande da Escola D. António da Costa

Data: 7.7.1996.

Ver Vol. I, pp.123-124.

Luísa de Nazaré Ferreira

H. Müller, *Margem ao Abandono – Material-Medeia – Paisagem com Argonautas*

Produção: Ninho de Víboras (Almada)

Encenação: Karas

Tradução: a partir da versão inglesa de Marc Von Henning

1.ª Apresentação: III Mostra de Teatro de Almada

Data: 20.1.1999

Outras: Porto (Jardins do Palácio de Cristal), 7.5.1999; Lisboa (Teatro Taborada), 11-14.8.1999.

A companhia Ninho de Víboras participou na «III Mostra de Teatro de Almada», promovida pela Câmara Municipal e realizada no Fórum Municipal Romeu Correia, com *Solidão, Aperto e Queda* (numa co-produção com o Teatro Não) e *Margem ao Abandono – Material-Medeia – Paisagem com Argonautas*. Foi com este espectáculo, encenado por Karas, que aquela companhia de Almada se apresentou, na noite de 7 de Maio de 1999, na 18.ª edição do festival «Fazer a Festa – Festival Internacional de Teatro», realizado nos jardins do Palácio de Cristal do Porto.

A peça *Margem ao Abandono – Material-Medeia – Paisagem com Argonautas* foi escrita por Heiner Müller em 1982 e estreada no ano seguinte, sendo bem conhecida do público português, em particular *Material Medeia*¹¹, o texto que foi levado à cena de 11 a 14 de Agosto, no Teatro Taborada, a seguir à representação, nos dias 4 a 7 de Agosto, de *Filoctetes*, do mesmo dramaturgo.

O encenador, Karas, já estivera envolvido em 1993 num projecto sobre Medeia, quando colaborou na representação da *Medeia* de Eurípides pelo Teatro de Papel¹². Tal como nesse trabalho, também na montagem de *Material-Medeia* chamou a si diversas tarefas aliando à encenação a interpretação, curiosamente e bem à maneira da tragédia grega, do papel da protagonista.

De acordo com o programa, a peça compõe-se de três intervenções, que giram em torno das figuras de Medeia, Jasão e Glauce, e apresenta-se como um “musical, no sentido em que se trabalham ritmos e intensidades sobre a soberba humana.”

Segundo as palavras de Carlos Porto, na crítica que escreveu para o *Jornal de Letras* de 25.8.1999, “o espectáculo breve e denso, acaba por se tornar uma afirmação e uma presença cuja interiorização explica uma relação de algum modo ambígua com o público. Razoável trabalho dos

¹¹ Vide Maria de Fátima Silva(Coord.) *Representações...*, pp.120-124.

¹² Vide Maria de Fátima Silva(Coord.) *Representações...*, pp.112-113.

intérpretes e bons jogos cenográficos, na linha escolhida, além de figurinos, para o caso, criativos. Não se espere, no entanto, de um trabalho como este, em que o texto se torna essencial no carácter alienatório que assume, uma proposta de excepção, sem por isso deixar de ser menos interessante.”.

Elenco: Actores – Paulo Diegues, Cecília Fernandes, Cláudia Dias, Joaquim Pedro, Torrão Mendes, Karas; **Dramaturgia, Encenação, Objectos e Grafismo** – Karas; **Cenário** – Domingos Gomes; **Figurinos** – Tânia Franco; **Adornos** – Sónia Brum; **Iluminação** – Karas, Gonçalo Ribeiro; **Composição e Interpretação Musical** – José Ricardo, Rui Freire, Joaquim Pedro, Cecília Fernandes, Nuno Morão; **Sonoplastia** – Gonçalo Alegria; **Produção Executiva** – Karas, Susana Torrão.

Luísa de Nazaré Ferreira

Ann Papoulis, *Medeia* (bailado)

Produção: ACARTE

Direcção, Interpretação

e Coreografia: Ann Papoulis

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Fundação

Calouste Gulbenkian, Sala Polivalente

Data: 13-15.11.1990.

Durante o mês de Novembro de 1990 decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian o ciclo «Aspectos da Dança Contemporânea», promovido pelo ACARTE, no qual participou a bailarina e coreógrafa Ann Papoulis, que apresentou o seu mais recente trabalho a solo, o bailado *Medeia*.

Este bailado, que começou a ser trabalhado em Lisboa e foi estreado no «Impulz Tanz Festival» de Viena, em 1989, inspira-se na peça *Margem ao Abandono – Material-Medeia – Paisagem com Argonautas*, do dramaturgo alemão Heiner Müller. Sobre a sua relação com o texto de Müller, a própria autora declarou: “Faço uma aproximação física do texto de Heiner Müller, em que trabalho simultaneamente com a linguagem do meu corpo, a do texto e a dos sons, possibilitando que num mesmo tempo sejam contadas histórias a vários níveis.”

Nascida em Nova York, Ann Papoulis revela, todavia, um “temperamento meridional”, pelo que a sua “intelectualidade é sensorial e a expressão sensual”, opinava A.M. no *Público* de 13.11.1990. A terminar

o artigo, o mesmo crítico comentava assim a técnica da coreógrafa: “Ann recorreu a dois registos: o da simbólica inerente à história e ao seu corpo. Além de Müller, há a percepção de Merce Cunningham (com quem trabalhou) e, em instância evocativa, o “serpentear” de Loïe Fuller, a norte-americana precursora da dança contemporânea, que Ann Papoulis tem como referência preferencial.”

O fundo musical de *Medeia* reúne nomes como Sumac, Cherubini e Laibach, temas do folclore grego, russo e jugoslavo, e canções originais de John King.

Luísa de Nazaré Ferreira

P. P. Pasolini, *Medeia*

Produção: San Marco SpA (Roma), Les Films Number One (Paris), Janus Film und Fernsehen (Frankfurt)

Direcção: P. P. Pasolini

1.ª Apresentação: (em Portugal) Casino da Figueira da Foz

Data: 1972.

Em 1969 Pier Paolo Pasolini realizou *Medeia*, a partir da tragédia de Eurípides. Entre os dias 19 e 24 de Julho de 1972, por iniciativa do Centro de Estudos e Animação Cultural de Lisboa, com o patrocínio da Câmara Municipal e do Turismo da Figueira da Foz, do Centro Português de Cinema e da Sociedade Figueira-Praia, realizou-se a «Semana Internacional de Cinema da Figueira da Foz», durante a qual foram apresentados, em ante-estreia, vários filmes que viriam a ser posteriormente exibidos nas salas de cinema do país, entre os quais a *Medeia* daquele cineasta italiano.

Elenco: Actores – Maria Callas (*Medeia*), Massimo Girotti (*Creonte*), Laurent Terzieff (*Centauro*), Giuseppe Gentile (*Jasão*), Margareth Clementi, Sergio Tramonti, Luigi Barbini, Anna Maria Chio, Paul Jabara, Gerard Weiss, Gian Paolo Duregon, Luigi Masironi, Michelangelo Masironi, Gianni Brandizi, Franco Jacobby, Piera Degli Esposti, Graziella Chiarcosi, Mirella Panfili, Maria Cumani Quasimodo, Giorgio Trombetti; **Guião** – P. P. Pasolini; **Colaboração na Direcção** – Sergio Citti; **Assistente de Direcção** – Carlo Carunchio; **Seleccção Musical** – P. P. Pasolini, com colaboração de Elsa Morante; **Fotografia** – Ennio Guarnieri; **Cenografia e Adereços** – Dante Ferretti; **Arquitecto** – Nicola Tamburro; **Figurinos** – Piero Tosi; **Montagem** – Nino Baragli; **Produtores** – Franco Rossellini, Marina Cicogna; **Produtores Associados** – Pierre Kalfon, Klaus Helwig.

Luísa de Nazaré Ferreira

Carlos Jorge Pessoa, *Escrita d'Água (no rasto de Medeia)*

Produção: Teatro da Garagem

Co-produção: Teatro Nacional D. Maria II, Centro Cultural de Belém, Rivoli Teatro Municipal e Expo' 98

Texto e Encenação: Carlos J. Pessoa

1.ª Apresentação: Porto, Grande Auditório do Rivoli Teatro Municipal

Data: 27.3 – 1.4.1998.

Ver Vol. I, pp.125-126.

Luísa de Nazaré Ferreira

Luiz Riaza, *Medeia é bom rapaz*

Produção: Albino Moura

Encenação: Fernanda Lapa

Tradução: José Carlos Gonzalez

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Século

Data: 19.10.1992.

Ver Vol. I, pp.127-128.

Luísa de Nazaré Ferreira

George Savaria, *Medeia (ballet)*

Produção: Les Grands Ballets Canadiens (Montréal)

Coreografia: Brydon Paige

1.ª Apresentação: (em Portugal) RTP

Data: 14.10.1965

Outras: Lisboa (Coliseu – XIII Festival Gulbenkian de Música), 1969.

O ballet *Medeia*, com coreografia de Brydon Paige e música de George Savaria, fazia parte do repertório da companhia Les Grands Ballets Canadiens de Montréal, fundada em 1957 por Ludmilla Chiriaeff e que actualmente continua com grande actividade artística. O papel de *Medeia* foi desempenhado por Margery Lambert, para quem o bailado foi criado expressamente, e o de *Jasão* pelo bailarino português Armando Jorge. As duas figuras principais foram acompanhadas pelo *Grupo Experimental de Ballet* da Fundação Calouste Gulbenkian. Este bailado foi transmitido pela Rádio Televisão Portuguesa em 14 de Outubro de 1965. Sobre este espectáculo, o Dr. C. A. Louro Fonseca elaborou uma notícia

para a revista *Humanitas* 17-18, 1965-1966, pp.241-243, onde recolhemos estas informações.

Segundo a *Vida Mundial*, na rubrica da actualidade da edição de Junho de 1969, a mesma companhia de bailado participou no XIII Festival Gulbenkian de Música com três espectáculos. No terceiro apresentou *Allegro Brillante* (Balanchine – Tchaikovsky), *Medeia* de Brydon Paige (com música electrónica de George Savaria) e *O triunfo de Afrodite* de Carl Orff.

O crítico da *Vida Mundial* considerou a execução do bailado *Medeia* “excelente exemplo de expressionismo terpsicórico em que se recria o ambiente trágico do teatro grego clássico e, quanto a mim, a história de ‘Jasão’ e ‘Medeia’ é contada muito claramente (...). A sucessão de «quadros» é plástico-teatralmente muito bela.” Chamou a atenção, em especial, para os figurinos e para o facto de serem assinados, sob pseudónimo, pelo bailarino português Armando Jorge.

Luísa de Nazaré Ferreira

António José da Silva, *Encantos de Medeia*

Produção: Casa da Comédia

Encenação: Norberto Barroca

1.ª Apresentação: Lisboa, Casa da Comédia

Data: 1976.

Ver Vol. I, p.129.

Luísa de Nazaré Ferreira

António José da Silva, *Os Encantos de Medeia*

Produção: TEAR – Teatro Estúdio de Arte Realista

Encenação: Castro Guedes

1.ª Apresentação: Porto, Auditório Nacional Carlos Alberto

Data: Junho de 1983

Outras: Porto (ANCA), 7.11.1983; Porto (FITEI 83); Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II), 25-27.11.1983.

Ver Vol. I, pp.129-131.

Luísa de Nazaré Ferreira

António José da Silva, *Os Encantos de Medeia*

Produção: Marionetas de S. Lourenço (Lisboa)

Encenação: Helena Vaz

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente

Data: 11.4.1991.

Ver Vol. I, pp.131-132.

Luísa de Nazaré Ferreira

Christa Wolf, *Medea, Vozes* (leitura dramática)

Produção: Associação Cultural Saldanha – Monumental 96, com o apoio do Goethe-Institut Lissabon

Encenação: João Canijo

1.ª Apresentação: Lisboa, Cine-Teatro Monumental

Data: 15.10.1996.

Ver Vol. I, pp.133-134.

Luísa de Nazaré Ferreira

?, *Medêa*

Produção: Companhia de Vitaliani

1.ª Apresentação: Porto, Águia d'Ouro

Data: 9.1.1908.

Elenco: Actores – Italia Vitaliani (Medeia), Carlo Duse (Jasão).

Luísa de Nazaré Ferreira

SUPPLICANTES

Eurípides, *Suplicantes*

Produção: Isabel Alves

Encenação: Isabel Alves

1.ª Apresentação: Porto?

Data: 1996

Outras: França, Reino Unido, Dinamarca.

Em 1995/1996, Isabel Alves, que foi actriz do Seiva Trupe e directora da Academia Contemporânea do Espectáculo, concebeu o projecto PIETA (Project in European Theatre Arts). O objectivo desse ano era investigar, em parceria com escolas de França e do Reino Unido e com o apoio da União Europeia, a influência dos aspectos culturais dos diferentes países na formação de actores. Como resultado do curso, foi levada à cena a peça *As Suplicantes* de Eurípides.

A experiência foi bem sucedida, pelo que se foi alargando a outros países nos anos subsequentes.

José Ribeiro Ferreira

Fonseca Lobo, *As Suplicantes*

Produção: Companhia de Teatro de Almada

Encenação: Joaquim Benite

1.ª Apresentação: Teatro de Almada

Data: 12.4.1991.

Distinguida com uma menção honrosa na atribuição do Prémio Literário Cidade de Lisboa, em 1998, a peça de Fonseca Lobo, *As Suplicantes*, é levada à cena em 1991 pela Companhia de Teatro de Almada. A temática da tragédia – mulheres enlutadas que tentam recuperar os corpos dos seus familiares, marido ou filhos, para lhes darem uma sepultura condigna – evoca a peça homónima de Eurípides. Numa entrevista ao *Público* (31.3.1001, p.32), o autor português confessa as influências literárias que nele exerceu a tragédia grega, e muito em especial, no que toca as suas *Suplicantes*, a da referida peça grega. Outra referência do seu gosto pela dramaturgia vem-lhe da leitura das obras de um escritor contemporâneo, Albert Camus, em quem admira sobretudo a humanidade que trespassa as suas peças.

A acção decorre na Argentina do pós-guerra das Malvinas, dominada por um regime ditatorial, onde o poder se escuda numa polícia política e

se reflecte na violência militar. As três Suplicantes, que se dirigem da sua terra natal para Buenos Aires, simbolizam as célebres “mães da Praça de Maio”. A Igreja, o Governo e a Imprensa completam o desfile das partes intervenientes. O trabalho cenográfico de Vasco Eloy reuniu em simultâneo os adereços identificativos dos vários poderes: ao centro, um pentágono negro é aproveitado tanto para a igreja como para sede do presidente da junta militar (interpretado por António Assunção); uma cadeira, símbolo do poder temporal, é substituída por dois pedestais, quando se quer transferir a acção do Estado para a Igreja; a imprensa, colocada a um canto da cena, é assinalada pelo som de máquinas de escrever; num varandim com banco corrido, instala-se o coro (Coro Polifónico de Almada); sobre um chão empedrado, as Suplicantes (Luzia Paramés, Manuela Cassola e Fernanda Castro) percorrem o caminho que leva à capital, arrastando uma carroça com féretro.

Com música de Amadeu Cortez-Medina, responsável pela direcção do Coro Polifónico de Almada, e encenação de Joaquim Benite, o elenco dos actores completou-se com os desempenhos de Cecília Guimarães, Luís Vicente, Alfredo Sobreiro, António Olaio, Carlos Sebastião, Luís Pais e Ana Saltão.

Elenco: Actores – Luzia Paramés, Manuela Cassola, Fernanda Castro (Suplicantes), António Assunção (Presidente da Junta Militar), Cecília Guimarães, Luís Vicente, Alfredo Sobreiro, António Olaio, Carlos Sebastião, Luís Pais, Ana Saltão; **Coro** – Coro Polifónico de Almada; **Director do Coro** – Amadeu Cortez-Medina; **Música** – Amadeu Cortez-Medina; **Cenografia** – Vasco Eloy.

Carmen Soares

TROIANAS

Eurípides, *As Troianas*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Adaptação: Eurico Lisboa Filho

Data: 1956.

Elenco: Actores – I. de Vasconcelos, B. Bivar, L. Cerqueira, Maria Emília Batista, Júlia Santos, A. da Costa, Maria Crespo, Maria Teresa Santos.

M. F. S. S.

Eurípides, *As Troianas*

Produção: Grupo de Teatro da Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa)

Encenação: Cármen González

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Faculdade de Letras (?)

Data: 18.5.1969

Outras: Caldas da Rainha.

Ver Vol. I, pp.134-135.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, *As Troianas*

Produção: Josef Shaftel Productions (USA)

Encenação/Realização: Michael Cacoyannis, 1971

Versão inglesa do texto: Edith Hamilton

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinemas e RTP 2

Data: 1981.

Com esta produção de *As Troianas*, Michael Cacoyannis retorna à tragédia clássica, depois de, em 1962, ter produzido a *Electra*. A concepção deste novo trabalho é completamente teatral, tendo o espectador a sensação de assistir a uma peça montada no palco de um teatro convencional, apesar dos cenários e das marcações ao ar livre.

Na altura da estreia, a crítica não hesitou em relacionar a encenação de Cacoyannis com as conjunturas políticas vividas pela Grécia dos anos 60 e 70, as ditaduras e as tiranias que se tipificam nos abusos dos Aqueus sobre as mulheres dos Troianos derrotados. Aliás, esse recurso à tipologia não era estranho à encenação deste texto, visto que já Sartre o havia escolhido para a reabertura do Teatro Nacional de Paris no período pós-guerra, pelas evocações anti-belicistas que nele se podem detectar.

Quanto às interpretações, Cacoyannis escolheu quatro trunfos poderosos da cena internacional, ainda que o *accent* americano de Hepburn e o inglês de Redgrave pareçam por vezes demasiado deslocados. Já Papas, a quem cabe representar a bandeira grega entre o *cast*, e Bujold surgem quase perfeitas nesta produção.

A nível de cenografia e de guarda-roupa, predomina o ambiente de austeridade, evocando-se uma Tróia e guerreiros aqueus dos séculos XIII-XII a. C. e não as típicas toga e sandália que Hollywood consagrou nas suas produções dos anos 50 e 60. A tradução de E. Hamilton foi considerada pela crítica como muito bem escolhida, visto que, como refere

Rafael de España, «apesar de o texto estar em inglês, mantém toda a força e o patético do original». Uma produção que acabou por incentivar Cacoyannis a encenar a *Ifigénia na Áulide*, em 1976.

Elenco: Actores – Katharine Hepburn (Hécuba), Vanessa Redgrave (Andrómaca), Geneviève Bujold (Cassandra), Irene Papas (Helena), Patrick Magee (Menelau), Brian Blessed (Mensageiro), Alberto Sanz (Astíanax), Pauline Letts, Rosaline Shanks, Pat Becket, Anna Bentinck, Esmeralda Adam, María García Alonso, Nilda Álvarez, Victoria Ayllón, Elizabeth Billencourt, Margarita Calahorra, Elena Castillo, Ana María Espejo; **Guião** – Michael Cacoyannis; **Fotografia** – Alfio Contini; **Música** – Mikis Theodorakis; **Cenografia** – Nicholas Georgiadis; **Guarda-roupa** – Annalisa Nasalli Rocca; **Montagem** – Russell Woolnough.

Nuno S. Rodrigues

Eurípides, *As Troianas*

Produção: Teatro del Norte

Iniciativa: II Festival de Portalegre

Encenação: Etlvino Vásquez

1.ª Apresentação: Portalegre, Cine-Teatro Crisfal

Data: 20.10.1992.

Ver Vol. I, p.135.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, *As Troianas*

Produção: Alunos da Escola Secundária Ferreira Dias, Cacém

1.ª Apresentação: Cacém, Escola Secundária Ferreira Dias

Data: 1994.

Mais uma encenação da peça *As Troianas* de Eurípides que constitui uma reflexão sobre os males da guerra, tanto para os que nela encontram a morte como para os que escapam e se vêem reduzidos à servidão, com os principais culpados, por exemplo Helena, a obterem o perdão e os inocentes a sofrerem as mais penosas consequências. Assim a guerra aparece como cega e injusta, se bem que os deuses se mantenham atentos

e não deixem de punir os que cometem *hybris*. A representação agora esteve a cargo dos alunos da Escola Secundária Ferreira Dias, do Cacém.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, *As Troianas*

Produção: A Escola da Noite

Direcção e Encenação: Konrad Zschiedrich

Tradução: M. H. Rocha Pereira

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro do Pátio da Inquisição

Data: 30.10-15.11.1997

Outras: Oliveira de Azeméis (Cine-Teatro Caracas), 19-22.11.1997; Coimbra, 3, 26-28.12.1997; Porto (Auditório Nacional Carlos Alberto), 22-24.1.1998; Braga (Teatro Circo), 28-29.1.1998; Évora (Teatro Garcia de Resende), 13-14.2.1998; Montemor-o-Novo (Teatro Curvo Semedo), 19.2.1998; Beja (Casa da Cultura), 27.2.1998; Gondomar (Auditório Municipal), 6-7.3.1998; Braga (Auditório da Universidade do Minho), 13.6.1998.

Ver Vol. I, pp.136-137.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, *As Troianas*

Produção: Espello Cóncavo, da Galiza

Encenação: Arturo López

Tradução: Manuel Lourenzo

Iniciativa: II Festeixo

1.ª Apresentação: Viana do Castelo, Teatro Municipal Sá de Miranda

Data: 25.11.1997.

Ver Vol. I, p.138.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides, *As Troianas*

Produção: Grupo Balbo, do IES Santo Domingo de Puerto de Santa Maria, Cádiz

Encenação e Direcção: Emilio Flor Jiménez

1.ª Apresentação: (em Portugal) Conimbriga

Data: 4.5.2000

Outras: Coimbra (Museu Machado de Castro e Pátio da Universidade, respectivamente), 6 e 8.7.2000.

A história é bem conhecida, mas merece um resumo rápido. A peça retrata os momentos finais da Guerra de Tróia, que durante dez anos opôs Aqueus e Troianos e terminou com a conquista e incêndio da cidade. As mulheres e crianças, viúvas e filhas dos troianos mortos na guerra, feitas prisioneiras, aguardam no acampamento dos Aqueus o seu destino. Hécuba, a rainha, chora a morte dos seus e a perda e destruição do seu reino. Perante ela, em doloroso cortejo, vai-se revelando o trágico destino das filhas, nora e netos e de outras mulheres troianas – um destino transmitido pelo arauto dos Aqueus, Taltíbio, que anuncia algumas das decisões, com relutância e pena. A partir do primeiro aparecimento deste mensageiro aqueu com o anúncio do sorteio das cativas pelo exército grego, Eurípides apresenta-nos uma dor que vai crescendo em intensidade e que se concentra na figura de Hécuba: a anciã toma conhecimento de que a sua filha Políxena vai ser sacrificada como oferenda ao túmulo de Aquiles; que Cassandra será levada para Micenas como cativa de Agamémnon; que Andrómaca será concubina de Neoptólemo, filho de Aquiles, o assassino de Heitor; que seu neto Astíanax, uma criança inocente e de tenra idade, será despenhada das torres de Tróia, uma acção cruel e impensável dos Gregos. E a peça termina com o estrépito dos edifícios que se desmoronam consumidos pelas chamas. E deduz-se, no fim, que a principal culpada, Helena, obterá o perdão. Assim a guerra aparece como cega e injusta: recaem as consequências sobre os inocentes e não sofrem castigo os principais culpados, embora os deuses se mantenham atentos e não deixem de punir os que cometem *hybris*. E não fiquem sem castigo também os vencedores.

O cenário era inexistente, ou melhor constituíam-no o pátio do Museu Monográfico de Conimbriga e, nas reposições, o pátio do Museu Machado de Castro e a Via Latina, no Pátio da Universidade. E nisso, como em outros aspectos, manteve-se a representação fiel ao espírito do teatro grego. A acção dramática, a actuação dos actores e a evolução do Coro foram suficientes para interessar e emocionar a assistência.

Sobre a encenação e preparação desta tragédia de Eurípides, escreve o grupo no texto de apresentação: “esta obra formou-nos como cidadãos,

fez crescer em nós pensamentos antibelicistas, sentimentos de solidariedade e de respeito pelas pessoas. Ou seja, um conjunto de valores psicológicos e morais que nos devem acompanhar e nos tornam mais humanos.”

A interpretação esteve a cargo de alunos do próprio Instituto Santo Domingo e ficou assim distribuída: Carmen Ramírez Jiménez incarnou, de forma excelente, a figura de Hécuba; Victoria Viñas Cardona foi convincente no difícil papel de Cassandra; Elisa Marín Amor desempenhou o de Andrómaca e Julia Monje Serrano o de Helena; Javier Palacio Camacho deu-nos uma figura humana de Taltúbio e Ángel Fernandez Gálvez representou bem a indecisão de Menelau. A encenação apresenta dois coros, o das cativas troianas, que dá o nome à tragédia, e um coro masculino de guerreiros aqueus – interpretado por Daniel Arenas Suárez, Sergio Suárez López, Rafael Franco Molina, Adrián Varo García, Valentín Murillo Romero e Marcos Collado Martín – que não aparece em Eurípides mas que concorre para aumentar o *pathos* desde a cena de abertura. O coro feminino das mulheres troianas, que vão ser conduzidas como escravas para a Grécia, é interpretado por Patricia Buller, Luisa Pinto Rey, Ana Belén Villanueva Macías, Rosa Díaz Cores, Raquel Zurdo, Fadoua Lazaghoui, Irene Rodicio Cernadas, Nerea Miranda Ramírez, Charo Roselló Macías, Elisa Marín Amor, Victoria Viás Cardona e Julia Monje Serrano. Dirigido de forma segura pelo Corifeu, Yessica Maria Crespo Martín-Bejarano, transmite, com a sua presença em cena dramatismo à representação.

Os adereços foram um trabalho de equipa; a compilação musical e a dança são da responsabilidade de Raquel Zurdo; o vestuário e a coreografia das personagens masculinas pertenceram a Javier Palacio Camacho; e a coreografia feminina é de Julia Monje Serrano.

As reposições de 6 de Julho, no Museu Machado de Castro, e de 8 do mesmo mês, no Pátio da Universidade, apresentaram algumas alterações, na sua maioria derivadas da substituição de boa parte dos actores.

Elenco: Actores – Carmen Ramírez Jiménez (Hécuba), Victoria Viñas Cardona (Cassandra), Elisa Marín Amor (Andrómaca), Julia Monje Serrano (Helena), Javier Palacio Camacho (Taltúbio), Ángel Fernandez Gálvez (Menelau); **Coro de Cativas Troianas** – Patricia Buller, Luisa Pinto Rey, Ana Belén Villanueva Macías, Rosa Díaz Cores, Raquel Zurdo, Fadoua Lazaghoui, Irene Rodicio Cernadas, Nerea Miranda Ramírez, Charo Roselló Macías, Elisa Marín Amor, Victoria Viás Cardona, Julia Monje Serrano; **Coro de Guerreiros Aqueus** – Daniel Arenas Suárez, Sergio Suárez López, Rafael Franco Molina, Adrián Varo García, Valentín Murillo Romero, Marcos Collado Martín; **Compilação Musical e**

Dança – Raquel Zurdo; **Figurinos e Coreografia** – Javier Palacio Camacho, Julia Monje Serrano.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides / Sartre, *As Troianas*

Produção: Os Jotas

Iniciativa: VII Festival de Teatro Amador de Sintra

Data: Março de 1994 (10 récitas).

De salientar a grande afluência de público e o prémio com que esta representação foi distinguida.

Elenco: Actores – Rui Rações / Mário Rodrigues (Posídon), Gaby Ricardo (Palas Atena), Carla Freitas (Hécuba), José António Farinha (Taltíbio), Célia Baixinho / Susana João (Cassandra), Carla Espada (Andrómaca), Vanda Guerrinha / Tânia Rosado (Helena), Victor Pereira (Menelau), Miguel João (Astíanax), Nuno Pereira, Renato Luís, Victor Pe (Soldados); **Coro** – Ana Afonso, Sara Boialvo, Lénia Rufino, Mafalda Duarte, Sara Diogo, Eunice Boialvo, Sandy, Susana Rodrigues; **Luz** – Sérgio Afonso; **Som** – Filipe Marinho Bastos; **Montagem** – José António Farinha, Jorge Romão, Sérgio Afonso, Luís Lima, Victor Pereira, Nuno Pereira, Sérgio Alexandre Afonso; **Adereços** – Carla Espada, Carla Freitas, Zé Carlos Catalão, Tânia Rosado, Lígia Silva, Jorge Romão, Jorge Garcia, Victor Pereira, Gaby Ricardo, Sara Diogo, Lénia Rufino; **Assistentes de Encenação** – Carla Freitas, Carla Espada; **Encenação** – Filipe Marinho Bastos, com colaboração de Livia Morais.

M. F. S. S.

Eurípides / Sartre, *As Troianas*

Produção e Encenação: Elsa Valentim, Maria Duarte

1.^a Apresentação: Lisboa, Centro Cultural de Belém (Pequeno Auditório)

Data: 1-8.10.1994.

Ver Vol. I, pp.139-140.

M. F. S. S.

Eurípides / Sartre, *As Troianas*

Produção: Teatro Nacional D. Maria II

Encenação: João Mota

Tradução: Helena Cidade Moura

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 15.2.1996.

Ver Vol. I, pp.141-142.

José Ribeiro Ferreira

Eurípides / Sartre, *As Troianas*

Produção: Contacto – Companhia de Teatro Água Corrente de Ovar

Encenação: Manuel Ramos Costa

Tradução: Helena Cidade Moura

1.ª Apresentação: Ovar, Cine Teatro (encerramento do “Festovar 97”)

Data: 22.11.1997

Outras: V. N. Gaia (Avintes, no XVII Encontro de Teatro “Plebeus 97”), 29.11.1997; Matosinhos (XIII Festival de Teatro Amador da Cidade), 6.12.1997; Ovar (Cine Teatro), 10.1.1998; V. N. Gaia (Avintes, VI Festival de Teatro Amador 98), 17.1.1998; Vila do Conde (Vilar), 7.3.1998; Aveiro (?)

Deslocações Previstas: Felgueiras, 28.3.1998; Gondomar (Valbom), 18.4.1998; Ansião, 9.5.1998; Porto (Ballet Teatro em Arca d’Água), 27.6.1998.

Ver Vol. I, pp.143-144.

José Ribeiro Ferreira

Constança Capdeville, *As Troianas*

Produção: Companhia Nacional de Bailado do Teatro de S. Carlos

Iniciativa: Fundação Calouste Gulbenkian

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Municipal de S. Luiz

Data: 4.7.1985

Outras: Lisboa (Anfiteatro ao ar livre do Centro de Arte Moderna da Fundação C. Gulbenkian), 3.7.1986.

Este bailado, com coreografia de Olga Roriz, tem um texto que está mais próximo das *Troianas* de Sartre do que das de Eurípides – e a essa peça já foi feita referência na notícia sobre a encenação que dela realizaram Elsa Valentim e Maria Duarte (Vol. I, pp.139-140) –, com audição

ainda de uma voz a dizer a versão do *Cântico dos Cânticos* de Herberto Helder.

A interpretação das figuras teve a seguinte distribuição: Hécuba foi incarnada por Paola Cantalupo, Helena por Deborah Weaver, Andrómaca por Kimberley Ribeiro e Cassandra por Adriana Queiroz. Actuaram ainda as bailarinas Fátima Brito, Wanda França, Isabel Frederico, Josefina Holmes, Meryl Holloway, Cristina de Jesus, Lúcia Marta, Laura Pinto, Linda Ridgway, Helen Thomas, Célia Venes, Claire Vince, Zaire Zeyd, Cecília Góis, Denise Gomes, Fátima Lima, Catarina Lourdenço, Guiomar Machado, Elsa Madeira, Anna Mértola, Cristina Miguel e Teresa Sá Coutinho.

A música e interpretação musical são da autoria de Constança Capdeville, Vitorino e Janita Salomé, sendo utilizados os instrumentos adufe, bembir, taar, canas e crótalos. Os cenários e figurinos pertenceram a Nuno Carinhas e as luzes estiveram a cargo de Olga Roriz e do mesmo Nuno Carinhas. O som foi da responsabilidade de Hugo Ribeiro e de José Carvalho.

Sobre este bailado, teceu a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira a seguinte apreciação no n.º 6 (1986) do *Boletim de Estudos Clássicos* (pp.106-107): «estas *Troianas*, apesar do poder evocativo do ambiente de desgraça de uma partitura em que se ouvem os mais variados instrumentos e o próprio som das algemas que se arrastam, não conseguem sugerir, a nosso ver, o denso problema que a tragédia helénica equaciona, de que os vencedores não serão mais felizes do que os vencidos».

Elenco: Intérpretes – Paola Cantalupo (Hécuba), Deborah Weaver (Helena), Kimberley Ribeiro (Andrómaca), Adriana Queiroz (Cassandra); **Bailarinas** – Fátima Brito, Wanda França, Isabel Frederico, Josefina Holmes, Meryl Holloway, Cristina de Jesus, Lúcia Marta, Laura Pinto, Linda Ridgway, Helen Thomas, Célia Venes, Claire Vince, Zaire Zeyd, Cecília Góis, Denise Gomes, Fátima Lima, Catarina Lourdenço, Guiomar Machado, Elsa Madeira, Anna Mértola, Cristina Miguel, Teresa Sá Coutinho; **Interpretação Musical** – Vitorino, Janita Salomé; **Cenários e Figurinos** – Nuno Carinhas; **Luzes** – Olga Roriz, Nuno Carinhas; **Som** – Hugo Ribeiro, José Carvalho.

José Ribeiro Ferreira

ADAPTAÇÕES DE EURÍPIDES

Eurípides para duas mulheres (colagem de textos)

Produção: Margarida Mendes Silva, Helena Faria, José Geraldo, Teresa Faria

Encenação: José Geraldo

Tradução: a partir de Natália Correia (*Ifigénia em Áulide, Electra*); Augusta Fernanda de Oliveira e Silva (*Orestes*); José Ribeiro Ferreira (*Andrómaca, Helena*); António Freire (*Ifigénia entre os Tauros*)

1.ª Apresentação: Coimbra, Auditório do Instituto da Juventude

Data: 8-29.3 e 1.4.1995

Outras: Lisboa (Teatro da Comuna), 19-22.6.1996.

Ver Vol. I, pp.144-145.

Carmen Soares



ARISTÓFANES

(Página deixada propositadamente em branco)

AVES

Aristófanes, *As Aves*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 1956.

Elenco: Actores – A. Palma, A. da Costa, Júlia Santos, M. T. Almeida, Sacramento de Almeida, Jaime Santos, L. Cerqueira, José Correia, I. de Vasconcelos, T. Santos, Margarida Lisboa, M. J. Magalhães, Maria Elisa Pavia.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Os Pássaros*

Produção: Teatro Universitário do Porto

Encenação: António Pedro

Tradução: António Pedro

1.ª Apresentação: Porto, Teatro S. João

Data: 7.8.1963

Outras: Caldas da Rainha, 10.8.1963; Santarém, 12.8.1963; Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II), 13.8.1963; Castelo Branco, 15.8.1963; Aveiro, 17.8.1963

Reposição: Brasil, Rio de Janeiro (jardins do Palácio de Guanabara), Agosto de 1964.

Ver Vol. I, pp.149-150.

Carlos Morais

CAVALEIROS**Aristófanes, *Cavaleiros***

Produção: Trigo Limpo – Teatro ACERT Tondela

Encenação: José Rui

Tradução: Texto adaptado a partir da tradução de M. Fátima Silva

1.ª Apresentação: Delfos, Grécia

Data: 1.9.1990

Outras: Tondela, 22.9.1990; Viseu (Pavilhão das Indústrias, Feira de S. Mateus), 26.9.1990; Lisboa (Cinearte); Coimbra (Jardim da Sereia).

Ver Vol. I, pp.151-152.

M. F. S. S.

LISÍSTRATA**Aristófanes, *Lisístrata***

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 1956.

Elenco: Actores – L. de Vasconcelos, B. Bivar, Maria Albergaria, M. T. de Almeida, M. Crespo, A. da Costa, L. Cerqueira, Jaime Santos, A. Palma, Tomás de Macedo, Maria Margarida.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Lisístrata*

Produção: Teatro Experimental de Cascais

Encenação: Carlos Avilez

Tradução: Manuel João Gomes

1.ª Apresentação: Cascais, Teatro Municipal Mirita Casimiro

Data: 5.5.1989.

Ver Vol. I, pp.153-154.

M. F. S. S.

Amor Vem (adaptação de **Aristófanes, *Lisístrata***)

Produção: Mutumbela Gogo (Moçambique)

Encenação: Henning Mankell

Tradução: da responsabilidade do grupo

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II

Data: 27-31.5.1993

Outras: Coimbra (Teatro Avenida), 4-6.6.1993.

Ver Vol. I, pp.156-157.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Lisístrata*

Direcção: João Mota

1.ª Apresentação: Lisboa, Comuna

Data: 20.2.1994.

Esta representação da *Lisístrata* foi realizada como exercício pelos alunos do Curso de Formação Teatral e Cultural da Comuna.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Lisístrata*

Produção: TEMA (Teatro Experimental de Medicina)

Encenação: César Alagoa

Tradução: adaptação da versão brasileira por Cristina Pina e César Alagoa

1.ª Apresentação: Lisboa, Hospital de Santa Maria (Sala de Alunos)

Data: 17.5.1996

Outras: Lisboa (Festival de Teatro da Semana da Juventude), 1997.

Ver Vol. I, pp.155-156.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Lisístrata*

Direcção: João Mota

1.ª Apresentação: Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema

Data: 3.1997.

Esta representação da *Lisístrata* foi realizada pelos alunos do primeiro ano da Escola Superior de Teatro e Cinema.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Lisístrata*

Produção: Teatro Universitário do Minho

Direcção: Jorge Eduardo Figueira, Ricardo Correia

1.ª Apresentação: Braga, Termas Romanas do Alto da Cividade

Data: 23-27.5.2000, 11.7.2000

Esta encenação da *Lisístrata* pelo Teatro Universitário do Minho constituiu um exercício final do curso de iniciação 1999-2000.

Elenco: Actores – Isabel Rodrigues / Ana Luísa Pimentel (*Lisístrata*), Joana Leal (*Cleonice*), Patrícia Gonçalves / Sandra (*Mirrina*), Clara Alves de Sousa (*Lampito*), Clara Alves de Sousa (*Primeira Mulher*), Fátima Mendes (*Segunda Mulher*), Joana Almeida (*Terceira Mulher*), Raquel Oliveira (*Quarta Mulher*), Conceição Freitas (*Quinta Mulher*), Marta Nunes (*Primeira Velha*), Raquel Oliveira (*Segunda Velha*), Conceição Freitas (*Terceira Velha*), Jean Ackle (*Coro de Velhos*), Miguel / Conceição (*Magistrado*), Paulo Martins (*Cinésias*), Joana Almeida (*Mensageiro*), Clara Alves de Sousa (*Polícares*), Fátima Mendes (*Embaixador Lacedemónio*), Jean Ackle (*Conciliação*), Marília Coutinho (*Cupido*); **Luz** – José Álvaro, Ana Maria Ferreira, Natália Sofia Ferreira; **Som** – Julieta Gomes, Ricardo Bruno Fonseca; **Figurinos, Adereços e Cenografia** – Fernando Ribeiro, Anabela Oliveira, António Miguel Bettencourt, Joana Almeida, Julieta Gomes, Marcos, Natália Sofia Ferreira, Ricardo Bruno Fonseca; **Cartaz** – Marcos; **Fotografia** – Ana Bettencourt.

M. F. S. S.

Augusto Boal, *As Mulheres de Atenas*

Produção: Associação Recreativa Plebeus Avintenses

Encenação: Oliveira Alves

1.ª Apresentação: Penafiel, Festafidelis

Data: 25.6.1994

Outras: Évora (Teatro Garcia de Resende), 24.9.1994; Porto (Teatro Sá da Bandeira), 30.9 – 2.10.1994; Matosinhos (Aurora da Liberdade), 15.10.1994; Ovar (Festovar 94), 5.11.1994; Vilar de Andorinho (Vilarte 94), 26.11.1994; Póvoa do Lanhoso (Festival de Outono); Avintes (Sede dos Plebeus), 23.12.1994; Anadia (Salão dos Bombeiros); Oiã-Águeda (G. Recreativo Nova Vaga), 6.5.1995; Valbom-Gondomar (Fetav), 27.5.1995; Joane – V. N. Famalicão (Teatro Construção), 17.6.1995.

Ver Vol. I, p.158.

M. F. S. S.

Augusto Boal, *Mulheres de Atenas*

Produção: GETE – Grupo Experimental de Teatro de Espinho

Encenação: Jorge Ferreira

Ante-estreia: Espinho (Auditório da Cooperativa Nascente), 31.7.1997

1.ª Apresentação: Espinho, Auditório da Cooperativa Nascente

Data: 10-12.10.1997

Outras: Espinho (Auditório da Cooperativa Nascente), 9.11.1997; Espinho (Auditório do Cine-Teatro S. Pedro), 29.11.1997; Senhora da Hora (Cooperativa Sete Bicas), 30.11.1997; Paços de Brandão (Festival de Teatro do CIRAC), 9.5.1998; Penafiel (Festival de Teatro), 16.5.1998.

Ver Vol. I, p.159.

M. F. S. S.

Augusto Boal, *Mulheres de Atenas*

Encenação: William Gavião

1.ª Apresentação: Pedrouços (Maia), Casa do Alto

Data: 30.10 – 1.11.1998.

Esta representação de *Mulheres de Atenas* funcionou como trabalho final de um grupo de 25 jovens, que participaram na oficina de teatro promovida pelo Gabinete da Câmara Municipal da Maia, na área da expressão dramática. O curso foi ministrado pelo encenador e actor Valdemar Santos.

M. F. S. S.

Augusto Boal, *As Mulheres de Atenas*

Produção: Sete e Meia – Oficina de Teatro

Encenação: Rui Luís Brás

1.ª Apresentação: Lisboa, Auditório Carlos Paredes – Benfica

Data: 10-18.12.1999

Outras: Almada (Cine Plaza), 18-19.3.2000.



Sobre o texto do brasileiro Augusto Boal, Rui Luís Brás confessa ter feito algumas adaptações no sentido de tornar a peça mais actual. Como grupo de actores, o encenador trabalhou um conjunto de jovens que, em regime de ocupação de tempos livres, se dedica a uma iniciação teatral. Este projecto é da iniciativa da Cooperativa de Habitação Económica dos Funcionários da Câmara de Lisboa.

Elenco: Actores – Ana Pascoal (Clara), Artur Neves (Estremodoro), Cipriano Monteiro (Mensageiro), Hugo Pereira (Aristóbolo), Hugo Quinta (Leónidas), Marta Vitório (Ester), Miguel Vitório (Pancrácio), Raquel Carmona (Teodora), Ricardo Noel (Juiz), Selma Pereira (Escrava, Semprónio), Sara Aguiar (Lisa), Sílvia Sardinha (Cora), Vera Fonseca (Mirta); **Produção** – Sílvia Sardinha, Selma Pereira, Ana Pascoal, Hugo Pereira, Raquel Carmona; **Cenografia** – Rui Luís Brás; **Técnico de Luzes** – João Paulo Xavier.

M. F. S. S.

Augusto Boal, *As Mulheres de Atenas*

Produção: OFITA

Iniciativa: T' Amaranto

1.ª Apresentação: Amarante

Data: 29.7.2000.

M. F. S. S.

João Lázaro, *Cenas de café*

Produção: Teato, Grupo de Teatro de Leiria

Data: 1994.

Esta criação de João Lázaro inclui um excerto da *Lisístrata*.

M. F. S. S.

MULHERES NO PARLAMENTO

Aristófanes, *As Mulheres no Parlamento*

Produção: Grupo de Teatro do Instituto de Estudos Clássicos – Coimbra

Encenação: Delfim Leão

Realização: Gonçalo Barros, Rui Ressurreição

Tradução: Texto adaptado a partir da tradução de M. Fátima Silva

1.ª Apresentação: Conimbriga

Data: 26.10.1996

Outras: Coimbra (Faculdade de Letras), 10.12.1996.

Ver Vol. I, pp.160-162.

D. F. Leão

Isabel Medina, *Mulheres ao Poder*

Produção: Escola de Mulheres –
Oficina de Teatro,

em co-produção com Helder
Freire Costa

Encenação: Isabel Medina

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro
Maria Vitória (Parque Mayer)

Data: 19.11.1999

Outras: em cena até final do ano e
durante o ano de 2000

Transmissão pela TVI em 5.7.2000.



Pela segunda vez, a «Escola de Mulheres – Oficina de Teatro» aventurou-se a pôr em cena um drama grego. Já o fizera em 1995 com a

representação de *As Bacantes* de Eurípidés, encenadas por Fernanda Lapa¹³. No ano de 1999, em co-produção com Helder Freire Costa, a «Escola de Mulheres – Oficina de Teatro» apresentou no Teatro Maria Vitória *Mulheres ao Poder*, uma divertida e inteligente “comédia musical” encenada por Isabel Medina, que adaptou livremente *As Mulheres no Parlamento* de Aristófanes.

O espectáculo de estreia realizou-se a 19 de Novembro, pelas 20,30 horas. A sala nem estava muito cheia, mas vislumbravam-se rostos conhecidos entre o público, sobretudo das artes do espectáculo. Uma plateia de respeito, portanto. Contudo, bastaram alguns minutos para percebermos que iríamos assistir a bons momentos de teatro à maneira aristofânica, ou seja, a que não dispensa a dose adequada de intervenção social e política, com alguma brejeirice pelo meio.

Isabel Medina criou um espectáculo cheio de cor e de energia, onde o ataque à política, à nossa política actual, está presente do princípio ao fim. A presença de Simone de Oliveira, a assumir o papel de anfitrião e condutor do espectador à semelhança de um Corifeu, à frente de um elenco muito apelativo, era à partida uma garantia de qualidade. No entanto, o espectáculo acabou por ultrapassar estas expectativas, pois revelou-se uma forma diferente, mas muito eficaz, de actualizar uma comédia grega antiga mantendo as suas características originais, nomeadamente o cómico, a sátira social e política, o ataque aos vícios da Humanidade e, sobretudo, das mulheres.

Esta peça é constituída por duas partes – o antes e o depois da tomada do poder pelas mulheres – demarcadas, a nível formal, sobretudo por simbólicas variações introduzidas no vestuário e nos adereços.

Embora se trate de uma adaptação livre, as cenas da comédia aristofânica foram todas mantidas. A encenadora suprimiu, sabiamente, o que o espectador actual teria dificuldade em compreender e o que o leitor, geralmente, apenas compreende recorrendo às notas de tradução. Trata-se, obviamente, de uma opção correcta por parte de qualquer encenador que pretenda a adesão total do público. Neste caso, uma dessas opções dignas de registo foi a substituição dos nomes das personagens, em geral, todos bem conseguidos e bem sugestivos, como o de *Prafrentáxora* por Praxágora, ou o de *Peidolos* por Bléfiro. Entre as figuras masculinas, aparecem o *Direitatos* e o *Lambabutatos*. Entre as mulheres que conspiram com Prafrentáxora, a *Sexágora* transborda de sensualidade e Pingostrata não dispensa a boa pinga. Como se esperava, Maria João Abreu deu vida a

¹³ Sobre este espectáculo, vide as considerações de José Ribeiro Ferreira, em Maria de Fátima Silva (Coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Edições Colibri-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998, pp. 90-92.

uma Prafrentáxora consciente dos seus deveres e altamente confiante nas suas capacidades de liderança política. Também José Raposo (Peidolos), desde a primeira cena, quando aparece com um vestido da mulher, plumas e sapatos de verniz branco a condizer, criou uma personagem muito rica e engraçada. O mesmo se pode dizer de todos os outros actores.

Tratando-se de uma “comédia musical”, o canto, a dança e a música, à semelhança do que acontecia no teatro grego, são elementos essenciais nesta peça e, também à maneira grega, alguns actores interpretam mais do que uma personagem. Foi assim que, na famosa cena de namorico entre o Moço e a Moça, a Segunda Velha e a Terceira são interpretadas, respectivamente, por Ricardo Carriço e João Raposo! Também André Maia teve oportunidade de mostrar o seu talento ao interpretar figuras tão diversas como um Cremes cheio de tiques e um Moço muito pretendido.

Esta cena de namorico foi, aliás, uma das mais delirantes para o público. Para isso contribuiu certamente, além da inesperada entrada de Ricardo Carriço e João Raposo no papel de Velhas atiradiças, o cenário constituído por uma torre cor-de-rosa, decorada com um imenso coração. No seu interior, uma verdadeira Barbie faz palpitar o coração de um elegante Moço que traz um sexo..., perdão, saxofone! Mas o sucesso desta cena deve-se, em grande parte, à Primeira Velha de ideias bem firmes e atitudes audazes, tão cómica que o público se rendeu aos seus “encantos” desde a sua entrada em cena.

Mulheres ao Poder é um espectáculo onde a cor, ou melhor, a combinação de cores é um elemento enriquecedor e essencial, quer para o cenário, sóbrio e eficazmente alusivo, que as próprias personagens constroem/destroem e movimentam à vista do público, quer para os figurinos, sugestivos e bem adequados a todos os momentos do espectáculo e às diferentes personalidades em cena, desde o modelo vanguardista de Prafrentáxora aos tradicionais xailes das Velhas, passando pelos cómicos vestidos e plumas que os homens se vêem obrigados a vestir. De louvar também as fardas “felinas” da talentosa *boys band* «D’Abrasar» que entra em cena para animar o banquete oferecido pelo novo governo à cidade.

O final foi assinalado como na comédia antiga, com um animado e bem dançado pedido de aplausos, a que o público acedeu demoradamente. Um apelo de todos os actores encerrou esta deliciosa comédia musical: “Não deixem acabar o Parque Mayer!”. Perante tanta energia e tanto ritmo, só o profissionalismo e o treino explicam que, meia hora mais tarde, a companhia estaria pronta para iniciar uma segunda representação.

Elenco: Actores – Simone de Oliveira, Maria João Abreu, Ricardo Carriço, Lena Coelho, José Raposo, Maria Henrique, Cristina Oliveira, André Maia, Nelson Cabral, Sandra de Castro, Andrea Pereira, Elena da

Silva; **Direcção Musical** – Laurent Filipe; **Coreografia** – Vitor Linhares; **Cenografia** – Ana Vaz; **Figurinos** – Luísa Pinto, com a colaboração especial de Carlos Soares na criação e confecção dos vestidos das actrizes e bailarinas; **Desenho de Luzes** – Daniel Worm D' Assumpção; **Desenho de Som** – Rui Dâmaso, Raul Ribeiro; **Adereços** – Carlos Matos; **Assistente de Encenação** – Maria Lapa; **Produção Executiva** – Teresa Couto Pinto; **Adaptação do Texto e Letras** – Isabel Medina.

Luísa de Nazaré Ferreira

NUVENS

Aristófanes, *Nuvens*

Produção: Artello

1.ª Apresentação: Porto, Sala do Povo Portuense

Data: 1981.

A vinda ao Porto deste grupo espanhol incluiu-se numa série de iniciativas da Seiva Trupe apresentadas na Sala do Povo Portuense.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Nuvens*

Produção: Grupo Intervenção Cultural da Covilhã

Encenação: Bento Martins

Tradução: Fernando Franco

1.ª Apresentação: Covilhã, Sala Estúdio do GICC

Data: 28.5.1983

Outras: 14 espectáculos na Covilhã, Tortosendo, Belmonte, Guimarães, Carnide, Penamacor, Fundão, São Miguel D' Acha, Estremoz.

Ver Vol. I, pp.162-163.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Nuvens*

Entidade promotora: RTP 2

Produção: Maria José Mendonça

Realização: Helder Duarte

Encenação: António Casimiro

Tradução: Custódio Magueijo

Data: 17.7.1993.

Ver Vol. I, pp.163-165.

M. F. S. S.

Aristófanes, *As Nuvens* (adaptação de *Nuvens* de Aristófanes e *Apologia de Sócrates* de Platão)

Produção: Grupo de Teatro Ita Vero da Escola Secundária n.º 1 de Loures

Iniciativa: Escola em Palco

1.ª Apresentação: Odivelas, Centro Cultural da Malaposta

Data: 30.4.1997.

M. F. S. S.

PAZ

Aristófanes, *A Paz*

Produção: Centro Dramático de Évora – CENDREV

Encenação: Luís Varela, Mário Barradas

Tradução: Texto adaptado a partir da versão francesa de Les Belles Lettres

1.ª Apresentação: Lagos, Festa da Paz e da Cultura

Data: 1.8.1980

Outras: Évora (Teatro Garcia de Resende), 15.10.1980.

Ver Vol. I, pp.165-167.

M. F. S. S.

PLUTO**Aristófanes, *Pluto***

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Adaptação: Eurico Lisboa Filho

Data: 1956.

Elenco: Actores – Adelina Campos, B. Bivar, A. Palma, A. da Costa, R. de Carvalho, L. Cerqueira, A. Sarmento, J. Miranda, J. Correia.

M. F. S. S.

Aristófanes, *Plutos*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Programa Noite de Teatro)

Realização: Jorge Santos

Tradução / Adaptação: Goulart Nogueira

Direcção: António Manuel Couto Viana

Data: 23.7.1964.

Elenco: Actores – Maria Albergaria, Octávio Borges, Joaquim Rosa, Rui Furtado, Fernanda Montemor, Mário Pereira, Vasco Lima Couto, Hortense Luz, Assis Pacheco, Jaime Santos, António M. Couto Viana.

M. F. S. S.

ADAPTAÇÕES DE ARISTÓFANES

Una Festa per Aristofane

(colagem de textos de Aristófanes,
Epicuro et alii)

Produção: Innova

Encenação: Giovanni Anfuso

1.ª Apresentação: Lisboa, Instituto
de Formação, Investigação e
Criação Teatral

Data: 20.7.2000.



Esta produção internacional inclui-se na fase piloto do Programa Europeu de Cultura 2000. Para além do espectáculo, o mesmo ciclo comportou ainda um encontro com criadores e um seminário. O espectáculo em si, que debate a famosa questão da má repartição da riqueza, articulou-se num misto de teatro e de dança, onde intervieram seis actores e actrizes, sete bailarinos e dois músicos.

Elenco: Actores – Sebastiano Tringali, Licinia Lentini, Giancarlo Zanetti, Claudio Trionfi, Givanni Argante, Rosario Minardi; **Coreografia** – Paola Cassara; **Cenografia** – Ricardo Perricone; **Figurinos** – Argento Dora.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



CRATINO

(Página deixada propositadamente em branco)

A GARRAFA

Cratino, *A garrafa*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico
(Programa dedicado à comédia ática)

Data: 1956.

Elenco: Actores – B. Bivar, A. da Costa, Sacramento de Almeida,
L. Cerqueira, A. Vieira, Assis Pacheco.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



MENANDRO

(Página deixada propositadamente em branco)

ARBITRAGEM

Menandro, *Arbitragem*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1956.

M. F. S. S.

DÍSCOLO

Menandro, *Díscolo*

Produção: Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra

Iniciativa: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC)

Adaptação: Carlos Alberto Louro Fonseca

1.ª Apresentação: Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Clássicos

Data: 2.6.1976.

Na sua sessão cultural de Junho, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos promoveu uma reflexão sobre *O Díscolo* de Menandro, que esteve a cargo de Maria de Fátima Silva. Como exemplificação de alguns dos temas expostos sobre as condições de recuperação, de estrutura e de concepção dramática do texto em causa, foi feita uma dramatização de três cenas da peça. Sob a orientação de Carlos Alberto Louro Fonseca, essa tarefa foi realizada por estudantes do curso de Filologia Clássica da Universidade de Coimbra.

Elenco: Actores – João Torrão (Quérea), José Carvalho da Costa (Sóstrato), António Manuel Formiga (Pírrias, Górgias), José Coelho Oliveira da Silva (Cnémon), José Artur Piló (Geta), Fernando Domingues Cardoso (Sícon), M. Fátima Barbas (Simica).

M. F. S. S.

A RAPARIGA TOSQUIADA

Menandro, *A rapariga tosquiada*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

SAMIA

Menandro, *La Samia*

Produção: Helios Teatro (Madrid)

Direcção e Encenação: Gemma López Martínez

1.ª Apresentação: (em Portugal) Pátio da Universidade de Coimbra

Iniciativa: Encontros de Teatro de Tema Clássico

Data: 26.6.1999

Outras: Conimbriga, 27.6.1999; Conimbriga, Festival de Teatro Escolar de Tema Clássico, 2.5.2000.

No dia 26 de Junho de 1999, pelas 22 horas, o Pátio da Universidade de Coimbra iluminou-se para assistirmos à estreia em Portugal de *A Rapariga de Samos*, de Menandro, apresentada pelo Helios Teatro, de Madrid, no âmbito dos «Encontros de teatro de tema clássico de Conimbriga, Aeminiium e Sellium». O Helios Teatro é dirigido por Gemma López, com a colaboração do Prof. José Luis Navarro, e constituído por alunos do ensino secundário e superior, que pertencem também a outros grupos de teatro grego, principalmente ao Selene, dirigido pelos mesmos professores, e ao Thiasos de Madrid. No ano de 1998, o Selene estivera entre nós para apresentar, na Igreja de S. João de Almedina, a tragédia *Andrómaca*, de Eurípides, por ocasião do I Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC) – “Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa” (Coimbra, 4-6 de Junho).

A encenação da *Samia* de Menandro constitui uma verdadeira glória para o Helios Teatro, pois trata-se de uma estreia na Península Ibérica. Uma das suas apresentações teve lugar no «XVI Festival Juvenil Europeu de Teatro GrecoLatino de Segóbriga», que se realiza todos os anos e no qual este grupo é uma presença habitual.

A história passa-se em Atenas, nos finais do séc. IV a.C. No cenário avistamos não a fachada mas o interior de duas casas, uma humilde, per-

tencentente a *Nicérato* (Rafael Esteban); a outra, mais brilhante e melhor decorada, é propriedade de *Démea* (Miguel Ángel Navarro). São ambos amigos e no início da comédia encontram-se a passar férias no Ponto. A sua entrada em cena constitui um dos momentos mais cómicos do espectáculo, dado os “recuerdos” e o cansaço bem visível dos turistas, as queixas dos escravos e as exigências do velho rico, que até tem direito a um banho de pés que fica a meio. Na sua ausência, o filho adoptivo de Démea, *Mósquion* (Javier Valverde), engravidou *Plângon* (Ruth Rubio), filha legítima de Nicérato. Para evitarem a ira dos pais, os jovens entregam a criança a *Crísida* (Laura Chica), a mulher de Samos por quem Démea morre de amores e com quem vive. Esta situação gera grandes confusões, primeiro na casa de Démea, depois na de Nicérato, mas, no final, tudo se resolve, e a peça termina com um faustoso banquete e uma belíssima festa de casamento.

O texto grego, que apresenta diversas lacunas, foi traduzido por José Luís Navarro, com base na edição de F.H. Sandbach (Oxford 1972), e publicado nas *Editiones Clásicas* (Madrid 1999).

O Helios Teatro, defendendo uma representação “lo más natural posible”, como se afirma no programa, procura também recriar um ambiente teatral que se aproxime do teatro grego antigo, sem, todavia, cair no exagero. Assim, é evidente o cuidado posto nas escolhas musicais (canções populares, Mikis Theodorakis e Xarhachos), na concepção do cenário e dos adereços (da autoria de Jesús López Salinero), do original e sugestivo vestuário, da responsabilidade de Gemma López, no rigor dos gestos e na coreografia do Coro criada por Ioannis Fousianis e inspirada no folclore grego.

Das interpretações, embora todos tenham desempenhado bem o seu papel, desde o escravo mais barulhento até ao que se mantém em silêncio durante todo o espectáculo, destacamos a figura sensual da *Sâmia*, a vivacidade de *Parmenão* (Javier Torrijos), o exotismo do cozinheiro (Abraham Company) e um *Mósquion* com um ar um pouco tolo, mas que suscitou facilmente a simpatia do público. Todavia, cumpre-nos sublinhar que tanto Miguel Ángel Navarro como Rafael Esteban foram excelentes na interpretação de Démea e de Nicérato. No final, o público reconheceu as capacidades excepcionais destes jovens actores.

O profissionalismo deste grupo vai ao ponto de dispor de três actores para o papel de Démea. Assim, este papel coube, na noite do dia 26 de Junho, a Miguel Ángel Navarro. Na tarde do dia seguinte, na representação que teve lugar nas ruínas de Conimbriga, a mesma personagem foi interpretada por Javier García e em Segóbriga tivemos oportunidade de ver um curioso Démea desempenhado por Antonia Paso, uma actriz do Thiasos de Madrid.

Parece-nos também importante salientar a atenção dada a certos pormenores. Por exemplo, quando os actores abandonam o centro da acção não deixam, por isso, de continuar a interpretar o seu papel: vemos Crísida a embalar o menino, o jovem Mósquion a tocar cítara com um ar muito apaixonado; os escravos, que brincam constantemente, roubam comida, lutam, correm por entre os espectadores. Assim, o cenário está em constante movimento, o que só tem como único inconveniente, em nossa opinião, o facto de distrair, por vezes, o espectador.

A preocupação com o pormenor é também evidente no uso de alguns adereços, como a vítima do sacrifício, um engraçado peluche que Nicérato, cheio de comicidade, transporta aos ombros; outro objecto notável é um leitão a assar num espeto, à volta do qual se reúnem os elementos masculinos que ajudam a preparar a boda de casamento.

Referiremos ainda dois belos momentos desta representação: um foi conseguido quando quatro elementos femininos, entre os quais se encontravam Crísida e a mãe do bebé, entoaram e dançaram uma canção de embalar, enquanto iam passando o menino de uns braços para os outros; digna de relevo também é a cena dos preparativos para o casamento, já que a noiva é cuidadosamente vestida em cena pelas suas amigas.

Esta comédia termina, como já dissemos, com os divertidos festejos de casamento. Os espectadores, infelizmente pouco numerosos, reconheceram generosamente os muitos méritos deste trabalho do grupo Helios Teatro e descobriram que o Pátio da Universidade pode ser aproveitado, com muito êxito, para fins tão especiais como a estreia em Portugal de uma peça grega que terá sido composta, segundo o Prof. José Luis Navarro, em 320 a.C. Com esta mesma peça foi inaugurado o «Festival de Teatro Escolar de Tema Clássico», que decorreu entre 2 e 5 de Maio de 2000 e foi promovido pela Liga dos Amigos de Conimbriga.

Elenco: Actores – Miguel Ángel Navarro, Javier García, Antonia Paso (Démea), Javier Valverde (Mósquion), Laura Chica, María del Mar Monserrate (Crísida), Javier Torrijos (Parmenão), Rafael Esteban (Nicérato), Abraham Company (Cozinheiro), Ruth Rubio (Plângon), Óscar García, Carlos Guitart (Escravos de Démea); **Coro** – Cristina Palomo (Corifeu), Amparo Torres, Cayetana Paso, Javier Torrijos, Ana García, Ruth Rubio, Cristina Sánchez, Héctor Bolaños (Coreutas); **Coreografia** – Ioannis Fousianis; **Desenho do Vestuário** – Gemma López Martínez; **Confecção do Vestuário** – Boutique LA SOLEÁ (Madrid); **Decoração e Adereços** – Jesús López Salinero; **Iluminação e Som** – Carlos Guitart; **Fotografia** – Ángel Martínez.

Luísa de Nazaré Ferreira



LUCIANO

(Página deixada propositadamente em branco)

DIÁLOGOS DOS DEUSES

Luciano, *Diálogos dos Deuses*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

Foram lidos os diálogos ‘Panupe e Galeno’ e ‘Julgamento dos Deuses’.

M. F. S. S.

DIÁLOGOS DOS MORTOS

Luciano, *Diálogos dos Mortos*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

Foi lido o diálogo ‘Caronte, Mercúrio e Diferentes Mortos’.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



HERONDAS

(Página deixada propositadamente em branco)

Herondas, *Mimos*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1956.

Foram lidos ‘O mestre escola’, ‘O sapateiro’ e ‘A alcoviteira’.

Elenco: Actores – Adelina Campos, B. Bivar, A. Palma, A. da Costa, R. de Carvalho, L. Cerqueira, A. Sarmento, J. Miranda, J. Correia.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



TEÓCRITO

(Página deixada propositadamente em branco)

Teócrito, *Mimos*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1956.

Foram lidos ‘O guardador de cabras e o guardador de ovelhas’, ‘As mulheres de Siracusa’ e ‘As feiticeiras’.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



ADAPTAÇÕES
DE TEMAS GREGOS

(Página deixada propositadamente em branco)

À Procura da Tragédia (sequência de várias tragédias de autores portugueses do séc. XVI ao XVIII, entre as quais: *A Vingança de Agamémnon*, de Aires Vitória; *Policena*, de Joaquim José Sabino; *Andrómaca*, de Manuel Figueiredo)

Produção: Fundação Calouste Gulbenkian – ACARTE

Encenação: Orlando Neves

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna

Data: Maio de 1986

Outras: Maio a Agosto de 1986.

Ver Vol. I, pp.171-172.

Cláudia Cravo

George Friderick Handel, *Acis e Galatea*

Produção: London Sinfonietta e Coro Gulbenkian

Maestro Director: John Matheson

Libreto: John Gay

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1980.

Elenco: Intérpretes – Elizette Bayan (Galatea), Kenneth Bowen (Acis), Geoffrey Moses (Polyphemus), Amador Cortès-Medina (Damon).

Cláudia Cravo

Marcel.lí Antúnez, *Afasia*

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Pequeno Auditório do CCB

Data: 4.11.1999.

A convite do Festival Atlântico, o catalão Marcel.lí Antúnez, que nos últimos anos tem privilegiado as performances a solo, nas quais utiliza as tecnologias da comunicação, apresentou no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém o espectáculo *Afasia*, uma adaptação livre para CD ROM da *Odisseia* de Homero. Alexandre Costa, no *Expresso* de 6.11.1999, escrevia: “A viagem de Ulisses é conduzida por Antúnez que, trajando um esqueleto de plástico sensorizado, serve de interface e determina o rumo da viagem no ecrã. Durante perto de uma hora, o herói prossegue a sua aventura, passando por diversos pontos do Planeta e tentando regressar ao seio familiar. As imagens virtuais contêm referências ligadas à epopeia grega, mas os elementos míticos da história são coloca-

dos em contextos bastante diferentes: um cenário cibernético por onde deambulam os robots «autores» de manifestações acústicas e luminosas. A ausência de texto simboliza a ruptura com a narrativa original. (...) Para Marcel.Í Antúnez o objectivo é criar uma tensão entre o primitivo e o tecnológico, enfatizando o contraste entre «os costumes regionais, a religião, a tracção animal» e «a globalização, a velocidade, os 'media' e a telepresença»”.

Luísa de Nazaré Ferreira

**G. Balanchine, I. Stravinsky,
*Agon***

Produção: Companhia Nacional
de Bailado

Coreografia: Patrícia Neary

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro
Camões

Data: 15-18, 23, 24-25, 27, 28,
30.3, 1.4.2000.



Este espectáculo (originalmente estreado em 1957 pelo New York City Ballet), agora interpretado pela Companhia Nacional de Bailado, mereceu da crítica francos elogios. Particular destaque foi dado à qualidade da interpretação musical, a cargo de Tânia Achot e Miguel Borges. Por seu lado a coreografia hesita entre o clássico, expresso nos movimentos sóbrios e elegantes inspirados na etiqueta da corte francesa, e o modernista, marcado pelos movimentos ousados de pés e pernas. Uma palavra de destaque para o trabalho de Isabel Galriça e Rui Alexandre é merecida, no que respeita à dança.

M. F. S. S.

***Alcibíades* (a partir de Platão, *Banquete*)**

Realização: Sérgio Tréfaut

1.ª Apresentação: Festival de Locarno

Data: 1992.

Sob forma de uma curta-metragem, Sérgio Tréfaut conta a história de um adolescente, Alcibíades, apaixonado pelo mestre, inspirando-se no *Banquete* de Platão. Esta produção mereceu uma menção de qualidade do

Centre National de la Cinématographie, árbitro da produção dos países da Comunidade Europeia. *Alcibíades* esteve presente na selecção oficial do Festival de Locarno, em 1992. Nele participam Maria de Medeiros e Pedro Fradique.

M. F. S. S.

Alexandre o Grande (Alexander the Great)

Produção: USA

Data da Produção: 1956

Direcção Cinematográfica: Robert Rossen

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Roma

Data: 29.3.1957.

Elenco: Actores – Richard Burton, Frederic March, Claire Bloom, Danielle Darieux, Harry Andrews, Stanley Baker, Peter Cushing, Helmut Dantine.

M. F. S. S.

Eduarda Dionísio, *Antes que a Noite Venha* (com Medeia e Antígona como personagens intervenientes)

Produção: Teatro da Cornucópia

Encenação: Adriano Luz

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: 13.3.1992

Outras: Lisboa (Teatro do Bairro Alto), 14.3 – 12.4.1992.

Ver Vol. I, pp.173-174.

Cláudia Cravo

Francisco Pedro, *Antinous*

Produção: Grupo Anjinhos C.A.D.A.

Coreografia: Francisco Pedro

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Taborda

Data: 17.6.1999

Outras: no mesmo local, nos dois dias seguintes.

Inspirado no poema “Antinoo” de Fernando Pessoa, este bailado concebido por Francisco Pedro é uma peça sobre a relação de dois homens, que passa pela paixão platónica, pelo amor carnal e pela divinização do amor.

Cláudia Cravo

G. Balanchine, I. Stravinsky, *Apollo*

Produção: Companhia Nacional de Bailado

Coreografia: Patrícia Neary

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Camões

Data: 15-18, 23-25, 27, 28, 30.3, 1.4.2000.

A versão, agora apresentada pela Companhia Nacional de Bailado, de *Apollo* é a correspondente ao programa original, que foi estreado pelos Ballets Russes de Serge Diaghilev, em 1928; posteriormente Balanchine fez algumas supressões nomeadamente da cena inicial – o nascimento de Apolo – e da final – onde o deus, acompanhado das Musas Calíope, Polímnia e Terpsícore, sobe ao Olimpo. A dança, de execução complexa, teve em Fernando Duarte e Ana Lacerda dois intérpretes à altura.

M. F. S. S.

Platão, *Apologia de Sócrates*

Produção: Les Trois Coups, companhia teatral de Lausanne, Suíça

Encenação: Domingos Semedo

Adaptação do Texto de Platão: Domingos Semedo

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II

Data: 13-15.2.1985

Outras: Porto (Auditório Nacional de Carlos Alberto), 26-27.2.1985; Lisboa (Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II), em inícios de Março e, de novo, de 11-15.11.1985; Cova da Piedade (antigo Teatro Garrett da SFUAP), 17.5.1985.

Ver Vol. I, pp.174-175.

D. F. Leão

Gomes Cardim, *Argonautas* (Opereta cómica)

O maestro Gomes Cardim nasceu em Setúbal, em 11.9.1832, e trabalhou em Portugal e no Brasil, onde viria a falecer em 30.4.1918. Segundo o *Tripeiro* de 20.6.1909, p.301, Gomes Cardim foi director da orquestra do Teatro Baquet, onde ensinava e dirigia a música que compôs para as operetas cómicas, *Joanna do Arco* e *Argonautas*.

Luísa de Nazaré Ferreira

H. von Hofmannsthal/Richard Strauss, *Ariana em Naxos/Ariadne auf Naxos*

Produção: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional

Direcção de Orquestra: Pedro de Freitas Branco

Encenação: Frank de Quell

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 27 e 29.1.1961.

A ópera *Ariadne em Naxos* foi apresentada, em Portugal, sempre no Teatro Nacional de S. Carlos, por quatro vezes, nas temporadas de 1961, 1970, 1981 e 1996. Se a obra levou quarenta e cinco anos a chegar a Portugal, a constância das produções, mais ou menos uma por década, é sinal de apreço do público e, naturalmente, dos programadores.

A génese desta obra não foi simples. O projecto apresentado em primeiro lugar por Hugo von Hofmannsthal associava a obra teatral *Le Bourgeois Gentilhomme*, de Molière, a uma pequena ópera de Strauss, que tomaria o lugar do divertimento solicitado por Monsieur Jourdain, na peça do autor francês. Esta primeira versão, que associava as linguagens do teatro e da ópera, chegou a ser apresentada em Stuttgart, em 1912. A direcção da parte teatral cabia ao famoso Max Reinhardt. Strauss dirigia a parte musical. O resultado final era, no entanto, um trabalho excessivamente comprido (de tal modo que foi objecto de cortes entre a ante-estreia e a estreia oficial) e onde, aparentemente, aos olhos dos espectadores, as linguagens teatral e lírica pareciam combater-se e não completar-se. Com alguma ironia, Strauss terá comentado: “*O público do teatro não vinha por sua conta, o público da ópera não sabia o que fazer do Molière.*”

Von Hofmannsthal e Strauss chegaram, assim, à conclusão de que seria necessária uma segunda versão, que apenas seria apresentada em público em 1916. Abandonam a peça de Molière e fazem anteceder a ópera propriamente dita de um Prólogo, onde se apresentam os vários aspectos da preparação da récita. A ideia base de Hofmannsthal continua de pé: há, de igual modo, um espectáculo dentro do espectáculo.

Um dos pontos fulcrais da concepção inicial de Von Hofmannsthal, e aquele que especificamente nos interessa, por envolver a figura e o mito de Ariadne, mantém-se intocado: a convivência, forçada, entre as figuras, ideais, de um passado heróico, e outras, demasiado humanas e frívolas, incarnadas por personagens típicas da *commedia dell'arte*. De Ariadne, recupera a parte do mito que conta o seu abandono na ilha de Naxos, o seu desespero, e o seu encontro com Dioniso/Baco, que, apaixonado, a leva consigo para o Olimpo. O toque de diferença criado pelo libreto de Hofmannsthal é que a história de Ariadne se vê obrigada a coexistir, por imposição do dono da casa e financiador do espectáculo, no mesmo palco e no mesmo momento, com um divertimento ligeiro, representado por figuras da *commedia dell'arte*, encabeçadas pela frívola e inconstante Zerbinetta. Assim, ao lado das sérias e solenes preocupações da trama mitológica – Ariadne que, depois de abandonada, apenas quer a morte, é resgatada pelo deus, morte e vida em simultâneo, que a faz descobrir outra Ariadne, até aí escondida – vemos o contraponto humano, demasiado humano, de Zerbinetta – para quem um desgosto de amor se cura com outro amor: é isso mesmo, aliás, que ela julga ter acontecido com Ariadne. Estas duas visões não se conciliam, e é isso que torna produtiva esta apresentação simultânea, pois estes dois mundos de almas ligam-se, no fim, “*precisamente como se podem ligar: pela incompreensão*” (carta de Hofmannsthal a Strauss, Julho de 1911).

Vemos aqui, portanto, uma forma de aproveitar os mitos clássicos que os toma como um solene legado da Antiguidade, um legado que representa uma espécie de estádio anterior da civilização, superior, com o qual as nossas humanas fraquezas lidam com evidente dificuldade, por ausência de compreensão. O interesse desta abordagem contrastante mede-se, também, pelo repetido sucesso da obra.

Elenco: Intérpretes – Horst Rüther (Mordomo), Paul Sghöffler (Professor de Música), Hetty Plümacher (Compositor), Ernst Kozub (Tenor/ Baco), João Rosa (Oficial), Georg Koch (Professor de Dança, Briguella), Laurens Stifter (Cabeleireiro), Walther Hagner (Lacaio, Truffaldino), Gianna D’Angelo (Zerbinetta), Theresa Stich Randall (Prima Donna/Ariadne), Alfons Holte (Arlequim), Willi Brokmeier (Scaramouche), Monserrat Caballé (Náiade), Regina Dinis da Fonseca (Dríade), Rita Bartos (Eco); **Cenografia** – Alfredo Furiga.

Jorge do Deserto

H. von Hofmannsthal/Richard Strauss, *Ariana em Naxos/Ariadne auf Naxos*

Produção: Teatro Nacional de S. Carlos

Orquestra: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional

Direcção de Orquestra: Friedrich Pleyer

Encenação: Karlheinz Haberland

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 23 e 25.1.1970.

Elenco: Intérpretes – Karl Krollmann (Mordomo), Andreas Agrelli (Mestre de Música), Irmagard Stadler (Compositor), Eugebe Tobin (Baco), Ernesto Cardoso (Oficial), Heinz Günther Zimmermann (Mestre de Baile, Brighella), Luís França (Cabeleireiro), Walter Hagner (Lacaio), Bella Jasper (Zerbinetta), Theresa Stich Randall (Prima Donna/Ariadne), Wolfgang Anheisser (Arlequim), Heribert Steinbach (Scaramuccio), Álvaro Malta (Truffaldino), Doris Lorenz (Náiade), Rita Lill (Dríade), Marie Therese Freymann (Eco); **Cenografia** – Alfredo Furiga.

Jorge do Deserto

H. von Hofmannsthal/Richard Strauss, *Ariana em Naxos/Ariadne auf Naxos*

Produção: Teatro Nacional de S. Carlos, com o apoio do Governo da República Federal da Alemanha e a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian

Orquestra: Orquestra Gulbenkian

Direção de Orquestra: Michel Tabachnik

Encenação: Jean-Claude Riber

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 13.1.1981.

Outras: 15 e 17.1.1981.

Elenco: Intérpretes – Richard Holm (Mordomo), Ernst Gutstein (Mestre de Música), Emily Rawlins (Compositor), William Johns (Tenor/Baco), James King (Tenor/Baco, na récita do dia 17), Fernando Serafim (Oficial), Willy Müller (Mestre de Baile), José de Freitas (Cabeleireiro), Oliveira Lopes (Lacaio), Barbara Carter (Zerbinetta), Elisabeth Payer-Tucci (Prima Donna/Ariadne), Claudio Nicolai (Arlequim), Heinz Meyen (Brighela), Erlinger Vigfusson (Scaramuccio), Karl-Heinz Herr (Truffaldino), Elizette Bayan (Náiade), Olga Sandu (Dríade), Patricia Stone (Eco); **Cenografia** – Andrzej Majewski.

Jorge do Deserto

H. von Hofmannsthal/Richard Strauss, *Ariana em Naxos/Ariadne auf Naxos*

Produção: Teatro Nacional de S. Carlos

Direção de Orquestra: Patrick Summers

Encenação: Jean-Claude Riber

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 22, 24, 27 e 30.6.1996.

Elenco: Intérpretes – Richard Jaeckle (Mestre de Cerimónias), José Oliveira Lopes (Professor de Música), Diana Montague (Compositor), Chris Merritt (Tenor/Baco), Pedro Chaves (Oficial), Franco Careccia (Mestre de Baile), João Miranda (Cabeleireiro), Luís Rodrigues (Lacaio), Sumi Jo (Zerbinetta), Anna Tomowa-Sintow (Prima Donna/Ariadne), Jeff Morrissey (Arlequim), Carlos Guilherme (Scaramuccio), Brian Jauhainen (Truffaldin), Alberto Lobo da Silva (Brighella), Ana Paula Russo (Náiade), Marina Ferreira (Dríade), Teresa Menezes (Eco).

Jorge do Deserto

Claire Lejeune, *Ariane e Don Juan*

Produção: Théâtre-Poème (Bélgica)

Encenação: Jacques De Decker

1.ª Apresentação: Lisboa

Data: Março de 1999

Outras: Évora; Aveiro (Sala do CETA), 13.3.1999; Porto (Teatro da Vilarinha), 15.3.1999.

A companhia belga Théâtre-Poème trouxe a Portugal uma peça de Claire Lejeune, *Ariane et D. Juan ou le Désastre*, na qual a autora coloca em confronto duas figuras do imaginário mítico ocidental: Ariadne e D. Juan. Qualquer uma destas figuras é, de algum modo, despojada do enredo mítico que a envolve, passando a funcionar essencialmente como arquétipo. De um lado, Ariadne, a mulher traída e abandonada, do outro D. Juan, o conquistador. Esta linguagem não é de todo despropositada, já que o espectáculo se centra nessa lógica de confronto, assente numa perspectiva filosófica altamente elaborada e não isenta de violência.

O encenador, Jacques De Decker, afirmou que “Claire Lejeune utiliza uma linguagem muito literária, muito filosófica, que necessitou de um grande trabalho de encenação e, para os actores, de um trabalho técnico de apropriação do texto”, o que demonstra o poder e a dificuldade deste exercício para dois actores.

Elenco: Actores – Monique Dorsel (Ariadne), Frank Dacqin (D. Juan).

Jorge do Deserto

Artaud-Estúdio (textos de Artaud, Sófocles, Eurípides, Shakespeare, Ford, etc.)

Co-produção: ACARTE – Paulo Filipe

Dramaturgia e Encenação: Paulo Filipe

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Cinearte

Data: 6.11.1997

Outras: Lisboa (Teatro Cinearte), 7-16.11.1997; Lisboa (Instituto Franco-Português), 19-22.11.1997; Linda-a-Velha (Auditório Lourdes Norberto), 24-26.11.1997; Porto (Festival Ponti 97), 14-15.12.1997.

Ver Vol. I, pp.176-177.

Cláudia Cravo

Athena

Produção: USA

Data da Produção: 1954

Direcção Cinematográfica: Richard Thorpe

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Capitólio

Data: 22.8.1956.

Elenco: Actores – Jane Powell, Vic Damone, Debbie Reynolds, Edmund Purdom, Louis Calhern, Linda Christian.

M. F. S. S.

Camões, Auto de El-Rei Seleuco

Adaptação do Texto: Júlio Dantas

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de D. Maria II

Data: 24.3.1905.

Segundo informação de Fernando Pamplona, no *Diário da Manhã* de 27.3.1944, foi em 1905 que, pela primeira vez, subiu à cena do D. Maria II o *Auto de El-Rei Seleuco*, em adaptação de Júlio Dantas.

Neste auto, que junta a tradição clássica com os modelos próximos do teatro vicentino, Camões regressa ao tema da paixão do Príncipe Antíoco por Estratónica, sua madrasta e esposa de Seleuco. Sem descurar as versões conhecidas da Antiguidade, de Plutarco, Políbio, Apiano, Camões dramatiza a história com elementos que se inspiram em Eurípi-des, no mito, em muito paralelo com o episódio de Seleuco, de Hipólito e Fedra.

M. F. S. S.

Camões, Auto de El-Rei Seleuco

Adaptação do Texto: Júlio Dantas

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de D. Maria II

Data: 25.3.1944.

Elenco: Actores – Luiz Filipe (Mordomo), Pedro Lemos (Lançarote), Paiva Raposo (Martim Chichorro), José Cardoso (Romão d'Alvarenga), João Villaret (Rei Seleuco), Augusto Figueiredo (Príncipe Antíoco), Raúl de Carvalho (Físico), Mário Santos (Porteiro), Henrique Santos (Leocá-

dio), Virgílio Macieira (Alexandre da Fonseca), Eunice Munoz (Estratónica), Maria Corte Real (Moça), Maria Brandão (Frolalta); **Cenário e Figurinos** – Lucien Donat.

M. F. S. S.

Platão, *O Banquete*

Produção: Turma 11.º H da Escola Secundária Sebastião e Silva (Oeiras)

1.ª Apresentação: Oeiras, Escola Secundária Sebastião e Silva

Data: ano lectivo de 1991/1992.

No ano lectivo de 1991/1992, os alunos da turma H (área de Artes) do 11.º ano da Escola Secundária Sebastião e Silva de Oeiras levaram à cena *O Banquete* de Platão, no âmbito da disciplina de Filosofia. O trabalho dos alunos consistiu não só na elaboração do guião da peça e na sua posterior representação, como também na construção do cenário e dos figurinos, na escolha da banda sonora e na filmagem do espectáculo.

Durante o acto de representação foram servidos frutos mediterrânicos a toda a assistência, constituída pelos professores da turma e por colegas de outras turmas.

Dentro do mesmo projecto, o 11.º H apresentou um trabalho em banda desenhada com o texto de Platão e –não menos importante– ofereceu, no refeitório da escola, a todos aqueles que o desejaram, um almoço grego com vários pratos, entre os quais a famosa *moussaka*.

Elenco: Actores – Paulo (Aristóteles), Mónica (Aristodemos), Carlos (Escravo I), Cláudia (Erixímaco), Vanuza (Agatão), Rui (Fedro), Maria João (Pausânias), Carla (Alcibíades), Catarina (Aristófanés), Daniel (Escravo II).

Cláudia Cravo

Manuel Alegre, *Um Barco para Ítaca e outros poemas*

Produção: Companhia Casa da Comédia

Encenação: Norberto Barroca

1.ª Apresentação: Leiria, Teatro José Lúcio da Silva

Data: 15.11.1974.

A Companhia da Casa da Comédia (Teatro de Bolso de Lisboa) apresentou no Teatro José Lúcio da Silva, em Leiria, no dia 15 de Novembro de 1974, pelas 21h45, o espectáculo *Um Barco para Ítaca e*

outros poemas, de Manuel Alegre, com selecção de textos e encenação de Norberto Barroca, numa organização do Ateneu Desportivo de Leiria e com patrocínio da Comissão Cultural da Câmara Municipal de Leiria.

Colaboraram, como actores, Elisa Lisboa, Fernando Gaspar, Jorge Vale, Manuela Machado, Norberto Barroca, Paulo Simões e Jorge Sacadura. O espectáculo teve ainda a presença de Manuel Alegre, como Voz. Foram operadores de luz e som António Mileu e Mário Tojal, respectivamente. A tarefa de ponto esteve a cargo de Maria Emília Mateus, os serviços de carpinteiro foram entregues a Manuel Gonçalves e o registo de som a Fernando Pires. As músicas eram da autoria de Fernando Gaspar e as máscaras de Inês Guerreiro.

Bem gostaríamos de ter mais alguma informação sobre o desempenho dos actores, movimentação, cenários, reacção do público. Infelizmente não conseguimos colher qualquer informação sobre tal matéria.

Elenco: Actores – Elisa Lisboa, Fernando Gaspar, Jorge Vale, Manuela Machado, Norberto Barroca, Paulo Simões, Jorge Sacadura, Manuel Alegre (Voz); **Operador de Luz** – António Mileu; **Operador de Som** – Mário Tojal; **Ponto** – Maria Emília Mateus; **Registo de Som** – Fernando Pires; **Música** – Fernando Gaspar; **Máscaras** – Inês Guerreiro.

José Ribeiro Ferreira

Jacques Offenbach, *A Bela Helena*

Direcção Musical: Frank Allers

Libreto: Gerhard Bronuer

1.ª Apresentação: RTP-1

Data: 19.7.1979.

Na noite de 19 de Julho de 1979, a Rádio Televisão Portuguesa (canal 1) apresentou pela terceira vez a obra de Jacques Offenbach *A Bela Helena*, com libreto de Gerhard Bronuer e direcção musical de Frank Allers. De enredo burlesco, esta opereta em 3 actos, que foi representada com enorme sucesso pela 1.ª vez, no Théâtre des Variétés, em Paris, no dia 17.12.1864, apresenta uma nova visão/recriação do episódio do rapto de Helena por Páris, a causa da guerra de Tróia.

Elenco: Intérpretes – Anna Moffo (Bela Helena), René Kollo (Páris), Josef Meinrad (Menelau).

Carlos Morais

Racine, *Bérénice*

Encenação: Jean-Louis Barrault.

Ver Vol. I, p.177.

Carmen Soares

Fernando Amado, *A caixa de Pandora*

Produção: Casa da Comédia

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Ginásio

Data: 16.6.1946.

Ver Vol. I, p.178.

J. L. Brandão

Fernando Amado, *A caixa de Pandora*

Produção: Casa da Comédia

Encenação: Norberto Barroca

1.ª Apresentação: Lisboa, Casa da Comédia

Data: Temporada de 1968-1969.

Ver Vol. I, p.178.

J. L. Brandão

Calypso, a Feiticeira (Affair in Trinidad)

Produção: USA

Data da Produção: 1952

Direção Cinematográfica: Vincent Sherman

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Eden

Data: 30.4.1954.

Elenco: Actores – Rita Hayworth, Glenn Ford, Torin Thatcher.

M. F. S. S.

O Centauro (The Denver Dude)

Produção: USA

Data da Produção: 1927

Direcção Cinematográfica: B. Reeves Eason

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 14.2.1930.

Elenco: Actores – Hoot Gibson, Blanche Mehaffen, Robert McKim.

M. F. S. S.

Julio Martín, A Cidade de Ulisses

Produção: Teatro Zéphyro

1.ª Apresentação: Lisboa, Centro Cultural de Belém

Outras: Lisboa (Teatro Estúdio Mário Viegas), 9.11.1997.

Ver Vol. I, p.179.

M. F. S. S.

Circe, a Encantadora (Circe, the Enchantress)

Produção: USA

Data da Produção: 1924

Direcção Cinematográfica: Robert Z. Leonard

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Central

Data: 12.8.1929.

Elenco: Actores – Mac Murray, James Kirkwood, William Haines.

M. F. S. S.

Yánnis Ritsos, *Crisótemis* (peça-poema)

Produção: Teatro Nacional D. Maria II

Encenação: Rogério de Carvalho

Tradução: Carlos Porto

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II

Data: 4-26.3.1983

Outras: Porto (Associação Cristã da Mocidade – ACM), Abril de 1983.

Ver Vol. I, pp.180-181.

J. L. Brandão

Marco Gagliano, *La Dafne*

Produção: Segréis de Lisboa e Coro Gulbenkian

Direcção Musical: Manuel Morais

Iniciativa: Fundação Calouste Gulbenkian

1.ª Apresentação: Lisboa, Sociedade de Geografia

Data: 10.10.1998

Outras: Coimbra; Santa Maria da Feira (Europarque), 17.10.1998.

No âmbito das XIX Jornadas Gulbenkian de Música, subordinadas ao tema «A Música como Teatro», os Segréis de Lisboa e o Coro Gulbenkian, sob a direcção musical do alaudista Manuel Morais, apresentaram no dia 10 de Outubro de 1998, na Sociedade de Geografia, em Lisboa, duas obras fundamentais da música dramática da primeira metade do século XVII: *La Dafne* de Marco Gagliano e *Il Combattimento de Tancredi e Clorinda* de Monteverdi.

Levar à cena *La Dafne* era um sonho antigo de Manuel Morais, que remonta aos tempos em que estudou em Basileia, e que foi possível concretizar graças à temática das jornadas (*O Público*, 10.10.1998). Esta ópera, representada pela 1.ª vez em 1608, na Corte de Mântua, com enorme sucesso, foi escrita a partir do libreto de Ottavio Rinucini, que se inspirou nas *Metamorfoses* de Ovídio, mais concretamente no passo em que se narra que a ninfa Dafne se transformou em loureiro, para poder escapar ao ímpeto amoroso de Apolo (*Ov. Met.*, 1.452 sqq.).

Porque Gagliano se preocupou mais com a encenação, a coreografia e o guarda-roupa do que propriamente com as indicações na partitura, a interpretação e execução desta ópera, constituída por uma sucessão de recitativos, exigiu da parte de Manuel Morais e dos Segréis de Lisboa um

aturado trabalho musicológico, que foi do agrado da crítica especializada que destacou «a excelência da música apresentada e dos distintos intérpretes» (*O Público*, 10.10.1998). Faltou, contudo, nesta interpretação, como reconheceu e lamentou o próprio Manuel Morais em entrevista ao jornal *O Público* (10.10.1998), a componente cénica que, na época, era de capital importância.

Elenco: Intérpretes – Segréis de Lisboa – Jennifer Smith (Soprano), Ana Ferraz (Soprano), Alexandra do Ó (Meio-soprano), Nicolau Domingues (Alto), Rui Taveira (Tenor), Mário João Alves (Tenor), António Wagner Diniz (Barítono); **Coro Gulbenkian** – Sandra Lourenço, Joana Seara, Ana Caramelo, Rosário Azevedo, Myriam Madzalik, Sérgio Fontão (Sopranos), Elisabeth Silveira, Maria João Carmo, Mariana Portas, Sofia de Mendia (Contraltos), Fernando Ferreira, Jorge Alves, José Damas, Manuel Lisboa (Tenores), Rui Baeta, Horácio Santos, João Valeriano, Hugo Oliveira (Baixos); **Instrumentistas** – Pedro Couto Soares (Flautas), Pedro Ganida (Violino), Iñaki Lagos (Violino), Miguel Ivo Cruz (Viola da gamba tenor), Itziar Atutcha (Viola da gamba baixo), Paulo Galvão (Alaúde e Viola de cinco ordens), Manuel Morais (Tiorba e Alaúde), Rui Paiva (Órgão e Cravo); **Direcção Musical** – Manuel Morais.

Carlos Morais

Maurice Ravel, *Daphnis et Chloé*

Produção: Orquestra Sinfónica Nacional

Direcção Musical: Silva Pereira

Iniciativa: XI Festival Gulbenkian de Música

1.ª Apresentação: Lisboa, Coliseu dos Recreios

Data: 15.5.1967.

Entre 15 de Maio e 5 de Junho de 1967, o XI Festival Gulbenkian de Música ofereceu aos amantes da música clássica um programa variado e aliciante que incluía 4 espectáculos de ópera, 3 de bailado, 2 concertos coral-sinfónicos, 8 de música de câmara, 2 corais «a cappella», 3 recitais de canto, piano e órgão, 2 conferências e 2 exposições.

O espectáculo de abertura contou com a presença de um dos maiores pianistas do século, Arthur Rubinstein, que, com a colaboração da Orquestra Sinfónica Nacional, interpretou o Concerto n.º 2 para piano e orquestra de Brahms e a rapsódia sobre um tema de Paganini, de Rachmaninoff. O programa deste dia 15 de Maio de 1967 incluiu ainda a

Pavana e Galharda de Cláudio Carneiro e a 2.^a suite de *Daphnis et Chloé* de Maurice Ravel que, de acordo com o crítico da *Vida Mundial* (26.5.1967), permitiu que o maestro Silva Pereira evidenciasse «a sua mestria de regente, dirigindo de cor e conseguindo extrair da orquestra, a nossa Sinfónica Nacional, o máximo das suas possibilidades», arrancando ao auditório aplausos intensos e merecidos.

Carlos Morais

Maurice Ravel, *Daphnis et Chloé*

Produção: Orquestra de Paris

Direcção Musical: Serge Baudo

Iniciativa: Festival Gulbenkian

1.^a Apresentação: Lisboa

Data: Julho de 1969.

Um dos «momentos mais intensamente vividos» do Festival Gulbenkian de 1969, de acordo com o crítico da *Vida Mundial* (1.8.1969), foi proporcionado pela Orquestra de Paris que, sob a direcção do maestro Serge Baudo, «reafirmou a sua craveira excepcionalíssima», ao executar um concerto sinfónico que integrava a *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, o *Prelúdio à Sesta de um Fauno* de Debussy e a peça de inspiração clássica *Daphnis et Chloé* (2.^a suite), da autoria de Maurice Ravel.

Carlos Morais

Maurice Ravel, *Daphnis et Chloé*

Produção: Orquestra Sinfónica Portuguesa

Direcção Musical: José Ramón Encinar

1.^a Apresentação: Lisboa, Teatro Camões

Data: 1.10.1999.

Erigido no “Parque da Expo” (hoje “Parque das Nações”), em Lisboa, para eventos culturais da “Expo ‘98”, o Teatro Camões, após algumas obras de adaptação, reabriu (simbolicamente) no dia 1 de Outubro de 1999, agora para acolher em permanência a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Numa cerimónia comemorativa do Dia Mundial da Música a que assistiu o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, e que assinava também o início de mais uma temporada musical, a Sinfónica Portu-

guesa, tendo como solistas Pedro Burmester ao piano, Irene Lima ao violoncelo e Gerardo Ribeiro ao violino, interpretou, sob a direcção musical do maestro José Ramón Encinar, *Vathek* de Luís de Freitas Branco, *Triplo Concerto em Dó Maior*, de Ludwig Van Beethoven, e a peça de tema clássico *Daphnis et Chloé* (suites 1 e 2), de Maurice Ravel. Este concerto, com entrada livre, contou ainda com a colaboração do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, dirigido pelo maestro João Paulo Santos.

Carlos Morais

Ditirambos (textos de Eurípides, Alceu de Mitilene e Asclepiades de Samos)

Produção: Teatro del Balleto di Roma

Direcção: Vittorio Rossi, Pieter van der Sloot

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Rivoli

Data: 7.11.1996.

Ditirambos foi o primeiro espectáculo apresentado na XXIX temporada do Círculo de Cultura Musical, no Teatro Rivoli. Conhecido e aplaudido na Itália desde a sua fundação (1955), o Teatro del Balleto, na referência do programa, definiu um estilo ‘que remonta às tradições da “Scuola Classica Italiana”, já famosa no mundo, tornando-a mais potente com as novas formas estéticas do ballet moderno’.

Para este espectáculo, concebido pelo coreógrafo do grupo e primeiro bailarino, o holandês Pieter van der Sloot, serviram de tema inspirador textos de Eurípides, Alceu de Mitilene e Asclepiades de Samos. E obedeceu à intenção que se confessa no programa:

‘Os Ditirambos eram hinos dedicados a Baco, ao vinho e ao amor. O coreógrafo não quis ilustrar, realisticamente, tais hinos, quis permanecer num nível quase abstracto tentando, somente, dar forma ao sentido poético dos versos, encarnando o espírito numa evocação coreográfica moderna. Através dos versos antigos emana uma atmosfera que o movimento tenta interpretar em linhas abstractas no tempo e no espaço’.

Elenco: Bailarinos – Pieter van der Sloot, Jacqueline Renoust, Marta Calavia, Dorica Salone, Lino Britto, Carla Cassola, Gianna Bafico, Gabriella Gubitta, Sacha Carafa, Walter Caracci, Mariano Brancaccio, Gerardo Lizza, Albano Paolinelli, Vincenzo Marletta, Adalberto Rossetti, Rosalinda Rose; **Recitativos** – Isabella del Bianco, Cristiano Censi; **Coreografia** – Pieter van der Sloot; **Encenação e Figurinos** – Vittorio Rossi.

M. F. S. S.

Ditirambos – O romance da donzela Teodora

Produção: Teatro Oficina (Guimarães)

1.ª Apresentação: Coimbra, Largo da Sé Velha

Data: 19.6.1999

Outras: Coimbra (Arco do Almedina), 4.7.1999.

A peça *Ditirambos – O romance da donzela Teodora* foi apresentada em Coimbra, em meados de Junho, e logo depois por altura das festas da cidade. Dirige-se a todos os públicos e foi concebida como teatro de rua.

Elenco: Actores – Carlos Rêgo, Rosa Salazar, César Matos, Catarina Machado, Vítor Oliveira.

M. F. S. S.

Dust (com base em Homero, *Odisseia*)

Produção: Indefinite Articles (Inglaterra)

Iniciativa: IX Festival Internacional de Marionetas do Porto

Data: 10-11.12.2000.

Realizado entre 3 e 17 de Dezembro de 2000, o IX Festival Internacional de Marionetas do Porto incluiu 60 espectáculos de 23 companhias, provenientes de 11 países e visou um público de todas as idades. No conjunto programático, a única produção inspirada em temas clássicos foi *Dust*, apresentada pelos britânicos Indefinite Articles.

M. F. S. S.

Ein Traum, was sonst?

Produção: Hebbel Theater de Berlim

Encenação: Hans Juergen Syberberg

Iniciativa: Festival Internacional de Teatro (FIT)

1.ª Apresentação: (em Portugal), Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 30.4 e 1-2.5.1993.

Ver Vol. I, pp.181-182.

Carmen Soares

A Espada de Dâmocles (La Spada di Damocle)

Produção: Itália

Data da Produção: 1919

Direcção Cinematográfica: Ugo de Simone

1.^a Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 27.9.1920.

Elenco: Actores – Elena Makowska, Ricardo Achili.

M. F. S. S.

Platão, *Fédon*

Produção: As Boas Raparigas ...

Encenação: Rogério de Carvalho

Tradução: Maria Teresa Schiappa de Azevedo

1.^a Apresentação: Porto, Auditório do TUP

Data: 22.7.1999

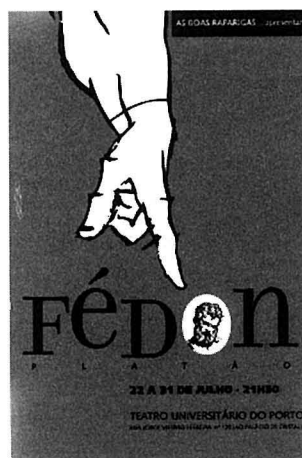
Outras: 23 – 31.7.1999; 25.10 – 5.11.1999.

A partir da tradução do original grego do *Fédon*, da autoria de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, o grupo de teatro portuense “As Boas Raparigas...”

realizou um trabalho colectivo de organização dramaturgica deste diálogo platónico, recortando-o de modo a dar-lhe a aparência de uma montagem de textos. Esta encenação, em que se pretendeu sobretudo valorizar o *logos* socrático, pôs em relevo o texto que foi dividido indiscriminadamente pelos seis actores, sem que fosse atribuído a cada um deles um determinado papel. Assim, todos eles representaram, à vez, as figuras de Fédon, de Sócrates, de Equécrates, de Símias, de Cebes e de Críton.

A “arquitectura circular” helénica do diálogo, que Teresa Schiappa evidencia no programa do espectáculo, foi sublinhada na inteligente encenação, cujo texto começa como termina, com a enigmática e controversa frase de Sócrates: “Críton, devemos um galo a Asclépio ...”.

Esteticamente o espectáculo resultou: belíssimas vozes, boa dicção, movimentação cénica sóbria e disciplinada. Conforme se afirma no *Expresso*, de 31.7.1999, tratou-se de “um espectáculo brilhante, rigoroso e severo”, ...ousaríamos acrescentar “à boa maneira grega”.



Elenco: Actores – Alexandra Silva, Anabela Sousa, Carla Miranda, Maria do Céu Ribeiro, Pedro Mendonça, Sérgio Praia; **Assistente de Encenação** – Cláudia Oliveira; **Cenografia e Figurinos** – Cláudia Armada, Paulo Soares; **Desenho e Operação de Luz** – Mário Bessa; **Montagem de Luz** – José Nuno Lima; **Sonoplastia** – Luís Aly; **Operação de Som** – José Nuno Lima.

Ana Paula Quintela

O Fio de Arianna (Bailado)

Produção: Danza Oggi, Itália

Iniciativa: INATEL

1.ª Apresentação: Braga, Teatro Circo

Data: 30.11.1994

Outras: Porto (Salão Ático do Coliseu), 1.12.1994; Lisboa (Teatro da Trindade), 3.12.1994.

Espectáculo apresentado como de “Dança Contemporânea”, exibido em Portugal no âmbito da VII.ª Edição dos Festivais de Outono, uma organização do INATEL. Efectuou uma digressão curta por três cidades, Braga, Porto e Lisboa.

Jorge do Deserto

Agustina Bessa-Luís, *As Fúrias*

Produção: Teatro Nacional D. Maria II

Encenação: Filipe La Féria

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II – Sala Garrett

Data: 15.7.1994

Outras: Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II), 16-31.7. e a partir de 8.9.1994.

Ver Vol. I, pp.183-184.

Cláudia Cravo

O Grande Alexandre

Produção: ?

Data da Produção: ?

Direcção Cinematográfica: ?

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Olímpia

Data: 11.11.1927.

M. F. S. S.

Fernando Gomes, *A Grande Aventura*

Produção: Teatro Infantil de Lisboa

Encenação: Fernando Gomes

1.ª Apresentação: Lisboa, *TIL*

Data: 12.4.1991

Outras: temos notícia de várias representações, nos meses de Abril, Maio e Outubro de 1991.

Em *A Grande Aventura*, o autor Fernando Gomes, que foi também o responsável pela encenação, servindo-se de muita música e efeitos especiais, convocou para o palco do Teatro Infantil de Lisboa o intemporal mito de Ícaro e a história do balão de Mongolfier para introduzir uma dramatização paródica e desmistificada da acidentada travessia aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral entre Lisboa e o Rio de Janeiro.

De acordo com o crítico de *O Público* (12.4.1991), Fernando Gomes, com esta divertida encenação, conseguiu transferir para o denominado teatro infantil «a imaginação, a verve, a destreza, a irreverência com que costuma encenar o seu inconfundível café-teatro».

Elenco: Actores – Carlos Gomes, Henrique Macedo, Kim Cachopo, Maria João Vieira, Rita Mira.

Carlos Morais

Botho Strauss, *A guia*

Produção: Teatro Circo de Braga

Encenação: Rui Madeira

1.ª Apresentação: Teatro Circo de Braga

Data: Novembro de 1992.

As ressonâncias clássicas desta produção começam pela própria concepção do pano-de-boca do Teatro Circo, onde se podem observar ninfas a executar passos de dança ao som de uma corneta tocada por um fauno. Este motivo estende-se, depois, ao próprio drama, onde Pã, o deus dos bosques, com as suas orelhas afiladas e pés de bode, intervém, punindo a heroína da peça com a mesma cana com que fabrica as flautas que dele derivam o nome. A acção gira à volta de uma efémera relação amorosa, que explora o tema da aluna que seduz o mestre, consubstanciado aqui nas pessoas de uma guia turística de Atenas e arredores e de um professor alemão de História, em viagem pela Grécia. Assim se acentua, também

por esta via, o ambiente helénico do drama, onde antigas divindades detêm, igualmente, um papel activo. De resto, conforme recorda Manuel João Gomes, crítico do *Público* (10.11.1992, p.31, “Cultura”), esta produção «não é a primeira peça de Botho Strauss em que os deuses se intrometem no comércio humano. Quem viu, em 1984, “O Parque” do mesmo autor, no Teatro da Cornucópia, lembra-se de Eunice Muñoz, na pele da deusa Titânia (acompanhada pelo inevitável Oberon), a influenciar os encontros e desencontros amorosos das outras personagens».

Elenco: Actores – Ana Bustorff, Carlos Feio, Lélia Guerreiro, Victor Santos; **Concepção Plástica** – Alberto Péssimo, Ruy Anahory.

D. F. Leão

Helena de Tróia (Helen of Troy)

Produção: USA

Data da Produção: 1955

Direcção Cinematográfica: Robert Wise

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinemas S. Luís e Alvalade

Data: 26.1.1956.

Elenco: Actores – Rossana Podestà, Jacques Sernas, Stanley Baker, Brigitte Bardot, Cedric Hardwicke, Harry Andrews.

M. F. S. S.

W. A. Mozart, *Idomeneo Re di Creta*

Produção: Orquestra da Fundação Gulbenkian

Libreto: Abbate Gianbattista Varesco

Data: 1971.

Esta ópera havia sido estreada em Munique, no Hoftheater, em Janeiro de 1781. O tema assenta num conhecido modelo trágico: a promessa feita por Idomeneu, aterrorizado pelos perigos de uma tempestade, de sacrificar ao deus Neptuno o primeiro ser humano que encontrasse ao chegar, são e salvo, a solo firme; por imprevistos do destino, é Idamante, o próprio filho, quem o naufrago vislumbra em primeiro lugar. Incapaz de cumprir o prometido, o rei provoca sobre o seu reino a perseguição divina, que só o sacrifício de Ília, a apaixonada cativa troiana, consegue apla-

car. Sensível à generosidade do amor, Neptuno poupa Ília, que juntamente com o príncipe que ama substitui, nos destinos de Creta, o poder de Idomeneu.

Ao fazer uma síntese retrospectiva do ano musical de 1971 no nosso país, Edmundo Oliveira (*Vida Mundial*, 7.1.1972) contabilizava nos ganhos os concertos promovidos pela Fundação Gulbenkian, através da sua orquestra, e distinguia com rasgados elogios ‘a audição histórica e memorável que foi a da ópera *Idomeneo Re di Creta* ‘.

M. F. S. S.

W. A. Mozart, *Idomeneo Re di Creta* (ópera em três actos, em versão de concerto)

Produção: Monteverdi Choir, English Baroque Soloists

Direcção Musical: John Eliot Gardiner

Libreto: Abbate Gianbattista Varesco

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 22.5.1990.

Elenco: Intérpretes – Anthony Rolfe Johnson (Idomeneo), Alison Browner (Idamante), Sylvia McNair (Ília), Hillevi Martinpelto (Elettra), Nigel Robson (Arbace), Glen Winslade (Sacerdote), Cornelius Hauptmann (Voz de Neptuno).

M. F. S. S.

W. A. Mozart, *Idomeneo Re di Creta*

Produção: Les Musiciens du Louvre, Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Direcção Musical: Marc Minkowski

Libreto: Abbate Gianbattista Varesco

Récita: Temporada do Teatro Nacional de São Carlos 1995-1996

Data: 20, 22, 24.10.1995.

Com um elenco de intérpretes distintos, sob a direcção musical do francês Marc Minkowski, o Teatro Nacional de S. Carlos proporcionou ao público português, na sua temporada de 1995-1996, esta interpretação notável de *Idomeneo Re di Creta*, ópera composta por Mozart em 1781.

Elenco: Intérpretes – Glenn Winslade (Idomeneo), Véronique Gens (Idamante), Rosemary Joshua (Ília), Jennifer Smith (Electra), Alberto

Lobo da Silva (Arbace), Luc Coadou (Grande Sacerdote), João Miranda (A Voz), Angélica Neto, Elsa Cortez (Duas Cretenses), Carlos Silva, João Miranda (Dois Troianos); **Maestros Co-repetidores** – Jory Vinikour, Fernando Fontes; **Maestro Titular do Coro** – João Paulo Santos; **Encenação, Cenário e Figurinos** – Tito Celestino da Costa; **Desenho de Luzes** – Pedro Martins.

M. F. S. S.

Íliada (Helen, der Untergang Trojas)

Produção: Alemanha

Data da Produção: 1923

Direcção Cinematográfica: Manfred Noa

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Tivoli

Data: 16.11.1925.

Elenco: Actores – Edy Darcléa, Wladimir Gaidaroff, Adèle Sandrock, Albert Bassermann.

M. F. S. S.

Íliada (Le siège de Troie, versão francesa de Helen, der Untergang Trojas)

Produção: Alemanha

Data da Produção: 1924

Direcção Cinematográfica: Manfred Noa

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Tivoli

Data: 1.9.1930.

Elenco: Actores – Wladimir Gaidaroff, Adèle Sandrock, Edy Darcléa, Carlo Aldini.

M. F. S. S.

Homero, *Iliade*

Produção: Teatro del Carretto

Encenação: Maria Grazia Cipriani

Tradução: texto adaptado e traduzido para italiano por M. Grazia Cipriani

Iniciativa: Festival Internacional de Teatro 92

1.ª Apresentação: (em Portugal) Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente

Data: 28-29.4.1992

Outras: Lisboa (Teatro da Trindade), 4-7.5.1992.

Ver Vol. I, pp.185-186.

M. F. S. S.

Índio Queiroz e Jeferson P. Nunes, *Labyrinth* (bailado)

Produção: Companhia MC4

1.ª Apresentação: Porto, Teatro do Campo Alegre

Data: 16 – 17.6.2000.

Segundo Ana Cristina Pereira (*Público*, 16.6.2000), este espectáculo foi concebido por Índio Queiroz e Jeferson P. Nunes e conta com a interpretação dos dois coreógrafos e das bailarinas La Sallette Vieira e Sandra Esteves. Em *Labyrinth* aborda-se “o desconforto, a paixão, o mal-estar que se estabelece no relacionamento”, esclarece Índio Queiroz. “A rede é complexa, o caminho nem sempre é claro e, por vezes, até é violento. A meta de cada um: libertar-se e encontrar o «fio de Ariadne»”.

Elenco: Intérpretes – Índio Queiroz, Jeferson P. Nunes, La Sallette Vieira, Sandra Esteves.

Luísa de Nazaré Ferreira

António José da Silva, *O Labirinto de Creta*

Produção: Teatro da Cornucópia

Encenação: Luís Miguel Cintra

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: Março de 1982.

O argumento desta peça do Judeu gira em torno do tema mitológico de Teseu e o Minotauro, sendo que a acção se situa em Creta, num mo-

mento em que os Cretenses ainda não sabem se o filho de Egeu foi ou não bem sucedido na sua tarefa de eliminar o monstro ou se, pelo contrário, foi devorado. *O Labirinto de Creta* é uma comédia cujo autor de inspiração foi certamente Menandro. A comédia de enganos típica¹ daquele comediógrafo grego está presente neste texto desde a sua origem até ao seu desenlace, sendo os costumeiros escravos aqui substituídos pelos criados que contribuem decisivamente para a resolução da intriga e da confusão entretanto gerada, e identificada com o labirinto.

Vale a pena citar a introdução do programa do espectáculo: «Teseu pretende Ariadne contra a vontade do pai, o rei Minos, que o quer matar no Labirinto. Causa material da comédia: o desejo do herói; causa formal: a ordem social representada pelo velho, neste caso o Rei Minos. Duas ordens sociais confrontam-se, a ordem anterior ao início da comédia, neste caso o tributo ao Minotauro que obrigaria que Teseu morresse no Labirinto, personificado na personagem do Rei; a ordem da reconciliação social do fim da comédia em que, vencido o obstáculo, o indivíduo é liberto de uma sociedade finalmente justa, neste caso uma sociedade à glória de Cupido.»

Sobre a análise do texto, o mesmo documento salienta significativamente que há aqui duas intrigas paralelas: a mitológica, que serve de motivo ao desenvolvimento do tema, e a amorosa, a mais intimista e que serve de fio condutor à manifestação do carácter das personagens intervenientes. No final triunfa o amor.

A selecção deste texto para encenar vem na sequência de um ciclo dedicado à comédia planeado pela companhia do Bairro Alto, que se iniciou em 1979 e culminou precisamente com esta peça. Além disso, não foi uma escolha inocente, visto que todo o ambiente do Teatro da Cornucópia/Teatro do Bairro Alto respira António José da Silva, o Judeu. Esta encenação recorreu ainda, segundo o programa do espectáculo, a textos de Correia Garção (*O Teatro Novo e Assembleia ou Partida*) e de Matias Aires (*Reflexões sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a Fortuna*), com os quais fez uma montagem com o texto original de António José da Silva. O resultado foi uma interessante reflexão sobre a cultura portuguesa do século XVIII, apesar de a crítica teatral ter então referido que o espectáculo se tornava assim hermético para o grande público, dado que à herança clássica se juntavam excertos intertextuais que dificultavam a compreensão da peça. A crítica acentuava portanto a contradição que esta encenação trazia ao espírito original do texto de António José da Silva, enquanto dramaturgo, pois este não era um autor elitista, e estas opções correm o risco de transformar o teatro numa encenação para elites.

Para esta encenação, decidiu-se pôr em cena duas intrigas simultâneas, um pouco na linha de *Um Sonho de uma Noite de Verão* de Shakes-

peare: a de uma família burguesa e culta da Lisboa do século XVIII e a da farsa que esta mesma família decide representar, a história mítica de Teseu e o Minotauro. Tem-se visto na escolha deste mito uma alusão à prepotência do Estado setecentista, com repercussão na Santa Inquisição, metaforizada na figura hedionda do Minotauro. A propósito dessa escolha, dizia Manuela de Azevedo no *Diário de Notícias* de 12 de Maio de 1982: «A temática da antiguidade clássica lá se ajeita às roupagens convencionais do século XVIII e ao naturalismo que demarca as personagens “verídicas” das que vão participar numa farsa em que acabam por fundir-se. As cenas ou locais de acção e tempo vão-se transformando num palco de excrescências metafísicas como o são, afinal, as próprias personagens.» Um espectáculo que recebeu ainda o aplauso pela qualidade da encenação e da interpretação, considerada bastante homogénea.

Elenco: Actores – Luís Lima Barreto (Teseu), Gilberto Gonçalves (Minos), Rogério Vieira (Lidoro), Luís Miguel Cintra (Tebandro), Costa Ferreira (Dédalo), José Manuel Mendes (Licas), Márcia Breia (Ariadne), Alda Rodrigues (Fedra), Raquel Maria (Taramela), Dalila Rocha (Sanguixuga), Francisco Costa (Esfuziote), António Pedro Borges (Soldado); **Cenografia e Figurinos** – Cristina Reis; **Música** – Paulo Brandão; **Direcção Vocálica** – Maria João Serrão; **Coreografia** – Vicente Trindade; **Assistência de Encenação** – Luís Lima Barreto; **Assistência de Cenografia** – Linda Gomes Teixeira; **Guarda-roupa** – Emília Lima; **Luzes** – Carlos Augusto, Luís Miguel Cintra; **Acompanhamento Musical** – Irene de Mello.

Nuno S. Rodrigues

As Maminhas de Tirésias, nós e o Apollinaire (texto construído a partir do de Apollinaire)

Produção: Colectivo de Teatro o Grupo

1.ª Apresentação: Citemor, Montemor-o-Velho

Data: 1997.

Maria do Céu Fialho

G. Apollinaire, *As Maminhas de Tirésias*

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa (Alunos do 2.º Ano)

Direcção: Carlos J. Pessoa

Data: Dezembro de 1997.

Maria do Céu Fialho

Norberto Ávila, *Marido Ausente*

Produção: O Semeador, Portalegre

Encenação: Augusto Tello

1.ª Apresentação: Portalegre, Salão do Convento de Santa Clara

Data: 25.4.1989

Outras: Lisboa (SPA), 10-12.5.1989; Caldas da Rainha, 20-21.5.1989; Lisboa (Festa do Avante), Setembro de 1989; VI Festa do Teatro de Almada (Palácio da Cerca), 10.7.1989; Bragança (Auditório Paulo Quintela), 29.10.1989; Alijó (Salão dos Bombeiros Voluntários), 30.10.1989; Fafe (Escola Secundária), 31.10.1989; Guimarães (Teatro Jordão), 1.11.1989; Caminha (Associação Cultural Ancuralense), 3.11.1989; Esposende, 4.11.1989; Ovar (Junta de Freguesia de Válega), 5.11.1989; Mangualde (Auditório do Complexo Paroquial), 6.11.1989; Montemor-o-Velho, 7.11.1989; Lisboa (Sala 1 da Comuna), 21-26.11.1989.

Ver Vol. I, pp.187-188.

M. F. S. S.

Almeida Garrett, *Méropé*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Programa ‘Tempo de Teatro’)

Realização: Mário Figueiredo

Adaptação: Maria Vargas

Direcção de Actores: Paula Silva

Data: 25.10.1978.

Elenco: Actores – Joaquim Rosa, Carlos Wallenstein, Rui Pedro, Assis Pacheco.

M. F. S. S.

Almeida Garrett, *Méropes* – *Liberdade ou Morte*

Produção: TEAR

Encenação: Castro Guedes

1.ª Apresentação: Porto, Tearto

Data: 28.3.1987.

Ver Vol. I, pp.188-189.

Carmen Soares

Joly Braga Santos, *Méropes*

Produção: Orquestra Sinfónica Nacional

Maestro Director: Joly Braga Santos

Texto: Poema de Almeida Garrett

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1959

Data: Maio de 1959.

Na temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1959 teve a sua estreia mundial a versão de Joly Braga Santos, *Méropes*, em três actos. Compositor português contemporâneo, Braga Santos realizava, com este tema de inspiração clássica, a sua primeira criação dramática. E foi no texto de Garrett, com alguns retoques ligeiros, que encontrou o seu libreto. O próprio, em carta a João de Freitas Branco transcrita no programa, considera determinante uma estadia na Itália – corria o ano de 1957 – que lhe permitiu uma leitura atenta das *Méropes* de Alfieri e Mafei, e dos *Scritti e pensieri sulla musica* de Busoni, como um conjunto de reflexões úteis sobre a tarefa que desejava empreender. Quanto ao texto de Garrett, considerava o compositor: ‘O poema de Garrett, pela sua estrutura e construção, prestava-se a ser directamente musicado, sem necessitar de um libreto. As semelhanças entre os versos de Alfieri e os de Garrett fazem-me supor que este último em muitos passos da sua tragédia se limitou a traduzir a obra do grande dramaturgo italiano. (...) Conservei-lhe o elemento religioso, que em Alfieri não existe, porque é favorável ao desenvolvimento musical e também por ser a única das várias *Méropes* que contém este elemento, raro na tragédia grega do último período, mas importantíssimo na vida do povo grego de então’. Quanto à música, o autor optou por um compromisso entre modalismo e politonalidade, valendo-se da dissonância como forma de expressão para os momentos de maior intensidade dramática.

Elenco: Intérpretes – Natália Viana (Mérope), Armando Guerreiro (Egisto), Hugo Casais (Polifonte), Álvaro Malta (Sumo Sacerdote), Luís França (Polidoro), Manuel Leitão (Adrasto); **Coro** do Teatro Nacional de S. Carlos; **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Coreografia** – Francis Graça; **Corpo de Baile** – S.N.I.; **Cenografia e Luzes** – Alfredo Furiga.

M. F. S. S.

Joly Braga Santos, Mérope

Produção: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional

Maestro Director: Joly Braga Santos

Texto: Poema de Almeida Garrett

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1962.

Depois de ter alcançado um enorme sucesso com a estreia em 1959, a *Mérope* de Joly Braga Santos reaparecia na temporada de 1962. Algumas alterações se notam no elenco e concepção do espectáculo: a substituição da intérprete que assegurou a figura da protagonista, Mérope, e a supressão do corpo de baile.

Elenco: Intérpretes – Ana Lagôa (Mérope), Armando Guerreiro (Egisto), Hugo Casais (Polifonte), Álvaro Malta (Sumo Sacerdote), Luís França (Polidoro), Manuel Leitão (Adrasto); **Coro** do Teatro Nacional de S. Carlos; **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Cenografia e Luzes** – Alfredo Furiga.

M. F. S. S.

R. Strauss, Metamorfoses

Produção: Orquestra Gulbenkian

Maestro Director: Silva Pereira

1.ª Apresentação: Lisboa, Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: Dezembro de 1976.

Maria Helena Freitas, na crónica que escreveu para a *Vida Mundial* em Dezembro de 1976, louvava a magnífica época musical com que a Secção de Música da Gulbenkian brindava o seu público. Destacava, de entre várias iniciativas, a audição de *Metamorfoses* de Richard Strauss, sob a direcção competente do Maestro Silva Pereira. Da execução, a cro-

nista valorizava a oportunidade com que Silva Pereira soubera captar o espírito acabrunhado e dorido que o compositor, sob o efeito da experiência da segunda guerra mundial, imprimira à sua obra.

M. F. S. S.

Mitos clássicos na poesia portuguesa contemporânea

Produção: Teatro Clássico de Conimbriga (TCC) e Liga dos Amigos de Conimbriga (LAC)

Encenação e Dramaturgia: José Geraldo

Iniciativa: Encontros de Teatro de Tema Clássico

1.ª Apresentação: Coimbra, Pátio da Universidade

Data: 31.7.1999

Outras: Tomar, 8.8.1999; Conimbriga, 4 e 18.9.1999; Coimbra (Museu Machado de Castro), 30.9.1999; Coimbra (TAGV), 25.2.2000; Conimbriga, Festival de Teatro Escolar de Tema Clássico, 3 e 5.5.2000; Braga (Termas Romanas), 7.7.2000.



Sob o signo da Cultura Clássica surge, em 1999, o Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga (TCC) que, no âmbito dos «Encontros de teatro de tema clássico de Conimbriga, Aeminium e Sellium», representou no Pátio da Universidade de Coimbra *Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea*.

Encenado e dirigido por José Geraldo, este espectáculo de poesia teve como consultores científicos Adília Alarcão e José Ribeiro Ferreira, e apoia-se na selecção de textos de numerosos poetas contemporâneos efectuada por este professor. A assistência, numerosa e atenta, ouviu as palavras de autores tão diversos como António José Queirós, António Mega Ferreira, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Fernando Guimarães, Fiamma Hasse Pais Brandão, Hélder Macedo, Herberto Helder, João Maia, João Miguel Fernandes Jorge, José António Almeida, José Augusto Seabra, José Gomes Ferreira, Manuel Alegre, Manuel Pulquério, Miguel Torga, Natália Correia, Pedro Támen, Sebastião da Gama, Sophia de Mello Breyner Andresen, Teresa Balté, Vasco Graça Moura e Vasco Miranda.

Com recursos cénicos mínimos, mas aproveitando de forma excelente a escadaria da Via Latina do Pátio da Universidade, o Grupo de

Teatro Clássico de Conimbriga construiu um espectáculo de grande qualidade e beleza que vive, em grande parte, para além dos méritos da encenação, da interpretação notável de três actores – Helena Faria, Rosário Romão e Victor Torres. Três actores – porque, como explica o encenador, três era o número de actores no teatro clássico – que aceitaram a tarefa de dramatizar textos de poetas portugueses contemporâneos, consagrados a cinco célebres mitos gregos: Apolo, Ulisses, Labirinto e Minotauro, Orfeu e Diónisos. “A representação procura ser estilizada, não naturalista ou realista, mas poética, simbólica na intenção de captar a essência da palavra.” – escreve José Geraldo nas suas “notas de encenação”.

Este espectáculo é, assim, constituído por cinco partes de duração variável, anunciadas por uma voz-off que explicava, em traços gerais, os dados mais importantes de cada mito, e separadas entre si pela introdução de pequenas alterações no cenário e pela mudança de roupa. Um dos elementos-chave desta dramatização é, portanto, o vestuário vistoso e sugestivo, concebido por Joaquim Magalhães e Isilda Ferreira. Outro elemento essencial é a música e porque um dos objectivos deste trabalho é oferecer uma leitura actual do mundo antigo, os fragmentos de música utilizados pertencem intencionalmente a compositores da segunda metade do século XX: Glen Velez, Harry Partch, Henry Cowell, Iannis Xenakis, Lou Harrison, Mark-Anthony Turnage, Igor Stravinsky, Carl Orff, The Grief e Accordion Tribe.

Ao referir-se aos objectivos deste trabalho, José Geraldo escreve: “Queremos um espectáculo divertido e arrepiante, que traga de novo e sempre ao público o prazer do contacto com alguns dos nossos maiores poetas e que, por fim, o alicie para partir à descoberta desse território eterno e tão profundamente humano que são os mitos clássicos – esperamos de algum modo tê-lo conseguido.” Conseguiram-no, sem dúvida, pois foi essa a opinião unânime do público.

Os *Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea* voltaram à cena durante os meses de Agosto e Setembro. Prevista para ser realizada ao ar livre, nos claustros do Museu Machado de Castro, a representação da noite de 30 de Setembro acabou por ter lugar no interior da Igreja de S. João de Almedina, pelo que em nada, em nossa opinião, ficou a perder. Efectivamente, perante um cenário algo inesperado e tão solene, evidenciou-se ainda mais o simbolismo da palavra e da representação. Pudemos, então, constatar o que já pensávamos: mais uma vez, os poucos elementos que permitem evocar diferentes cenários encaixaram-se perfeitamente no altar da igreja, o vestuário pareceu ainda mais radioso (palmas para o vestido de Nausícaa!), o virtuosismo e o talento dos acto-

res, depois de um dia normal de trabalho, mantiveram-se inalteráveis ao longo de toda a peça.

O Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga voltou aos palcos na noite de 25 de Fevereiro de 2000, no Teatro Académico de Gil Vicente, e participou ainda no «Festival de Teatro Escolar de Tema Clássico», que decorreu em Conimbriga entre 2 e 5 de Maio, com quatro representações, duas no dia 3 e as outras duas, a encerrar o Festival, no dia 5. Finalmente, por ocasião dos «II Encontros de Teatro de Tema Clássico», na noite de 7 de Julho, os *Mitos Clássicos na Poesia Portuguesa Contemporânea* foram apresentados nas Termas Romanas de Braga.

Louve-se a originalidade deste espectáculo, onde se adivinha um intenso trabalho de pesquisa, quer por parte do organizador da antologia quer por parte de José Geraldo, bem como o facto de os seus organizadores terem tido o cuidado de fornecer um programa com um grafismo bastante atraente e que, além de incluir os textos introdutórios citados na peça, contém ainda a indicação dos autores dos poemas e dos fragmentos musicais, e o currículo dos principais elementos envolvidos.

Elenco: Actores – Helena Faria, Rosário Romão, Victor Torres; **Figurinos e Assistência de Encenação** – Joaquim Magalhães; **Fotografia, Vídeo e Imagem Gráfica** – Susana Paiva; **Costura** – Isilda Ferreira; **Desenho de Luz e Direcção Técnica** – José Geraldo, Rui Raposo; **Ambiente Sonoro** – José Geraldo; **Produção Executiva** – Margarida Mendes Silva, José Geraldo; **Gestão do Projecto** – António Queirós; **Produtor Delegado** – Celso Neto.

Luísa de Nazaré Ferreira

Mitos eternos

Produção: RTP 2

Apresentação: José Hermano Saraiva

Data: 1999.

Habitual colaborador da RTP em programas de difusão cultural, o Professor José Hermano Saraiva dedicou aos mitos gregos uma série televisiva que intitulou *Mitos eternos*. Tendo por pano de fundo imagens recolhidas na Grécia, esta série documental privilegia temas mitológicos. Em episódios de 30 minutos cada – portadores de títulos sugestivos como ‘Crime e castigo’, ‘A fragilidade dos heróis’, ‘Eternas formas de amor’ –, o apresentador guia o espectador pelos locais a que as diversas lendas estão ligadas, ao mesmo tempo que reconta, nas suas linhas principais, os

contornos de cada mito. Estes, por sua vez, são seleccionados de acordo com a popularidade de que gozam, merecendo atenção as histórias de Jasão e Medeia, de Hércules, de Édipo, ou de Medusa. Dado o acolhimento habitual que José Hermano Saraiva granjeia junto do grande público, é de prever que esta série possa cumprir a importante missão de sensibilizar a plateia portuguesa para uma riqueza cultural que subjaz à nossa própria cultura contemporânea.

M. F. S. S.

Mnemosyne

Produção: Hilliard Ensemble, Jan Garbarek

Iniciativa: XIX Festival dos Capuchos

1.ª Apresentação: Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos

Data: 20.7.1999.

Foi no âmbito do XIX Festival dos Capuchos, com sede num pequeno convento sobranceiro à Costa da Caparica, que se fizeram ouvir os membros do quarteto vocal Hilliard Ensemble, acompanhados pelo saxofonista Jan Garbarek, no seu projecto conjunto *Mnemosyne*. Depois de ter percorrido outros cenários europeus – Alemanha, Noruega e Inglaterra – com êxito assinalável, foi a vez de esta criação ser dada a conhecer ao público português.

Mnemosyne vem no desenvolvimento da actividade de um grupo que se especializou na música medieval e renascentista. Assim, para além de incluir textos litúrgicos dessas épocas na tradição europeia ocidental, cruza-os com ritmos peruanos, dos índios iroquois, do País Basco, da Estónia e da Rússia, como também de dois hinos gregos; eclético nos géneros e nas culturas que o compõem, o projecto cobre também um percurso musical diacrónico, com início no séc. II a. C. Sobre estes ritmos surpreendentes para o espectador comum, os sons do saxofone derramam um colorido particular. E a surpresa ou curiosidade, aliada ao eco do sucesso entretanto obtido pelo grupo, garantiram uma afluência numerosa ao Mosteiro dos Jerónimos.

De resto, o local escolhido para a apresentação deste recital serviu bem o espírito que presidia à música, sugestiva de épocas e lugares distantes, alheios à experiência do quotidiano. E sobretudo muito ao gosto dos produtores da audição, os Hilliard Ensemble, que, por uma marcada preferência pelos efeitos sonoros passíveis de se obterem dos espaços arquitectónicos, haviam gravado o seu CD *Mnemosyne* no Mosteiro de St Gerold, nas montanhas austríacas. Cristina Fernandes, na crónica que

fez para o *Público*, louvava o som resultante da movimentação dos quatro cantores e do saxofonista pelos corredores do claustro como um dos aspectos mais interessantes do espectáculo.

M. F. S. S.

Friedrich Hölderlin, *A morte de Empédocles (Der Tod des Empedokles)*

Realizadores: Danièle Huillet e Jean-Marie Straub

Data: 1986

Duração: 127m.

1.ª Apresentação: (em Portugal) Canal 2 da RTP – Cine Sábado

Data: 17.1.1999, à 1.00 hora.

O Canal 2 da RTP apresentou, em Cine Sábado, a 17 de Janeiro de 1999, à 1.00 hora, *A morte de Empédocles (Der Tod des Empedokles)*, ou: *quando o verde da Terra vos brilhar de novo (oder: wenn dann der Erde Grün von neuem euch erglänzt)*, tragédia em dois actos escrita por Friedrich Hölderlin em 1798. O texto foi fixado em colaboração com D. E. Sattler Verlag Roter Stern. Esta coprodução franco-alemã, de Les Films du Losange e de Janus Film, foi realizada por Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, em 1986. O filme é a cores e tem a duração de 127 minutos. A tradução e a legendagem em português couberam a Isabel de Almeida e Sousa / RTP.

Acusado de se ter comparado aos deuses do Olimpo, Empédocles suscitou o culto de uns e foi votado ao exílio por outros.

A produção foi financiada por Hessischer Rundfunk (Radiodifusão do Estado de Hesse), Hamburger Filmförderung (Instituto de Apoio ao Cinema de Hamburgo), FFA e CNC.

Elenco: Actores – Andreas von Rauch (Empedokles), Vladimiro Baratta (Pausanias), Martina Baratta (Panthea), Ute Cremer (Delia), Howard Vernon (Hermokrates), William Berger (Kritias); Frederico Hecker, Peter Boom, Giorgio Baratta (die drei Bürger, ‘os três cidadãos’), Georg Brintrup, Achille Brunini, Manfred Esser (die drei Sklaven), Peter Kammerer (der Bauer, ‘o Camponês’); **Som** – Louis Hochet, Georges Vaglio, Alessandro Zanon; **Câmara** – Renato Berta, Jean-Paul Toraille, Giovanni Canfarelli; **Assistentes** – Michael Esser, Hans Hurch, Leo Mingrone, Roberto Palí, Cesare Candelotti; **Guarda-roupa** – Giovanna del Chiappa, “costumi d’arte”; **Penteados** – Guerrino Todero; **Revelação e Impressão** – Luciano Vittori; **Desenho de Luzes** – Sergio Lustri.

Paulo Sérgio Ferreira

Mythos

Produção: Odin Teatret

Encenação: Eugénio Barba

Iniciativa: XI Escola Internacional de Teatro e Antropologia

1.ª Apresentação: Montemor-o-Novo, Pavilhão da Escola Secundária

Data: 13-14.9.1998.

Este espectáculo foi apresentado no âmbito do programa que constituiu a XI Escola Internacional de Teatro e Antropologia, que decorreu em Montemor-o-Novo de 13 a 20 de Setembro de 1998. Foi seu organizador Eugénio Barba, que reuniu em Montemor-o-Novo cerca de uma centena de alunos em contacto com professores das mais diversas proveniências (da Europa e Ásia). Esta iniciativa – articulada com a International School of Theatre Anthropology, sediada em Holstebro, na Dinamarca – teve como participante de relevo o Odin Teatret, fundado e activo nessa mesma cidade. No Pavilhão da Escola Secundária, este grupo estreou em Portugal o espectáculo *Mythos*; nele participam figuras como Édipo, Orfeu, Ulisses, Medeia, Dédalo e Cassandra.

Ao fundador deste grupo teatral, Eugénio Barba, referiu-se Manuel João Gomes (*Público*, 16.9.1998) como ‘uma imaginação libérrima conjugada com uma capacidade de materializar o indizível’. Assim, *Mythos* revelou-se um espectáculo surpreendente, onde os grandes mitos gregos, com a autoridade que os deuses lhes conferiram, cantam uma ‘Internacional’ de louvor ao grande mito moderno, do séc. XX: a Revolução, personificada num jovem que toca harmónio e canta melodias heróicas da América Latina.

Envolta em músicas agressivas e em coloridos fortes, a intriga não deixa de ser um canto fúnebre a todas as referências de uma civilização, que parece incapaz de ultrapassar os marcos das gerações; assim, entre pais e filhos nada parece existir, como o provam as divergências paradigmáticas entre Édipo, ou Dédalo, Medeia e os respectivos filhos.

M. F. S. S.

Narcissus

Produção: National Film Board, Canadá

Realização: Norman McLaren

1.ª Apresentação: Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: 11.11.1984

Outras: Cinenima, Novembro de 1984.

O antigo mito grego de Narciso é pretexto mais do que suficiente para que este realizador de filmes de animação canadiano aposte nele como o tema da sua última produção. Funcionário da National Film Board do Canadá, Norman McLaren realizou o seu primeiro filme para aquela instituição em 1941 e encerra a sua carreira em 1984 com este projecto.

Narcissus teve na sua génese uma equipa técnica e artística de luxo a suportar todo o trabalho. Todavia, não deixou de se tornar uma obra polémica para os críticos de cinema de animação, visto que enquanto alguns a aceitaram como um estilo perfeitamente enquadrável no tipo de trabalho do seu realizador, outros recusaram conceder-lhe o estatuto de filme de animação.

Esta reconstrução do mito de Narciso caracteriza-se por uma composição feita à base de imagens tratadas numa impressora óptica, que se desenvolvem perante o espectador ao retardador e ao acelerador, misturando-as e acrescentando-lhes os mais diversos efeitos especiais.

Nuno S. Rodrigues

Vincenzo Bellini, *Norma*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Antonino Votto

Libreto: Felice Romani

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1948

Data: 25.4.1948.

A *Norma* de Bellini é duplamente uma ópera de tema clássico. Em primeiro lugar, a acção passa-se por volta de 50 a. C. e centra-se na figura de uma sacerdotisa gaulesa e nas relações amorosas desta com um oficial romano. Em segundo lugar, a construção da história de Norma parece dever bastante às *Medeias* de Eurípides e de Séneca. Tendo traído a fide-

lidade ao seu povo, dominado pelas tropas de Roma, e os votos que fizera como sacerdotisa de Irminsul, Norma não só se apaixonou por um inimigo como teve dois filhos dele, que esconde de todos. Porém, o amor de Polião arrefeceu e o pro-cônsul olha agora para uma noviça, Adalgisa. Para evitar que os filhos acabem nas mãos de uma madrastra em Roma, ou como vingança, Norma decide matar os dois filhos, tal como Medeia faz para se vingar de Jasão. O final é, contudo, diferente. Enquanto a Medeia eurípidiana leva a termo o seu projecto de vingança, não poupando nem a sua rival nem os próprios filhos, a Norma do libreto de Romani desiste das primeiras intenções e acaba por poupar a vida quer dos filhos quer de Adalgisa. Em contrapartida, oferece-se a si própria em holocausto na pira sagrada, imagem da expurgação e purificação dos pecados, a que se junta Polião.

A história de Norma baseia-se num drama escrito por Alexandre Soumet, em 1831. O tema era bastante popular no século XIX, uma lenda de raiz clássica tratada ao gosto do romantismo: a sacerdotisa, obrigada a votos religiosos, que ama o general inimigo e que por causa desse amor incorre num sacrilégio, traindo o povo e a divindade. A pena por tal crime é necessariamente a morte. Como já referimos, a *Medeia* esteve na base da concepção do enredo; mas também *Os Mártires* de Chateaubriand, que tinha como cenário de fundo a Gália romana, não foi estranho à narrativa. A alteração do final tem a virtude de transformar o sensacionalismo melodramático provocado pelo assassinato egoísta das crianças inocentes numa tragédia de altruísmo e amor legítimo, mas igualmente patética, que não hesita em fazer-se desaparecer para deixar espaço de escolha à pessoa amada. Como referiu Schopenhauer, em *Die Welt als Wille und Vorstellung*, a propósito desta peça, “raramente a consumação trágica da catástrofe, que traz consigo a resignação e a exaltação espiritual, foi exposta de um modo tão puro e expressa de um modo igualmente tão claro”.

Tal como algumas das mais belas tragédias de Eurípides, a *Norma* é fundamentalmente sobre uma mulher e sobre sentimentos femininos. A mulher forte que controla os guerreiros da tribo, a mulher piedosa que exalta no célebre *Casta Diua*, a mulher clemente que é capaz de perdoar e de compreender o amor da sua rival, a mulher determinada que não pára enquanto não vingar a sua humilhação, nem que seja a custo da sua própria vida; enfim, uma mulher de paixões radicais, como é apropriado a uma heroína trágica.

A nível musical, esta peça tem sido caracterizada como uma das primeiras tentativas de adaptação do rococó latino ao romantismo. A *Norma* de Bellini estreou em Portugal em 1835, ainda em ambiente de guerra civil e de eclosão do liberalismo. A produção de 1948 trouxe a

Lisboa um elenco maioritariamente estrangeiro, de que se destaca a intérprete de Adalgisa, a cantora Ebe Stignani, que voltará mais tarde à capital portuguesa para cantar o papel de Orfeu da ópera de Gluck.

Elenco: Intérpretes – Maria Caniglia (Norma), Ebe Stignani (Adalgisa), Fiorenzo Tasso (Polião), Giulio Neri (Oroveso), Elena Raggi (Clotilde), Mariano Caruso (Flávio); Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; Orquestra Sinfónica Nacional; **Encenação** – Mário Frigério; **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Teófilo Russell; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Direcção de Palco** – Filippo Dadó; **Ponto** – Carlo Pasquali.

Nuno S. Rodrigues

Vincenzo Bellini, *Norma*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Oliviero de Fabritiis

Libreto: Felice Romani

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1967

Data: 10 e 12.3.1967.

Esta ópera voltou a ser apresentada em Lisboa em 1967, na qual cantaram nomes como Radmila Bakocevic e Fiorenza Cossotto. A direcção de Oliviero de Fabritiis e de Abílio de Mattos e Silva obedeceu aos cânones que têm orientado a encenação da *Norma* desde a representação de 1839, em Lisboa, valorizando-se os aspectos civilizacionais da Gália romana, ao mesmo tempo que se prescindiu das concepções cenográficas, clássico-góticas, que presidiram à montagem da ópera até então.

Elenco: Intérpretes – Radmila Bakocevic (Norma), Fiorenza Cossotto (Adalgisa), Eugenio Fernandi (Polião), Ivo Vinco (Oroveso), Sara Rosa (Clotilde), Armando Guerreiro (Flávio); Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; **Encenação** – Riccardo Moresco; **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Coreografia** – Anna Ivanova; **Maestros Substitutos** – Miguel Angel Veltri, Giulio Villani; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Direcção de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Adereços** – Raúl de Campos; **Electricista Chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista Chefe** – José Paulo Mota; **Maquinista Adjunto** – Inocêncio Marques; **Contra-regra** – Columbano Sabino.

Nuno S. Rodrigues

Vincenzo Bellini, *Norma*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Nicola Rescigno

Libreto: Felice Romani

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1972

Data: 17 e 19.3.1972.

Esta nova encenação da mais conhecida ópera do mestre do *bel canto* romântico italiano ficou marcada pela presença da cantora catalã Monserrat Caballé, que já cantara em Lisboa, entre outros, o papel de Ifigénia, e pela do maestro americano Nicola Rescigno, o então director artístico e primeiro maestro-director da Dallas Civic Opera Company. Tal como na produção de 1967, as únicas personagens a terem sido confiadas a cantores portugueses foram as de Clotilde, interpretada pelo soprano Beatriz Horta, e de Flávio, interpretada pelo tenor Fernando Serafim. Destaca-se ainda a encenação de Dario Dalla Corte, cuja experiência nos domínios cinematográfico e teatral o levou posteriormente a dedicar-se principalmente à realização de ópera, tendo encenado em muitos teatros italianos, e que valorizou bastante a *Norma* de Lisboa.

Elenco: Intérpretes – Monserrat Caballé (Norma), Viorica Cortez (Adalgisa), Robleto Merolla (Polião), Agostino Ferrin (Oroveso), Beatriz Horta (Clotilde), Fernando Serafim (Flávio); Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; **Encenador** – Dario Dalla Corte; **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Direcção de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Electricista Chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista Chefe** – Inocêncio Marques; **Contra-regra** – Columbano Sabino; **Costureira-Chefe** – Isabel Chaves.

Nuno S. Rodrigues

Vincenzo Bellini, *Norma*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Friedrich Haider

Libreto: Felice Romani

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1998

Data: 19, 23, 26 e 30.5.1998.

A escolha desta peça de Bellini para a temporada de ópera de 1998 de S. Carlos insere-se no programa em que o teatro de Lisboa apostou, tendo também como motivo a celebração do bicentenário do nascimento do compositor no ano de 2001. Depois de *Os Capuletos e os Montéquios*, apresentados em 1994, e *Os Puritanos*, encenada em 1996, é a vez da *Norma*. De regresso à capital portuguesa, após 26 anos de ausência, a produção da *Norma* de 1998 volta a apostar em cantores estrangeiros, nomeadamente no soprano norte-americano, Sharon Sweet, cantora de qualidades versáteis, intérprete de papéis verdianos e wagnerianos, e que aqui deu voz à protagonista, depois de a ter cantado em Barcelona, Bruxelas, Bolonha e Bilbao. Tal como nas encenações anteriores, apenas Clotilde e Flávio foram cantados por portugueses, no caso o soprano Isabel Biu e o tenor Pedro Chaves. Destaca-se ainda a escolha da cantora Petia Petrova para o papel de Adalgisa, pela sua juventude, dado que tradicionalmente se têm escolhido cantoras mais velhas, que contradizem o espírito da personagem inicialmente pensada pelo compositor e pelo autor do libreto.

A encenação esteve a cargo de Stefano Vizioli, com créditos demonstrados na área da produção operática, e que já se tinha apresentado em S. Carlos com *Manon Lescaut*, *La Bohème* e *Il Trittico*, entre 1988 e 1997. Na área de temática clássica, Vizioli ganha a sua experiência das encenações de *Um Sonho de uma Noite de Verão* (1991), *A coroação de Popeia* (1993) e *A Bela Helena* (1996). O mesmo se diga da experiência da cenógrafa, Susanna Rossi Jost, uma italiana que já tinha cenografado anteriormente a *Norma*, mas também textos como *A Guerra de Tróia não acontecerá* de Giraudoux e *Actéon* de Charpentier; e a da figurinista, a austríaca Anna Maria Heinreich, que desenhou já o guarda-roupa do *Tito Andronico* e do *Coriolano* de Shakespeare, do *Prometeu* de Luigi Nono, bem como o da própria *Norma*. De destacar ainda a presença de João Paulo Santos, o director de *Édipo, a Tragédia do Saber*, de António Pinho Vargas, como Maestro titular do coro.

Elenco: Intérpretes – Sharon Sweet (*Norma*), Petia Petrova (*Adalgisa*), Michael Sylvester (*Polião*), Andrea Silvestrelli (*Oroveso*), Isabel Biu

(Clotilde), Pedro Chaves (Flávio); **Figuração** – Sandra Maurício, Marta Monteiro, Isabel Vilhegas, Daniela Costa, Marta Fresco, Manuela Cunha, Inês Almeida, Stela Seguro, Sofia Nascimento, Meagan Bailey, Húnguia Sofia Campos, Pedro Curado, Miguel Carapinha, Rafael Guerreiro, Miguel Frimer, Gabriel Castro, Fernando Nogueira, Alexandre Ribeiro, Peter Santos, Carlos Cruz, Adriano Cunha, Gonçalo Chambel, Margarida Ivo Cruz, André Carvalho; Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; **Maestro Titular do Coro** – João Paulo Santos; **Encenação** – Stefano Vizioli; **Remontagem da Encenação** – Luca Ferraris; **Cenografia** – Susanna Rossi Jost; **Figurinos** – Anna Maria Heinrich; **Desenho de Luzes** – Claudio Schmidt.

Nuno S. Rodrigues

Homero, *Odisseia*

Encenação: Pedro Wilson

1.ª Apresentação: Palco Oriental, Calçada Duque de Lafões

Data: 24-25.11.1989.

De acordo com o site www.ualg.pt/sincera/piwi.html, Pedro Wilson nasceu em Coimbra em 1957 e em 1980 fundou, com outros actores, a «Máscara Teatro de Grupo». Entre os muitos trabalhos realizados como encenador, destacamos os que se inspiram em temas clássicos, designadamente *Ulisses* e *Odisseia*. Com esta peça, baseada na obra homónima de Homero, o actor e encenador ganhou o prémio da melhor encenação da CML.

Elenco: Actores – António Rito, Carmo Carvalho, Donzília Rodrigues, Joana Dias, Miguel Paz, Paulo Marinho, Pedro Teixeira.

Luísa de Nazaré Ferreira

Homero, *Odisseia* (série em dois episódios)

Produção: Francis Ford Coppola/American Zoetrope

Realização: Andrei Konchalovsky

1.ª Apresentação: (em Portugal) RTP 1

Data: 3-4.4.1999.



No fim de semana da Páscoa de 1999, a RTP 1 transmitiu uma pequena série em duas partes baseada na *Odisseia* de Homero (*The Odyssey*, no original), uma versão leve destinada certamente a cativar uma audiência vasta, mas, mesmo assim, bastante interessante, sobretudo para um público mais jovem.

A narrativa inicia-se em Ítaca no momento em que Penélope está prestes a dar à luz: no dia do nascimento do seu filho, o rei Ulisses recebe a visita de Agamémnon e de Menelau e é convidado a integrar a expedição militar destinada a conquistar a longínqua Tróia. Profundamente amargurado, Ulisses pede à esposa que jure que voltará a casar, se ele não regressar até ao dia em que a barba de Telémaco começar a despontar.

Segue-se a descrição da guerra de Tróia com incidência especial no seu desfecho, conseguido graças ao engenho extraordinário de Ulisses que concebe o estratagema do cavalo de madeira. O regresso a Tróia, todavia, ficará para sempre comprometido a partir do momento em que Ulisses ousa orgulhar-se das suas façanhas. Poséidon não lhe perdoa tamanha audácia e amaldiçoa-lhe a viagem de regresso. As aventuras fantásticas de Ulisses (o Ciclope Polifemo, o encontro com o deus Éolo que tenta ajudar o herói a regressar a Ítaca, a prisão na ilha de Circe, o encontro com Tirésias nos Infernos, o monstro Cila e o redemoinho Caríbdis, a chegada à ilha de Calipso, que mantém o herói prisioneiro até ao dia em que recebe ordens dos deuses para o deixar partir e, finalmente, a recepção no reino dos Feaces) constituem momentos interessantes desta versão pelos extraordinários efeitos especiais a que se recorreu.

A história termina com a chegada de Ulisses a Ítaca graças à ajuda dos Feaces e com o episódio da sua vingança sobre os Pretendentes. Merece relevo a prova do arco imposta por Penélope, na qual os participantes tinham de retesar o arco de Ulisses e fazer passar a flecha pelos anéis de doze machados enterrados no solo.

The Odyssey é uma produção de luxo que recorre profusamente aos efeitos especiais, que permitem recriar toda a série de monstruosidades (a serpente de Poséidon, o Ciclope Polifemo, Cila e Caríbdis...), mas nem

sempre tão bem conseguidos como seria de esperar nesta era de tecnologias avançadas. As filmagens tiveram lugar na Turquia, em Malta e Gozo, e nos Estúdios Shepperton em Londres. Saliente-se, por curiosidade, que a morada de Calipso teve por cenário o exótico “Castelo de Algodão” (*Pamukkale*), as cascatas calcárias que são hoje uma das paisagens naturais mais extraordinárias e um dos pontos de maior atracção turística na Turquia.

Em nossa opinião, todavia, o maior interesse desta minissérie reside na reconstituição histórica dos cenários e parece evidente que os autores se preocuparam em conhecer os dados fornecidos pela arqueologia homérica. A preocupação com a fidelidade histórica verifica-se na selecção dos objectos, entre os quais se destacam as *kylikes* com motivos estilizados, o vestuário (desenhado por Charles Knode) e o armamento, nomeadamente os célebres “escudos em oito”, mas também na arquitectura, já que a sala principal do palácio de Ítaca é o *mégaron* com belos frescos, característico dos palácios micénicos.

Realizada em 1997 por Andrei Konchalovsky (que assinou, entre outros títulos, *Os Amantes de Maria*) e tendo como produtor-executivo Francis Ford Coppola (através da sua companhia American Zoetrope), esta adaptação conta com a presença de nomes bem conhecidos do cinema: Armand Assante no papel de Ulisses e Isabella Rosselini no de deusa Atena, Geraldine Chaplin (no papel da ama Euricleia), Greta Sacchi (Penélope), Jeroen Krabbe, Christopher Lee, Bernadette Peters, Michael J. Pollard, Eric Roberts, Josh Maguire e a extraordinária actriz grega Irene Papas no papel de mãe de Ulisses. Para interpretar a sedutora e exótica feiticeira Calipso foi escolhida uma rainha da beleza: a cantora Vanessa Williams, eleita Miss América em 1983. A música, bem seleccionada, é de Edward Artemyev.

Elenco: Actores – Armand Assante (Ulisses), Isabella Rosselini (Atena), Geraldine Chaplin (Ama Euricleia), Greta Sacchi (Penélope), Jeroen Krabbe, Christopher Lee, Bernadette Peters, Michael J. Pollard, Eric Roberts, Josh Maguire; Irene Papas (Mãe de Ulisses), Vanessa Williams (Calipso); **Figurinos** – Charles Knode; **Música** – Edward Artemyev.

Luísa de Nazaré Ferreira

Homero, *A Odisseia*

Produção: Teatro Art'Imagem

Dramaturgia e Direcção: José Leitão

Iniciativa: V Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia

1.ª Apresentação: Exterior do Edifício do Forum da Maia

Data: 8.10.1999.

A quinta edição do «Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia», organizada pela Câmara Municipal e com produção e direcção artística do Teatro Art'Imagem, decorreu entre os dias 8 e 17 de Outubro de 1999 e nela participaram mais de duas dezenas de companhias teatrais de diversos países.

O festival foi inaugurado com a representação, no cenário exterior do edifício do Forum da Maia, de *A Odisseia*, um espectáculo de rua com entrada livre a cargo da companhia organizadora, que se inspira, em particular, na *Odisseia* de Homero. Integram o elenco os actores do Teatro Art'Imagem e artistas convidados da Oficina de Teatro da Maia.

Luísa de Nazaré Ferreira

Ruy Coelho, *Orfeu em Lisboa*

Texto e Música: Ruy Coelho

Produção: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 31.12.1966.

O programa apresenta esta obra em três actos como ópera-declamação-ballet-mímica. Trata-se de um texto dramático cantado, com um suporte declamativo, de inspiração livre sobre o mito de Orfeu, em que o autor utiliza, à boa maneira de Pirandello, e como também Richard Strauss o fez na sua *Ariadne em Naxos*, o recurso ao “teatro no teatro”. A figura burlesca do Parlapatão de Feira anuncia – no segundo acto, após a tentativa frustrada, por parte de Orfeu, de trazer Eurídice de volta dos Infernos, ou melhor, do Inferno, povoado por um Diabo do teatro popular e por personagens do conto infantil – que Orfeu não sucumbiu.

Assim, ao mito é aberta uma alternativa de desfecho, com Orfeu e Eurídice no Olimpo, exaltados pelos deuses, numa vitória final sobre os juízes que os condenaram, sublinhada pelo hino entoado à Luz e à Verdade.

Este itinerário, por vezes difuso numa floresta de elementos cuja junção redundante rocambolésca, apresenta algumas referências da vida de Lisboa, como o coro dos Noctívagos de Lisboa, que assistem ao julgamento de Orfeu.

Elenco: Intérpretes – Guilherme Kjölner (Cantor), Pizani Burnay (Declamador).

Maria do Céu Fialho

Kirsten Delholm, *Operação: Orfeu*

Produção: Hotel Pro Forma

Encenação: Kirsten Delholm

Música: Bo Holten

Maestro: Bo Holten

1.ª Apresentação: Lisboa, Grande Auditório do Centro Cultural de Belém

Data: 30.7.1998.

A encenadora dinamarquesa K. Delholm traz a Lisboa o Grupo Pro Forma com uma peça bailado que representa uma criação livre a partir do mito de Orfeu, entendido em parte sob uma perspectiva de dimensão anímica de cada indivíduo. “Todos temos Orfeu e Eurídice dentro de nós”, afirma a autora. Por isso a bailarina solista interpreta uma figura que tanto pode ser Orfeu como Eurídice.

A narrativa é praticamente inexistente, ganhando primazia a linguagem plástica, sublinhada por uma música nascida de arranjos da música de Cage, composições de Bo Holten e inspiração em Gluck, numa síntese da responsabilidade de Bo Holten. Doze vezes em palco cantam intercaladamente com pré-gravações de orquestra, ou fundem-se com ela.

Se a acção quase surge despojada de sentido, é, essencialmente, a dimensão plástica que prepondera e grava, no espectador, uma imagem sensorial que lhe fica como memória do espectáculo.

Elenco: Intérprete – Nina Steen (Bailarina Solista).

Maria do Céu Fialho

Gabriel Gbadamosi, *Hotel Orfeu*

Produção: Associação Cultural de Novos Artistas Africanos-Tchomdinôs

Encenação: Manuel Wiborg e Miguel Hurst

1.ª Apresentação: Lisboa, Centro Cultural de Belém

Data: 29.7.1997.

A relação entre este texto de G. Gbadamosi, escrito em 1993, e o mito de Orfeu entende-se exclusivamente ao nível do símbolo. A peça tem um tema sócio-político de grande actualidade, visto que gira em torno de dois angolanos, João e Joe, regressados de África, que procuram sobreviver na Europa, mais concretamente no Portugal ex-metrópole. Os problemas próprios dessa situação, como o desenraizamento cultural, que se reflecte na perda da língua portuguesa, o medo, os fantasmas da guerra, o desemprego e a sub-remuneração, os ódios raciais e o flagelo das drogas, surgem como o fio condutor da história dos dois jovens que encaram Angola assim como Orfeu encarou o Hades, fugindo de lá, debatendo-se com o tabu e a indecisão de olhar ou não para trás. O resultado é um clima tenso, insinuando o caos e a claustrofobia, acentuado com as opções de encenação, valorizadas com o aparato técnico das luzes, da cenografia e do som.

A fomação de Gbadamosi levou-o a ter contacto com a cultura portuguesa, nomeadamente com as poesias camoniana e pessoana, onde encontrou o espírito do descobrimento e simultaneamente bebeu do espírito órfico, que se coaduna com a perda do império, no caso, Angola. É talvez aí que se pode estabelecer a ponte com o elemento clássico, que dá o título a esta peça.

Elenco: Actores – Miguel Hurst (Joe), Manuel Wiborg (João); **Cenografia** – Nuno Olim; **Luzes** – Pedro Domingos; **Som** – André Pires.

Nuno S. Rodrigues

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia do Real Teatro de S. João

Maestro Director: Giorgio Polacco

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Real Teatro de S. João de 1906-1907.

Em 1761, C. Gluck juntou-se a R. Calzabigi para escreverem *Orfeu e Eurídice*. Trata-se do primeiro exemplo concreto de uma ópera escrita sob os auspícios de tendências musicais inovadoras, que encontrarão o seu apogeu no prelúdio da *Alceste*, em 1767. A concepção desta peça resulta também do ambiente cultural da época, em que predominavam ideias e temáticas neo-clássicas, de onde se explica a escolha do tema. Gluck aderiu a esse movimento artístico, relacionando os seus princípios com o seu génio criador, partindo da ideia de que a música devia proporcionar formas de expressão à poesia e não abafá-la. Para o libreto, Calzabigi inspirou-se em Virgílio, no ambiente bucólico das *Geórgicas* e na *Eneida*, em Ovídio e Apolodoro. A ópera estreou assim em Viena, em 1762.

Após a estreia, na Áustria, *Orfeu e Eurídice* conheceu de imediato uma grande série de representações, nomeadamente em Parma e em Paris, onde obteve grande sucesso. Em 1774, uma segunda versão da ópera foi apresentada na capital francesa, desta vez com algumas novidades: novas árias, introdução de coreografia para passagens instrumentais e a entrega do papel titular a um tenor, visto que originalmente tinha sido concebido para um contralto, usualmente interpretado por um castrado. Todavia, o registo do tenor não consegue manter o tom dramático da interpretação, pelo que actualmente encena-se sempre a ópera na sua versão original, entregando-se a um contralto (feminino), mais adequado para o papel, a personagem de Orfeu. Ao contrário das músicas operáticas posteriores, a melodia do *Orfeu* não pretende esmagar, mas sim enlevar o ouvinte, cujo efeito é produzido graças à utilização de apenas instrumentos de corda que se aliam às vozes, dispensando os metais.

Orfeu e Eurídice é uma peça musical com apenas três personagens. A ópera inicia-se com o choro do famoso poeta grego junto à sepultura da esposa defunta. Orfeu revolta-se contra os deuses e manifesta a sua intenção de descer aos Infernos para ir buscar a amada. Aparece então o Amor, anunciando que Júpiter se apiedou dele e que lhe permitirá atravessar o rio dos mortos para resgatar Eurídice. Caso ele consiga aplacar as divindades infernais com o seu canto, ser-lhe-á permitido trazer a esposa de volta ao mundo dos vivos, com a condição de nunca olhar para trás. Já no mundo infernal, num ambiente indiscutivelmente paradisíaco, Orfeu

seduz as almas e consegue recuperar Eurídice, que não compreende a sua atitude de não a fitar. Depois de um conflito interno, incentivado pelas súplicas da esposa, Orfeu acaba por olhá-la, o que lhe provoca a morte imediata. Contudo, nem o libretista nem o compositor resistiram a dar um final feliz à história do malogrado casal, inovando no mito clássico. Morta pela segunda vez, aparece o Amor que anuncia ao poeta que os deuses se comoveram com a história do casal e que, portanto, decidiram devolver-lhe a mulher. Orfeu e Eurídice reúnem-se e a ópera termina com ambos fazendo sacrifícios ao Amor, no templo deste, exaltando o seu triunfo, rodeados pelo coro de heróis, heroínas. *Orfeu e Eurídice* é uma ópera onde está patente o bucolismo do século XVIII, como evidenciam o cenário pastoril do Hades e o aparecimento regular de amores, pastores e ninfas.

Desde logo, esta composição entrou para os repertórios dos grandes teatros de ópera europeus, sendo regularmente montada. Em Portugal, estreou-se em 1801, no então Real Teatro de S. Carlos. A produção de Dezembro e Janeiro de 1906-1907 marca a primeira apresentação da ópera na cidade do Porto. As críticas elogiaram bastante a intérprete titular, Guerrina Fabbri, pelas qualidades vocais que demonstrou e que estiveram à altura de representar a personagem de Orfeu, dado que esta encenação seguiu a concepção original de atribuir uma voz de contralto ao papel principal. Teria sido aliás a interpretação do Orfeu que teria levado a Fabbri à apoteose artística enquanto cantora lírica.

O cenário da produção portuense assentava numa concepção fundamentalmente bucólica, de onde sobressaíam bosques, jardins e pastores harmonizados sobre um fundo verde próprio daquele ambiente.

Elenco: Intérpretes – Guerrina Fabri (Orfeu), Luiza Bianca Tamagno (Eurídice), Mabel Nelma (Amor); **Bailarinas** – Adele Cammarano, Soledad Menendez; **Coreografia** – Ettore Bottasini; **Director de Palco** – Pablo Lorenzana; **Director de Cena** – Luigi Borelli.

Nuno S. Rodrigues

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: ?

Encenação: Luís Faria

Maestro: Oscar Anselmi

1.ª Apresentação: Porto, Real Teatro de S. João

Data: Janeiro de 1908 (4 representações-audições).

De novo o público do Real Teatro de S. João assiste à ópera de Gluck, com novos intérpretes, e com franco sucesso repercutido em vários jornais da época. A imprensa salienta, sobretudo, o desempenho da *mezzo soprano* Armida Parsi no papel de protagonista.

Elenco: Intérpretes – Armida Parsi (Orfeu), Tarquini (Eurídice), Pepoli (Amor).

Maria do Céu Fialho

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia do Real Teatro de S. Carlos

Maestros Directores: Luigi Mancinelli, Giorgio Polacco

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Real Teatro de S. Carlos de 1907-1908

Data: 17.2.1908.

A encenação de 1908 confirma a manutenção de Gluck como autor obrigatório das companhias de ópera em apresentação em Portugal, durante o século XX. Depois de, na época de 1906-1907, se ter estreado no S. João do Porto, *Orfeu e Eurídice* desce no ano seguinte até Lisboa. O maestro director é o mesmo, que desta vez vem dirigir a companhia do S. Carlos.

Para esta produção, manteve-se uma voz feminina no papel da personagem principal. Do mesmo modo, seguiu-se o espírito da encenação portuense, apresentando um cenário de inspiração bucólica em S. Carlos, tal como se tinha apresentado no S. João.

Elenco: Intérpretes – Zina Brozia, Amelia Campagnoli, Emma Carrelli, Cecilia Gagliardi, Salomé Krusceniski, Lina Pasini Vitale, Giuseppina Piccoletti, Lina Garavaglia, Maria Delna, Virginia Guerrini, Giannina Lucaceska, Eugenia Mantelli, Rosa Garavaglia, Arturo Franceschini, Giuseppe Krismer, Giuseppe Lenghi, Mario Massa, Emilio Perea, Fran-

cisco Viñas, Dante Zucchi, Eugenio Giraldoni, Enrico Moreo, Arturo Romboli, Titta Ruffo, Luigi Baldassari, Oreste Luppi, Serra Rossi, Emanuele Candella, Giuseppe Furster; **Bailarinas** – Ester Zanini, Laura Cerri; **Maestro de Coro** – Roberto Zucchi; **Maestro Substituto** – Giuseppe Longo; **Coreografia** – Cesare Coppini; **Director de Palco** – Eugenio Salarich; **Maquinista** – Attilio Vago; **Ponto** – Vincenzo Manzi.

Nuno S. Rodrigues

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia de Ópera Italiana

Maestro Director: Antonino Votto

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1950

Data: 12.3.1950.

Trata-se da primeira apresentação da Companhia de Ópera Italiana em Lisboa, com o *Orfeu* de Gluck, que se repetirá no ano seguinte. Dos nomes que compareceram em S. Carlos em 1950, voltarão a cantora Ebe Stignani, o maestro Antonino Votto e o director de cena Filippo Dadó; manter-se-ão Maria Justina Pereira e o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. A reposição desta ópera em 1951 atesta o seu sucesso entre o público português. Esta produção volta a apresentar o papel titular cantado por um contralto, agora feminino, tal como concebido originalmente, apesar de, em 1774, Gluck ter apresentado a ópera em Paris com um tenor no papel de Orfeu.

Elenco: Intérpretes – Ebe Stignani (Orfeu), Fiorella Carmen Forti (Eurídice), Maria Justina Pereira (Amor); **Bailarinos** – Anna Maria, Fernando Lima, Águeda Sena, Maria Bernardette; Orquestra Sinfónica Nacional; Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; **Maestros de Coro** – Mário Pellegrini, Teófilo Russel; **Maestro Substituto** – Mário Rossini; **Encenação** – Mario Frigério; **Direcção de Cena** – Filippo Dadó; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Coreografia** – Margarida de Abreu.

Nuno S. Rodrigues

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu*

Produção: Companhia de Ópera Italiana

Maestro Director: Antonino Votto

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1951.

Ver Vol. I, pp.252-253.

Aires Rodeia Pereira

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Alexander Krannhals

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1959.

Oito anos após a última representação do *Orfeu e Eurídice* em S. Carlos, a ópera volta ao Chiado, desta vez com um elenco de cantores exclusivamente estrangeiro. Esta produção mantém o registo de contralto a interpretar o papel de Orfeu, sendo, portanto, interpretado por uma cantora, dada a dificuldade, para não falar em impossibilidade, de encontrar um cantor com tal registo actualmente. Já o corpo de bailado foi maioritariamente entregue a bailarinos nacionais, dirigidos por Francis Graça e Violette Quenolle, que já tinham assumido a coreografia na produção de 1951.

Desta vez, a orquestra foi dirigida pelo maestro Alexander Krannhals. Ainda uma palavra de destaque para a participação do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, dirigido pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali. Esta récita foi dada na sua tradução alemã.

Elenco: Intérpretes – Rita Gorr (Orfeu), Theresa Stich-Randall (Eurídice), Lisa Otto (Amor); **Bailarinos** – Violette Quenolle, Francis Graça, Ruth Walden, Isabel Santa Rosa, Helena Miranda, Sara Antonieta, Albino Morais, Michel Lazrah, António Teixeira, Maria Antonieta, Maria José, Eugénia Pacheco, Silvério Assancadas, Leopoldo Augusto, António José, Manuel Sande, João Coutinho, Jorge Holbeche Bastos, Jorge Trincadeiras, Carlos Alberto; Orquestra Sinfónica Nacional; Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; Corpo de Baile do S.N.I.; **Maestros de Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestro Substituto** – Konrad Brenner; **Encenação** – Francis Graça; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Coreografia** – Francis

Graça, Violette Quenolle; **Director de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Aderecista** – Raúl de Campos; **Electricista-chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista-chefe** – José Paulo Mota; **Contra-regra** – Columbano Sabino; **Ponto** – Sitta Hagner.

Nuno S. Rodrigues

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Georges Sebastian

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1963

Data: 25 e 27.1.1963.

Em 1963, é a vez de Georges Sebastian vir a Lisboa dirigir a orquestra sinfónica da Emissora Nacional para mais uma produção do *Orfeu* de Gluck. Rita Gorr é a cantora titular, bisando a sua representação da personagem do poeta-músico na capital portuguesa. Tal como na representação de 1959, o elenco de cantores mantém-se exclusivamente estrangeiro. Uma palavra de destaque para a bailarina Violette Quenolle, que se apresenta pela terceira vez, com esta encenação, no elenco de bailarinos da ópera. A coreografia, porém, esteve neste caso a cargo de Margarida de Abreu, que tinha já coreografado o espectáculo em 1959. Mais uma vez, também, os cenários estiveram a cargo de Alfredo Furiga.

A repetição de colaboradores em pelo menos quatro encenações do *Orfeu e Eurídice* permitiu o aperfeiçoamento das várias vertentes da produção, repetindo os aspectos considerados mais bem sucedidos.

Elenco: Intérpretes – Rita Gorr (Orfeu), Hanlie van Niekerk (Eurídice), Sylvia Stahlmann (Amor); **Bailarinos** – Violette Quenolle, Olga Makcheeva, Paula Gareya, Jean Johnston, Armando Jorge, Fernando Mateus, Manuel Gil, António José; Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; Coro do Teatro Nacional de S. Carlos; Corpo de Baile do S.N.I.; **Maestros de Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestro Substituto** – Konrad Brenner; **Encenação** – Frank de Quell; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Coreografia** – Margarida de Abreu, Fernando Lima; **Director de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Aderecista** – Raúl de Campos; **Electricista-chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista-chefe** – José Paulo Mota; **Contra-regra** – Columbano Sabino; **Ponto** – Sitta Müller Wischin.

Nuno S. Rodrigues

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu*

Produção: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional

Encenação: Louis Erlo

Maestro Director: Jean Fournet

Récita: Temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1967.

As partes corais foram interpretadas pelo Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, sob a direcção dos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali, e coube ao Corpo de Baile do S.N.I. a interpretação do bailado.

Elenco: Intérpretes – Gabriel Bacquier (Orfeu), Erna Spoorenberg (Eurídice), Jane Berbié (Amor); **Coreografia** – Margarida de Abreu, Fernando Lima.

Maria do Céu Fialho

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia Portuguesa de Ópera

Orquestra: Orquestra de Ópera da Emissora Nacional de Radiodifusão

Maestro Director: Sergio Magnani

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: Junho de 1971.

A ópera foi apresentada por iniciativa da F.N.A.T., no começo da sua nona temporada lírica.

A crítica da imprensa é algo reservada, reconhecendo, todavia, entre o elenco de intérpretes, o maior quinhão de méritos para Elsa Saque. Algumas críticas têm como alvo a encenação. A interpretação da orquestra parece não ter sido particularmente feliz.

Elenco: Intérpretes – Isabel Mallaguerra (Orfeu), Elsa Saque (Eurídice), Sara Rosa (Amor); **Coreografia** – Grupo de Bailados Verde Gaio; **Cenografia** – Jean Louis Cassou.

Maria do Céu Fialho

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu*

Produção: Círculo Portuense de Ópera

Encenação: Júlio Cardoso

Orquestra: Orquestra do Instituto de Estudos de Música Vocal

Direcção Musical: Mário Mateus

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Avenida

Data: 16.4.1982

Outras: Aveiro (Teatro Aveirense), 19.4.1982; Porto (Auditório Carlos Alberto), 21-22.4.1982; Viana do Castelo (Teatro Sá de Miranda), 29.4.1982.

Esta ópera em digressão apresenta uma versão do Círculo Portuense de Ópera para o *Orfeu* de Gluck. Nela participam, para além dos intérpretes das três personagens, o Coro do Círculo Portuense de Ópera, bem como o corpo de baile da Escola de Bailado Fátima Valle da Veiga. Os cenários e figurinos são da responsabilidade de Manuel Dias.

Elenco: Intérpretes – José Oliveira Lopes (Orfeu), Fernanda Correia (Eurídice), Palmira Mota (Amor); **Coreografia** – Manuel Passos; **Cenários e Figurinos** – Manuel Dias.

Maria do Céu Fialho

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu*

Produção: Círculo Portuense de Ópera

Encenação: Júlio Cardoso

Direcção Musical: Manuel Teixeira

1.ª Apresentação: Porto, Auditório Nacional Carlos Alberto

Data: 2.5.1984

Outras: Porto (Auditório Nacional Carlos Alberto), 3.5.1984.

O Círculo Portuense de Ópera contava já dezoito anos de existência quando, nos dias 2 e 3 de Maio de 1984, com a colaboração da Câmara Municipal do Porto, levou à cena do Auditório Nacional Carlos Alberto o *Orpheu* de Gluck. Neste grandioso espectáculo, para além dos três solistas (Oliveira Lopes, Palmira Troufa e Rosário Ferreira), participaram mais de sessenta elementos, repartidos pelo Coro do Círculo Portuense de Ópera, pela Orquestra Sinfónica do Porto e pela Companhia de Bailado do Porto, dirigidos respectivamente pelos maestros José Luís Coelho e Manuel Teixeira e pelo coreógrafo Pirmin Trekkü. A encenação foi da responsabilidade de Júlio Cardoso.

Elenco: Cantores e Bailarinos – Oliveira Lopes, Palmira Troufa, Rosário Ferreira, Coro do Círculo Portuense de Ópera, Companhia de Bailado do Porto; **Música** – Executada pela Orquestra Sinfónica do Porto da R. D. P., sob a direcção do maestro Manuel Teixeira; **Maestro de Coros** – José Luís Borges Coelho; **Encenação** – Júlio Cardoso; **Coreografia** – Pirmin Trekkü; **Cenários** – Manuel Dias; **Figurinos** – Maria Manuela Bronze.

Carlos Morais

Christoph Willibald Gluck, *Orfeu e Eurídice*

Produção: Companhia do Teatro Nacional de S. Carlos

Orquestra: Orquestra Sinfónica Nacional

Maestro Director: Harry Christophers

Libreto: Ranieri de Calzabigi

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1994

Data: 4, 6, 8 e 10.2.1994.

Nova representação do clássico de Gluck, considerada pela crítica como das melhores alguma vez feitas em S. Carlos. A versão escolhida para esta montagem foi a original vienense, em detrimento da versão parisiense, mais frequentemente encenada. Ao que parece, apesar de o maestro não ter tido a oportunidade de conduzir uma orquestra equipada com instrumentos propícios à reprodução da música setecentista, isso não impediu que se produzisse um espectáculo digno de se ver em qualquer grande teatro da Europa (Luís M. Alves, *Público* 6.2.1994). Houve ainda elogios à encenação de Tito C. Costa e aos figurinos usados pelas personagens, bem como aos desempenhos dos cantores escolhidos para os papéis titulares, em especial ao de M. Chance, como Orfeu.

Elenco: Intérpretes – Michael Chance (Orfeu), Linda Kitchen (Eurídice), Catherine Dubosc (Amor); **Coro** – Teatro Nacional de S. Carlos; **Encenação** – Tito Celestino Costa.

Nuno S. Rodrigues

Walter Hus, Orfeu

Produção: Needcompany; Antuérpia 93; de Singel (Antuérpia); Theater am Turm (Frankfurt), Wiener Festwochen (Viena), Théâtre de la Ville (Paris), Hebbel-Theater (Berlim); De Kist-Rotterdamse Schouwburg (Roterdão)

Orquestra: Orquestra Champ d'Action

Maestro Director: Alain Franco

Libreto: Marie Brouchot, Jan Lauwers, Walter Hus

Tradução: Jorge Vaz de Carvalho

Récita: Lisboa, Culturgest

Data: 3-4.5.1994.



«Orfeu, a obra ao negro», assim classificou Ana Bela M. Cruz esta obra, na crítica que dela fez no *Diário de Notícias* de 3.5.1994. A ópera de W. Hus assume totalmente o predicado de espectáculo completo, ao fundir nesta versão do mito de Orfeu as contribuições da poesia, do teatro, da pintura, do bailado e da música. Música que se exprime aqui numa versão minimalista, tal como o cenário, tão ao gosto contemporâneo.

Apesar de o mito clássico estar na base desta composição, as personagens ganham outros nomes, de modo a marcar a intervenção da novidade: Orfeu é agora Leonardo; Eurídice é Lisa; e uma terceira figura recebe o nome de Mona, a imperatriz do vazio/serpente da perdição, de modo a compor uma referência genesíaca ao pintor de Vinci e ao seu mais célebre quadro. Ao contrário das peças já dedicadas a este mito, o texto de Hus abre com as personagens mortas, com Orfeu metamorfoseado apenas numa cabeça/oráculo, outra forma de minimalismo que permite enfatizar a voz e a música, que conta a sua história em *flashback*. O enquadramento é feito pelo coro, à boa maneira clássica. O libreto recorre a duas línguas: a universalidade do inglês, para as partes faladas, e o lirismo do italiano, para as partes cantadas.

Esta produção teve estreia absoluta no programa de *Antuérpia 93* e foi comparticipada por vários teatros europeus.

Elenco: Intérpretes – Nancy Bergman, Huub Claessens, Svetlana Sidorova; **Actores** – Viviane de Muynck; **Bailarinos** – Carlotta Sagna; **Coro** – Martine Renson, Mieke Torfs, Hilde Vanmuysen, Nathalie van de Voorde, Machteld Willems, Anne van Beek, Riette Brands, Fazila

Hadzifejzovic-Ugljesa, Serena Jansen, Petra van Tendeloo; **Maestro de Coro** – Herman Engels; **Encenação** – Jan Lauwers; **Assistente de Encenação** – Rombout Willems; **Cenografia** – Jan Lauwers; **Figurinos** – Ann Weckx; **Coreografia** – Grace Ellen Barkey; **Luzes** – Jan Lauwers, Paul Antipoff; **Som** – Cats – Erwin Sampermans; **Guarda-roupa** – Brigitte Abrahams; **Maquilhagem** – Léony Kramer; **Direcção de Produção** – Koen Bauwens.

Nuno S. Rodrigues

Joseph Nadj, *Les Échelles d'Orphée*

Produção: Théâtre Jel

Encenação: J. Nadj

1.ª Apresentação: Sexta Edição dos Encontros Acarte

Data: Agosto de 1992.

O espectáculo foi exibido pela primeira vez, no mesmo ano, no festival de Avignon, onde foi considerado uma das mais surpreendentes criações aí apresentadas. Assim o acolheu também a crítica nacional, por ocasião dos sextos Encontros Acarte.

O húngaro Joseph Nadj cria uma peça em que o mito de Orfeu é apresentado muito mais através de uma linguagem plástica e de um imaginativo suporte coreográfico do que por um suporte de tradicional narração, apoiado no verbo. O que a formação de Nadj, também como artista plástico, certamente explicará. A crítica aponta afinidades com a fantasia do teatro de Kantor, a que a proveniência de um espaço cultural comum não é alheia.

De resto, as reminiscências natais do autor estão presentes nesta criação, em que a quase centenária corporação dos bombeiros de Kanizsa, terra natal de Nadj, é convocada, em jeito de homenagem às suas raízes.

Elenco: Coreografia – J. Nadj.

Maria do Céu Fialho

Judite Navarro, *Orfeu e Eurídice* (baseado no mito de Orfeu)

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Programa 'Teatro das Comédias')

Data: 26.10.1964.

Elenco: Actores – Álvaro Benamor, Mário Sargedas, Manuel Correia, Maria José Esteves, Lúcia Teles, José Alberto Vilar.

M. F. S. S.

Jacques Offenbach, *Orfeu nos Infernos*

Libreto: H. Crémieux, L. Haléry

1.ª Apresentação: Porto, Teatro do Príncipe Real

Data: 23-24.5.1907.

A primeira versão de *Orphée aux Enfers*, de 1858, apresenta ainda uma estrutura em dois actos e quatro quadros, com quatro personagens, dentro da produção da ópera-bufa, e é representada pela própria companhia de teatro fundada por Offenbach em 1855, Les Bouffes Parisiens. Posteriormente, em 1872, Offenbach toma a decisão de alterar radicalmente a partitura do seu *Orfeu*, que faz representar em 1874 com um tal êxito que o consagrou mundialmente. O *libretto* é da autoria de Hector Crémieux e Ludovic Haléry para este novo Orfeu, que Offenbach converteu numa ópera feérica em quatro actos, e doze quadros, com três bailados, aumentando para catorze o número de personagens activas. Orfeu e Eurídice são casados, mas mutuamente infiéis, enquanto a Opinião Pública declara zelar pela fidelidade dos casais. Mordida por uma serpente quando se dirige, pelos campos, ao encontro do seu amante Aristeu (disfarce de Plutão), logo é arrebatada por este para os Infernos. Após despedir-se dos seus alunos, Orfeu, violinista, parte para o Hades, pressionado pela Opinião Pública, para reaver a sua mulher. Ao despontar do dia, no Olimpo, enquanto Vénus, Cupido e Marte regressam de afazeres nocturnos, Diana desperta Júpiter, sobre quem cai a infundada suspeita de Juno do rapto de Eurídice. Logo esclarecida a situação, Júpiter condena Plutão, depois de Orfeu, acompanhado da Opinião Pública, vir solicitar, contrafeito, a restituição da mulher. Esta encontra-se reclusa no quarto de Plutão, sob a guarda do falecido rei da Beócia, John Styx. Após um tumultuoso julgamento de Plutão, Cupido surge, indicando o lugar onde Eurídice se encontra. Para abrir a porta do quarto, Júpiter transforma-se em mosca e entra, assim, pelo buraco da fechadura. Num festim dos deuses, Eurídice é solicitada a entoar um hino em honra de Baco. De seguida, Júpiter dança um minuete. Eurídice é então restituída por Júpiter a Orfeu, que surge entretanto, sempre na companhia da Opinião Pública. É posta, por parte do deus supremo, a conhecida condição de Orfeu não olhar para trás até passar o Estige. A obediência de Orfeu obriga Zeus a recorrer aos seus raios para conduzir o enredo à tradição do mito: Orfeu olha, finalmente, na direcção de Eurídice e esta transforma-se numa Bacante, à disposição de Júpiter.

Offenbach foi representado em Lisboa, pela primeira vez, em 1868.

A ópera em causa foi levada à cena e cantada no Teatro do Príncipe Real, em 1907, por uma companhia italiana, que a imprensa da época não

identifica. Louva, no entanto, a encenação, que contribuiu para o êxito de uma peça bem interpretada.

Maria do Céu Fialho

Jacques Offenbach, *Orphée aux Enfers*

Produção: Orquestra Sinfónica Portuguesa

Direcção Musical: João Paulo Santos

Encenação: Pedro Wilson

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1998-1999

Data: 17, 19, 21, 24.4.1999.

A ópera foi posta em cena com algumas adaptações da partitura. A parte coreográfica foi substancialmente reduzida, nomeadamente com o corte quase total dos três longos bailados que intercalam os actos. O que o director musical justifica no programa em nome da dinâmica da acção propriamente dita. Totalmente suprimida foi a valsa dos alunos de Orfeu.

Elenco: Intérpretes – Fernando Duarte (Cérbero), Luis Filipe Borges (Guarda, Baco), Arménio Granjo (Lictor), Helena Afonso (Opinião Pública), Ana Paula Russo (Eurídice), Alberto Lobo da Silva (Orfeu), Pedro Chaves (Aristeu, Plutão), António Wagner Diniz (Júpiter), Marina Ferreira (Juno), Helena Vieira (Vénus), Sílvia Correia Mateus (Cupido), Luís Rodrigues (Marte), Diocleciano Pereira (Morfeu), Ana Ester Neves (Diana), Carlos Guilherme (Mercúrio), Rita Paiva Raposo (Minerva), Ana Luisa Assunção (Flora), Neide Gil (Pomona), Luisa Brandão (Cíbele), Ana Margarida Serôdio (Ceres), Luís Madureira (John Styx), Luís Castanheira (Minos), Nuno Cardoso (Radamante), João Miguel Queirós (Éaco), Maria do Anjo Albuquerque, Sónia Alcobaça, Patrícia Ribeiro, Conceição Sousa Martinho (Quatro Cupidos).

Maria do Céu Fialho

Poliziano, *Orfeu* (texto da Renascença italiana)

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1958.

M. F. S. S.

A lenda de Orfeu

1.ª Apresentação: Porto, Salão Pathé

Data: 19.11.1909.

Adaptação ao cinema, em quadros, da célebre lenda grega e que demonstra como o gosto pela Antiguidade Clássica era uma constante nas primeiras exhibições cinematográficas em Portugal. Destaque-se ainda a quantidade de fitas deste tipo que a cidade do Porto apresentava ao público no início do século.

Nuno S. Rodrigues

Orfeu

Produção: França

Data da Produção: 1950

Direcção Cinematográfica: Jean Cocteau

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Tivoli

Data: 20.8.1951.

Elenco: Actores – Jean Marais, Maria Casares, Marie Déa, Juliette Greco, François Périer, Henri Crémieux, Jean Pierre Melville, Claude Mauriac, Jean Pierre Mocky, Jacques Doniol Volcroze.

M. F. S. S.

Orfeu Dizem Negro

Produção: Grupo de Teatro da Universidade Técnica de Lisboa

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna

Data: 28.7.1985.

Maria do Céu Fialho

A Lira de Orfeu

Produção: Alunos da Escola Superior de Educação do Porto

Iniciativa: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

1.ª Apresentação: Santa Maria da Feira, Cine-Teatro

Data: 12.11.1999.

Maria do Céu Fialho

Orfeu

Produção: Renata Almeida Magalhães e Paula Lavigne / Globo Filmes

Realização e Encenação: Carlos Diegues

1.ª Apresentação: Santa Maria da Feira

Data: 3.6.2000

Outras: Setúbal (Forum Luísa Todi), 5.6.2000; Canal Brasil, 30.9.2000.

Na linha do *Orfeu Negro* de Marcel Camus (1959), estamos perante a recuperação do mito clássico, agora feita pelo cineasta brasileiro Carlos Diegues que, à semelhança de outros realizadores e encenadores contemporâneos, actualiza uma antiga lenda grega, recolocando-a num ambiente do século XX. O argumento baseia-se na peça de teatro *Orfeu da Conceição* de Vinicius de Moraes e, desta vez, o cenário escolhido é o da favela carioca (à semelhança do que Chico Buarque fizera com a sua *Medeia de Gota d'Água*) que vive o entusiasmo do Carnaval. Orfeu é um jovem negro, músico e sambista, e Eurídice uma rapariga do interior, recém-chegada à loucura da grande cidade. Um traficante de droga encarna a serpente que morderá / ferirá fatalmente a heroína. O recurso à tradição grega é particularmente evidente em duas cenas: a do resgate do corpo de Eurídice por Orfeu, que desce a um Hades / lixeira, onde repousam restos de corpos humanos, para lá intencionalmente lançados, lado a lado com socata e despojos do quotidiano; e a do assassinio do poeta pelas Bacantes, agora personificadas por prostitutas do morro, despeitadas pela rejeição do amor que ofereceram. Do mesmo modo, o samba-enredo que a escola de Orfeu canta no desfile da noite de Carnaval, da autoria de Caetano Veloso e de Gabriel, *o Pensador*, é particularmente significativo ao reconhecer a filiação daquele tipo de folia no mundo clássico: 'Nosso Carnaval / é filho dos rituais das Bacantes / do coro das tragédias gregas / das religiões afro-negras / das procissões portuguesas católicas.'

A crítica não foi muito favorável nem ao guião nem à encenação nem sequer às interpretações. No entanto, a banda sonora, que além de

Caetano Veloso inclui também músicas de António Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, foi unanimemente aclamada como de excepcional qualidade.

Em Portugal, o filme estreou-se no festival de cinema luso-brasileiro de Santa Maria da Feira e no ciclo afro-brasileiro do Festróia; em Setembro, foi apresentada no Canal Brasil.

Elenco: Actores – Toni Garrido (Orfeu), Patrícia França (Eurídice), Murilo Benício (Lucinho), Zezé Motta (Conceição), Milton Gonçalves (Inácio), Isabel Fillardis (Mira), Maria Ceíça (Carmem), Stepan Nercessian (Pacheco), Sílvio Guindane (Maicol), Lúcio Andrey (Piaba), Maurício Gonçalves (Pecê), Mari Sheila (Be Happy), Eliezer Mota (Istalone), Patrícia Costa (Lurdes), Gustavo Gasparani (Mano), Castrinho (Oswaldo), Cássio Gabus Mendes (Pedro), Léa Garcia (Mãe de Maicol), Ivan de Albuquerque (He-Man), Escola de Samba Unidos do Viradouro; **Música e Canções Originais** – Caetano Veloso, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Luís Bonfã, António Maria, Gabriel, o *Pensador*; Nelson Sargento; **Roteiro Final** – Carlos Diegues; **Fotografia** – Affonso Beato; **Direcção Artística** – Clóvis Bueno; **Montagem** – Sérgio Mekler; **Figurinos** – Emília Duncan; **Sonoplastia** – Tom Paul; **Direcção de Produção** – Tereza Gonzalez, Marcelo Torres; **Produtor Delegado** – Flávio R. Tambellini; **Produtor Associado** – Daniel Filho.

Nuno S. Rodrigues

O Pai (a partir de Homero, *Odisseia*)

Produção: Teatro da Garagem

Encenação: Carlos J. Pessoa

1.ª Apresentação: Sala Estrela 60

Data: 18.11-3.12.2000.

Dentro de uma tradição que se vai instalando nos trabalhos do Teatro da Garagem, dirigido por Carlos J. Pessoa, *O Pai* é ainda uma releitura de uma velha tradição, desta vez baseada na *Odisseia* de Homero, que altera e transforma de modo a arrancar-lhe novos sentidos. João Carneiro (*Expresso* de 18.11.2000) sintetiza o objectivo usado nesta produção: ‘A matriz é, essencialmente, a *Odisseia*, a partir da qual a noção de viagem, uma constante da companhia, é mais uma vez central enquanto metáfora de um processo criativo em que a procura é fundamental, e em que a descoberta passa mais pela produtividade resultante do caminho do que pelo encontrar de um produto final’.

De certa maneira, o núcleo Ulisses, Penélope e Telémaco é assumido como paradigma da ‘família feliz’, mesmo assim afectada por um problema de incesto mãe/filho. O anacronismo é uma marca da sua atemporalidade, já que o mar da Odisseia convive sem dificuldade com comboios e televisões.

O mesmo comentador do *Expresso* releva, do ponto de vista técnico, o trabalho de actores, bem como a qualidade da cenografia e figurinos.

Elenco: Actores – Anabela Almeida, Ana Lúcia Palminha, Jorge Andrade, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Pedro Lacerda, Sara Belo, Sílvia Filipe; **Cenografia** – José Espada; **Figurinos** – Maria João Vicente.

M. F. S. S.

Botho Strauss, *O Parque*

Produção: Teatro da Cornucópia

Encenação: Stephan Stroux

Tradução: Alberto Pimenta

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: 8.1.1985.

O texto de Botho Strauss para *O Parque* parte de *Sonho de uma Noite de Verão* de William Shakespeare. O elixir que Puck e o rei Oberon dão a beber às personagens do bosque de Atenas na comédia inglesa é agora substituído por amuletos que levam as personagens de Strauss a revelarem-se de uma forma diferente. Os deuses e as personagens mitológicas que povoam o universo maravilhoso de Shakespeare são agora transpostos para o mundo contemporâneo, com cuja violência e crueldade se deparam. À partida, o projecto oferecia algumas dificuldades, como a de fazer representar uma peça que evoca outra e fazer o público português reconhecer as personagens que emigram de Shakespeare para Strauss, como aliás salienta Luís Miguel Cintra no programa do espectáculo. Mas que acabou por ser bem sucedido.

A nível de conteúdo, o texto da peça roda em torno das temáticas simbólicas do subconsciente e dos sonhos, cuja composição e expressão se vale da mitologia antiga e através dos quais se faz a ponte para a realidade que rodeia as personagens. Para alguns comentadores, *O Parque* é também a questionação dos valores da cultura ocidental, de matriz patriarcal e judeo-cristã, na qual a figura de Titânia intervém como agitadora de consciências. Esta personagem revela-se também como uma

deusa de maternidade e de sexualidade, o que acaba por ser uma antítese, e ao mesmo tempo síntese, do seu epíteto enquanto característica de uma deusa guerreira/caçadora e virgem como Ártemis. Como se nisso estivessem latentes as lutas de opostos e as tensões que se debatem tanto no interior de cada ser humano como na realidade social do quotidiano. É essa mesma sexualidade que os deuses vêm anunciar aos homens; uma nova sexualidade, que se centra na pureza e na descomplexidade de quem a pratica. A nota de incesto final, colocada no beijo trocado entre Titânia e seu filho, resvala para um certo edipianismo que não é obviamente estranho ao ambiente clássico. Todavia, a mensagem trazida pelos deuses revela-se infrutífera, pois depara com uma humanidade que vive num mundo quase irreal, de abnegação, alienação e violência contínua. Daí que *O Parque* seja também um texto que apresenta a dismistificação do divino, através da incapacidade e impotência de agir sobre os Homens, de que os deuses progressivamente vão ganhando consciência, e cuja saída não é outra senão a sua própria humanização: como a da deusa que se transforma numa *social light*.

A encenação de *O Parque* apostou na colaboração de figuras estranhas à companhia do Teatro do Bairro Alto, nomeadamente o encenador, Stephan Stroux, com quem alguns dos actores residentes da Cornucópia se identificaram, e a actriz Eunice Muñoz, cedida pelo Nacional, onde reside profissionalmente. Na época, a crítica acolheu o desempenho de Eunice de uma forma bastante favorável, chegando a atribuir-lhe o adjetivo de divina pelo seu trabalho. Simultaneamente, foram elogiados os trabalhos de Luís Miguel Cintra e a estreia positiva de Anamar, neste tipo de teatro.

Elenco: Actores – Márcia Breia (Helen), Rogério Vieira (Jorge), Raquel Maria (Elma), António Fonseca (Lobélio), Eunice Muñoz (Titânia), Gilberto Gonçalves (Oberon, Secundino), Luís Lima Barreto (Altino), Francisco Costa (Matutino), Luís Miguel Cintra (Cipriano, a Morte), Sambela (o Jovem Negro), Anamar (a Rapariga, a Criada), Diogo Dória (1.º Rapaz, Criado do café), Fernando Oliveira (2.º Rapaz), Luís Lucas (3.º Rapaz, Filho de Titânia); **Assistente de Encenação** – António Fonseca; **Cenografia** – Manuel Costa Dias; **Figurinos** – Maria Gonzaga; **Montagem** – Fernando Correia; **Iluminação** – Stephan Stroux, José Eduardo Páris; **Gravação da Banda Sonora** – João Coelho; **Luzes** – José Eduardo Páris; **Sonoplastia** – Amália Barriga; **Contra-regra** – Emília Lima; **Costureira** – Maria Quadrado; **Director de Cena** – Luís Miguel Cintra; **Adereços** – Francisco Pereira.

Nuno S. Rodrigues

Maeterlinck / Debussy, **Pelléas et Mélisande**

Produção: Welsh National Opera

Encenação e Realização: Peter Stein

Direcção Musical: Pierre Boulez

1.ª Apresentação: RTP 2

Data: 1.4.1993.

Belga de origem, Maeterlinck é conhecido do público contemporâneo quase exclusivamente pelo seu texto *Pelléas et Mélisande*, adaptado à ópera com música de Debussy. Como fios temáticos condutores, impõem-se as ideias de que um profundo estado de degradação se instala no reino de Allemonde, e que o seu agravamento coincide com a chegada de uma estranha, Mélisande. A tradição clássica do tema da descida aos inferos não necessita de ser encarecida.

M. F. S. S.

G. Fauré, *Penélope*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Jean Fournet

Libreto: René de Fauchois

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1966.

Ver Vol. I, pp.254-255.

Aires Rodeia Pereira

J. Sousa Carvalho, *Penélope*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Silva Pereira

Libreto: Caetano Martinelli

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1955.

Ver Vol. I, pp.253-254.

Aires Rodeia Pereira

J. Sousa Carvalho, *Penélope*

Produção: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, Coro do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Silva Pereira

Libreto: Caetano Martinelli

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1970.

Do compositor português do séc. XVIII J. Sousa Carvalho, o Teatro Nacional de S. Carlos levou de novo à cena *Penélope*, depois da sua exibição em 1955. Esta peça é uma produção de drama musical, que evidencia as marcas de uma fase de apogeu da ópera italiana entre nós. Várias foram, de resto, as criações em que o mesmo autor se inspirou em temas clássicos. Datada de 1782, *Penélope* saudava, no dia do seu aniversário, as virtudes da rainha D. Maria II.

Elenco: Intérpretes – Ana Lagôa (*Penélope*), Helena Cláudio (*Erígona*), Fernando Serafim (*Ulisses*), Armando Guerreiro (*Icário*), Álvaro Malta (*Euristeu*); **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Bailados** do CEB; **Coreografia** – Margarida de Abreu; **Figurinos** – Abílio de Mattos e Silva.

M. F. S. S.

J. Sousa Carvalho, *Penélope*

Produção: Orquestra Nacional do Porto

Maestro Director: Fernando Eldoro

Libreto: Caetano Martinelli

Iniciativa: Fundação Cupertino de Miranda, Porto

1.ª Apresentação: Porto, Mosteiro de S. Bento da Vitória

Data: 1.5.1999.

Incluído num programa sobre *O Século XVIII Português. Reflexos Europeus*, a Fundação Cupertino de Miranda promoveu um concerto, de cujo programa fazia parte a audição da abertura da ópera *Penélope* de J. Sousa Carvalho.

M. F. S. S.

Heinrich Von Kleist, *Penthesilea*

Realização: Hans-Jurgen Syberberg

Iniciativa: Cinemateca em simultâneo com o FIT 93

1.ª Apresentação: (em Portugal) RTP 2

Data: 28.8.1993.

Ver Vol. I, pp.189-190.

M. F. S. S.

Remora (baseado em H. Von Kleist, *Penthesilea*)

Produção: UR – Teatro Antzerki (grupo basco de Rentería, Guipúzcoa)

Encenação: Helena Pimenta

Iniciativa: FITEI 90

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Rivoli

Data: 6-7.6.1990.

Ver Vol. I, pp.190-191.

M. F. S. S.

Carlos Jorge Pessoa,

Peregrinação –

– O Fio de Ariadne

Co-produção: Teatro da Garagem
e Centro Cultural de Belém

Encenação: Carlos J. Pessoa

1.ª Apresentação: Lisboa, Centro
Cultural de Belém, Pequeno
Auditório

Data: 5 – 8.12.1997

Outras: Lisboa (Pequeno

Auditório do CCB), 15 – 17.6.1998; Montemor-o-Velho (Castelo), 25.7.1998;
Brasil, São Paulo (Sala Jardel Filho), 22.9.1998.



Ainda no ano de 1997, o Teatro da Garagem estreou *Peregrinação – o Fio de Ariadne*, o terceiro espectáculo do ciclo “Pentateuco – Manual de sobrevivência para o Ano 2000”, que tem como tema Portugal, depois de *O Homem que ressuscitou – epifania em 20 estações* (sobre a Fé) e

Desertos – evento didáctico seguido de um poema grátis (sobre a herança europeia).

O Teatro da Garagem tem-se afirmado como teatro de vanguarda e anti-conformista: “Com um estilo único, ao qual já chamaram teatro zapping, pois facilmente se saltita entre ambiente e estados de espírito, e eles próprios confessam-se mais próximos da televisão do que do teatro em geral. Para Carlos Jorge Pessoa, o império do Ocidente está em declínio e é nas catacumbas modernas – a garagem – que se desenvolve a consciência crítica do fim de uma era. A sociedade portuguesa está adormecida por um mundo de facilidades. O Teatro da Garagem pretende lutar, com ironia e melancolia, contra esse conformismo” (*Jornal de Letras*, 3.6.1998).

Peregrinação – o Fio de Ariadne inspira-se no mito do Labirinto e procura ser um estímulo à reflexão e ao debate. A personagem condutora da acção é o Viajante, um peregrino no espaço e no tempo e Portugal constitui o destino da sua viagem. Citando as palavras de Margarida Ferra, no *Jornal de Letras* de 3.12.1997: “A peça decorre, então, em três actos, três olhares possíveis, que não se anulam entre si, sobre a realidade do Portugal de hoje. (...) O primeiro acto é – na definição do encenador – «metonímico». Em oposição ao segundo, que se quis «metafórico». Se um é o encontro com pessoas reais e cidadinas (o polícia, a engenheira, o burocrata, o jornalista), o outro é o espaço do sonho onde, na apresentação de um Portugal mais histórico, se procura a génese daquilo que o País virá a ser. O terceiro acto sintetiza os dois anteriores, assenta num espaço de reflexão sobre Portugal europeu e assim se faz a ligação com o espectáculo antes apresentado no D. Maria II”.

Representadas, em separado, ao longo de 1997 e 1998, as cinco peças originais de Carlos J. Pessoa que constituem o ciclo “Pentateuco – Manual de sobrevivência para o Ano 2000” seriam, mais tarde, levadas à cena, de novo, no Centro Cultural de Belém e no Belém Clube. “Cada uma delas aborda um tema do Ocidente (Fé, Europa, Portugal, A Família e O Futuro), entendido como um espaço social, cultural e político em que Portugal se insere” (*Escrita da Água*, -programa, p.22).

Assim, em 1998, a representação de *Peregrinação – o Fio de Ariadne* e de *Escrita da Água – no rasto de Medeia*, quarta peça do ciclo e também inspirada num mito clássico, realizou-se de 15 a 17 de Junho e de 25 a 30 de Junho, respectivamente, no Pequeno Auditório do CCB.

A segunda apresentação integral do ciclo do Pentateuco ocorreu no âmbito do Citemor 98 – XX Festival de Teatro de Montemor-o-Velho, que se realizou entre 25 de Julho e 1 de Agosto de 1998, e cujo espectáculo inaugural foi precisamente a representação contínua e integral das cinco peças que constituem este ciclo dramático. A representação da

primeira peça iniciou-se à 16 horas. A da última terminou às quatro da manhã e, segundo Carlos Picassinos, “Fazia frio, orvalhava, mas apesar disso o público permaneceu até ao fim da Maratona Pentateuco (...)” (*Público*, 27.7.1998). A representação de *Peregrinação – o Fio de Ariadne* ocorreu no Castelo, pelas 22 horas, enquanto a de *Escrita da Água – no rasto de Medeia* foi à meia-noite e trinta minutos, no Palácio das Infantas.

Esta maratona teatral (que encerrou com o lançamento do livro que reúne os textos do Pentateuco¹⁴), de acordo com o *Jornal de Notícias* de 25.7.1998, justificou-se, segundo Carlos J. Pessoa, porque o ciclo possui, apesar da autonomia de cada peça, “uma unidade, uma coerência de temáticas que se complementam entre si, constituindo cada espectáculo uma etapa de um percurso que só faz sentido, que só ganha amplitude se for entendido/visto na sua totalidade.” (*Público*, 27.7.1998).

Finalmente, o ciclo do *Pentateuco* conheceu outra exibição na cidade de São Paulo, no mega-encontro “Navegar é preciso...”, que decorreu entre 1 de Setembro e 18 de Outubro e antecipou as comemorações dos 500 Anos da Descoberta do Brasil com a reunião de 500 artistas e intelectuais brasileiros, africanos e portugueses. Entre os dias 21 e 27 de Setembro realizou-se o “Encontro da Cena Lusófona” que promoveu uma série de iniciativas teatrais que incluía a representação de espectáculos. Participaram as companhias portuguesas A Escola da Noite de Coimbra, o Teatro Regional da Serra de Montemuro, o Teatro Meridional de Lisboa e o Teatro da Garagem, que apresentou três peças do Pentateuco: *Escrita da Água – no rasto de Medeia* (no dia 21, no Espaço Cênico Ademar Guerra), *Peregrinação – o Fio de Ariadne* e *A Menina que foi avó* (nos dias 22 e 23, respectivamente, na Sala Jardel Filho).

Elenco: Actores – Anabela Almeida, João Didelet, Jorge Andrade, Marco Delgado, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nelson Cabral, Sara Duarte, Sílvia Filipe; **Cenografia** – José Espada; **Figurinos** – Teresa Azevedo Gomes; **Desenho de Luz** – João D’Almeida; **Música** – Daniel Cervantes, Sérgio Delgado.

Luísa de Nazaré Ferreira

¹⁴ Este livro foi publicado pela editora Cotovia e objecto de recensão por parte de Delfim Ferreira Leão no *Boletim de Estudos Clássicos* 31, Junho 1999, pp.151-154.

W. Shakespeare, *Péricles – Príncipe de Tiro*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Programa ‘Noite de Teatro’)

Realização: Horácio Gonzaga

Adaptação: Leopoldo Araújo

Data: 20.8.1971.

Elenco: Actores – Manuela Cassola, Catarina Avelar, Carlos Ferreira, Fernanda Montemor, Mário Pereira, Jacinto Ramos, Alexandre Vieira, Assis Pacheco, Armando Cortez, Canto e Castro, Ivone Moura, Raúl de Carvalho.

M. F. S. S.

W. Shakespeare, *Péricles – Príncipe de Tiro*

Produção: Teatro Nacional de S. João/ Seiva Trupe

Encenação: Ulysses Cruz

Adaptação do Texto: Fernando Villas-Boas

Iniciativa: Teatro Nacional de S. João / Seiva Trupe

1.^a Apresentação: Porto, Teatro do Campo Alegre

Data: 28.9.2000

Outras: no mesmo local, 28.9-12.11.2000, de terça a domingo.



Segundo a crónica que o *JN* dedicou ao espectáculo, na sua edição de 28.9.2000, p.46, esta versão de Ulysses Cruz, adaptada por Fernando Villas-Boas, é uma remontagem de um *Péricles* que o mesmo encenador brasileiro apresentou há cinco anos em S. Paulo. Registe-se aliás que Ulysses Cruz é, desde 1998, o director da Rede Globo brasileira e que este ano de 2000, o das comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, tem sido fértil em contactos entre os dois países.

Nesta versão que agora se exhibe, o elenco é constituído por actores portugueses, brasileiros e africanos, cuja diversidade corresponde à dispersão de lugares onde a própria acção decorre. Além dos portugueses António Reis e Júlio Cardoso da Seiva Trupe e de Jorge Vasques e Teresa Roby, fazem parte do elenco Leonardo Brício e Júnior Sampaio, os moçambicanos Alberto Magassela, Jossefina Massango e ainda Mário

Spencer, entre outros. O elenco inclui a participação de vinte e um actores e a cena ganha um ritmo próprio pela inclusão de canto, dança e artes marciais, ao ritmo dos sons trazidos pelo grupo de percussão Drumming. Para dar ao espectáculo uma agilidade que facilite o acolhimento por parte do público contemporâneo concorreu também o esforço do tradutor, que quis dar ao texto uma fluência que eliminasse a estranheza que factores como tempo e cultura podem justificar.

Elenco: Actores – Leonardo Brisio (Péricles), António Reis, Júlio Cardoso, Jorge Vasques, Teresa Roby, Alberto Magassela, Jossefina Mas-sango, Mário Spencer; **Cenografia e Figurinos** – Hélio Eichbauer; **Música** – John Boudler; **Direcção Musical** – Fernando Rocha; **Canto** – Maria Luís França; **Direcção de Movimento e Artes Marciais** – Ricardo Rizzo; **Dança** – Alberto Magno; **Luz** – Domingos Quintiliano.

M. F. S. S.

J. Penha Garcia, *Perséfone*

Produção: Mocidade Portuguesa

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 1949.

M. F. S. S.

J. Sousa Carvalho, *Perseo*

Produção: Orquestra Nacional do Porto

Maestro Director: Fernando Eldoro

Iniciativa: Fundação Cupertino de Miranda, Porto

1.ª Apresentação: Porto, Mosteiro de S. Bento da Vitória

Data: 1.5.1999.

Incluído num programa sobre *O Século XVIII Português. Reflexos Europeus*, a Fundação Cupertino de Miranda promoveu um concerto, de cujo programa fazia parte a audição da abertura da ópera *Perseo* de J. Sousa Carvalho.

M. F. S. S.

Perseu e Medusa

Iniciativa: Câmara Municipal de Coimbra, Biblioteca Infantil / Ludoteca

1.ª Apresentação: Coimbra, Casa Municipal da Cultura

Data: 9.11.1998 – 15.1.1999.

Destinada a uma população infantil, a Casa Municipal da Cultura de Coimbra promoveu a representação de *Perseu e Medusa*, que o programa define como ‘uma viagem no tempo e no espaço, à descoberta de um dos mitos mais famosos da Grécia Antiga’. O texto foi uma adaptação livre de textos ou sugestões da Antiguidade, que permitissem acompanhar a aventura do herói e o seu triunfo sobre a Górgona Medusa. Paralelamente a interpretação que o pintor vitoriano Edward Burne-Jones deu do mito orientou também esta leitura.

M. F. S. S.

Pier Paolo Pasolini, *Pílares*

Produção: ACARTE (Fundação Calouste Gulbenkian)

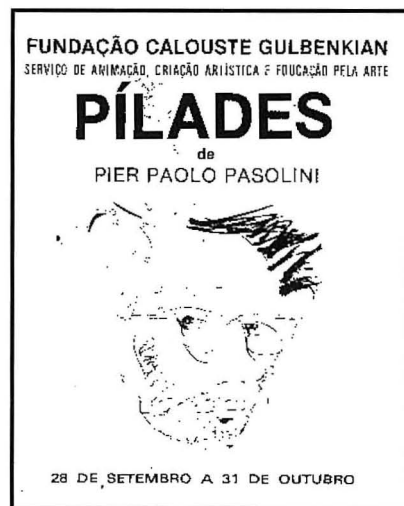
Encenação: Nunes Vidal

Tradução: Luiza Neto Jorge e Mário Feliciano

Data: 28-31.10.1985.

Ver Vol. I, pp.191-192.

Carmen Soares

**Pingo d'Azeite** (a partir de *O Mito de Psique* de Almada Negreiros)

Produção: Teatro Focus

Encenação: João Meireles

1.ª Apresentação: Lisboa, Auditório dos Serviços Sociais da Universidade de Lisboa

Data: 26.9 – 26.10.1996.

Peça construída a partir do célebre mito de Eros e Psique, narrado por Apuleio no *Burro de Ouro*, e do seu tratamento feito por Almada Negreiros. Foi o primeiro espectáculo desta companhia.

Elenco: Actores – Hilda Eusébio, Mário Trigo, Filomena Correia (Voz off), Sandra Ouro (Voz off); **Desenho de Luz** – Carlos Gonçalves; **Operação de Luz** – Paula Lopes; **Dramaturgia e Seleção Musical** – João Meireles; **Operação de Som** – Joaquim Horta, Viviane Ascensão; **Direcção de Movimento Coreográfico** – Gustavo Sumpta.

Nuno S. Rodrigues

Píramo e Tisbe

Produção: Grupo Rosto

Iniciativa: V Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia

1.ª Apresentação: Maia, Casa Teatro

Data: 13.10.1999.

M. F. S. S.

Iannis Xenakis, Pleiades

Produção: II Festival Internacional de Música de Coimbra

Direcção Musical: Sylvio Gualda

Récita: Coimbra, Pátio da Universidade

Data: 15.7.1994.

O II Festival Internacional de Música de Coimbra foi encerrado por um concerto de percussão, da responsabilidade do agrupamento *Les Pleiades*, dirigido pelo seu criador, o percussionista Sylvio Gualda. Para além de outras peças, a obra de fundo deste espectáculo consistiu precisamente em “Pleiades” de Xenakis (1979), que dá o nome ao grupo.

D. F. Leão

Peter Shaffer, *O poder da Górgone*

Produção: Teatro Nacional D. Maria II

Encenação: Manuel Coelho

Tradução: Graça P. Corrêa

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II

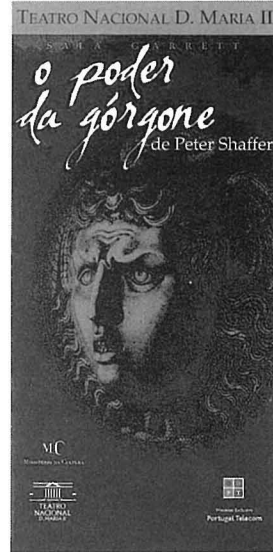
Data: 25.6 – 1.8.1999

Outras: 9.9 – 4.10.1999.

Em 25 de Junho de 1999, o Teatro Nacional D. Maria II apresentou em Portugal a peça *O Poder da Górgone*, com encenação de Manuel Coelho. Estreada em Londres, em 1993, pela Royal Shakespeare Company, com encenação de Peter Hall, é considerada uma das melhores e mais complexas obras de Peter Shaffer. Este célebre dramaturgo britânico nasceu em 1926, em Liverpool (Lancashire), e da sua multifacetada carreira literária e dramática constam peças de teatro, romances policiais (escritos em colaboração com o seu irmão gémeo Anthony Shaffer), críticas de música e guiões para cinema, tendo sido reconhecido em 1984 com um Óscar pelo argumento de *Amadeus*.

Carol Simpson Stern¹⁵ salienta como características fundamentais da dramaturgia de Shaffer o papel importante do elemento narrativo, a dimensão musical das suas peças e a presença de elementos típicos da ficção policial. Em *O poder da Górgone* este último aspecto vive através da personagem de Philip, um professor de drama que investiga a vida e morte de um famoso dramaturgo, Edward Damson, que havia revolucionado o teatro contemporâneo e para quem o teatro perdera, desde os seus tempos gregos, a função moral. Philip, que é, na realidade, o filho ilegítimo que o dramaturgo nunca reconhecera, visita a viúva, Helen Damson, e esta aceita falar-lhe do pai com a condição de que seja revelada toda a verdade. Juntos vão trazer para a cena as memórias e o próprio pensamento do dramaturgo morto, que via na vingança a única forma possível de justiça.

Nesta peça complexa, à qual o dramaturgo dedicou três anos de trabalho e que dura cerca de duas horas e quarenta e cinco minutos, o tempo e o espaço são constantemente cruzados. É assim que o dramaturgo fale-



¹⁵ *Contemporary Dramatists*, New York, Publishers International, 1988 (apud programa do espectáculo).

cido se torna personagem viva, através da evocação do passado operada por Helena e incentivada pelas interrogações de Philip. Teatro dentro do teatro, a evocação do universo dramático de Edward Damson coloca em cena as próprias peças que ele havia escrito sobre a luta dos Iconoclastas e o papel da Imperatriz Irene, o Puritanismo Calvinista de Oliver Cromwell e o terrorismo do Irish Republican Army (I.R.A.), pretexto para Peter Shaffer abordar questões tão graves e actuais como o terrorismo, a violência organizada e a responsabilidade do intelectual face à violência. Portanto, estamos perante um espectáculo que, partindo do antigo – as figuras da mitologia e da tragédia gregas, as figuras simbólicas da luta entre a Inglaterra e a Irlanda –, procura reflectir sobre problemas contemporâneos e apesar da evocação da actualidade britânica, a mensagem tem carácter universal. “A sede de poder, a sede de sangue, a tomada do poder, a vingança pelo sangue. O ciclo irreparável da retribuição continua sempre – seja no mundo antigo dos gregos, na casa dos Damson na ilha de Thera, na Irlanda do Norte, em Timor ou no Kosovo dos nossos dias. A “roda de fogo” gira sem parar.” – escreve Graça P. Corrêa no programa do espectáculo. Por isso, em *O Poder da Górgone* a presença da mitologia clássica não se reduz ao título. Atena simboliza “a combatividade espiritual, que deve estar sempre alerta para que o ser adquira a perfeição em si mesmo, deixando que a eternidade o transforme”. Perseu, o destruidor de Medusa, a rainha das Górgones – “a imagem excessiva da culpabilidade” – simboliza “o ideal realizado através de combates difíceis e de escolhas corajosas e engenhosas” (do programa do espectáculo).

Peter Shaffer esteve em Lisboa para assistir à encenação da sua peça e participou num encontro com actores e jornalistas, no qual falou das suas vivências e da sua obra. Temas caros ao dramaturgo, e que atravessam constantemente as suas peças, como em *O Poder da Górgone*, são a violência e a vingança, sobre a qual declarou: “Os gregos acreditavam na vingança como uma forma de justiça, tal como eu a coloco na minha peça. O meu protagonista assume essa posição, porque, no fundo, o que se passa é um acto imperdoável. Durante toda a minha peça, o protagonista pensa que se fecharmos em nós o desejo de justiça, isso vai envenenar-nos por dentro” (*Público*, 3.7.1999).

Violência, vingança, mas também o medo e a culpa, são temas essenciais da sua dramaturgia como o são da tragédia grega, e daí a referência fundamental, em *O Poder da Górgone*, ao assassinio de Agamémnon por Clitemnestra, “chave da leitura desta peça”, segundo a opinião de Eugénia Vasques (*Cartaz Expresso*, 3.7.1999). Sobre o tema da culpa, Manuel Coelho escrevia, no programa do espectáculo, que em *O Poder da Górgone* “Peter Shaffer questiona a culpa que inibe o esforço

reparador, servindo apenas para que o culpado se justifique vaidosamente. A Górgone simboliza a imagem deformada de nós, que petrifica de horror em lugar de esclarecer ou iluminar. Neste espectáculo, as cenas entre as três personagens (Philip, Edward e Helen), co-existem frequentemente em dois lugares distintos e em três tempos separados. Trata-se de um desenvolvimento estrutural brilhante do dramaturgo, que necessita da máxima virtuosidade por parte dos actores que o representam. Levar o público a utilizar a capacidade de imaginar é um propósito do texto e o meu, enquanto encenador”.

Quanto ao papel importante conferido à música nas suas peças, Peter Shaffer assume esta paixão como herança grega: “Todos os mestres, desde Shakespeare até Beckett e Giraudoux têm uma aproximação à música muito intensa e isso vem já dos gregos. É uma coisa natural. O que penso ser necessário fazer é conceber um espectáculo em que exista uma equivalência equilibrada entre o texto e música” (*Público*, 3.7.1999).

Como a ficha técnica a seguir documenta, este espectáculo contou com um grandioso elenco e baseou-se na tradução de Graça P. Corrêa, também responsável pela organização do programa do espectáculo (em colaboração com o Departamento de Marketing), com textos sobre a dramaturgia de Peter Shaffer, os mitos gregos e os temas evocados na peça, além do currículo dos elementos principais envolvidos neste projecto.

Elenco: Actores – Fernando Luís (Edward Damson), Paula Mora (Helen Damson), Pedro Martinez (Philip), Rui de Carvalho (Damsinski), Rui Mendes (Jarvis), Fernanda Borsatti (Katina), Lúcia Maria (Jo-Beth, Voz off de Paula Mora, Atena), Raquel Dias (Else, Espírito Auxiliar), Mónica Garnel (May, Espírito Auxiliar, Imperatriz Irene, Mulher sem Nome), Bruno Cochat (Perseu, Voz off de Fernando Luís), Nuno Emanuel (Constantino VI, seu filho, Oliver Cromwell, Voz off de Rui de Carvalho, Terrorista), Ricardo Almeida, Henrique Félix (Guardas, Soldados); **Colaboração Especial** – José Alberto Carvalho (Apresentador), Ana Margarida Matos, Carlos Dias da Silva (Locutores de Rádio, Voz off), António Rama, Catarina Avelar, João de Carvalho, Lourdes Norberto, Manuel Coelho (Críticos, Voz off); **Tradução, Dramaturgia e Cenografia** – Graça P. Corrêa; **Música Original** – Carlos Zíngaro; **Figurista** – Filipe Faísca; **Desenho de Luz** – Daniel Del Negro; **Concepção de Adereços** – Ildeberto Gama; **Movimento** – Olga Roriz; **Professor de Grego** – José António Costa Ideias; **Assistente de Encenação** – Nuno Nunes; **Assistente de Cenografia** – Luís Balula.

Luísa de Nazaré Ferreira

Júlio César, Porto d'Ouro

Produção: Glamour Top Ballet

Encenação: Júlio César

Música: Pedro Osório

1.ª Apresentação: Casino da Póvoa do Varzim, Salão d'Ouro

Data: 18.2.2001.

Serviu este show para, a partir do mito de Dioniso, promover o Porto de hoje e a região demarcada do Douro. Numa revisão de histórias de bacantes e de bacanaís, não faltou a França do início do século com o seu champanhe e as pinturas de Toulouse Lautrec, como presentes estiveram as tabernas de Lisboa, sugeridas em quadros de Malhoa. Veio depois à cena o Marquês de Pombal e evocou-se a criação da Companhia Geral de Agricultura e Vinhas do Alto Douro, ao som da voz de Mónica Ferraz, como do cantochão das vindimas e do bailado da pisa das uvas.

A José de Azevedo, que historiava para o *JN* de 18.2.2001 esta produção, impressionava-o sobretudo o cenário original, constituído de um jogo de cubos e de projecções ligadas à história da vinha e do vinho, como também o fim apoteótico, que relatava com estas palavras: 'Nele não faltam as simbólicas figuras do Barão de Forrester, da austera Dona Antónia, o barco rabelo descendo o rio, a solene entronização dos confrades do Vinho do Porto e a construção da Ponte de D. Luís'.

Elenco: Actores – António Vaz Mendes – Baco; **Intérprete de Canção** – Mónica Ferraz; **Cenários** – Octávio Clérigo; **Guarda-roupa** – Danielle; **Coreografia** – Juan Carlos Manrique, Julio Rodríguez.

M. F. S. S.

Debussy, Prelúdio à Sesta de um Fauno

Produção: Orquestra de Paris

Iniciativa: Festival Gulbenkian

Data: 1969.

Luísa de Nazaré Ferreira

Molière, *A Princesa da Héliada*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Programa ‘Noite de Teatro’)

Realização: Castela Esteves

Adaptação: Leopoldo Araújo

Direcção: Raúl de Carvalho

Data: 26.9.1973.

Elenco: Actores – Júlio Cleto, Graça Vitória, Joaquim Rosa, Irene Cruz, Fernanda Figueiredo, José Gamboa, Cremilda Gil, Jacinto Ramos, Pedro Pinheiro, Leonor Poeira, Vítor Ribeiro, Rui Represas, João Lourenço.

M. F. S. S.

A Queda de Ícaro

Produção: Plan K, Bélgica

Concepção: Frédéric Flamand

Iniciativa: Câmara Municipal de Lisboa (Festivais de Lisboa de 1991)

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Maria Matos

Data: 1.11.1991.

Os Festivais de Lisboa, da iniciativa da Câmara Municipal, sob a direcção de Adolfo Gutkin, incluíram um número de espectáculos, nacionais e estrangeiros, de teatro e dança. A abri-los apresentou-se o grupo belga Plan K, considerado uma referência obrigatória da vanguarda europeia.

No centro do espectáculo *A Queda de Ícaro* está a figura do herói voador e a sua aventura, vista através de um quadro de Breughel. Não é o simples recontar da conhecida história de Ícaro o que o Plan K procurou fazer, antes optou por variações sobre o tema, que assentaram em elementos como a cenografia, o vídeo, a música e a dança. Nele participaram nove bailarinos. O aspecto que maior elogio mereceu da crítica foi o dispositivo cénico, capaz de se desdobrar em leituras polissémicas que obedecem a um poder inventivo digno do próprio herói; dele constavam os elementos asas e roda, complementados com aparelhos de televisão que emitiam imagens de fogo e de água. Valerá a pena recordar, com o cronista do *Jornal de Letras* de 12.11.1991, que ‘o espectáculo atinge o seu momento de maior inventividade numa cena em que um actor nu atravessa o palco, com asas nas costas, como se representasse Ícaro, e

televisões acesas nos pés, sobre as quais caminha como se fossem coturnos do teatro grego’.

Se a articulação dos elementos coreográficos com a música foi capaz de produzir um efeito interessante, o ritmo do espectáculo saiu algo prejudicado pela lentidão com que se procedeu à mudança manual das cenas.

Elenco: Actores – Bud Blumenthal, Ricardo Carvalho de Sousa, Hayo David, Ivan Gessaroli, Britta Lieberknecht, Linhares Júnior, Gilles Monnart, Ralf Nonn, Cláudio Silva Bernardo; **Cenografia, Esculturas e Vídeo** – Fabrizio Plessi; **Música** – Michael Nyman.

M. F. S. S.

Queda de Tróia

1.ª Apresentação: Porto, Salão Pathé

Data: 4-11.4.1911

Outras: Porto (Salão High-Life), 19-20.4.1911.

É com elogio que uma informação publicada no *Jornal de Notícias* de 5.4.1911, p.3, col.9 saúda a exibição do filme *Queda de Tróia*, de que destaca ‘o guarda-roupa luxuosíssimo, o cenário deslumbrante e a *mise-en-scène* grandiosa’. No seu conteúdo, segundo a informação então dada pelo *JN*, a primeira parte reproduz o relato que Homero faz aos Gregos dos heróis da guerra de Tróia; a segunda é a destruição daquela cidade e o lamento de Helena sobre o cadáver de Páris, morto por Menelau.

M. F. S. S.

Campos Monteiro, A Rainha da Lacónia

Maestro: Luís Moreira

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira (Príncipe Real)

Data: Outubro de 1910.

Nas suas edições de 10 e 20 de Outubro de 1910, o *Tripeiro* noticia a exibição de *A Rainha da Lacónia* no Porto e refere a persistência de um espectáculo que ‘sofreu o desafecto do público’.

M. F. S. S.

Guilherme de Figueiredo, *A Raposa e as Uvas*

Produção: TEP (Teatro Experimental do Porto)

Encenação: Nunes Vidal

1.ª Apresentação: Porto, Teatro António Pedro

Data: 20.3.1969.

Ver Vol. I, p.193.

Carmen Soares

Guilherme de Figueiredo, *A Raposa e as Uvas*

Produção: Secção de Teatro do Sporting Clube Candalense

Encenação: Santos Durães

1.ª Apresentação: Candal, Vila Nova de Gaia, Sporting Clube Candalense

Data: 4 e 11.7.1981.

Ver Vol. I, p.194.

Carmen Soares

Guilherme de Figueiredo, *A Raposa e as Uvas*

Produção: Grupo Cénico do Centro de Cultura e Desporto da Câmara de Gaia

Data: 1.4.1984 (?).

Ao referir-se ao desempenho do actor Aquiles Alexandre Alves Dias no papel de Esopo na peça *A Raposa e as Uvas*, Fernando Peixoto escreveu no *Gaia Semanário* de 1.4.1984: “Assim é que Aquiles Dias, no papel de Esopo, arranca uma soberba interpretação logrando, mesmo nas réplicas mais longas, manter um ritmo vivo. Tal como na postura do corpo, nunca traída, ou na colocação da voz, jamais caindo no tom lamechas em que tantos actores incorrem em anteriores representações deste mesmo texto”.

Elenco: Actores – Aquiles Dias (Esopo).

M. F. S. S.

Jules Lemaitre, *O Regresso de Ulysses*

Produção: Sociedade de Auctores e Artistas Dramaticos de Paris

1.ª Apresentação: Porto, Cinematographo Jardim de Passos Manuel

Data: 23.3.1909.

“O Regresso de Ulysses” consistiu numa “fita d’arte” que passou, com grande sucesso, no Cinematographo Jardim de Passos Manuel e que correspondia à tragédia homónima da autoria de Jules Lemaitre, membro da Academia Francesa. De acordo com o *JN* (23.3.1909, p.3, col.5), que noticiava a estreia, «a “*Mise-em scene*” é das mais extraordinarias e cuidadas. Scenarios deslumbrantes, guarda-roupa luxuoso, etc., emfim, o publico que assista hoje á exhibição d’este novo “film d’art”, de larga duração, julgará que se encontra em Paris, na “Comedie”, assistindo a representação de tão sensacional peça.» Efectivamente, a interpretação das personagens esteve a cargo de famosos artistas do teatro da “Comedie Française”.

Elenco: Actores – Madame Bartet, Albert Lambert, Paul Mounet e Delaunay.

D. F. Leão

Claudio Monteverdi, *Il Ritorno d’Ulisse in Patria*

Produção: Fundação de São Carlos, Expo 98 e Festival dos 100 Dias

Direcção Musical: Harry Christophers

Libreto: Giacomo Badoaro

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 23-27.3.1998.

Entre os dias 23-27 de Março, o Teatro Nacional de S. Carlos proporcionou ao público apreciador a ópera “*Il Ritorno di Ulisse in Patria*” de Claudio Monteverdi. Esta produção, estreada originariamente na cidade de Veneza, em Fevereiro de 1641, centra-se na bem conhecida saga de Ulisses, o herói dos mil artifícios, que regressa a casa, depois de muitos anos de ausência, disfarçado de mendigo. Aí encontra a sua fiel esposa, Penélope, assediada por pretendentes e que o não reconhece senão depois da prova do arco, cujo segredo



só o marido partilhava. O libretista de “Il Ritorno d’Ulisse in Patria”, Giacomo Badoaro, baseou-se, essencialmente, nos livros 13-22 da *Odisseia* de Homero, produzindo um texto onde é notória a preocupação de equilibrar os diversos papéis. As personagens principais são tratadas com delicadeza e os deuses dão mostras quer do seu poder quer da sua magnanimidade, mas o autor não deixou de introduzir notas mais leves e populares, como acontece na caracterização das figuras de Melanto ou de Iro.

Este espectáculo, que resulta de uma co-produção entre a Fundação de São Carlos, a Expo 98 e o Festival dos 100 dias, permitiu trazer a Portugal, uma vez mais, o maestro Harry Christophers, que já dirigiu no nosso país obras como “A Criação” de Haydn, “O Messias” de Haendel e “Orfeo ed Euridice” de Gluck, entre outras. Dos elementos que integraram a equipa artística, destaque vai para a encenação de Aidan Lang e para a cenografia e figurinos de Ashley Martin-Davis, que optou por uma solução de compromisso entre as tonalidades gregas da peça e certas marcas de modernidade. Dentre os intérpretes, especial atenção merece um Ulisses já maduro (Nigel Robson), acompanhado por Penélope (Susan Bickley), e a enérgica frescura de Telémaco (John Graham-Hall).

Na globalidade, esta produção resultou num espectáculo muito interessante, a que a execução da orquestra *Symphony of Harmony and Invention*, que usou cópias de instrumentos da época a fim de produzir a sonoridade própria do Barroco, emprestou um bom suporte musical. Referência individual merece também o coro *The Sixteen*, fundado, tal como o agrupamento anterior, pelo maestro Harry Christophers.

Elenco: Intérpretes – Christopher Royall (L’Humana Fragilità), Rob MacDonald (Il Tempo), Carolyn Sampson (La Fortuna), Rebecca Outram (Amore), Susan Bickley (Penelope), Fiona Kimm (Ericlea), Christine Rice (Melanto), Alasdair Elliott (Eurimaco), Christopher Purves (Nettuno), Joseph Cornwell (Giove), Nigel Robson (Ulisse), Lynda Russell (Minerva), Robin Leggate (Eumete), Valentin Jar (Iro), John Graham-Hall (Telemaco), Jonathan Best (Antinoo), Robin Blaze (Anfinomo), Christopher Gillett (Pisandro), Carys Lane (Giunone); **Direcção Musical** – Harry Christophers; **Encenação** – Aidan Lang; **Cenografia e Figurinos** – Ashley Martin-Davis; **Desenho de Luzes** – Pedro Martins; **Produtores Executivos** (Londres) – Stephen Rebbeck, Frédéric Beaufort; **Assistente de Cenografia** – Riette Haye-Davies.

D. F. Leão

Claudio Monteverdi, *Il Ritorno d'Ulisse*

Produção: William Kentridge / Handspring Puppet Company (Joanesburgo, África do Sul)

Libreto: Giacomo Badoaro

Iniciativa: Festival Multicultural 'Extremos do Mundo'

1.ª Apresentação: Culturgest

Data: 24-26.3.2000.



A apresentação deste espectáculo de ópera enquadra-se dentro do Festival 'Extremos do Mundo', com que a Culturgest pretende dar expansão a um dos seus principais projectos, o do multiculturalismo. Assim, dentro de um ambicioso programa que celebra o ano 2000, procurou reunir actividades culturais de índole diversa (conferências, ciclos de cinema, ópera, dança, teatro), trazidas por grupos provenientes das quatro partidas do mundo. A África do Sul esteve representada com uma apresentação da ópera *Il Ritorno d'Ulisse* de Monteverdi (1640), numa adaptação de W. Kentridge.

Foi saudada com aplauso pela crítica a forma original que Kentridge encontrou de recriar Monteverdi com recurso a marionetas articuladas, da famosa Companhia Handspring Puppet de Joanesburgo. É à beira da morte, numa qualquer maca de um hospital de Joanesburgo, que o herói recorda os seus erros, reintegrando na história Telémaco e Penélope, Minerva e Neptuno, Melanto e Eurímaco. Os temas em destaque são os da velha tradição da *Odisseia*: uma intervenção simbólica inicial da Fragilidade Humana, do Tempo, da Fortuna e do Amor, enquadram as dominantes do tema, o sofrimento de Ulisses, a saudade de Penélope e a dor da separação. Jorge Calado, na crítica que escreveu para o *Expresso* de 1 de Abril de 2000, comentava: 'Cenicamente, este *Ulisse* foi estruturado numa série de camadas ou círculos concêntricos – o das projecções animadas, o dos músicos, o do cenário em jeito de anfiteatro de física e química, o dos cantores e bonecreiros, o das próprias marionetas, protagonistas do drama'. Aludia assim à inclusão de um filme animado, de desenho anatómico, de fotografia aquática, sem no entanto aprovar a mescla conseguida por estes diversos elementos. No essencial, interagiam, além do director musical, seis músicos, cinco marionetistas, sete cantores e treze personagens esculpidas em madeira. Foi a qualidade vocal o elemento que atraiu os seus maiores elogios; mas o efeito das marionetas, em tamanho quase natural, nos seus movimentos subtis mere-

ceu igualmente um reparo favorável. Da reacção do público fazia-se eco Ana Rocha que, na *Capital* de 28.3, em palavras expressivas proclamava: ‘Sala esgotada e público encantado’.

Elenco: Intérpretes – Guillemette Laurens (Penélope), Scot Weir (Ulisses, Fragilidade Humana), Vincent Pavesi (Neptuno, Tempo, Antínoo), Wilke Te Brummelstroete (Melanto, Fortuna, Anfinomo), Margarida Natividade (Minerva, Amor, Hera), Peter Evans (Telémaco, Pisandro), Stéphan Van Dick (Eumeu, Eurímaco, Zeus); **Realização Musical** – Ricercar Consort; **Direcção Musical** – Philippe Pierlot; **Músicos** – Sophie Watillon (Viola), Paulina Van Laarhoven (Viola), Jérôme Hantai (Violão), Vincent Dumestre (Guitarra), Marion Fourquier (Harpa e Guitarra), Philippe Pierlot (Viola); **Marionetas** – Adrian Kohler, Busi Zokufa, Louis Seboko, Basil Jones, Tau Qwelane; **Criação das Marionetas** – Adrian Kohler; **Cenário** – Adrian Kohler, William Kentridge; **Desenho de Luzes** – Wesley Frande; **Figurinos** – Adrian Kohler.

M. F. S. S.

Massenet, *Safo*

Produção: Real Teatro de S. João

Libreto: Henrique Caim e Bernade

Tradução do libreto para italiano: Arminatore Galli

1.^a Apresentação: Porto, Real Teatro de S. João

Data: 20.1.1904

Outras: Porto (Real Teatro de S. João), 21-23.1.1904; 27-28.1.1904; 2.2.1904; 8.2.1904; 29-30.12.1904; 3.1.1905; 10.1.1905; 17.1.1905; 25.1.1905; 25.2.1905; Porto (Café Lisbonense) 4.11.1908 e 18.2.1909.

Informa-nos *O Tripeiro* (V série: Junho de 1949) de que, no começo do séc. XX, o Porto, em matéria de ópera, rivalizava com as grandes capitais europeias, realizando-se, por ano, na Invicta, cerca de uma centena de espectáculos, tendo passado pelo palco do Real Teatro de S. João os mais notáveis cantores líricos da época.

Elenco: Intérpretes – Cesira Ferrani (Safo), Mielli (Tenor), Gregoretti (Barítono), Blasco, Trentini.

Ana Paula Quintela

Rudolfo García Vásquez, *Sappho de Lesbos*

Produção: Companhia 'Os Sátyros'

Encenação: Rudolfo García Vásquez

1.ª Apresentação: Teatro Ibérico

Data: 20.1.1995.

Ver Vol. I, p.195.

Cláudia Cravo

Sappho

Produção: Alemanha

Data da Produção: 1921

Direcção Cinematográfica: Dimitri Buchowetzki

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 26.12.1924.

Elenco: Actores – Pola Negri, Alfred Abel, Johannes Riemann.

M. F. S. S.

A Sedução de Afrodite

Produção: ?

Data da Produção: ?

Direcção Cinematográfica: ?

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Olímpia

Data: 7.2.1925.

M. F. S. S.

José Eduardo Rocha, *Sinfonia Náutica*

Produção: Camerata Vocal de Torres Vedras (dirigida por Bragança Gil), Sexteto de Metais (coordenação de Filipe Pinheiro), Ensemble JER (dirigido por José Eduardo Rocha)

Direcção Musical: L. Bragança Gil

Iniciativa: Expo 98

1.ª Apresentação: Lisboa, Expo (Módulo Flutuante, Doca dos Olivais)

Data: 17-23, 25-29.7, 2.8.1998.

O espectáculo com que José Eduardo Rocha se apresentou na Expo 98, a abrir o módulo 'Compositores', é um misto de música e drama, obtidos de uma forma particular, de resto já experimentada pelo mesmo compositor; alguns sons são produzidos por brinquedos e instrumentos musicais de plástico. Conta ainda a produção com um coro misto de 42 elementos, com um sexteto de metais, para além do Ensemble JER que tem desenvolvido aquela técnica original. Adicionando à música elementos cénicos, o compositor evoca os mitos dos Argonautas e de Orfeu: assim pretendia sugerir-se o relato da viagem de Jasão e seus companheiros à conquista do Velo de Ouro, viagem em que o canto mítico de Orfeu marcava a cadência dos 55 remadores da nau Argo, neutralizando por outro lado os cantos embriagadores das sereias. Dentro deste plano, a composição obedecia a quatro andamentos, 'Alvorada', 'Marcha', 'Vendaval', 'Orfeónico'. De acordo com o comentário publicado no *Público* de 19.7.1998 por Tiago Luz Pedro, a sugestão pretendida não ficou muito clara e os originais instrumentos de plástico tiveram uma modesta intervenção, em concorrência com uma forte sonoridade de instrumentos metálicos – trompete, trompa, trombone, saxofone – e de coros. Por sua vez no *Expresso* de 18 de Julho, José Mendes resumia, numa apreciação geral do efeito: 'O mito é grego, as roupagens romanas e a música, no mínimo, universalista'.

M. F. S. S.

B. Brecht, *Sócrates Ferido*

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa (Alunos do 2.º Ano)

Direcção: José Peixoto

Data: Fevereiro de 1997.

M. F. S. S.

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro

Encenação: Amélia Rey Colaço, Robles Monteiro

Tradução: Charles David Ley, João Gaspar Simões

1.ª Apresentação: Lisboa, Parque de Palhavã

Data: 8-10.7.1941.



Esta é provavelmente a mais romântica das comédias de Shakespeare, considerada também uma peça de grande efeito visual e de resultado, portanto, fácil. Pertence ao chamado grupo de textos do segundo período do dramaturgo e terá sido escrita por volta de 1595. O texto é de inspiração nitidamente clássica. A acção decorre em Atenas e num bosque perto da cidade. Teseu prepara-se para celebrar o seu casamento com Hipólita, a rainha das Amazonas, derrotada em batalha pelo príncipe ateniense. Um grupo de artesãos reúne-se para celebrar os festejos e para isso pensa em ensaiar uma peça de teatro, baseada no mito de Píramo e Tisbe. A alegria contagia a cidade de Atenas e quatro jovens escapam para um bosque perto da cidade, para resolverem a sua atribulada e desencontrada vida amorosa, de momento controlada pelos progenitores. Já no bosque, intervêm Oberon e Titânia, os reis das fadas, que se propõem a dar uma ajuda ao amor. Todavia, a ajuda do rei das fadas acaba por resultar numa grande confusão. No final, tudo acaba em bem, à boa maneira da comédia menândrica, e os casais acabam por ficar unidos como desejado, enquanto assistem ao espectáculo ensaiado pelos artesãos atenienses e as fadas os abençoam para a eternidade.

Um Sonho de uma Noite de Verão parece ter sido inspirada na *Vida de Teseu* de Plutarco. A história de um casamento que acaba por se transformar em três, vai buscar as suas personagens à lenda de Teseu, rei de Atenas, a quem se juntam figuras como Hipólita, Hérmiã, Lisandro, Helena, Demétrio e Egeu. Mas Shakespeare vai mais longe. A *Quellenforschung* detectou outros textos na base da concepção da peça, como as *Metamorfoses* de Ovídio, o romance *Huon de Bordeaux*, os textos *Galathea* (1592), *Sapho e Phao* (publicada em 1623) e *Midas* (1592) de John Lyly, e *The Knight's Tale* e *The Merchant's Tale* de Chaucer. Nesta comédia, Shakespeare sintetiza a tradição clássica com o imaginário anglo-celta, pondo algumas figuras da mitologia grega a contracenar com outras de ambiente 'duêndico' ou 'élfico'.

Nela conjugam-se três elementos que contribuem em igual proporção para o sucesso apriorístico da representação entre um público não especialista: o lirismo do maravilhoso, patente nas personagens de Titânia, epíteto de Ártemis/Diana, e de Oberon, os reis do mundo onírico das fadas, e de Puck, um duende endiabrado de inspiração cupidiana; a intriga amorosa, que no caso recorre às personagens da mitologia clássica, como Teseu e Hipólita, e onde não faltam a heroína que corre risco de vida pelas suas opções amorosas e o amor desencontrado: Helena ama Demétrio, que ama Hérnia, que ama Lisandro, que ama Hérnia; e a farsa popular, protagonizada pelos cidadãos-artesãos atenienses de aspecto boémio e informal, em quem surgem as expressões linguísticas menos cuidadas e mais cómicas.

Esta foi a primeira vez que se representou o *Sonho* em Portugal. A encenação inseriu-se no projecto *Teatro ao ar livre*, promovido por Amélia Rey Colaço, já antes experimentado pela companhia, com uma representação de *A Castro*, no adro de Alcobça (em 1935, repetida em 1941). A escolha do então Parque de Palhavã como cenário natural para a peça, que supostamente também se passa nos bosques encantados do reino das fadas, proporcionou uma imagem de fundo que fez lembrar as fantasias da Disney no seu melhor. Para o efeito, foram montados três palcos naturais, onde se recriaram Atenas, o bosque das fadas e a oficina dos artesãos. A crítica acolheu o projecto favoravelmente, sendo ainda de referir que teriam assistido ao espectáculo alguns milhares de pessoas, que no final aplaudiram entusiasticamente a encenação. No *Século*, E. Mattos Sequeira dizia ter sido um espectáculo que só dignificara a capital portuguesa, chamando mesmo à mentora da produção, Amélia Rey Colaço, 'deusa ex machina'. Do mesmo modo, Luís de Freitas Branco aplaudia a ideia de ter unido o texto de Shakespeare à música de Mendelssohn para ele criada. Vale ainda a pena citar as palavras de Lopes Graça na *Seara Nova*: «Eis uma época teatral fechada com chave de ouro! Eis um grande e arriscado esforço coroado de pleno êxito, honra e satisfação dos que o realizaram e de quantos ajudaram ao sucesso, e para prazer de todos nós, esfomeados de horas como estas, em que o teatro se ergue a um plano de elevada e verdadeira arte...». Todavia, os condicionismos naturais, o vento excessivo, por exemplo, levaram a que a produção em ambiente natural fosse algo afectada, o que acabou também por comprometer a continuidade do projecto idealizado pela actriz titular da concessão do Teatro Nacional D. Maria II.

De notar ainda que o programa originalmente distribuído pelos espectadores informava de que, tradicionalmente, a encenação desta peça costuma optar por um de dois tipos de figurinos: ou os trajes gregos ou os trajes renascentistas (sendo de referir, porém, que houve já encenações

em que os figurinistas optaram por trajes do século XVIII ou até mesmo de fantasia etnográfica, como uma produção feita nos Estados Unidos por uma companhia de actores negros). A encenação do Parque de Palhavã optou pelos trajes gregos.

Elenco: Actores – Paiva Raposo (Teseu), Virgílio Macieira (Egeu), Raúl de Carvalho (Lisandro), Igrejas Caeiro (Demétrio), José Cardoso (Filóstrato), Vital dos Santos (Marmelo), Pedro Lemos (Comodista), João Villaret (Traseiro), Augusto Figueiredo (Flauta), Henrique Santos (Trombas), António Guimarães (Fome), Maria Brandão (Hipólita), Manoela Porto (Hérnia), Maria Paula (Helena), Maria Clementina (Oberon), Amélia Rey Colaço (Titânia), Constança Navarro (Puck), Maria Côrte-Real (Sílfide), Maria Luísa Saldanha (Flor da Ervilha), Lucinda Ramos (Teia de Aranha), Mercês Olival (Falena), Meniche Lopes (Semente de Mostarda); **Solistas** – Elsa Penchi Levy, Olga Violante; **Coro** – Adelaide Robert, Aida Pedroso, Antónia Colaço, Eva Arruda, Fernanda Teixeira Soares, Leonilde Marques Simões, Mariana Bonito d’Oliveira, Maria Adelaide Pereira Leite, Maria Alice Sampaio Ribeiro, Maria da Conceição Canastreiro, Maria Emília Canastreiro Franco, Maria Emília Robert, Maria Helena Rodrigues Costa, Maria de La Salette de Carvalho, Sara Navarro Lopes, Tagide Tavares, Tereza Bonito d’Oliveira, Undina Belo de Moraes; **Música** – Felix Mendelssohn; **Tradução das Canções** – João Cabral do Nascimento; **Coreografia** – Francis Graça; **Director de Coro e Orquestra** – René Bohet; **Figurinos** – José Barbosa; **Contra-regra** – Armando Pires.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro

Encenação: Erwin Meyenburg

Tradução: Charles David Ley, João Gaspar Simões

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 10.12.1952.

Estreada em Dezembro de 1952, onze anos após a representação feita ao ar livre, em Palhavã, subiu ao palco do Nacional, pela mesma companhia, aquela que é considerada uma das mais conhecidas comédias de Shakespeare. A um elenco experiente que interpretou as personagens criadas pelo dramaturgo inglês, juntaram-se seis dos actores da cena portuguesa de então (P. Bastos, A. Abranches, A. Rey Colaço, R. Monteiro,

E. Braga e G. Pais), num prólogo originalmente escrito por Matos Sequeira, para introduzir o texto num ambiente isabelino.

A peça foi escolhida para abrir a temporada de 1952-1953 do Nacional e a renovação da concessão do mesmo teatro à companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Por isso mesmo, esta produção foi criticada na época, por um jornalista de *O Século*, por ter reunido ‘um encenador alemão, um director de coros estrangeiro e um decorador francês’, já para não mencionar o facto de se ter também censurado a escolha de Shakespeare como dramaturgo a inaugurar uma temporada num teatro nacional, e não um autor português. Mas isso não impediu que a encenação tivesse sido aclamada, nomeadamente pelas interpretações de Mariana Rey Monteiro como a rainha das fadas, a flutuante Titânia, e de Gina Santos como Puck, o duende, a qual se teria revelado então como uma grande actriz; bem como pelos figurinos e pela cenografia, cuja inspiração ‘disneyesca’, simultaneamente estilizada, teria proporcionado ovações espontâneas entre o público do Nacional, devido à criação do ambiente onírico do espírito original do texto; e pela coreografia de Francis Graça, que contou com a colaboração do grupo de bailado ‘Verde Gaio’, formado durante o Estado Novo como tentativa de criação de uma ‘companhia de dança nacional’, e que proporcionou um espectáculo ‘digno de qualquer cena europeia’.

A introdução do Prólogo foi também uma solução favoravelmente aceite, visto que possibilitou ao público menos informado uma síntese da biografia do poeta inglês, bem como uma prévia explicação do que se iria ver de seguida. Uma adaptação da música de Mendelssohn, que no século XIX musicou o conto de Shakespeare, e de que faz parte uma famosa *Marcha Nupcial*, foi inteligentemente usada nesta encenação, como já tinha sido na encenação de Amélia Rey Colaço, em 1941, o que foi considerado magistral por alguma da crítica, porque fez da representação um espectáculo completo.

Elenco: Actores – Paiva Raposo (Teseu), Luiz Filipe (Egeu), Álvaro Benamor (Lisandro), Jacinto Ramos (Demétrio), José Cardoso (Filóstrato), António Palma (Marmelo), Pedro Lemos (Comodista), Raúl de Carvalho (Fundeiro), Augusto Figueiredo (Flauta), Henrique Santos (Trombas), Costa Ferreira (Fome), Maria Corte Real (Hipólita), Helena Félix (Hércia), Carmen Dolores (Helena), Mariana Rey Monteiro (Titânia), Francis Graça (Oberon), Gina Santos (Puck), Lourdes Norberto (Flor da Ervilha), Dídia Maria (Teia da Aranha), Sara Antonieta (Falena), Meniche Lopes (Semente da Mostarda), Palmira Bastos, Aura Abranches, Amélia Rey Colaço, Robles Monteiro, Erico Braga, Gabriel Pais, Coro Harmonia (Grupo Vocal Feminino), Bailados ; **Assistente e Director de**

Cena – Pedro Lemos; **Música** – Felix Mendelssohn; **Director de Orquestra** – Luís Alagarim; **Director de Coros** – Wilhelm Verner; **Figurinos** – Lucien Donnat; **Coreografia** – Francis Graça; **Cenografia** – Manuel de Oliveira; **Prólogo** – Gustavo de Matos Sequeira.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Amascultura – Companhia do Teatro da Malaposta

Encenação: Rui Mendes

Tradução: Augusto Sobral

1.ª Apresentação: Loures, Teatro da Malaposta

Data: 19.1.1991 a Abril de 1991

Outras: Damaia (Cinema D. João V), Maio de 1991.

A célebre comédia de Shakespeare foi uma vez mais representada entre nós, desta vez como parte integrante do programa da Companhia do Teatro da Malaposta para 1980-1981. Era um antigo desejo do actor, aqui encenador, Rui Mendes montar e dirigir esta peça. A propósito desta encenação, fez-se uma exposição sobre Shakespeare, nas instalações do teatro onde a companhia reside.

Elenco: Actores – Diogo Infante (Teseu, Oberon), Maria João Luís (Hípólita, Titânia), Luís Alberto (Egeu, Rabote), Jorge Silva (Lisandro), João Lagarto (Demétrio), Vera (Hérmia), Ana Nave (Helena), Manuela Pedroso (Puck), Maria Henrique (Flor de Ervilha), Sara Nobre (Mariposa), Sandra Machado (Grão de Mostarda), Ana Catalão (Teia de Aranha), José Gomes (Canelas), Rui Peixoto (Marmelo), José Eduardo (Esfomeado), José Peixoto (Gaitinhas); **Coreografia** – Elisa Worm.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (Alunos do 2.º Ano)

Direcção: Rui Mendes

1.ª Apresentação: Lisboa, Jardim Botânico

Data: Julho de 1995.

M. F. S. S.

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Teatro Nacional D. Maria II/ INATEL (Teatro da Trindade)

Encenação: João Perry

Tradução: Maria João da Rocha Afonso

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 22.8 – 22.9.1996.

Este trabalho é uma reavistação dos anos 90 ao clássico de Shakespeare. João Perry, actor residente da Companhia do Teatro Nacional D. Maria II, apostou na produção e montou-a em cooperação com o Teatro da Trindade, explorado pelo INATEL e em cuja sala foi representado. A concretização do projecto acabou por se rodear da maior expectativa, já que depois das encenações da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, houve duas outras tentativas de montagem da peça que acabaram por sair logradas: uma no próprio Nacional, pela mesma companhia, e outra encenada por Carlos Avilez, com cenografia e figurinos de Emília Nadal, para os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian.

Para os actores intervenientes, na sua grande maioria uma nova geração, trata-se de um exercício de representação de um texto clássico da História da Literatura e do Teatro, mas também de um texto com influências da Antiguidade Clássica, como já referimos anteriormente. Para a difícil tarefa de traduzir a peça, recorreu-se agora a uma Assistente da Universidade Nova de Lisboa, Maria João da Rocha Afonso, cuja experiência no campo da Literatura Inglesa e da Dramaturgia lhe possibilitaram uma versão actual e acessível ao grande público, sem desvirtuar minimamente o texto shakespeariano.

Destaque especial para a representação de João Grosso como Teseu, que a crítica acolheu favoravelmente, para os figurinos de Filipe Faísca, que já antes vestira as personagens de *Otelo* e *Fidélio*, e para a encenação de um veterano da craveira de João Perry, cuja experiência teatral se salientou e favoreceu todo o espectáculo.

Com esta representação, *Um Sonho de uma Noite de Verão* confirma-se definitivamente como um dos textos de Shakespeare e de temática clássica mais representados entre nós.

Elenco: Actores – João Grosso (Teseu, Duque de Atenas), Margarida Cardeal (Hipólita, Rainha das Amazonas), Augusto Portela (Egeu), Marco Delgado (Lisandro), Gonçalo Ferreira de Almeida (Demétrio), Rita Durão (Hércia), Sandra Faleiro (Helena), Pedro Cardoso (Filóstrato), José Airosa (Oberon, Rei das Fadas), Beatriz Batarida (Titânia, Rainha das Fadas), Paula Castro (Puck), Miguel Granja (Puck),

Nicolau Lima Antunes (Puck), Clara Marchana (Flor de Ervilha), Maria João Pereira (Teia de Aranha), Lisa Hurst (Mariposa), João Murima (Grão de Mostarda), Carla Chambel (uma Fada), Stephan Jürgens (Elfo), Orlando Sérgio (Pedro Macete, o carpinteiro), Nuno Melo (Nicolau Novelo, o tecelão), Rui Monteiro (Xico Palheta, o arranja flores), Ricardo Aibéo (Tomé Solda, o latoeiro), João Didelet (Ramiro Entretela, o alfaiate), Sérgio Gomes (Plaina, o marceneiro); **Assistentes de Encenação** – Carlos Pimenta, Rita Rolex; **Música** – Miguel Azguime; **Figurinos** – Filipe Faísca; **Coreografia e Coordenação de Movimento** – Madalena Victorino; **Cenografia e Adereços Cénicos** – Francisco Rocha; **Desenho de Luz** – Daniel del Negro; **Elocução e Técnica Vocal** – Luís Madureira.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Clube de Teatro Natural Invenção da Escola Secundária Cristina Torres

Encenação: Vítor Marques

Iniciativa: XXII Jornadas 1999 de Teatro Amador da Figueira da Foz

1.ª Apresentação: Figueira da Foz, Sociedade Instrução Tavadense

Data: 16.4.1999.

Esta produção do clássico de Shakespeare inseriu-se numa série de actividades culturais promovidas no município da Figueira da Foz, mais concretamente na região de Tavadere. A companhia que coordenou o projecto é composta maioritariamente por actores amadores, sendo no entanto de destacar a presença de alguns profissionais, como André Maia.

A escolha deste texto funciona bem em termos de imagem, visto que a encenação proporciona momentos muito apelativos do ponto de vista do aparato cenográfico. Por outro lado, o carácter das personagens predispõe-se à participação de elementos jovens, que parecem predominar no elenco em questão. Uma palavra também para o público alvo, supostamente menos elitista, o que confirma a capacidade deste texto se tornar mais susceptível de funcionar em ambientes menos centrais, o que se alia ao facto de a montagem poder facilmente seduzir do ponto de vista plástico. Um conjunto de factores que contribui para cativar e fazer o público interessar-se pelo teatro. Ainda relacionado com esta questão, refira-se o facto de a companhia e a Sociedade de Instrução Tavadense terem optado por franquear a entrada, o que só pode ser aplaudido numa iniciativa deste tipo.

Elenco: Actores – Bruno Querido (Teseu, Duque de Atenas), Ricardo Ramalho (Egeu, Pai de Hérnia), André Maia (Lisandro, Enamorado de Hérnia), Carlos Miguel Santos (Demétrio, Enamorado de Hérnia), Luís Filipe Terreno (Filóstrato, intendente geral das festas de Teseu), Cláudia Liceia (Marmelo, carpinteiro, e Comodista, marceneiro), Ricardo Patrão (Fumeiro), Ana Patrícia Diniz (Flauta, Foleiro), Pedro (Trombas, Caldeireiro), Bruno (Fome, Alfaiate), Cristina Ferreira (Hipólita, Rainha das Amazonas, Noiva de Teseu), Ana Lúcia Fernandes (Hérnia, Filha de Egeu, Enamorada de Lisandro), Carina Monteiro (Helena, Enamorada de Demétrio), Nelson Pedrosa (Oberon, Rei das Fadas), Liliana Palaio (Titânia, Rainha das Fadas), Ana Maria (Puck ou Robim, Duende), Cláudia Liceia (Flor da Ervilha, Sífide), Catarina (Teia de Aranha, Sífide), Débora (Falena, Sífide), Gisela (Semente de Mostarda, Sífide);

Contra-regra – Teresa Salomé.

Nuno S. Rodrigues

**William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*
(*William Shakespeare's A Midsummer night's Dream*)**

Produção: Fox Searchlight Pictures/Michael Hoffman

Encenação e Realização: Michael Hoffman

1.ª Apresentação: Lisboa, Cinemas Amoreiras, Colombo, S. Jorge

Data: Estreia Mundial em Los Angeles, 26.4.1999; em Portugal, 26.11.1999.

Esta produção de *Um Sonho de uma Noite de Verão* no cinema surge na sequência da adaptação de vários temas shakespearianos à sétima arte, que se verificou ao longo da década de 90, e de que *Shakespeare in Love* acabou por ser a mais reconhecida, com o Óscar para o melhor filme de 1998.

Desta vez, coube ao britânico Michael Hoffman adaptar aquela que é talvez a mais encenada comédia do bardo inglês. Tal como Kenneth Branagh tinha feito com *Muito Barulho por Nada* (*Much ado about nothing*, 1993), Hoffman transpôs a época e o lugar da acção, originalmente situados na Atenas do rei Teseu, para a Toscana dos finais do século XIX, o que confere um ambiente victoriano às personagens. Manteve, todavia, o tema dos dois casais que entram na floresta, que originalmente é a de Atenas, e que enfeitados passam por uma experiência maravilhosa. O resultado é o cruzamento fascinante de referências às leis de Atenas com as recém-inventadas bicicletas, objectos de sucesso entre algumas das personagens, dos cenários da arquitectura renascentista com comportamentos sexuais contemporâneos.

O elenco é uma mistura de actores ingleses e americanos. Kevin Kline representa um Hilário tecelão, que está encarregado de ensaiar uma peça de teatro, *A mais lamentável comédia e cruel morte de Píramo e Tisbe*, para o casamento de Teseu e Hipólita. Ambiente em que intervirão Oberon, o rei das fadas e o endiabrado Puck, para brincarem com os sentimentos amorosos dos mortais. A interpretação de Puck, a cargo de Stanley Tucci, apesar de ter sido considerada pouco etérea e demasiado mortal, chegando a aproximar-se do grotesco, foi bem aceite pela crítica, pois o actor conseguiu imprimir à personagem o sentido cómico-anarca que a deve caracterizar. Michelle Pfeiffer, porém, apresentou-se como a mais frágil das intérpretes dos diálogos de Shakespeare. Simultaneamente, a estrela de televisão Calista Flockhart revelou-se uma surpresa positiva, dando mostra da sua preparação teatral.

A nível da cenografia e do guarda-roupa, a crítica não poupou elogios, sendo de destacar a floresta das fadas e os vestidos de Titânia, contributos fundamentais para criar a atmosfera idílica e onírica desejada. Paralelamente a uma música original de Simon Boswell, também Mendelssohn, Puccini e Verdi foram usados para se recriar o ambiente e o espírito shakespearianos. Saliente-se ainda que o realizador manteve integralmente os diálogos originais.

Elenco: Actores – Kevin Kline (Nick Bottom, o tecelão), Michelle Pfeiffer (Titânia), Rupert Everett (Oberon), Stanley Tucci (Puck), Calista Flockhart (Helena), Anna Friel (Hércia), Christian Bale (Demétrio), Dominic West (Lisandro), David Strathairn (Teseu), Sophie Marceau (Hipólita), Bernard Hill (Egeu), John Sessions (Filóstrato), Roger Rees (Peter Quince), Max Wright (Starveling), Gregory Jbara (Snug, the Joiner), Bill Irwin (Tom Snout), Sam Rockwell (Francis Flute), Heather Parisi (esposa de Bottom), Deirdre Harrison, Annalisa Cordone, Paola Pessot, Solena Nocentini, Flaminia Fegarotti, Valerio Isidori; **Cinematografia e Fotografia** – Oliver Stapleton; **Música Original** – Simon Boswell; **Adaptação do Argumento** – Michael Hoffman.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

Produção: Grupo Fatias de Cá – Tomar

Encenação: Carlos Carvalheiro

Adaptação: Carlos Carvalheiro

1.ª Apresentação: Tomar, Mata dos Sete Montes

Data: 2.8-15.9.2000

Outras: Évora (Festival Nacional de Teatro), 22.9.2000.



Esta representação segue o espírito da que foi feita pela companhia Rey

Colaço-Robles Monteiro, em Palhavã, uma vez que foi encenada ao ar livre, aproveitando um parque natural como a Mata dos Sete Montes, em Tomar. Não tendo tido qualquer subsídio, foi uma vitória para o grupo *Fatias de Cá* produzir Shakespeare e conseguir ter o espectáculo consecutivamente esgotado, da primeira à última representação.

Aspecto original nesta produção foi a oferta de uma ceia ao espectador que segue as desventuras dos casais trocados da Atenas shakespeariana. Houve também uma representação excepcional em Évora, no âmbito do Festival Nacional de Teatro, a 22 de Setembro de 2000.

Elenco: Actores – Carlos Carvalheiro (Teseu, Oberon), Filipe Seixas (Lisandro, Demétrio), Pedro Marques (Lisandro), Sérgio Costa (Demétrio), Joaquim Agostinho (Beque), Luís Ferreira (Catita), Humberto Machado (Esgalgado), Laura Lopes (Modinhas), Ana Paula Eusébio (Hipólita, Titânia), Melanie Silva (Hércia), Pita Candeias (Hércia), Edna Santos (Helena), Marta Vieira (Helena), Ana de Carvalho (Puck, Eneida); **Música** – Mascagni, Mason, Mendelssohn, Patrick Doyle; **Figurinos** – Ana Paula Eusébio; **Direcção Financeira** – Gabriela de Azevedo; **Direcção de Montagem** – Ana de Carvalho; **Direcção Técnica** – Paulo Moura; **Direcção de Cena** – Catarina Ferreira; **Promoção** – Isabel Passarito; **Fotografia** – Ana Maria Cortesão; **Relações Públicas** – Helena Coelho.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Um Sonho de uma Noite de Verão*

1.ª Apresentação: Ferreira do Zêzere, Quinta da Frazoeira

Data: 12.2000 (aos Sábados).

Esta última versão em Portugal de *Um Sonho de uma Noite de Verão* conheceu uma representação ao ar livre, numa quinta de Ferreira do Zêzere. Ao entrecho habitual, foram acrescentados, em tom festivo, bandas filarmónicas da região e um convívio com castanhas, água-pé e sopa de pedra, oferecidas pela organização ao público.

M. F. S. S.

Irene Papas, *Theodora, Imperadora de Bizâncio*

Direcção: Michel Cacoyannis

1.ª Apresentação: Lisboa, Auditório da Caixa Geral de Depósitos

Data: 7.12.1994.

Com texto de Irene Papas, foi apresentado, em inglês, o monólogo dramático *Theodora, Imperadora de Bizâncio*.

Elenco: Actores – Irene Papas; **Com a Participação de** – Sypros Pavlakis; **Coro** – Byzantine Hymnode; **Cenários e Figurinos** – Yannis Metzikof; **Coreografia** – Dimitrio Papaioannou, Angoliki Stelaltou; **Música** – Vangelis Papathanassiou.



M. F. S. S.

Teodora – Imperatriz de Bizâncio

Produção: Itália / França

Data da Produção: 1954

Direcção Cinematográfica: Riccardo Freda

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Eden

Data: 24.12.1954.

Elenco: Actores – Gianna Maria Canale, Georges Marchal, Henri Guisol, Roger Piguat, Irene Papas, Renato Baldini.

M. F. S. S.

Guillaume Apollinaire, *Tirésias*

Produção: Companhia Nacional de Teatro

Tradução: Goulart Nogueira

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: ?

Trata-se de parte do texto dramático de cariz surrealista *Les Mamelles de Tirésias*, que Guillaume Apollinaire levou à cena em Paris, no ano de 1917, e que provocou no público uma forte reacção de escândalo. A peça explora a mítica transsexualidade do profeta Tirésias.

Elenco: Actores – Álvaro Benamor (Director da Companhia), Fernanda Alves (Teresa Tirésias), Joaquim Rosa (Quiosque), Manuel de Oliveira (Povo de Zanzibar), Francisco Nicholson (Marido), Augusto Figueiredo (Presto), Carlos Wallenstein (Lacouf), Lígia Teles (Polícia), António Anjos (Jornalista), Mário Pereira (Filho); **Contra-regra** – Carlos Graça; **Electricista** – António Ferreira; **Ponto** – Álvaro Teixeira.

Maria do Céu Fialho

Rui Horta, *Tráfego*

Produção: Companhia de Dança de Lisboa

É evidente o entusiasmo da crítica relativamente ao efeito obtido pelas posturas do corpo dentro do que se pode considerar o bailado contemporâneo em Portugal. Duas figuras míticas concentram a força deste bailado: Adónis, que incarna o corpo perfeito, “o caule sem nós” de que fala Epicteto; e Hefesto, o deus coxo e deformado. O efeito geral do espectáculo assenta na surpresa criada pelo imprevisível, de movimentos, mais ou menos anárquicos, como de ruídos, também eles dissonantes e imprevisíveis. O cenário a enquadrar o movimento definiu-se como um tracejado branco sobre fundo negro, de onde avulta uma coreografia que movimentava os corpos em desenhos inesperados. Segundo Paulo Varela Gomes (*Jornal de Letras*, 19 – 25.2.1985), “*Tráfego* anarquiza mas não desorienta (...). Por detrás do bailado e da música ouvem-se talvez o riso de Hefesto (e o riso dos deuses a rir-se dele), o barulho da sua forja, os seus rudes arquejos quando se une a Afrodite”. Do todo não resulta uma sensação de harmonia, mas a de um paradoxo onde o deus aleijado, pela sua habilidade, sai vitorioso.

Elenco: Intérpretes – Clara Andermatte, Carlos Ferreira, Benvido Fonseca, Maria Franco, Vítor Garcia, George Lon, Sofia Macedo, Silvia Nevejinsky, Teresa Saint-Maurisse, Carol Schneider, Cristina de Sousa, Rosário Vale, João Zhoraide; **Música** – Sousa Afonso; **Figurinos** – Nuno Carinhas; **Iluminação** – José Manuel Oliveira.

M. F. S. S.

N. Van Goethen, *A Tragédia Grega*

Iniciativa: Cinanima 85

Data: Nov. / Dez. de 1985.

A Cinanima, nas suas várias edições, tem-se empenhado em valorizar o cinema de animação como uma arte com características e uma dignidade próprias. Diversos países estiveram mais uma vez presentes e foi da Bélgica que veio uma produção que os comentadores consideraram ‘uma das obras mais divertidas que se viram neste festival’: *A Tragédia Grega*, já antes premiada no Festival de Annecy de 85.

M. F. S. S.

Uma Trilogia Antiga (com excertos de *Medeia* de Eurípides e Séneca, de *As Troianas* de Eurípides e de *Electra* de Sófocles e Eurípides)

Produção: Teatro Nacional de Bucareste (Roménia) em colaboração com Hahn Produktion (Alemanha)

Encenação: Andrej Serban

1.ª Apresentação: Bucareste

Data: Outono de 1990

Outras: Lisboa (Convento do Beato), 6-10.5.1993.

Ver Vol. I, pp.197-198.

Cláudia Cravo

Carl Orff, *O triunfo de Afrodite*

Produção: Les Grands Ballets Canadiens (Montréal)

Coreografia: Norman Wolker

1.ª Apresentação: Lisboa, XIII Festival Gulbenkian de Música

Data: 1969.

Como já referimos na notícia sobre a apresentação em Portugal do bailado *Medeia* com coreografia de Brydon Paige e música de George Savaria, segundo a *Vida Mundial*, na rubrica da actualidade da edição de Junho de 1969, a companhia Les Grands Ballets Canadiens de Montréal encerrou a sua participação no XIII Festival Gulbenkian de Música com o bailado *O triunfo de Afrodite* de Carl Orff, coreografado por Norman Wolker.

Luísa de Nazaré Ferreira

Maria Alberta Menéres, *Ulisses*

Produção: Lua Cheia – Teatro Para Todos e VicenTeatro

Encenação: Maria João Trindade e Eduardo Condorcet

1.ª Apresentação: Lisboa, Padrão dos Descobrimentos – Expo 98

Data: 14 e 22.10.1998

Outras: Idanha-a-Nova (Centro Cultural Raiano), 15.3.1999.

A peça “Ulisses” consiste numa leitura encenada do conto homónimo de Maria Alberta Menéres. Através da evocação do mítico herói grego que, nas suas deambulações, dá mostras de grande coragem, entrega e audácia ao longo das múltiplas aventuras em que se vê envolvido, o público (e, em especial, os alunos) é convidado a entrar num diálogo mais profícuo com a realidade social envolvente. Conforme salienta o *Jornal do Fundão* (12.3.1999), «privilegiando a palavra, a linguagem escrita e oral, a peça “Ulisses” pretende recuperar, apoiada na riqueza do discurso cénico, a magia dos antigos contadores de estórias, através da recriação de ressonâncias mágicas, atmosferas esteticamente fortes e afectivamente envolventes, simbolicamente expressivas, características do encantamento criado pelas narrativas tradicionais “Era uma vez”».

Elenco: Actores – Ana Enes, Eduardo Condorcet, Pedro Górgia, Maria João Trindade.

D. F. Leão

Jean-Claude Gallotta, *Ulysse*

Produção: Groupe Émile Dubois

Coreografia: Jean-Claude Gallotta

1.ª Apresentação: Lisboa, Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian

Data: 5-6.7.1994.

Este espectáculo inseriu-se no encontro promovido pelo serviço Acarte da Fundação Gulbenkian, subordinado ao tema “Festival Francês – A Cultura da Descentralização”. O “Groupe Émile Dubois” foi fundado em Grenoble, pelo coreógrafo e cineasta francês Jean-Claude Gallotta; é um projecto que já remonta a 1979 e que procura conjugar, na mesma produção, a dança, o texto, a música e as artes plásticas. “Ulysse”, que data originalmente de 1981, representa uma das suas primeiras criações; em 1993, o autor retomou aquele trabalho, conservando a anterior partitura coreográfica, com excepção de algumas alterações, que foram introduzidas em função dos novos intérpretes. É esta última versão que apresenta em Portugal. Em entrevista ao *Público* (5.7.1994, p.21 “Cultura”), Jean-Claude Gallotta explica a génese deste espectáculo da seguinte maneira: «Com “Ulysse”, comecei por construir o movimento, a coreografia, donde resultou uma dança um pouco abstracta, mesmo não o sendo exactamente, porque sempre lá estiveram as coisas essenciais. Só depois de haver música e ter sido criado o espaço cénico é que lhe chamei “Ulysse”. Finalmente, acrescentei uma banda sonora e nessa altura já pensei na personagem, em Ulisses. Tratou-se de um acaso um pouco misterioso. Encontrei o essencial, sem o ter procurado deliberadamente. Processo que considero ser um acto poético puro.»

D. F. Leão

Wladyslaw Znorko, *Ulysses à l'Envers*

Produção: Companhia Cosmos Kolej

Encenação: Wladyslaw Znorko

1.ª Apresentação: Lisboa, Culturgest

Data: 6-7.6.1995.

A peça “Ulysses à l'Envers” foi escrita e encenada por Wladyslaw Znorko, autor francês de ascendência polaca. O drama baseia-se na viagem itinerante de Ulisses como ponto de partida para contar a história de Muisis, habitante das Blasket, cinco ilhas situadas a sudoeste da Irlanda, evacuadas pelo governo central em 17 de Novembro de 1953, devido a condições atmosféricas adversas. Forçado a abandonar o lar, Muisis

acaba por chegar à conclusão de que as tempestades da cidade ainda são mais perigosas do que as da sua ilha. Com este espectáculo, Wladyslaw Znorko procura construir uma linguagem teatral universal, visível, de resto, no facto de a sua companhia (Cosmos Kolej) ser constituída por um conjunto de dezassete pessoas oriundas de oito nacionalidades diferentes, nela incluindo artistas canadianos, norte-americanos, columbianos, franceses, irlandeses, italianos, polacos e russos. Conforme sustenta Daniel Rocha, comentador do *Público* (6.6.1995, p.27 “Cultura”), «recusando o teatro de texto é natural que Znorko recuse também a tradição teatral francesa. Influenciado por outro polaco, o encenador Tadeusz Kantor, tenta, com os seus espectáculos, recuperar a ideia de felicidade que nos prometeram em criança e que adultos descobrimos ser mentira. Pensa nas suas peças como jogos de criança e diz que este é sobretudo um espectáculo musical.»

D. F. Leão

Ulisses

Produção: Itália

Data da Produção: 1954

Direcção Cinematográfica: Mario Camerini

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Império

Data: 12.10.1954.

Elenco: Actores – Silvana Mangano, Kirk Douglas, Anthony Quinn, Rossana Podestà, Jacques Dumesnil, Sylvie, Franco Interlenghi, Daniel Invernel.

M. F. S. S.

Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Ulyssipo*

Produção: Teatro Maizum

Encenação: Silvina Pereira

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: Dezembro de 1997.

A comédia “Ulyssipo” de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515?-1585?), interpretada pelo Teatro Maizum, fez regressar à cena um dramaturgo geralmente esquecido pelas companhias de teatro, num espectáculo que se integrou na celebração dos 850 anos da cidade de

Lisboa. A peça evoca a história de um cidadão da metrópole, de nome Ulyssipo, cuja vivência familiar funciona como um espelho da sociedade da época. Manuel João Gomes, crítico do *Público* (25.11.1997, p.29 “Cultura”), define-a desta forma: «uma sátira eminentemente alfacinha, por onde desfilam pais libertinos, alcoviteiras desbocadas, beatas falsas, rufias, letrados ávidos de subsídios, retornados das Índias, novos ricos, filhos e filhas tão emancipados quanto malcriados. Gente que fala uma linguagem original, mais perto da irreverência de Plauto e Terêncio que do artificialismo importado de Sá de Miranda. Um verdadeiro documentário da Lisboa quinhentista e da boa vida que nela se levava e uma verdadeira obra-prima do teatro cómico, onde, “avant la lettre”, o autor inventa Tartufos, Don Juans, Casanovas e outros tratantes.»

Elenco: Actores – Amílcar Azenha, Augusto Portela, Elisa Ferreira, Esmeralda Veloso, Eva Cabral, Fernando Pereira, Hélder Gamboa, Isabel Fernandes, João Maria Pinto, Rogério Jacques, Rui Pedro Cardoso, Rui Sérgio, Silvina Pereira.

D. F. Leão

António José da Silva, *As Variedades de Proteu* (Opereta)

Produção: Orquestra de Ópera da Emissora Nacional

Maestro Director: Filipe de Sousa

Encenação: Artur Ramos

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 26, 29, 31.7, 2, 5, e 7.8.1968.

Esta foi a estreia moderna da ópera de António José da Silva, apresentada pela primeira vez em 1737.

Elenco: Actores – Maria Fernanda Cruz (Cirene), Elizette Bayan (Dórida), Fernando Serafim (Proteu), Guilherme Kjolner (Nereu), Elsa Saque (Maresia), Armando Guerreiro (Políbio), Carlos Fonseca (Rei Ponto), João Veloso (Caranguejo); **Cenografia** – António Alfredo; **Coreografia** – Ana Másculo; **Figurinos** – António Alfredo.

M. F. S. S.

António José da Silva, *As Variedades de Proteu*

Música: António Teixeira

Produção: Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos

Direcção Musical: Gunther Arglebe

Encenação: Carlos Avilez

Data: 4, 7, 9, 14, 17, 21.1.1982.

A ópera de bonecos *Variedades de Proteu* de A. José da Silva estreou-se, em 1737, na Casa do Teatro Público do Bairro Alto, em Lisboa. Também do séc. XVIII é o compositor António Teixeira, que parece ter tido com o dramaturgo uma colaboração estreita e intervindo na composição musical para os diversos textos do 'Judeu'. Com uma formação feita em Itália, António Teixeira pode considerar-se um dos melhores compositores dramáticos da primeira metade do séc. XVIII em Portugal. No programa, Carlos Avilez fazia da encenação da ópera o seguinte comentário: 'Admite-se fortemente a possibilidade de na sua estreia no ano remoto de 1737 os actores (cantores) serem bonifrates, fantoches de cortiça pintada articulados com arames, ao gosto peninsular. (...) Dois séculos e meio após esta primeira apoteose, o Teatro de S. Carlos vê renovada a obra de António José da Silva (...) Desapareceram os bonifrates e os cantores preenchem hoje o seu lugar, com mais ou menos requinte, com as transformações irrecusáveis que o tempo determina'.

Elenco: Intérpretes – Isabel Mallaguerra (Cirene), Alice Marinho (Dórida), Fernando Serafim (Proteu), Mário Rodrigo (Nereu), Oliveira Lopes (Rei Ponto), Carlos Guilherme (Políbio), Elsa Saque (Maresia), José de Freitas (Caranguejo), Lourdes Norberto (Narradora); **Cenografia e Figurinos** – Helena Reis.

M. F. S. S.

A Vida Começa Hoje (Hélène)

Produção: França

Data da Produção: 1936

Direcção Cinematográfica: Jean Benoit-Lévy, Marie Epstein

1.ª Apresentação: (em Portugal) Coliseu

Data: 22.3.1938.

Elenco: Actores – Madeleine Renaud, Constant Rémy, Jeanne Helbling.

M. F. S. S.

António José da Silva, *A vida de Esopo*

Produção: Teatro de Marionetas do Porto

1.ª Apresentação: Teatro de Belmonte (?)

Data: (?) terça a sábado às 21.45 h e domingo às 18 h.

O Teatro de Marionetas do Porto levou à cena a peça de António José da Silva, mais conhecido por “O Judeu”, no Teatro de Belmonte.

António José da Silva desenvolveu, no decurso do séc. XVIII, o teatro de bonifrates como uma alternativa ao teatro espanhol, que, à época, estava em plena decadência, e à ópera italiana, cujo preço dos bilhetes a transformava num espectáculo de elite. No teatro de bonecos articulados, as árias ou minuetes rematavam as cenas principais. O local privilegiado para a apresentação deste tipo de espectáculos foi, no séc. XVIII, o Teatro do Bairro Alto, resultante da adaptação de um salão do Conde de Soure. Sabe-se que algumas peças foram representadas por verdadeiros actores.

A vida de Esopo ou *Esopaida* é uma peça escrita em 1734. *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança* (1733), *Encantos de Medeia* (1735), *Anfitrião*, *Labirinto de Creta* (ambas representadas em 1736), *Guerras de Alecrim e Manjerona*, *As Variedades de Prôteu* (1737), *Precipício de Faetonte* (1738) e *El Prodigio de Amarante* constituem títulos de uma obra vasta, apesar da vida breve: “O Judeu” foi condenado e executado em auto-de-fé em Outubro de 1739.

Quanto à produção do Teatro de Marionetas do Porto, não se cansaram os críticos de elogiar a encenação e o espectáculo em geral. Frase elucidativa do teor dos comentários é a de José Agostinho, em *Jornal de Notícias* da época: «É impossível a indiferença face a uma proposta como esta.»

Paulo Sérgio Ferreira

A Vida Privada de Helena de Tróia (The Private Life of Helen of Troy)

Produção: USA

Data da Produção: 1927

Direcção Cinematográfica: Alexander Korda

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema S. Luís

Data: 16.1.1929.

Elenco: Actores – Maria Corda, Lewis Stone, Ricardo Cortez.

M. F. S. S.

A Voz de Melpómene

Produção: Companhia Pé de Vento

Coreografia Teatral: Andrea Gabilondo (Mexicana)

Iniciativa: No Calor da Dança (promovida pela Companhia Pé de Vento)

1.ª Apresentação: Porto, Teatro da Vilarinha

Data: 22-23.7.1999.

Esta coreografia teatral é o produto do trabalho de dois músicos e três bailarinos, que integram, todos eles, o espectáculo. É seu objectivo, através da dança, do teatro e da música, recriar um conjunto sugestivo de temas e de géneros relevantes no mundo do espectáculo numa perspectiva diacrónica. Melpómene, a Musa da produção teatral, é a sugestão a partir da qual se evocam etapas fundamentais na história do teatro, do drama grego e latino, através da Idade Média, à época de Shakespeare até à actualidade. Com estas cenas (oito) cruzam pequenos quadros do quotidiano (sete) experimentado pelos artistas.

Elenco: Intérpretes – Linda Green (Viola), Robert Glassburner (Fagote, Contrafagote, Saxofone), António Portela, Susanne Rosler, Andrea Gabilondo.

M. F. S. S.

Vozes da Primavera

Música: Paulo Freitas

Textos: seleccionados por C. A. Louro Fonseca

Iniciativa: II Colóquio sobre ‘As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino’

1.ª Apresentação: Coimbra, Faculdade de Letras

Data: 3.5.1995.

No âmbito do II Colóquio ‘As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino’, decorreu um programa musical, executado por um grupo de estudantes, onde se incluíram os poemas *Primavera* de Íbico, *Ode IX* de Camões, de forte marca horaciana, e *Iam uer egelidos refert tepores* de Catulo (carne 46). Com estas três composições se exemplificava o poder inspirador que a voz da primavera sempre teve entre os poetas greco-latinos, ou aqueles que se exprimiram dentro da mesma tradição.

Elenco: Coro – Fátima Ferreira, Miguel Gonçalves, Nuno Renca, Bento Silva; **Músicos** – Manuela Barbosa, Rui Dias.

M. F. S. S.

G. F. Haendel, *Xerxes*

Produção: Teatro de Ópera de Leipzig (RDA)

Direcção Musical: Wolfgang Wappler

Tradução e Adaptação: Horst Gurgel, Joachim Herz, Eginhard Rohlig

Libreto: Nicolo Minato

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1977

Data: 14-15.4.1977.

No programa, duas informações se dirigiam ao leitor: ‘Declara-se expressamente que toda e qualquer semelhança do protagonista desta ópera com certa personalidade histórica igualmente real e de nome Xerxes, bem como a de outras personagens com figuras da história persa, é puramente ocasional’; e mais adiante: ‘A ordem dos números musicais é a original, com poucos cortes e alterações. A execução vocal e orquestral segue a prática dos tempos de Haendel. Também obedece a essa prática a nova escrita dos recitativos sobre o baixo-contínuo de Haendel (que se respeitou) – e que resulta da tradução do italiano para o alemão. A música em cena é acrescentada. A dramaturgia segue o original, salvo a eliminação de alguns episódios à margem da evolução da comédia e que a demoravam um pouco’. Importa ainda registar que as duas récitas se destinavam a um público infantil: dia 14, 21.00 horas, Grupo A – 10 anos; dia 15, 18.30 horas, Grupo B – 6 anos.

Elenco: Intérpretes – Edgard Wahlte (Xerxes), Gisela Pohl (Amestris), Elisabeth Breul (Romilda), Rudolf Riemer (Arsámenes), Heindrun Halx (Atalanta), Rainer Ludeke (Ariodates), Paul Glahn (Elviro); **Encenação** – Joachim Herz; **Cenários e Figurinos** – Bernhard Schroter; **Direcção dos Coros** – Werner Dienemann; **Coreografia** – Marion Schurath.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



PLAUTO

(Página deixada propositadamente em branco)

ANFITRIÃO

Plauto, *Anfitrião*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

Plauto, *Amphitruo (Anfitrião)*

Produção: Teatro Estúdio de Arte Realista – TEAR

Encenação: Castro Guedes

1.^a Apresentação: Porto, Auditório Nacional Carlos Alberto

Data: 25.5.1984

Outras: Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II), 18-22.7.1984.

Ver Vol. I, pp.201-202. Segundo *JL* 12-18.6.1984, a estreia foi a 25.5.1984 (e não a 18.5.1984 como antes havia sido noticiado).

Paulo Sérgio Ferreira

Plauto, *Anfitrião*

Produção: Grupo de Teatro Chama Viva

Iniciativa: VII Festival de Teatro Amador do Concelho de Sintra

Local: Massamá, Real Sport Club

Data: 4.5.1996.

M. F. S. S.

Augusto Abelaira, *Anfitriões*

Produção: Persona

Encenação: Guilherme Filipe

1.ª Apresentação: Algés, Primeiro Acto

Data: Novembro de 1988.

O grupo de teatro 'Persona' apresentou a peça *Anfitriões* de Augusto Abelaira no palco do Primeiro Acto, em Algés. O espectáculo surgiu cerca de dez anos após a publicação do texto, encomendado pela Secretaria de Estado da Cultura.

Tratou-se de um grande desafio na medida em que a obra fora inicialmente escrita como uma «telecomédia», isto é, como uma espécie de guião de uma produção televisiva a pensar em todos os meios de que o palco e a efemeridade teatral não podem dispor. Guilherme Filipe optou por paliativos que mais não conseguiram do que criar um espectáculo marginal em relação ao que se podia ver nos ecrãs: o movimento desviado e as rápidas mudanças de guarda-roupa reflectiram palidamente a montagem vertiginosa e a descontinuidade das imagens, assim como a dança na penumbra do palco em relação à imagem filmada. Sem poder contar com as trucagens televisivas e com as “dobragens” físicas dos vários amantes, no jogo de duplos, a poesia dos enganados apenas saiu a perder.

De acordo com Jorge Listopad, «o que, porém, fica quase por inteiro, neste espectáculo, é a reflexão sobre os homens e as mulheres que perseguem a felicidade nesta zona ambígua entre o amor e o desejo, a reflexão que é a fábula da moralidade sem moral convencional, a fábula irónica, voltaireana, do excelente dialogador – que, no texto, representa um novo gadget, o nosso novo robot de bolso, aquele que fala por nós, responde por nós, programado para dizer o que... estamos a dizer» (*Jornal de Letras*, 6.12.1988).

Procurou o grupo criar um espectáculo fiel ao texto, mas não conseguiu transmitir a fina ironia que perpassa toda a obra. Depois de um início titubeante, decorrente do facto da high-society se não assumir socialmente, as palavras passam a ter um lugar de relevo como meio portador dos desejos. O cenário constituiu um canal privilegiado para a comunicação desses desejos, sem negligenciar a caracterização estilística do espaço. Rui Marcelino está, por isso, de parabéns.

Quanto aos actores, Custódia Gallego saiu-se bem no papel de Juno. O seu olhar pôs a descoberto os segredos elegantes das mulheres. Uma certa torpeza, alguma ingenuidade, perspicácia e simpatia constituíram algumas das características de um Júpiter, interpretado por Guilherme

Filipe. Faltou ao humor de Carlos Borges algum espaço e afastamento em relação ao público. Isabel Leitão primou pela naturalidade e pelo ritmo. Os restantes actores não destoaram. Apesar disso, falharam pequenos pormenores, como a intonação, algum gesto a mais, o esquecimento não pensado de alguma parte do texto.

Este espectáculo foi nomeado para o Prémio Garrett da Secretaria de Estado da Cultura, na categoria de melhor espectáculo de autor português.

Elenco: Actores – Carlos Borges (Cupido, Sósia), Custódia Gallego (Juno), Guilherme Filipe (Júpiter), Isabel Leitão (Brómia, Josefina), Jorge Alonso (Mercúrio), Maria Almeida (Alcmena), Miguel Meneses (Anfitrião); **Cenografia** – Rui Marcelino; **Desenho de Luzes** – Luís Lopes; **Figurinos** – Guilherme Filipe.

Paulo Sérgio Ferreira

Norberto Ávila, *Uma nuvem sobre a cama*

Produção: Teatro d'O Semeador – A. A. C. P. T. (Portalegre)

Encenação: Vítor Pires

1.ª Apresentação: Portalegre, Convento de Santa Clara

Data: 17.2 – 31.3.1991

Outras: Lisboa (Comuna – Teatro de Pesquisa), 14-23.6.1991.

Ver Vol. I, pp.203-204.

José Luís Brandão

Luiz de Camões, *Auto chamado dos Anfatriões (1543-49)*

Produção: Companhia Amélia Rey Colaço – Robles Monteiro

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 20.3.1941.

Importa, antes de mais, rectificar que a Companhia Amélia Rey Colaço – Robles Monteiro estreou a peça *Os Anfatriões* de Luís Vaz de Camões a 20 de Março de 1941, pelas 16.00 horas, e não em 1943, como constara em *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, p.204: efectivamente, a confusão ficou a dever-se ao facto de, à época da publicação referida, não estarmos na posse de dados que só

agora nos foram facultados. Efectivamente, ao que parece, a peça *Os Anfítrões* de Luís Vaz de Camões terá sido representada três vezes na temporada de 1940-1941, com Igrejas Caeiro, no papel de Feliseo, e quatro vezes na época de 1943-1944, com Paiva Raposo, no papel de Feliseo. A tarde cultural no D. Maria II contou ainda, em 1940-1941, com a representação de *Filodemo* de Luís Vaz de Camões, ao passo que, em 1943-1944, o *Auto de El-rei Seleuco* foi a peça que acompanhou *Os Anfítrões* no palco do Teatro D. Maria II.

Quanto às peças representadas na 9.^a tarde cultural, a 20 de Março de 1941, importa referir que *Filodemo* já fazia parte do repertório da Companhia Amélia Rey Colaço – Robles Monteiro, ao passo que a peça *Os Anfítrões*, embora já tivesse sido representada no Teatro D. Maria II pelo TEUC (Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra), nunca antes fora levada à cena pela companhia lisboeta.

A peça *Os Anfítrões* de Luís Vaz de Camões, cuja edição *princeps* é de 1597, baseia-se em *Anfítrão* (*Amphitruo*) de Plauto e retrata o nascimento de Hércules. Se José Maria Rodrigues realçava a perícia e naturalidade de Camões na construção das redondilhas e o prejuízo que adviera à peça com a introdução de algumas cenas iniciais, bem ao gosto dos contemporâneos do poeta português, a verdade é que W. Stork não deixou de encarar a obra como uma «nacionalização magistral do clássico modelo de Plauto.»

Segundo o *Correio da Manhã* (21.3.1941), o espectáculo mais parecia um exercício de final de curso, dado que os actores tinham acabado recentemente o Conservatório. Embora merecedora de elogios, a “prova” pecara pela toada romântica, característica dos jovens actores. Faltou alguma naturalidade na maneira de dizer as redondilhas. De acordo com o *Diário de Notícias* (21.3.1941), «Espectáculo tão instrutivo como artístico, bem merecia mais avultada concorrência dos estudantes a quem era dedicado.»

António Botto (*Sports*, 3.4.1944) criticou, no espectáculo da temporada de 1943-1944, o mau aspecto da casa do lado esquerdo que mais parecia uma guarita. Elogiou, porém, a presença admirável de Raúl de Carvalho e o modo como disse o papel, assim como Paiva Raposo, pelas «inflexões expressivas» e pelas “atitudes sóbrias de sugestivo recorte”. Quanto a *Auto de El-rei Seleuco*, criticou as inúmeras falhas de encenação, de texto, de marcações e o despropósito de alguns adereços, mas elogiou alguns desempenhos.

A título de curiosidade, talvez valha a pena recordar os preços dos bilhetes: cadeiras – 5\$00, geral – 3\$00 e 2\$50, camarotes de 5 – ent. 25\$00 e 20\$00, entradas avulso para camarotes – 5\$00.

Elenco: Actores – Raúl de Carvalho (Amphitrião), Maria Côrte Real (Alcmena), Beatriz Santos (Bromia), José Cardoso (Callisto), Igrejas Caeiro (Feliseo, na representação de 1941), Paiva Raposo (Feliseo, na representação de 1944), Pedro Lemos (Sosea), Vital dos Santos (Belferrão), Mário Santos (Aurelio), Henrique Santos (Hum Moço de Aurelio), Virgílio Macieira (Jupiter), Augusto Figueiredo (Mercurio).

Paulo Sérgio Ferreira

L. Camões, *Os Anfitriões*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1959.

M. F. S. S.

Luís Vaz de Camões, *Auto chamado dos Enfatriões (1543-49)*

Produção: Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Encenação e Direcção: Pedro Lemos

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 20.4.1972

Outras: Leiria (Teatro José Lúcio da Silva), 24.4.1972.

O *Auto chamado dos Enfatriões* de Luís Vaz de Camões, que a Companhia do Teatro Nacional D. Maria II estreou no Teatro da Trindade a 20 de Abril de 1972 e repôs no Teatro José Lúcio da Silva, em Leiria, a 24 de Abril de 1972, pelas 21.30 horas, integrou-se num *Espetáculo Camoneano*, que contou também com a leitura, pelos actores e encenador, de textos de *Os Lusíadas*, desde a proposição ao episódio de Inês de Castro, e de alguns sonetos, cantigas e vilancetes de Camões. A organização do evento esteve a cargo do Ministério da Educação Nacional e da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*.

Júpiter, Mercúrio, Hércules, Anfitrião e a esposa são alguns dos intervenientes na acção que decorre diante e no interior da casa de Alcmena.

Quanto ao desempenho dos actores, mereceram especial aplauso da crítica Manuel Cavaco, no papel de Sósia, Luís Testa, como Moço de Aurélio, e Henriqueta Maya, enquanto Alcmena.

O espectáculo, vedado a menores de dez anos, foi gratuito. No final, uma grande ovação foi o reflexo do entusiasmo do público, maioritariamente jovem, que encheu o Teatro José Lúcio da Silva.

Elenco: Actores – Henriqueta Maya (Alcmena), Cristina Cassola (Brómia), Carlos Veríssimo (Feliseu), Varela Silva (Júpiter), Eduardo Jacques (Mercúrio), Luís Filipe (Calisto), Manuel Cavaco (Sósia), Rui Pedro (Anfitrião), Tomás de Macedo (Belferrão), Alberto Villar (Aurélio), Luís Testa (Moço de Aurélio); **Cenário e Figurinos** – Lucien Donnat; **Sonoplastia** – Leonel da Silva; **Ponto** – Mário Bernardo; **Contra-regra** – João Francisco.

Paulo Sérgio Ferreira

CAMÕES 72

(Os Enfatriões e El-Rei Seleuco)

Produção: Teatro Experimental de Cascais – TEC

Encenação: Carlos Avilez

Texto: *Os Enfatriões e El-Rei Seleuco*

1.ª Apresentação: Cascais, Teatro Gil Vicente

Data: 6.9.1972 (até Outubro?)

Outras: Lisboa (Teatro S. Carlos), 15.11.1972. Só *Os Enfatriões*: Torres Novas (Ginásio da Escola Industrial), 17.1.1973; Leiria (Ginásio da Escola Industrial e Comercial), 16.1.1973; Santarém, 18.1.1973; Setúbal, 19.1.1973; Liceu de Évora, 20.1.1973.

Ver Vol. I, pp. 205-209.

Paulo Sérgio Ferreira

L. Camões, *Comédia dos Anfitriões*

Produção: TELA (Teatro Experimental de Leiria)

Encenação: José Valentim Lemos

1.ª Apresentação: Leiria

Data: 20.5.1986

Outras: Lisboa (Sala Experimental do Teatro D. Maria II), 4-13.7.1986.

Ver Vol. I, pp. 210-211.

José Luís Brandão

Guilherme de Figueiredo, *Um deus dormiu lá em casa*

Produção: Companhia de Teatro Experimental do Porto

Encenação: Augusto Gomes

1.ª Apresentação: Porto, Teatro de Algibeira do Círculo de Cultura Teatral

Data: a partir de 19.3.1957 até Julho.

Ver Vol. I, pp. 211-212.

José Luís Brandão

António José da Silva, *Anfitrião*

Produção: Grupo Cénico da Faculdade de Letras de Lisboa

Encenação: Luís Miguel Cintra

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Vasco Santana

Data: 20.6.1969.

Ver Vol. I, pp. 213-215.

Paulo Sérgio Ferreira

António José da Silva, *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*

Co-Produção: TEAR / OS COMEDIANTES

Direcção e Encenação: Moura Pinheiro

1.ª Apresentação: Porto, TEARTO

Data: 6.7.1990.

Ver Vol. I, pp. 216-217.

José Luís Brandão

Heinrich Von Kleist (1777-1811), *Amphitryon* (1806)

Produção: Schaubuhne am Lehnimer Platz-Berlim

Encenação: Klaus Michael Gruber

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 16-17.5.1992.

Ver Vol. I, pp. 217-220.

Paulo Sérgio Ferreira

ASINARIA**Plauto, *O Preço dos Burros***

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

AULULARIA**Plauto, *Aulularia***

Produção: Grupo Universitário de Teatro Cultural

Encenação: Eurico Lisboa (Filho)

Data: 1950 / 1960.

Ver Vol. I, p. 221.

Plauto, *A Panela das Moedas*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

Plauto, *A Panela das Moedas*

Produção: Companhia Rey Colaço – Robles Monteiro

1.ª Apresentação: Teatro Nacional D. Maria II

Data: Março de 1967.

Dentro de um plano promovido pela Companhia Rey Colaço – Robles Monteiro, Eurico Lisboa proferiu duas conferências no âmbito do Teatro Greco-Latino, acompanhadas de representação de cenas de diversas peças, entre as quais a *Panela das Moedas* de Plauto.

Elenco: Actores – Luís Filipe (Euclião), Manuel Correia (Megadouro), António Teixeira (Estróbilo), Benjamim Falcão (Licómido).

M. F. S. S.

Plauto, *Aulularia*

Produção: Grupo Cénico da C. N. N.

1.ª Apresentação: Algés, Sala do 1º Acto

Data: 25.6.1972

Outras: Mesmo local, 26.6.1972.

Tratou-se de uma recriação de Ruy de Matos.

José Luís Brandão

Plauto, *Aulularia*

Produção: Fatias de Cá – Tomar

Encenação: Carlos Carvalheiro

Tradução: Walter de Medeiros

1.ª Apresentação: Ruínas de Conimbriga

Data: 9.7.1991

Outras: Ruínas de Conimbriga, a partir de 3.10.1999.

Ver Vol. I, pp.221-222. O grupo Fatias de Cá voltou a apresentar a *Comédia da Marmita* de Plauto nas ruínas de Conimbriga, a partir do dia 3.10.1999, todos os primeiros domingos do mês, entre as 14.30 e as 17 horas. Este espectáculo funciona como uma visita guiada às ruínas, com sessões contínuas, de 15 em 15 minutos, para grupos sucessivos de espectadores.

José Luís Brandão

Molière, *O Avaro*

(Comédia em 5 actos)

Produção: Companhia de Teatro do D. Maria II

Tradução: (libérrima) do Visconde de Castilho

1.ª Apresentação: Porto, Real Theatro de S. João

Data: 2.6.1900

Outras: Porto (Real Theatro de S. João), 3.6.1900, 7.6.1900 e 10.6.1900

Reposições: Porto (Real Theatro de S. João), 19.5.1901, 22.5.1901; Braga (Teatro Circo?), 3.6.1901; Porto (Real Theatro de S. João), 13.3.1902; Porto (Real Theatro de S. João), 27.5.1903; Porto (Theatro do Principe Real), 23.5.1905; Porto (Theatro do Principe Real), 5.10.1906; Porto (Real Theatro de S. João), 25.5.1907; Porto (Theatro do Principe Real), 13.5.1908.

A propósito das representações da peça *O Avaro* de Molière pela Companhia de Teatro do D. Maria II, os jornais da época elogiaram os «versos primorosos e scintillantes de fina graça» (*JN*, 3.6.1900) da tradução do Visconde de Castilho e o desempenho de Ferreira da Silva no papel de Harpagão. Os sucessivos espectáculos foram vistos por grande número de pessoas e acompanhados de grande ovação.

Elenco: Actores – Ferreira da Silva (Harpagão), Carlos Santos, Joaquim Costa, Fernando Maia, Luz Velloso, Cecilia Machado.

Paulo Sérgio Ferreira

Molière, *O Avaro*

Produção: Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Príncipe Real

Data: 5.10.1906.

A companhia do Teatro Nacional de D. Maria II, anualmente recebida com prazer pelo público portuense do início do século (segundo *JN* 6.10.1906), interpretou “por maneira preciosa”. Todos os actores representaram com a maior perfeição, arrebatando grandes aplausos ao público que afluía em grande número. Sobretudo foi premiado o talento superior de Alfredo Ferreira da Silva “que tem uma verdadeira criação no *Avaro*” e interpretou o protagonista (segundo *O Tripeiro*, ano V) “com um rigor e uma minúcia de detalhes inexcedíveis”. Mais tarde, a 1 de Junho de 1917, este actor, na sua festa artística, realizada no Sá da Bandeira,

será bastante aplaudido pelo seu superior desempenho de dois papéis principais, um deles no 4.º acto do *Avarento*.

Uma falha de organização, apontada por todos quantos assistiram à peça, é interessante por revelar os hábitos e o gosto da época: a falta de uma orquestra de câmara que interpretasse alguns trechos musicais nos intervalos.

Elenco: Actores – Ferreira da Silva (*Avarento*), Joaquim Costa, Fernando Maia, Carlos Santos, Cecília Machado, Luz Velloso, “e os demais”.

José Luís Brandão

Molière, *O Avarento*

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 1.6.1917.

Elenco: Actores – Ferreira da Silva, Beatriz Viana, Teodoro Santos, Tomás Vieira, Manuel Rocha.

M. F. S. S.

Molière, *O Avarento*

Encenação: Alves da Cunha

Tradução: Guedes de Oliveira

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 26.4-8.5.1941, 15.5.1941.

Com versão literal de Guedes de Oliveira, o *Avarento* de Jean Baptiste Poquelin «Molière» foi representado pela primeira vez em prosa em Portugal. Antes tinha sido apresentado por Ferreira da Silva, mas em versos de Castilho.

Da interpretação, classificada pela crítica jornalística (*Diário de Lisboa*, 28.4.1941) de “aceitável” e, por vezes “muito boa”, destacou-se o “trabalho magistral” de Alves da Cunha – que incarnou o papel principal –, o “tom astucioso e melífluo, duma verdade surpreendente” de Emília Oliveira; o “tom malicioso e a desenvoltura” de Manuel Correia no papel de criado ladino e assustado, as “silhuetas graciosas de sécias, vestidas com perfeita elegância” e a “vivacidade” que Brunilde Júdice e Madalena Sotto imprimiram ao pitoresco do quadro de costumes pintado por Molière, a “intenção cômica” procurada por Silvestre Amorim na dupla per-

sonagem de cocheiro e cozinheiro vítima do seu próprio embuste, o “brilho” do papel de galãs conseguido por Luís Filipe e João Perry.

A indumentária e o mobiliário, dentro das possibilidades do nosso teatro, sugeriram com propriedade o ambiente do século XVII em que decorre a acção.

Elenco: Actores – Alves da Cunha (Avarento), Emília Oliveira («Frosina»), Manuel Correia (Criado), Brunilde Júdice, Madalena Sotto (Sécias), Silvestre Amorim (Personagem dupla: Cocheiro e Cozinheiro), Luís Filipe, João Perry (Galãs), Jorge Grave, João Calazans, Álvaro Barradas, Artur Honra (papéis secundários).

José Luís Brandão

Molière, *O Avarento*

Produção: Grupo de Teatro da Sociedade de Instrução Tavadense

Encenação: Jorge M. de Sousa

Tradução: Paulo Quintela

1.ª Apresentação: Leiria, Teatro José Lúcio da Silva

Data: 7.2.1969.

Promovida pela Conferência de S. Vicente de Paulo (homens) de Leiria, a representação da comédia em cinco actos, original de Molière, numa tradução de Paulo Quintela, é anunciada em cartaz como um “espectáculo para adultos”.

No cartaz transcreve-se uma nota, da autoria de Ana Paula Quintela Ferreira, com uma resumida história da vocação de Molière, que, influenciado pela leitura, no original, de Plauto e Terêncio, decide renegar o ofício do pai, de tapeteiro do rei, e dedicar-se ao teatro. Explica-se também o tema da peça, decalcado da *Aulularia* de Plauto, e a origem do nome falante do avarento Harpagão: do grego *harpagē* ‘rapacidade’. São ainda apresentados os variados preços: camarote: 100\$00; tribuna: 25\$00; plateia– filas H – Q: 25\$00; filas A – G: 35\$00; balcão: 12\$50, com socorro social incluído.

Elenco: Actores– João Medina (Harpagão), José Medina (Cleanto), Maria Inês Barbosa Lavos (Elisa), João de Oliveira Júnior (Valério), Alice Pereira Lontro (Mariana), Fernando Reis (Anselmo), Violinda Medina e Silva (Eufrosina), José Luís do Nascimento (Simão), João Cascão (Tiago), Amílcar M. Vitorino (Setas), Oflia Medina Cordeiro (Cláudia), Augusto de Jesus (Palhinhos), Júlio R. Teixeira (Marmota), António

Santos (Comissário); **Ponto** – José Alberto Neto; **Contra-regra e Som** – Adriano Silva; **Luz** – José Ramos de Almeida; **Guarda-roupa** – Alberto Anahory; **Cenário** – José Maria Marques.

José Luís Brandão

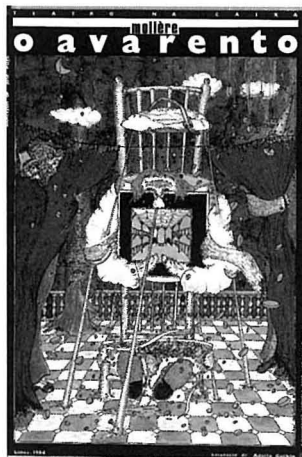
Molière, *O Avaro*

Produção: Teatro na Caixa

Encenação: Adolfo Gutkin

1.ª Apresentação: Lisboa (antiga Fábrica de Cerâmica Lusitana, ao Campo Pequeno e ao Palácio das Galveias, Rua do Arco do Cego, n.º 88)

Data: 25.5.1984.



O Teatro na Caixa (Grupo de Teatro dos Serviços Sociais da Caixa Geral de Depósitos) estreou, a 25 de Maio de 1984, pelas 21.00 horas, a peça *O Avaro* de Molière, na Rua do Arco do Cego, n.º 88, em Lisboa (antiga Fábrica de Cerâmica Lusitana, ao Campo Pequeno e ao Palácio das Galveias). Com esta peça conquistou o Teatro na Caixa o segundo lugar no Festival de Teatro Amador promovido pela Câmara Municipal de Lisboa. O *Diário Popular* de 27.2.1985 informa-nos de que a peça estava a ser apresentada em reposição às quintas, sextas e sábados. Temos ainda as notícias das representações em Angra do Heroísmo e em São Miguel nos meses de Setembro e de Outubro de 1985.

Em 1974, um grupo de teatro, de nome “Hipopótamos”, constituído por funcionários da Caixa Geral de Depósitos, iniciou a sua actividade com a representação de textos colectivos e de autores como Romeu Correia e Costa Ferreira. Extinguiu-se, porém, em 1978. Posteriormente, novo grupo se formou, financeiramente dependente da Caixa Geral de Depósitos, mas com toda a liberdade de escolha de repertório, de contratação de encenadores e de gestão do dinheiro. A primeira peça apresentada pelo Teatro na Caixa foi *Tio Vânia* de Anton Tchekov, que, juntamente com *Terramoto no Chile*, de Kleist, apresentado pelo Teatro do Mundo, conquistou o Prémio da Crítica, atribuído pela Associação Portuguesa de Críticos, e, isoladamente, o Prémio da Intersindical para o Teatro Amador. A Rogério de Carvalho e a José Manuel Castanheira couberam os prémios para a melhor encenação e a melhor cenografia, respectivamente.

Um dos factores que mais pesou na escolha de *O Avarento* como nova produção do grupo foi o facto de grande parte do trabalho já estar realizada, visto que Adolfo Gutkin, quando contactado, estava a dar um curso de dramaturgia com esta peça.

O Avarento, comédia estreada em 1668, não suscitou a polémica que haveria de causar *O Tartufo* no ano seguinte. Efectivamente, a caricatural evocação trágico-cómica de um meio burguês era, certamente, do agrado da nobreza do Palais-Royal. Se a *Comédia da marmita* de Plauto forneceu algumas personagens e o essencial do enredo, a verdade é que Jean-Baptiste Poquelin, de pseudónimo Molière, também se inspirou em *La belle laideuse* de Boisrobert, em *La veuve* e *Les esprits* de Larivey, e em *La dame d'intrigue* de Chappuzeau. Numa ou noutra cena, ainda se vislumbram aspectos que fazem lembrar *Os Supostos* de Ariosto e diversas intrigas italianas: *L'amant trahi*, *Le docteur hypocrite*, *Arlequin dévaliseur de maisons*. O conjunto foi polvilhado com anedotas sobre avarentos que faziam parte da tradição cómica. Apesar de todas estas influências, a verdade é que a obra de Molière tem um cunho muito pessoal, resultante do contexto histórico em que viveu e da sua originalidade artística. Assim, Harpagão não é uma simples reincarnação do pobre Euclião, apenas preocupado em conservar a marmita: antes procura enriquecer o seu património à custa da usura e dos negócios escusos. É tão sovina que não satisfaz sequer as necessidades da sua casa. A avareza desta personagem depressa assume contornos de uma verdadeira patologia: abafa por completo a possibilidade de um amor paternal e inibe os desejos sensuais do velho. A obsessão em proteger a caixa com os 10 000 contos torna-o imprudente. A constatação do roubo leva-o a fazer uma oração fúnebre pela caixa, a manifestar a cólera contra o ladrão, a ver em cada espectador um potencial gatuno, e, no termo de um vertiginoso monólogo, a desejar a sua morte. A loucura, estado tão característico de diversos heróis trágicos, assume, porém, na obra de Molière, uma dimensão cómica por intervenção de processos como a caricatura e o burlesco. Não nos esqueçamos de que os membros da burguesia, embora comprassem títulos de nobreza, jamais poderiam ser heróis de tragédia.

A vida nada ensinou a Harpagão....ou melhor, a sua obstinação não lhe permitiu aprender a lição. Ignorado pelos filhos, que se encontram casados a seu gosto, Harpagão continua a procurar a riqueza sem olhar a meios.

Estamos perante uma comédia de caracteres e de costumes, que desenvolve o tema da avareza nas suas componentes psicológica e moral. O público actual não está, porém, preparado para lições de moral.

A propósito dos princípios que presidiram à encenação desta comédia, escreve Adolfo Gutkin ("Texto/notas do encenador"), ence-

nador argentino que Jorge Listopad (*JL*, 5-11.6.1984, p.38) considera muito completo no modo como associa teoria e prática: «Uma tradição não se conserva através de sucessivas renovações, só que não queremos fazer precisamente o contrário do que sempre se fez. Seria fácil. Não queremos venerar o passado nem submeter-nos aos tiques do presente. A nossa leitura é calma, clássica em certo sentido.

Utilizo, inclusivamente, indicações cénicas do próprio Molière quando estreou a sua obra em 1668.

O Avarento revela um fundo de tragédia sobre um “canevá” de *Commedia dell’Arte* – que outra coisa é Harpagão senão Pantaleone em Paris, já sem a sua meia máscara veneziana mas com todos os seus outros atributos; – e talvez por isso, tentamos um jogo de actores que é um meio caminho entre a caricatura patética e o verismo psicológico.»

Gutkin suprimiu cenas do texto original, de modo a encurtar o espectáculo e a concentrar a atenção do público na loucura de Harpagão.

O espaço, concebido por José Castanheira num prédio datado de 1890, reflecte uma conjugação dos teatros à italiana, isabelino e *en rond*, com o palco moderno que pressupõe um espectador co-criador do espectáculo. Certo crítico, porém, considerou este espaço mais próximo do *corral* do século de ouro espanhol do que propriamente do teatro isabelino. Sobre um chão falso, ergueu-se um teatro quadrangular, com o público disposto em três dos lados e uma abertura para os bastidores no quarto. Esta estrutura pode sugerir uma recriação, ainda que menos sofisticada, da “casa das máquinas” do Rei-Sol. A propósito deste espaço, escreve Maria Helena Serôdio (*O Diário*, 24.6.1984): «entrar na sala que J. Castanheira concebeu é desde logo oferecer-se à cumplicidade em corpo inteiro: porque nos sentamos naquelas galerias em madeira a circundarem o espaço de cena, ou porque espreitamos pelas portas em arco que perspectivam a distância de um interior para lá daquele rectângulo forrado a branco e que é lugar de evolução de actores. De início ele é o tabuleiro de xadrez com quadrados pretos que os actores levantam transpondo depois para si o código de marcações e gestos que um jogo qualquer pressupõe: aqui o jogo social e teatral exhibe-se, pois, como é, pelas leis que cria e que o criam. Espaço é, assim, clarificação de relações no lugar de cena e forma de seduzir pela cumplicidade nossa de entrarmos num cenário feito também para espectadores.»

O público depara-se, no início do espectáculo, com um Molière, vestido de roxo e dourado, que desce a escadaria do edifício a “comandar” as suas personagens. Embora demarcada em relação aos acontecimentos do palco, a verdade é que a personagem do comediógrafo está constantemente em cena. O chão do palco apresenta quadrados pretos que o tornam semelhante a um tabuleiro de xadrez. As personagens estão dis-

postas neste tabuleiro e, logo que Molière estala os dedos, começam a mover-se. É uma forma de substituir as pancadas homónimas. Neste jogo, o encenador movimenta as restantes personagens até fazer xeque-mate a Harpagão. Os actores pegam nos quadrados pelas pontas e dançam uma quadrilha discreta. Esta dança reflecte o ambiente dos salões da época e o momento em que os actores entram no jogo social. Sentado à secretária, Molière observa a sociedade que o rodeia e procura estudar os processos de a recriar criticamente através do teatro. Vela, assim, pela aplicação dos princípios da coerência, da verosimilhança, controla os efeitos de surpresa e regula os artifícios de linguagem. O desempenho de Vítor Abrantes confirma esta interpretação. A sua roupa é a única que apresenta traços típicos das ricas roupas da corte. Na estreia da peça, em 1668, Molière desempenhou o papel de Harpagão. A personagem do autor, criada por Gutkin, também tomou parte na acção... mas no papel de Anselmo, o pai reencontrado de Valério e de Mariana. Com esta opção pretende Gutkin sugerir a onnipresença e a onnipotência do autor no desenvolvimento da intriga e no recurso a soluções inesperadas. Molière é um verdadeiro *deus ex machina*.

Como a beleza deste espectáculo também se faz de pequenos pormenores, importa notar o facto de uma maçã de metal, que sacia sucessivamente a cupidez de Harpagão e de Frosina, se vir a revelar um objecto sem valor. Outro pormenor importante para a caracterização de Harpagão surge no momento em que esta personagem se senta à mesa de Molière e substitui os escritos do comediógrafo pelos registos da sua contabilidade. Engraçados resultam também o orgasmo de Harpagão quando toca no dinheiro e os cornos que Frosina lhe faz quando o penteia, em clara alusão ao futuro do seu casamento com a jovem Mariana.

Uma das críticas que se apontou a Gutkin foi o facto de o espectáculo não ter conseguido reflectir a complexidade psicológica e moral do nosso século. O encenador não aproveitou a máscara que as personagens colocavam na presença de Harpagão. Não perturbou os moralistas da burguesia e as cenas vistosas não suscitaram no público a subjectiva reflexão sobre as causas e os fenómenos. O sistema de repetição, adoptado na segunda parte, contribuiu para a concretização de um espectáculo mais musical do que dramático, mais de marionetes do que do jogo de actores prometido.

Segundo Tito Lívio (*A Capital*, 5.7.1984), «na direcção de actores reside precisamente um dos pontos mais fracos desta encenação.» De um modo geral, Gutkin não apostou na análise psicológica das personagens, em prol de uma fachada bonita e caricatural. Isto é evidente em Harpagão e nos criados: Sérgio Martins é um Harpagão, cujo fato negro e os braços recurvos sugerem o movimento das asas do corvo e a deformação do

carácter da personagem principal. Quanto aos criados, Gambozino e Melro, um tem sempre a boca aberta e o outro gagueja. A crítica divide-se a propósito destas opções: Tito Lívio (*A Capital*, 5.7.84) considera esta definição das personagens superficial, estereotipada e demasiado simplista. Ainda segundo o crítico de *A Capital*, ninguém anda como este Harpagão e a sua gesticulação é excessiva. Maria Helena Serôdio (*O Diário*, 24.6.1984) elogia «a gestualidade algo bufónica da commedia dell'arte (nos criados Gambozino e Melro, por exemplo, e exemplarmente em Harpagão, num trabalho notável de Sérgio Martins).» Na opinião de Teresa Lopes Coelho (*Expresso*, 9.6.1984), Sérgio Martins conseguiu transmitir bem a natureza dramática ambígua de Harpagão e, assim, suscitar no público os mais variados sentimentos. Com intuição e sobriedade, construiu o actor uma personagem que motivou o riso, a cumplicidade e a simpatia do público jovem, que tentou esclarecer os equívocos em que a personagem se viu envolvida.

O desempenho de Genoveva Pereira, no papel de Frosina, primou, no entender da maioria dos críticos, pela naturalidade, pela intencionalidade nos movimentos e pelo acerto nos tempos. Foi uma alcoviteira cheia de manhas, maliciosa e oportunista. Tito Lívio (*A Capital*, 5.7.1984) achou-a muito morta. Luís Lameiro, no papel de Valério, conseguiu criar uma mecânica de comportamento, ainda que um pouco enferrujada. Ana Nogueira conseguiu recriar a beleza de Mariana. José Rodrigues esteve muito bem nos papéis de cozinheiro e de coxeiro, assim como Manuela Fernandes, Adriano Catarino e Paulo Guerra, a desempenharem os papéis de criados. Mesquita Dinis, enquanto Seta, foi um criado astuto e decidido, conforme manda a tradição. A inexperiência dos actores mais novos reflectiu-se nos duetos de amor, algo insossos e convencionais. A crítica foi unânime, porém, em admitir as falhas a nível da colocação de voz.

Os figurinos, da autoria de Fátima de Sousa, primaram pela sobriedade que misturou os tons pastel e branco num recorte de evocação histórica que celebrou a vida e o amor em contraste com o negro da usura e da avaréza. Além de Harpagão, também as personagens que representam a Justiça vestiram roupas de tons escuros.

A iluminação poderia ter sido mais elaborada e segura, mas o material não o permitiu.

A música original de Carlos Paredes, de acordo com alguns críticos, dramatiza o que o olhar já contempla; pela carga de associações e memórias tipicamente portuguesas que transporta, não se adequa, no entender de outros críticos, ao enredo em causa.

Consideráveis foram os meios que um projecto deste tipo envolveu. O Teatro na Caixa contou, para esta produção, com o apoio dos Serviços Culturais da Embaixada Francesa em Lisboa, da Sapataria Italus, da

Antiga Casa José Alexandre, Lda., de Novo Figurino, de G.I.T.T. e de Rank Xerox; e com a colaboração de Helena Paula, de José Urbano Leal, de António Barra, de Cândida Suzano, de Carlos Alberto Salgado, de Ernesto Ceriz, de Fernanda Morais, de Francisco Silva, de Idalina Nogueira, de Ilda Gomes, de João C.R., de João Paulo Correia, de João Salgado, de Jorge Silva, de José Rebocho, de José Reis, de José Rosa, de Luís Oliveira, de M.^a Céu Pires e de Paula Cruz.

Elenco: Actores – Sérgio Martins (Harpagão), Pedro Santos (Cleanto), Margarida Seabra (Elisa), Luís Lameiro (Valério), Ana Nogueira (Mariana), Vitor Abrantes (Anselmo), Genoveva Pereira (Frosina), José Rodrigues (Tiago), Mesquita Dinis (Seta), Manuela Fernandes (Claudina), Adriano Catarino (Gambozino), Paulo Guerra (Melro), Mesquita Dinis (Comissário da Polícia), José Henriques (Escrivão); **Espaço Cénico e Cartaz** – José Manuel Castanheira; **Música Original** – Carlos Paredes; **Cantora** – Elisa Pais; **Banda Sonora** – Luís Martins Saraiva; **Figurinos e Caracterização** – Fátima Sousa; **Mestre de Guarda-roupa** – Emília Lima; **Montagem e Direcção de Cena** – José Puga; **Ajudante de Montagem** – Teodósio Martins; **Luzes** – Adolfo Gutkin, José Castanheira; **Técnico Responsável de Luz e Som** – José Gouveia; **Instalação Eléctrica** – Francisco José Ramos; **Operação de Luzes e Coordenação de Produção** – Elisa Brás; **Operação de Som** – Maria Luisa Klinker; **Organização do Programa** – Casimiro Branco.

Paulo Sérgio Ferreira

Molière, *O Avaro*

Produção: Os Plebeus Avintenses (V. N. Gaia)

Encenação: Roberto Merino

1.^a Apresentação: Avintes, Sala de “Os Plebeus Avintenses”

Data: 20.12.1986

Outras: Vilar do Paraíso (Sede do Dramático), 21 (?).3.1987 (a assinalar o Dia do Teatro de Amadores); Seia (Festival Internacional de Teatro da Beira Interior / 87), a partir de 2.5.1987.

Ver Vol. I, pp.224-225.

José Luís Brandão

Molière, *O Avaro*

Produção: Grupo da Juventude Povoense

1.ª Apresentação: 10.ª edição do Festival de Teatro de Póvoa do Lanhoso

Data: ? – 28.11.1998.

José Luís Brandão

Molière, *O Misanthropo*

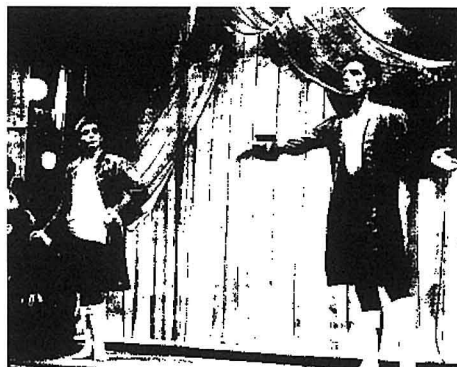
Produção: Teatro da Cornucópia

Encenação: Luís Miguel Cintra

Tradução: Luís Miguel Cintra

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro
Laura Alves

Data: 1973.



O Teatro da Cornucópia, fundado em 1972, estreou-se, em 1973, com *O Misanthropo* ou *O atabiliário apaixonado* de Molière, um espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. A tradução, encenação e coreografia esteve a cargo do nome já conhecido, do Grupo Cénico da Faculdade de Letras de Lisboa, e membro fundador da *Cornucópia*: Luís Miguel Cintra. Os grandes clássicos eram uma forma de evitar a foice da censura e, neste texto, não houve cortes.

As expectativas eram elevadas. Muito aclamado por algum público lisboeta, tratou-se de um “espectáculo muito cuidado, muito formalista e desequilibrado” – assim é descrito por Manuel Rio-Carvalho, dez anos mais tarde, numa crítica retrospectiva (*JL* 21-27.2.1984) – cujo principal defeito foi a falta de homogeneidade na actuação dos actores. Também o cenário foi acusado de servir para qualquer peça e não só para *O Misanthropo*. Por comparação com o brilhante trabalho de Luís Miguel Cintra no *Anfitrião* de António José da Silva, no Grupo Cénico da Faculdade de Letras em 1969,¹⁶ *O Misanthropo* resultou “frouxo”. Em consequência, o espectáculo era consumido desatentamente pelos espectadores.

Elenco: Actores – Filipe la Féria (Filinto), Luís Miguel Cintra (Alceste), Jorge Silva Melo (Oronte, Guarda), Glicínia Martin (Celimena), Carlos Fernando (Basco), Raquel Maria (Eliante), Luís Lima Barreto (Clitantro),

¹⁶ Ver Vol. I, pp.213-215.

Orlando Costa (Acasto), Dalila Rocha (Arsínoe), Carlos Fernando (Dúbua);
Coreografia – Luís Miguel Cintra; **Luzes, Carpintaria e Direcção de Cena** – Pedro d'Orey; **Telões** – José Manuel; **Guarda-roupa** – Elisa Alves; **Secretária** – Helena Domingos.

José Luís Brandão

Ariano Suassuna, *O Santo e a Porca*

Produção: Os Plebeus Avintenses

Encenação: Fernanda Alves

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 31.8.1969

Outras: Avintes (Salão Paroquial), 14.9.1968; Espinho (Cine-Teatro do Grande Casino), 1968; Valadares; Lisboa (Teatro da Trindade), 3.3.1969.

Ver Vol. I, p.223.

José Luís Brandão

Ariano Suassuna, *O Santo e a Porca*

Produção: “A companhia de Cacilda Beker”

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Monumental

Data: década de 60.

M. F. S. S.

EPÍDICO

Plauto, *Epídico*

Direcção e Encenação: Ana Maria Almeida

Tradução: Walter de Sousa Medeiros

1.ª Apresentação: São Jorge, Açores, Escola EB 2,3/S (Sala de Convívio dos Alunos)

Data: Abril de 1996.

No ano lectivo de 1995-1996, Ana Maria Almeida, professora de Latim na Escola EB 2,3/S de Velas (São Jorge, Açores), sugeriu aos alunos que frequentavam os 10.º e 11.º anos da sua disciplina a encenação de uma comédia latina. Propostas diversas peças, os alunos viriam a optar pelo *Epídico* de Plauto, na versão de Walter de Sousa Medeiros.

A peça latina foi representada quase na íntegra e iniciou-se com uma introdução dialogada, a cargo da encenadora e da aluna Cristina Magina que procuraram, desta forma, explicar o cenário, apresentar as personagens e pôr o público ao corrente da história.

Com o apoio da Escola, em particular do Conselho Directivo, Ana Maria Almeida dirigiu e encenou este interessante trabalho com a colaboração dos alunos e de alguns funcionários. Os alunos, que se ocuparam da interpretação de quase todos os papéis (à excepção do de lirista, desempenhado pela professora Lucinda Costa), criaram o vestuário e, com a ajuda do carpinteiro da Escola, o cenário, simples, constituído por uma estrutura de madeira que representava as convencionais três portas da comédia antiga.

O público, composto por quase toda a Escola, aplaudiu com entusiasmo o esforço e dedicação dos seus colegas e amigos. No final, foram entregues aos jovens actores diplomas de participação.

Elenco: Actores – Dénia Azevedo (*Epídico*), Lucília Sousa (*Tesprião*), Ana Paula Moura (*Perífanos*), Joselina Oliveira (*Apécides*), Maria Amélia Furtado (*Queribulo*), Rui Brasil (*Estratípocles*), Marília Soares (*Escudeiro*), Cláudio Monteiro (*Soldado*), Maria Pacheco (*Filipa*), Lucinda Costa (*Lirista*), Karen Matos (*Teléstis*); **Contra-regra** – Iolanda Ávila.

Luísa de Nazaré Ferreira

Plauto, *Epídico*

Produção: *Thíasos* do Instituto de Estudos Clássicos de Coimbra

Encenação: Paulo Sérgio Ferreira

Tradução e Adaptação: Walter de Sousa Medeiros

1.ª Apresentação: Coimbra, Faculdade de Letras, Teatro Paulo Quintela

Data: Ante-estreia: 20.4.1999; estreia: 21, 27 e 28.4.1999



Outras: Aveiro (Salão Paroquial da Sé), 22.4.1999; Viseu (Auditório do Instituto Português da Juventude), 30.4.1999; Conimbriga, 18.7.1999; Coimbra (Museu Machado de Castro), 22.7.1999; Tomar (Auditório da Biblioteca Municipal de Tomar), 1.8.1999; Coimbra (Faculdade de Letras, Teatro Paulo Quintela), 11.11.1999; Leiria (Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo), 1.3.2000; Cantanhede (Escola Secundária de Cantanhede), 2.3.2000; Conimbriga, 5.2000; Segóbriga (Teatro Romano), 9.5.2000; Conimbriga (Pedreira), 24.6.2000; Coimbra (Praça 8 de Maio), 1.7.2000; Viseu (Museu Grão Vasco), 2.7.2000.

Em Novembro de 1998, começou o trabalho de realização de *castings* para captar novos membros para o *Thíasos*. Procedeu-se, em seguida, à leitura da peça em conjunto e à distribuição dos papéis. Teve-se em conta o facto de *Epídico* ser uma obra dramática de «tipos “binários”» e de, como referiu o Prof. Doutor Walter de Sousa Medeiros, «O “duplo”» reflectir, «atenuada ou reforçada, uma peculiaridade da personagem principal.»¹⁷ O Grupo contou, ainda nesta fase inicial, com a preciosa colaboração do Prof. Doutor Walter de Sousa Medeiros, que, além de lhe dar dicas para a interpretação da peça, indicou os cortes que se poderiam fazer, para o espectáculo não ficar demasiado extenso.

Após as Férias de Natal, o *Thíasos* intensificou os ensaios, que decorreram no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras, de terça a sexta, entre as 18.00 e as 20.00 h. Foi mais fácil conjugar as disponibilidades dos actores devido ao facto de a peça apresentar dois grupos de personagens que nunca se cruzam no decorrer da acção: assim, os jovens Estratípocles e Queribulo, o Onzeneiro e Teléstis nunca contracenam com os velhos Apécides e Perífanos, o Escravo de Perífanos, a Lirista anónima, o Soldado fanfarrão, Filipa e Acropolístis. Tesprião, escudeiro de Estratípocles, só aparece na cena inicial para dar conta a Epídico do

¹⁷ PLAUTO, *Epídico* (Introdução, versão do latim e notas de MEDEIROS, Walter de Sousa), Coimbra, INIC, 21988, 16.

facto de o seu inconstante senhor se ter enamorado de uma cativa de guerra e estar de regresso para lhe exigir o dinheiro necessário para o resgate da nova amada. O problema é que o escravo já ludibriara uma vez o pai de Estratípocles para comprar o objecto da paixão que assolava o peito do rapaz antes de este partir para a guerra. Epídico é, com efeito, o elo de ligação entre os dois grupos.

Por solicitação da Pró-Reitoria para a Cultura da Universidade de Coimbra e no intuito de testar o grau de adesão do público a um espectáculo de semelhante natureza, o *Thíasos* apresentou três cenas da peça na *Primeira semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra*, que decorreu entre os dias 1 e 7 de Março de 1999. O Grupo representou a Cena I do Acto I e as Cenas I e II do Acto V, nos dias 2 e 5, pelas 17.45 e pelas 15.45 h. respectivamente, no átrio da Faculdade de Letras. Presidiram à escolha destas cenas critérios como o da importância de cada uma para a progressão dramática e o do estado avançado da sua preparação. Foi com alguma apreensão que os alunos que saíam das aulas ou se dirigiam para as salas e anfiteatros se depararam com pessoas, vestidas de um modo diferente, a vaguearem pela zona do bar e a representarem no átrio. Depressa, porém, grande turba de professores, alunos e funcionários se juntou à volta dos actores para tentar acompanhar as venturas e desventuras do escravo. Os espectáculos tiveram a duração de aproximadamente 45 m. e, apesar de as condições acústicas terem deixado um pouco a desejar, despertaram no público o desejo de assistir à versão integral da obra.

Entre os maiores problemas que a encenação da peça levantou contam-se: a presença em palco de algumas personagens sem deixas, a existência de um monólogo muito longo de Epídico, no final da Cena I do Acto I, e a parte final de um diálogo entre Epídico e Estratípocles extremamente maçadora, na Cena II do Acto II. Quanto ao primeiro problema, é bem visível nos papéis de Queribulo, de Apécides, da Lirista e mesmo de Acropolístis. Decidiu-se, então, que Queribulo poderia lançar mão de toda uma panóplia de trejeitos, que lhe dariam um ar efeminado, para mimar os movimentos de Estratípocles e de Epídico. A velhice de Apécides justificaria um certo alheamento, reflectido em alguma sonolência, em relação ao que se estava a passar em cena. Para a Lirista, pareceu uma boa solução uma guitarra, que, de forma discreta e desafinada, produzia a música de fundo da cena que decorria. A Acropolístis bastaria ajeitar os cabelos e menear suavemente os braços, de forma a abanar as pulseiras.

Para resolver o problema da monotonia do monólogo do fim da Cena I do Acto I, Rui Henriques musicou o texto. O resultado foi um misto de música popular portuguesa e de fado, à que nem faltou, a meio da cantoria, o improviso:

«– E agora, à moda de Coimbra...»

seguido do gesto de traçar a capa. O artista merecia e o público retribuiu com grande ovação.

Quanto à parte final do diálogo que Epídico trava com Estratípocles, na Cena II do Acto II, no qual o escravo indica ao senhor o que vai fazer para continuar a ludibriar o velho Perífanos, tentou-se, a princípio, resumir o essencial da exposição. Com a ajuda de um esquema desenhado no quadro, talvez o espectador pudesse compreender o estratagemma do escravo. A cena continuava, porém, a ser monótona. Tomou-se, por fim, a resolução de abdicar completamente do texto: Epídico deveria desenhar um campo de futebol no quadro, traçar, com gestos rápidos, a movimentação dos jogadores e mimar uma pessoa que se apressa a explicar a tática a adoptar. A música mais conhecida da banda sonora do filme *Missão Impossível* acompanharia o conjunto. Foi uma das cenas que mais agradou ao público.

Quanto ao Soldado graúdo de Rodes, tentámos caracterizá-lo como um Don Quixote *avant la lettre*, que procura desesperadamente a sua... Acropolístis, entenda-se. Acaba, contudo, por descobrir directamente em Perífanos, e indirectamente em Epídico e Estratípocles, os tão receados moinhos, que o obrigam a continuar a sua busca através do palco e dos bastidores. A sua entrada em cena e o modo como atravessa o palco a interromper as cenas seguintes fazem lembrar a sequência inicial de *Monty Python and the Holy Grail* (1974).

O cómico de situação também está presente na reacção de Estratípocles, quando Teléstis lhe diz que é sua irmã, filha do mesmo pai, mas de outra mãe: as personagens ficam estáticas num quadro emoldurado pelo refrão da música ‘popularucha’ *Chupa no dedo* de Micaela. A saída de cena do Onzeneiro, após receber o dinheiro, de óculos escuros, com a bengala a fazer de guitarra eléctrica, a dançar *Money* dos Pink Floyd, constitui um contraste interessante em relação ao passo cansado e pesado com que entra em palco.

O reencontro de Perífanos e de Filipa é um momento que evoca um sentimento que nós, portugueses, compreendemos tão bem: a saudade. Os acordes de uma guitarra portuguesa acompanham toda a sequência.

A peça termina com o julgamento de Epídico, mais autoconfiante do que nunca. Apécides é o juiz e Perífanos o advogado de acusação. Depressa, porém, a ousadia premeia o escravo e prostra o senhor a seus pés. É tempo de voltar à realidade.

O Professor Pascal Thiery assistiu à ante-estreia da peça e sugeriu que, no final, os actores, e os responsáveis pelas luzes, pelo som, e pelas roupas, se juntassem no palco e, de mãos dadas, agradecessem os aplausos de forma mais organizada.

Além da estreia, no dia 21 de Abril de 1999, no Teatro Paulo Quintela, a peça voltou a ser representada no mesmo espaço nos dias 27 e 28 de Abril. Estas duas actuações começaram às 15.00 h., em virtude de se destinarem aos alunos das escolas secundárias do distrito de Coimbra e de Leiria. No dia 22 de Abril, os participantes no *III Colóquio Clássico (22-23 de Abril de 1999)* tiveram oportunidade de assistir a uma representação da peça que decorreu no salão paroquial da Sé de Aveiro, pelas 20.30 h. A peça também foi apresentada no Auditório do Instituto Português da Juventude, em Viseu, no âmbito das *X Jornadas de Formação de Professores (29-30 de Abril de 1999)*, no dia 30 de Abril. O *Thíasos* participou ainda nos *Encontros de Verão de Teatro de Tema Clássico de Conímbriga, Aemínium e Sellium (Junho, Julho, Agosto e Setembro)*, com as seguintes actuações: a do dia 18 de Julho, pelas 18.00 h., no claustro do Museu Monográfico de Conímbriga; a do dia 22 de Julho, no claustro do Museu Nacional Machado de Castro; e a de 1 de Agosto, no Auditório da Biblioteca Municipal de Tomar. Já durante o ano lectivo de 1999-2000, o espectáculo foi reposto no Teatro Paulo Quintela, a 11 de Novembro, pelas 21.00 h., no âmbito do *Congresso Plutarco Educador da Europa (Coimbra, 11 a 12 de Novembro de 1999)*. No dia 1 de Março de 2000, o *Thíasos* deslocou-se à Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, em Leiria, onde, pelas 15.30 h, representou a peça para diversas escolas da região. No dia 2 de Março, o espectáculo foi apresentado na Escola Secundária de Cantanhede, pelas 16.30 h. Com dois espectáculos em Conímbriga, no dia 5 de Maio, pelas 12.00 e pelas 15.30 h., participou o *Thíasos* no *Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico*. A 9 de Maio, pelas 12.00 h., a peça *Epídico* foi apresentada no teatro romano de Segóbriga, no âmbito do *XVII Festival Juvenil Europeo de Teatro Grecolatino de Segóbriga – 2000 (Segóbriga, 25 de abril al 12 de mayo y 23 de junio)*. O *Thíasos* efectuou ainda os seguintes espectáculos: em Conímbriga, no dia 24 de Junho de 2000, pelas 16.30 h., no âmbito dos *Encontros de Verão de Teatro de Tema Clássico de Conímbriga, Aemínium, Sellium (Junho, Julho, Agosto e Setembro)*; na Praça 8 de Maio, em Coimbra, a 1 de Julho, e no Museu Grão Vasco, em Viseu, no dia 2 de Julho de 2000. O espectáculo foi visto por mais de sete mil pessoas.

Esta produção não teria sido possível sem os apoios da Reitoria da Universidade de Coimbra, do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, do Instituto de Estudos Clássicos, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e do INATEL.

Elenco: Actores – Rui Henriques (*Epídico*), Bento Silva (*Tesprião*), Paulo Mota Gaspar (*Estratípocles*), José Luís Coelho (*Queribulo*), Delfim

Leão (Apécides), José Luís Brandão (Perífanos), Patrícia Nunes (Lirista anónima), Nuno Gertrudes (Soldado fanfarrão), Patrícia Santos (Filipa), Alexandra Santos (Acropolístis), Nuno Filipe José (Onzeneiro), Mariana Matias (Teléstis), Paulo Sérgio Ferreira (Director da Companhia), Bruno Lourenço (Escravo do Soldado), Carla Brás (Cântara, Escrava de Perífanos); **Guarda-roupa** – Luísa da Nazaré Ferreira (colab. de Catarina Ferreira e de Maria Manuela Silva); **Contra-regra** – Aléssandra Oliveira; **Luz** – Pedro Santos, Ilídio Cadime; **Som** – Nuno Caldeira, José Luís Coelho, Paulo Mota Gaspar, Paulo Sérgio Ferreira, Nuno Gertrudes; **Cenário** – trabalho conjunto da equipa de actores, da equipa técnica e de Alexandrina Lourenço; **Maquilhagem** – Alexandra Santos, Patrícia Nunes.

Paulo Sérgio Ferreira

Plauto, *El Gorgojo*

Produção: Grupo «Balbo» del IES «Santo Domingo», de Puerto de Santa Maria, Cádiz

Encenação: Emilio Flor Jiménez

1.ª Apresentação: (em Portugal) Conimbriga

Data: 4.5.2000, pelas 11.00 h

Outras: Conimbriga, 8.7.2000: Braga (Termas Romanas), 9.7.2000.

O Grupo «Balbo» del IES «Santo Domingo», de Puerto de Sta. María, Cádiz, apresentou uma versão espanhola de *O Gorgulho*, de Plauto, no dia 4 de Maio de 2000, pelas 11.00 h., em Conimbriga, integrada no “Festival Escolar de Teatro de Tema Clássico”, e a 8 e 9 de Julho de 2000, pelas 21.00 horas, em Conimbriga e nas Termas Romanas de Braga respectivamente, no âmbito dos “II Encontros de Verão de Teatro de Tema Clássico”.

Este é o enredo da peça: para libertar a amada Planésio das mãos do alcoviteiro Cápadox, o jovem Fédromo decidiu recorrer às pretensas poses de um amigo que vivia na Cária. Da missão encarregou o seu parasita, Gorgulho, que deu com um rapaz cheio de boa vontade, mas tão teso quanto o seu amo. Deparou ainda com Terapontígono, o *miles gloriosus*, que já tinha apalavrada a aquisição de Planésio. Em lauto repasto, regado com muito vinho, o parasita roubou o anel-sinete ao soldado e, no regresso a Epidauro, forjou uma carta autenticada para o banqueiro Licão, que desbloqueou as trinta minas que Terapontígono tinha depositado para a libertação de Planésio. Tudo parecia bem encaminhado, não fosse o *miles*, já em Epidauro, descobrir a tramóia de Gorgulho, que, de repente,

se via em maus lençóis. A Sorte premiou a audácia do parasita: o anel levantou a suspeita, posteriormente confirmada pelas perguntas sobre a paternidade, de que Planésio era a irmã que Terapontígono tinha perdido durante um espectáculo das Dionísias. Dois jantares de festa e mesa sempre posta em casa de Planésio e de Fédromo constituíram o auge das recompensas recebidas por Gorgulho.

As personagens-tipos, os quiproquós, as cenas movimentadas, o cómico grosseiro, as patranhas, as quebras de ilusão cénica e o canto são alguns dos recursos de que Plauto lança mão, em *O Gorgulho*, para divertir a plebe. Como no tempo da Plauto, também os jovens actores espanhóis improvisaram um pouco. No folheto que acompanhou as actuações, o Grupo «Balbo» lançou o seguinte repto ao público, maioritariamente jovem, que teve o privilégio de assistir a representações de tão grande qualidade: «Por tanto, sólo pediremos que se sitúen entre las gradas de nuestro teatro y se dejen llevar por un grupo de jóvenes, hoy, pícaros, desvergonzados y vulgares actores, mañana, sinceros, respetuosos y educados. Así que modifiquemos, por un instante, nuestros rostros y nuestra postura.

Participemos en lo ridículo de la desvergüenza com un espíritu de Fiesta!»

A Liga de Amigos de Conimbriga teve a feliz ideia de editar as traduções portuguesas das peças representadas. Cada volume era o bilhete que custava a módica quantia de 800\$00 ou 1000\$00. No caso de *O Gorgulho*, a introdução e a tradução de Walter de Medeiros dispensam apresentações.

A organização dos “Encontros de Teatro de Tema Clássico 2000” foi promovida pelo Grupo de Teatro Fatias de Cá, de Tomar, pelo Grupo de Teatro Clássico de Conimbriga, pelo Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, pela Liga de Amigos de Conimbriga, pelo Museu Monográfico de Conimbriga, pelo Museu Nacional Machado de Castro, pelo Museu Grão Vasco e pela Universidade de Coimbra. Estas entidades contaram com os apoios das Câmaras Municipais de Braga, Coimbra, Condeixa, Tomar e Viseu, do Conservatório de Música de Coimbra, da Delegação Regional da Cultura do Centro, do IPJ, do Instituto Português de Museus, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, do Marco Miliário – Empresa Turística de Conimbriga, da Musicentro, da Patram, Lda., e da Região de Turismo do Centro.

Elenco: Actores – Javier Palacios Camacho (Gorgojo), Adrián Varo García, Miguel Astorga Hermida (Fédromo), Sergio Suárez López (Palinuro), Elisa Marín Amor (Leena), Nerea Miranda Ramírez (Planesia), Rafael Franco Molina (Capadocio), Victoria Viñas Cardona (Cocinero), Ángel

Fernández Gálvez (Licón), Julia Monje Serrano (Terapontígono), Luisa Pinto Teyz, Patricia Buller, Irene Rodicio Cernadas, Raquel Zurdo, Charo Roselló Macías, Rosa Díaz Cores, Fadoua Lazaghoui, Elisa Marín Amor (Cortesanias), Victoria Viñas Cardona, Daniel Arenas Suárez, Valentín Murillo, Romero Marcos Collado Martín (Mimos); **Adereços** – Trabalho do grupo; **Música** – Raquel Zurdo; **Vestuário** – Javier Palacios; **Coreografia** – Raquel Zurdo; **Percussão** – Esteban Fernández Perles.

Paulo Sérgio Ferreira

MENECMOS

Plauto, *Menecmos*

Produção: Centro Universitario Teatrale di Parma

Iniciativa: VIII.ª Delfíada-Festival Internacional de Teatro Universitário

1.ª Apresentação: Coimbra

Data: 14.9.1961.

Foi notório o empenho que o grupo de estudantes de Parma pôs na valorização da personagem: sua caracterização, gestos, movimentos, modulação da voz, trajos, de modo a tornar evidente o efeito do equívoco. Esta atenção centrada na personagem garantiu ao efeito de conjunto um ritmo trepidante verdadeiramente plautino. Por outro lado, recursos paralelos como a música foram praticamente banidos. No entanto, os apontamentos musicais utilizados, produzidos por um cravo, assumiram um tom adequado ao movimento de farsa, a lembrar melodias características do século XVIII português. Igualmente modesto foi o cenário, reduzido a dois pórticos assentes num estrado.

M. F. S. S.

Plauto, *Menecmos*

Produção: Grupo de Teatro Latino do Departamento de Filologia Clássica da Universidade de Trier (Alemanha)

Encenação: Mercedes González-Haba de Kroener, Bernhard Herzhoff

Texto: em Latim

1.ª Apresentação: (em Portugal) Coimbra, Faculdade de Letras, Teatro Paulo Quintela

Data: 22.10.1992.

Ver Vol. I, pp.226-227.

Paulo Sérgio Ferreira

Plauto, *Menecmos*

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa (Alunos do 1.º Ano)

Direcção: João Mota

Data: Março de 1997.

M. F. S. S.

William Shakespeare, *Comédia de Enganos*

Produção: Teatro da Trindade / INATEL

Versão e Encenação: Claudio Hochman

Tradução: Cristina Bizarro

1.ª Apresentação: Porto, Auditório Nacional Carlos Alberto

Data: 14-22.3.1998.

O Teatro da Trindade e o INATEL apresentaram a peça *Comédia de enganos* de William Shakespeare no Porto, mais precisamente no Auditório Nacional Carlos Alberto, entre os dias 14 e 22 de Março de 1998, com sessões de terça a sábado, às 21.30 horas, e aos domingos, às 16.00 horas; em Esposende, no dia 27; em Guimarães, a 28; em Chaves, no dia 31; em Valpaços, no dia 1 de Abril; em Vila Pouca de Aguiar, no dia 2; a 3, em Vila Real; em São João da Pesqueira, no dia 5 de Abril; e em Lisboa, no Teatro da Trindade, até 31 de Maio de 1998. O argentino Claudio Hochman encenou esta peça, destinada a um público de variadas faixas etárias e de diferentes regiões do país. Tratou-se de um espectáculo despretensioso, onde a objectividade da linguagem em nada desvirtuou o estilo de Shakespeare. Este espectáculo reflectiu uma aposta da direcção do Teatro da Trindade e do INATEL na divulgação regional de espec-

táculos de qualidade, nomeadamente através da criação de um roteiro de actuações.

Directamente inspirada em *Os dois Menecmos (Menaechmi)* de Plauto, a *Comédia de enganos (Comedy of errors)*, editada pela primeira vez em 1623, enquadra-se numa tradição que explora, como fonte inesgotável de cómico, o tema dos gémeos que se não podem distinguir (Dídumoi) ou dos *simillimi* (Omoioi). A obra de Shakespeare apresenta-nos uma família na qual existem dois filhos e dois escravos gémeos. A acção decorre em Éfeso, quando um pai, por um lado, e um dos filhos e um dos escravos, por outro, decidem procurar o outro filho e o outro escravo, desaparecidos há vinte e cinco anos. Toda a comédia vive dos equívocos resultantes da confusão de identidades. É uma comédia de entretenimento, em tom televisivo, que não explora muito a caracterização psicológica das personagens.

Segundo Luís Bizarro Borges, «a encenação serve-se de um dinâmico jogo de actores, que reúne representação, dança e música» (*Jornal de Notícias*, 14.3.1998, p.72).

Este espectáculo teve o apoio do Instituto da Comunicação Social, do Ginásio Clube Português, do Circo Chen e do Chapitô.

Elenco: Actores – Rui Sérgio (Drómio de Siracusa), Francisco Salgado (Drómio de Éfeso), Augusto Portela (Antífolo de Siracusa), Daniel Martinho (Antífolo de Éfeso), Alfredo Brito (Egéon, Pinch, o Feiticeiro; Ângelo, o Ourives), Ângela Pinto (Adriana), Eva Cabral (Luciana, Míriam), Rita Martins (Emília, Cortesã, Abadessa), Helder Gamboa (Duque, Agente do Duque de Éfeso, Lúcia?); **Participação Especial** – Álvaro (o Cão), Álvaro (o Porco); **Música Original** – Rui Luís Pereira; **Cenografia** – Nuno Theias; **Guarda-roupa e Figurinos** – Maria Gonzaga; **Cenografia e Treino físico** – Felix(?) Lozano; **Técnicas Circenses** – Bernardo Ercken; **Desenho de luz** – Carlos Garcia; **Apoio Vocal** – Emanuel Andrade, **Contra-regra** – Catarina Magalhães; **Gravação** – Luminária; **Direcção de Produção** – Júlio Martin da Fonseca; **Fotografia** – Manuel Gomes Teixeira / Punctum; **Design** – Francisco Vaz da Silva.

Paulo Sérgio Ferreira

PERSA

Plauto, *O Persa*

Produção: Curso de Literatura Latina I (1993-1994) com orientação e supervisão da Prof.^a Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves

Tradução e Adaptação do Texto Latino: Curso de Literatura Latina I (1993-1994) com orientação e supervisão da Prof.^a Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves

1.^a Apresentação: Pátio greco-romano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Data: 28.6.1994 (18.30 h.).

Os alunos do curso de Línguas e Literaturas Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que frequentaram a cadeira de Literatura Latina I no ano lectivo 1993-1994, sob orientação e supervisão da Prof.^a Doutora Maria Isabel Rebelo Gonçalves, traduziram, adaptaram e levaram à cena a peça *O Persa* de Plauto.

As personagens desta comédia são retiradas dos estratos mais baixos da sociedade romana: em *O Persa* desfilam escravos, um parasita, uma cortesã, uma filha de um parasita e um leno. Toda a acção gira em torno dos estratagemas que um escravo inventa para comprar a liberdade da sua amada.

No folheto distribuído aquando da representação, pode ler-se: «Nesta comédia-farsa, Plauto parece ter dado mais importância aos elementos espectaculares (trajes exóticos, cantos e danças) do que ao entrecho.» Procurou o grupo obedecer ainda às convenções do teatro romano. Assim se produziu um espectáculo cuja *uis comica* continua a divertir as gerações actuais.

Esta iniciativa contou com o apoio do Prof. Doutor M. J. Carmo Ferreira, do Conselho Directivo da F.L.L. e da Comunidade Islâmica de Lisboa.

Elenco: Actores – Manuel Ramos e supl. Óscar Martins (Tóxico), Alexandre Gonçalves e supl. Luís Miguel Dias (Sagaristião), Daniel Gomes e supl. Fernando Pinheiro (Saturião), Carla Moriano e supl. Fernanda Nunes (Sofoclidisca), Neuza Duarte e supl. Ana Paula Ramos (Lemnise-lene), José Paulo Tavares (Pégno), Lara Teixeira e supl. Carla Silva (Filha de Saturião), Carlos Vargas (Dórdalo); **Cantor** – João Lourenço Rodrigues; **Adereços** – Ana Paula Branco, Fernanda Nunes, Márcia Monteiro, Margarida Catrola, Norberto Veiga; **Caracterização** – Carla Silva; **Cenário e Montagem** – Oficinas da F.L.L. (Srs. João Leandro,

Mário Pinto, Luís Mota, Paulo Pereira); **Pinturas Decorativas** – Fernando Pinheiro; **Contra-regras** – Luís Miguel Dias, Óscar Martins; **Guarda-roupa** – Margarida Caldeira, Paula Martins, Raquel Mesquita, Zilda Canuto; **Seleção Musical e Efeitos Sonoros** – Carlos Vargas, Fernando Pinheiro.

Paulo Sérgio Ferreira

SOLDADO FANFARRÃO

Plauto, *O Militar Fanfarrão*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

Plauto, *O Soldado Fanfarrão*

Produção: Colégio Progresso

Encenação: Ana Paula Quintela Sottomayor

Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca

1.^a Apresentação: Coimbra

Data: 1968 (?).

Ver Vol. I, p.227.

Ana Paula Quintela Sottomayor

Plauto, *O Soldado Fanfarrão*

Produção: Círculo Experimental de Teatro de Aveiro (CETA)

Encenação: José Júlio Fino

1.^a Apresentação: Aveiro

Data: 28-29.4.1978.

Ver Vol. I, p.228.

José Luís Brandão

Plauto, *O Soldado Fanfarrão*

Produção: Centro Cultural de Grijó

Encenação: Domingos de Oliveira

Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca

1.ª Apresentação: Espinho, Salão da Piscina

Data: 1979

Outras: cerca de uma dezena, na zona do Grande Porto.

Ver Vol. I, pp.228-229.

Carlos Morais

Plauto, *O Soldado Fanfarrão*

Produção: TAS (Teatro Amador de Sandim) – Vila Nova de Gaia

Encenação: António da Fonseca

Tradução: Paulo Quintela

1.ª Apresentação: Marco de Canaveses, Pavilhão da Casa do Povo

Data: Outubro ou Novembro de 1979.

Em Outubro ou Novembro de 1979, estreou o TAS (Teatro Amador de Sandim) a peça *O soldado fanfarrão* de Plauto no Pavilhão da Casa do Povo de Marco de Canaveses. Outras actuações se seguiram: na Cooperativa de Lourosa, no Salão Paroquial de Sanguêdo e Lobão (Concelho de Santa Maria da Feira), no Salão Paroquial de Crestuma, no Salão Paroquial de Lever, no Centro Popular de Arnelas e nos teatros de alguns Grupos de Avintes (Concelho de Vila Nova de Gaia). Com esta peça, participou o TAS num concurso de teatro da CGTP. Algumas das referidas representações já tiveram lugar no decurso da temporada de 1980-1981.

O TAS, fundado a 28 de Janeiro de 1968, «decidiu pôr toda a sua força e imaginação nesta peça e fazer dela um trampolim para novos voos, mais arriscados e decididos» (*Programa*). O cenário, em tons de amarelo torrado e de vermelho, mostrava-nos uma rua, ladeada por edifícios romanos. O palco surgia no prolongamento dessa rua. A pintura da cidade era enquadrada por duas portas, diagonalmente colocadas nos cantos esquerdo e direito, ao fundo do palco. No meio, podia ver-se um altar também em tons amarelados. Exceptuando as roupas de Pirgopolinices, muito bem caracterizado, as dos escravos e dos soldados, as das restantes personagens eram compridas. As suas cores garridas contribuí-

ram, contudo, para dar à peça um colorido e uma jovialidade certamente do agrado do público.

O espectáculo foi patrocinado pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis – FAOJ.

Elenco: Actores – Manuel Silva (Pirgopolinices), Luís Filipe (Artotrogo), Fernando Costa (Palestrião), Joaquim Neves (Periplectómeno), Luciano Nunes (Céledro), Clarinda Lopes (Filocomásio), Joaquim Fernandes (Plêusicles), Manuel Baptista (Lurcião), Clarinda Lopes (Acrotelêucio), Alice Lopes (Milfidipa), Luciano Nunes (Carião), Manuel Matos (Escravo de Periplectómeno), Ainda Oliveira (Escrava), Luís Filipe, Manuel Maia, Fernando Ribeiro, Manuel Baptista (Escravos), Manuel Maia (1.º Soldado), Fernando Ribeiro (2.º Soldado); **Ponto** – J. Baptista, J. Manuel; **Som e Luz** – Fernando C. Neves; **Caracterização** – José Sá; **Cenários** – Colaboração colectiva do grupo; **Pintor** – A. Topa.

Paulo Sérgio Ferreira

Plauto, *O Soldado Fanfarrão*

Representação parcial: actos I e V

Produção: Alunos do Curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa

Encenação: Carlos Alberto Louro Fonseca

Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca

1.ª Apresentação: Coimbra, Faculdade de Letras

Data: 31.3.1992.

Ver Vol. I, pp.229-230.

José Luís Brandão

Plauto, *O Soldado Fanfarrão*

Produção: Grupo de Teatro da Escola Secundária de Cantanhede

Encenação: Ilídio Arribada Cadime, Nuno Miguel Pessoa Caldeira, Paulo Fernando Mota Gaspar (Estagiários de Português/Latim da Escola Secundária de Cantanhede 1999/2000)

Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca

1.ª Apresentação: Polivalente da Escola Secundária de Cantanhede

Data: 11.4.2000

Outras: Conimbriga, 11.6.2000.

Um grupo de alunos dos 10.º e 12.º anos da Escola Secundária de Cantanhede apresentou, sob a direcção dos estagiários Ilídio Arribada Cadime, Nuno Miguel Pessoa Caldeira e Paulo Fernando Mota Gaspar, algumas cenas de *O soldado fanfarrão* de Plauto, a 11 de Abril de 2000, pelas 21.30 h. O espectáculo também foi apresentado na pedreira das ruínas de Conimbriga a 11 de Junho de 2000, pelas 16.30h.

Antes de a peça começar, os professores Carlos Catarino e Leonor Melo agradeceram aos alunos o empenho com que se dedicaram àquela actividade e aos pais o incentivo que deram aos filhos. Alertaram ainda o público para o facto de se tratar de uma peça escrita há mais de 2000 anos e de as brejeirices e piadas picantes fazerem parte do cómico de Plauto. Seguiu-se a apresentação do elenco.

As cenas escolhidas para este espectáculo, que tem a duração aproximada de 47 m., foram as seguintes: Cena única do Acto I, Cenas I, III e IV do Acto II, Cenas II e III do Acto III, Cenas I, V e IX do Acto IV, e Cena única do Acto V. Importa referir que, das últimas três cenas mencionadas, foram aproveitadas muito poucas falas: apenas as necessárias para se chegar rapidamente ao epílogo, também abreviado. Além dos cortes, a peça sofreu pequenas alterações a nível vocabular, de modo a tornar a linguagem mais coloquial e familiar ao tipo de elenco e de público em causa.

Quando li a peça, imaginei um Artotrogo gordo, de andar pesaroso, mas de grande flexibilidade de raciocínio e capacidade de, à custa de bajulação, extorquir do bronco Pírgopolinices comida em abundância. Condiçoados pelo grupo de alunos disponível para participar na peça, os encenadores não tiveram outra alternativa senão a de escolherem, para alguns papéis masculinos, algumas raparigas. Se, em alguns casos, foi uma aposta ganha, outros houve em que a comicidade da peça saiu um pouco prejudicada. Assim, Dinamene Morais foi um Artotrogo demasiado magro e que, a meu ver, abusou um pouco da gestualidade. O desempenho de Helga Santos, no papel de Céledro, foi verdadeiramente

notável: revelou tempo de comédia, determinação nos movimentos e gestualidade a fazer lembrar a *commedia dell'arte*. O sotaque alentejano contribuiu para a construção de uma personagem que agradou muito ao público. Vera Gabriel e Neusa Mamad estiveram bem nos papéis de Periplectómeno e de Escravo, respectivamente.

José Nuno Reis foi um Pirgopolinices efeminado, mas um tanto preso de movimentos. Este soldado fanfarrão apresentou-se algo descomposto: usava apenas uma túnica azul. Gonçalo Maia, no papel de Palestrião, foi manhoso, determinado e simulador, como convém a um escravo. Ainda teve a desfaçatez de mandar uma boca ao engenheiro Lucélio, a propósito da proibição do consumo de bebidas alcoólicas na escola. Daniel Carvalho construiu um Lurcião bonacheirão, embriagado, capaz de falar com uns colegas imaginários.

Quanto à música, “I feel good”, de James Brown, acompanhava Pirgopolinices, quando a sua beleza era elogiada ou alguém dizia que muitas mulheres estavam apaixonadas por ele. “Nós, pimba”, de Emanuel, fez-se ouvir quando Pirgopolinices confessava a Palestrião o desejo de fazer amor com Milfidipa, criada de Acrotelêucio. O momento em que Pirgopolinices diz a Palestrião que deu a Filocomásio tudo o que ela lhe pedira tem, como música de fundo, um excerto da uma canção de Ágata.

No cômputo geral, importa atribuir o mérito devido aos estagiários e aos alunos que levaram a cabo tal produção, na medida em que tiveram de se remediar com a escassez de meios que tiveram ao seu dispor. O Grupo de Teatro da Escola Secundária de Cantanhede contou com a colaboração do formador Carlos Catarino, e com o apoio do Conselho Directivo da Escola e do *Thíasos* do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, que emprestou as modestas roupas, que o grupo teve de adaptar da melhor maneira possível.

Elenco: Actores – José Nuno Reis (Pirgopolinices), Dinamene Morais (Artotrogo), Gonçalo Maia (Palestrião), Vera Gabriel (Periplectómeno), Helga Santos (Céledro), Joana Azevedo (Filocomásio), Daniel Carvalho (Lurcião), Céu Cruz (Acrotelêucio), Lisa Rodrigues (Milfidipa), Neusa Mamad (Escravo de Periplectómeno), Daniel Carvalho (Carião); **Cenografia** – Vera Gabriel; **Som** – Orlando Reis.

Paulo Sérgio Ferreira

ADAPTAÇÕES DE PLAUTO

Molière, *As artimanhas de Scapin*

Produção: Teatro do Século

Encenação: Rogério de Carvalho

1.ª Apresentação: Lisboa, Rua do Século, 41

Data: ?

O próprio grupo confessou ter encenado um Molière «manhoso, perspicaz, divertido e actualizado».

De acordo com uma mudança de horários, sabemos que os espectáculos passaram a ser de quinta a sábado, às 21.30 horas, e aos domingos, às 16.00 horas.

Elenco: Actores – Victor Soares, Victor Ramires, José Nogueira Ramos, Célia Barroca, Isabel Bernardo, entre outros; **Concepção Plástica** – José Manuel Castanheira; **Figurinos** – Michel Ribó.

Paulo Sérgio Ferreira

Plauto in farsa

Produção: Pupi e Fresedde

Adaptação do Texto e Encenação: Angelo Savelli

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, S. Luiz

Data: 5.12.1988.

A companhia de teatro florentina ‘Pupi e Fresedde’ levou à cena a peça *Plauto in farsa*, integrada no 1.º Festival de Teatro, realizado em Outubro e Novembro de 1988. A “hauteur” espanhola e a exuberância napolitana conjugaram-se num espectáculo que, sem primar pela novidade das soluções dramáticas, teve, na música ao vivo e nos desempenhos de alguns actores, os maiores argumentos para cativar o público. Apesar disso, poucos, mas efusivos, foram os espectadores italianos que se deslocaram ao S. Luiz para assistir à representação.

Paulo Sérgio Ferreira

Plauto, “Alazon” ou “Grande desgraça é para um homem ser assim tão belo”

Produção e Adaptação: Teatro de Papel (Costa da Caparica)

Encenação: Yolanda Alves

Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca

1.^a Apresentação: Almada, Auditório do Ponto de Encontro

Data: Jan. / Fev.1995

Outras: Cacilhas (Casa da Juventude), Fevereiro de 1995; Lisboa (Teatro Ibérico), Março de 1995; Lisboa (ChapitÔ), Maio de 1995; Almada (Auditório do Ponto de Encontro), Maio de 1995; Almada (XII Festival Internacional de Teatro de Almada), Julho de 1995.

Ver Vol. I, pp.231-232.

José Luís Brandão

Paragens mais remotas que estas terras: cenas das comédias de Plauto

Produção: Teatro da Cornucópia

Encenação: Luís Miguel Cintra

Montagem dos Textos: Luís Miguel Cintra

Tradução: Manuel João Gomes

1.^a Apresentação: Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: 24.3.1979

Outras: 53 representações nos dias que se seguiram.

Ver Vol. I, pp.232-236.

Paulo Sérgio Ferreira



SÉNECA

(Página deixada propositadamente em branco)

FEDRA

Séneca, *Fedra*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

Sarah Kane, *Amor de Fedra*

Produção: Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro

Encenação: Pedro Laranjo

Tradução: Susana Pimpão

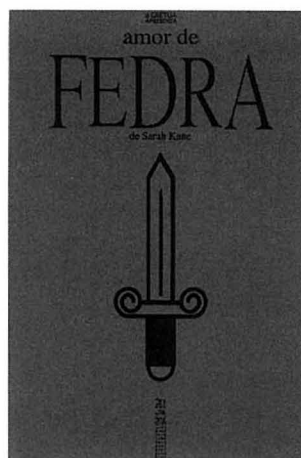
1.ª Apresentação: Aveiro, Sala do GRETUA (Campus Universitário)

Data: 4-8.5.1999, 10-13.5.1999, 17-18.5.1999.

Estreia em Portugal de Sarah Kane (1971-1999), jovem autora inglesa, cuja vida terminou de forma trágica, por meio do suicídio.

Esta peça (*Phaedra's Love*, no original), que foi estreada originalmente, numa encenação da própria autora, no Gate Theatre, em Londres, propõe-nos um olhar sobre a paixão avassaladora que domina a figura de Fedra, sublinhando o desamparo e a violência de um amor complexo e contraditório. Recordem-se as palavras da própria Sarah Kane, a propósito da peça, deixando uma pergunta que pode funcionar quase como epígrafe da obra: 'Não podes ter fé sem dúvida, e o que é que te resta quando não podes ter amor sem ódio?'

Paulo Laranjo, o encenador, defende deste modo a escolha da peça, da sua responsabilidade: 'O texto é simplesmente fantástico, as personagens são riquíssimas e, apesar de ser inspirado num mito grego, o texto tem toda a actualidade, os diálogos são contemporâneos, bem como os pensamentos, por isso se torna tão interessante'. Sublinha, para além disso, as dificuldades sentidas por actores com vinte a vinte e dois anos de idade, ao verem-se obrigados a trabalhar emoções tão densas e complexas, que exigiriam, à partida, outra maturidade. Mas, como é sabido, são as dificuldades que nos fazem crescer.



Elenco: Actores – Alexandre Anju, Márcia Rodrigues, Marina Dolbeth, Marisa Jesus, Nica, Nuno Fareleira, Nuno Silva, Paulo Barbosa, Renato Ferreira, Ricardo Espinho, Sisenando Furtado, Xana Sigorelho; **Cenografia, Figurinos e Imagem** – Pedro Andrade.

Jorge do Deserto

HÉRCULES FURIOSO

Séneca, *Hércules Furioso* (Extractos)

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

MEDEIA

Séneca, *Medeia*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

Séneca, *Medeia*

Produção: Companhia Rey Colaço – Robles Monteiro

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: Março de 1967.

Dentro de um plano promovido pela Companhia Rey Colaço – Robles Monteiro, Eurico Lisboa proferiu duas conferências no âmbito do Teatro Greco-Latino, acompanhadas de representação de cenas de diversas peças, entre as quais a *Medeia* de Séneca.

Elenco: Actores – Mariana Rey Monteiro (*Medeia*), Maria Schultz (*Ama*), Paiva Raposo (*Jasão*), Baptista Fernandes (*Creonte*).

M. F. S. S.

OCTÁVIA

Octávia (tragédia romana de autor desconhecido)

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

TIESTES

Séneca, Tieste

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



TERÊNCIO

(Página deixada propositadamente em branco)

FORMIÃO

Terêncio, *Formião*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

EUNUCO

Terêncio, *O Guarda do Harém*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

HEAUTONTIMOROUENOS

Terêncio, *O Carrasco de Si Mesmo*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1957.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)



ADAPTAÇÕES
DE TEMAS LATINOS

(Página deixada propositadamente em branco)

Agripina

1.ª Apresentação: Porto, Cinematógrafo Jardim Passos Manuel

Data: 14.3.1911.

Segundo notícia publicada no *Jornal de Notícias* da época, tratou-se da apresentação de um quadro cinematográfico baseado na vida daquela imperatriz romana, que provocou grande afluência de público, tendo sido a produção de maior sucesso entre as quatro então apresentadas. O filme tinha sido realizado em 1910, em Itália, por E. Guazzoni.

Nuno S. Rodrigues

Dennis O'Connor, Christine Baczewska, *Amor Omnia*

Coreografia: Dennis O'Connor

1.ª Apresentação: Lisboa, Centro Cultural de Belém

Data: 30.10.1993.

Depois de a apresentar no Festival de Klapstuk, na Bélgica, D. O'Connor trouxe a Lisboa a sua coreografia *Amor Omnia*. Simbolicamente os movimentos da dança acompanham o sentido do próprio relacionamento social, do conflito que produz a fragmentação, à reunificação do grupo. O choque tornou-se evidente, entre o movimento dos dançarinos e a tonalidade 'techno' da música, seleccionada pelo disk-jockey nova-iorquino Patrick Butts. E a crítica não deixou de salientar a violência do efeito paradoxal entre as duas componentes do espectáculo, que provocou no público alguma atonia e afastamento.

M. F. S. S.

Aníbal em Cápua

1.ª Apresentação: Porto, Real Theatro de São João

O Tripeiro de 1.9.1909, p.107, noticiava que, no Teatro de S. João, houve bailados de grandes efeitos cénicos, como *Aníbal em Cápua*, *A rede de Vulcano ou Os Amores de Vénus e Marte*, em três actos, como também *O triunfo de Berenice*, em cinco actos.

M. F. S. S.

Anno IV d.C.

Co-produção: Teatro do Mundo e Pedro d'Orey (com a assistência de Alice Aurélio)

Encenação: Manuela de Freitas (com a assistência de Rogério de Carvalho)

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II – Sala Experimental

Data: 22.1.1983

Outras: no mesmo local, até 13.2.1983.

Fundado em 23 de Janeiro de 1979, o Teatro do Mundo estreia, quatro anos depois, o seu oitavo espectáculo, intitulado *Anno IV d.C.*, cujo tema central é a história de Calígula, o terceiro imperador de Roma.

Construído a partir do drama *Calígula* de Camus e de alguns textos incluídos no *Mito de Sísifo* do mesmo autor, esta peça pretende ser uma reflexão sobre a história do grupo Teatro do Mundo, o actor e o teatro.

É de salientar que a actriz Manuela de Freitas assume aqui, pela primeira vez, a responsabilidade de uma encenação.

Elenco: Actores – António Amaral, António Branco, Cucha Carvalheiro, Fernanda Neves, Francisco Grave, Jean-Pierre Taillade, José Mário Branco, Luís Filipe, Manuela de Freitas, Teo de Carvalho; **Cenografia** – Roberto Moscoso; **Iluminação** – Luís de Almeida; **Sonoplastia** – Luís Martins Saraiva.

Cláudia Cravo

William Shakespeare, *António e Cleópatra*

Produção: Royal Shakespeare Company – BBC

Encenação: Jon Scoffield

1.ª Apresentação: RTP 1

Data: 1976.

Trata-se de uma encenação para televisão, feita pela mais prestigiada companhia teatral inglesa, de um dos mais conhecidos textos de Shakespeare. Baseado fundamentalmente na obra de Plutarco, este clássico de Shakespeare conta tragicamente a relação político-amorosa entre a última rainha lágida e o oficial que sucedeu a Júlio César nos comandos romanos do Oriente. A tragédia de centro essencialmente político culmina com o duplo suicídio do casal de amantes, encurralado pela evolução dos acontecimentos que se querem históricos e que já o autor de Queroneia assinalara, e em parte criticara, na sua biografia de António.

Quando esta produção foi apresentada em Portugal, a RTP decidiu dividir a peça em duas grandes partes, exibindo-a em dois dias consecutivos, o que se em termos de eficácia televisiva resultou, por não tornar demasiado fastidiosa a apresentação, em termos de eficácia teatral e textual prejudicou claramente a tragédia enquanto obra única.

De qualquer modo, esta encenação foi na altura reconhecida como algo de grande mérito tanto em termos televisivos como em termos teatrais, só ao alcance de grandes companhias como a Royal Shakespeare Company. Uma das qualidades que a imprensa da época salientava era o facto de o encenador/realizador ter tornado perfeitamente legível um clássico do século XVII ao público televisivo, mais exigente em termos de aceitação de espectáculo desta natureza. O trabalho dos actores foi altamente elogiado, nomeadamente o dos protagonistas. Destacou-se o ritmo de representação, que evitou tempos mortos e as cadências mais marcadas que o texto poético original pode proporcionar. De tal modo que alguns críticos da televisão portuguesa chegaram a aconselhar o visionamento desta produção como lição, a partir do qual se poderia e deveria aprender a fazer boa televisão.

Elenco: Actores – Janet Suzman (Cleópatra), Richard Johnson (Marco António).

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *António e Cleópatra*

Produção: Royal Shakespeare Company – BBC

Encenação: Jonathan Miller

1.ª Apresentação: RTP 2

Data: 5.5.1984.

Esta encenação televisiva da peça romana *António e Cleópatra*, de Shakespeare, foi justamente considerada uma das mais cuidadas e fascinantes produções da BBC. Inserida num projecto daquela televisão inglesa, que atribuiu ao meticuloso Jonathan Miller a realização integral do *corpus* shakespeariano para o pequeno ecrã, esta produção de 175 minutos foi também a mais faustosa de toda a série.

O objectivo do encenador/realizador é recuperar para televisão a forma narrativa e a aventura corrida e rápida do texto, tal como era acessível aos espectadores isabelinos. Para isso, Miller recorreu a alguns princípios que orientaram toda a produção e que se tornaram mais valias para a garantia do sucesso quer entre académicos quer entre o espectador

não-especialista. Em primeiro lugar, uma concepção de encenação que assenta no esquema do túmulo-cenotáfio medieval, tal como o próprio encenador a caracterizou, isto é, a presença de duas realidades simultâneas: a das personagens históricas reais, cuja materialidade desapareceu de facto e desaparecerá no contexto do argumento da peça, e a das personagens imortais, elevadas graças ao espírito trágico concebido pelo dramaturgo inglês. Em segundo lugar, o recurso a uma cenografia inspirada na pintura renascentista de Veronese e de Ticiano, que vive da contínua recuperação da imagética da Antiguidade Clássica. Em terceiro lugar, a escolha dos actores, pois tanto Lapotaire como Blakely souberam estar à altura das personagens criadas por Shakespeare, pela fidelidade ao espírito original do texto como pela genialidade da recriação que arranca os caracteres ao papel, dando-lhes vida, e actualiza de uma forma bastante eficaz as questões em debate: «uma Cleópatra de palavras emotivas, crescendo interiormente à medida que crescem os conflitos da acção; e um António de grande força interior, com os pés bem assentes na terra, jogador pleno da sua trágica aventura.» (*TV Guia*, n.º 274, 5-11.5.1984, p.16).

Elenco: Actores – Jane Lapotaire (Cleópatra), Colin Blakely (Marco António).

Nuno S. Rodrigues

Giuseppe Verdi, *Attila*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Direcção Musical: John Neschling

Libreto: Temistocle Solera

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos 1984-1985.

Ver Vol. I, p.249.

Aires Rodeia Pereira

Átila (Attila)

Produção: Itália

Data da Produção: 1917

Direcção Cinematográfica: Febo Mari

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Chiado Terrasse, Olímpia

Data: 14.6.1920.

Elenco: Actores – Febo Mari, Ileana Elonidoff, Maria Roasio.

M. F. S. S.

Átila (Attila)

Produção: Itália / França

Data da Produção: 1954

Direcção Cinematográfica: Pietro Francisci

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Eden

Data: 1.4.1955.

Elenco: Actores – Anthony Quinn, Sophia Loren, Henri Vidal, Claude Laydu, Ettore Manni, Irene Papas, Eduardo Cianelli.

M. F. S. S.

Ben-Hur

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer (EUA)

Realização Cinematográfica: Fred Niblo

1.ª Apresentação: Cinematógrafos de Lisboa

A primeira adaptação da célebre novela do general Lew Wallace (1827-1905) ao cinema data de 1925 e é uma das histórias clássicas pelas quais os produtores americanos mais se interessaram por levar à tela. Trata-se da história de um príncipe judeu de Jerusalém, Ben-Hur, que é acusado injustamente de atentar contra a vida do governador romano local, Messala, seu amigo de infância. A família de Ben-Hur é levada à ruína, a mãe e a irmã são obrigadas a mendigar para viver, até serem contaminadas pela lepra, e Ben-Hur é deportado para Roma, a bordo de uma galera, como remador. Aí, salva a vida de um patrício romano, que o adota e lhe permite preparar a vingança contra Messala. Derrotado o

adversário numa corrida de quadrigas, Ben-Hur parte em busca da família, que entretanto é curada pela intervenção de um milagre de Cristo. Judá Ben-Hur, a mãe e a irmã convertem-se então ao cristianismo.

Esta versão cinematográfica, mais fiel à novela original, que se seguiu a uma produção teatral na Broadway em 1899 (uma *toga play*), e que nela foi inspirada, foi protagonizada por um dos galãs do cinema mudo, Ramón Novarro, que contribuiu para conferir ao filme um ambiente *anos vinte*. Foi inteiramente rodada em Itália, à excepção da cena da corrida de quadrigas em Antioquia, que foi filmada em Hollywood, pelo que a MGM não olhou a custos para produzir um espectáculo de grande impacte visual, demonstrando ao mesmo tempo o domínio de uma técnica industrial que se anunciava prometedora. Uma particularidade: esta primeira versão do romance opta já por nunca mostrar o rosto de Jesus Cristo, como sucederá na produção de 1959. Durante as filmagens da cena das corridas, houve um acidente no qual faleceu um dos técnicos do filme.

Elenco: Actores – Ramón Novarro, Francis X. Bushman, May McAvoy, Betty Bronson, Claire McDowell, Kathleen Kay, Carmel Myers, Nigel De Brulier, Mitchell Lewis, Leo White, Frank Currier, Charles Belcher, Dale Fuller, Winter Hall; **Direcção Artística** – Ferdinand P. Earle; **Argumento e Guião** – Bess Meredyth, Carey Wilson; **Fotografia** – René Guissart, Percy Hilburn, Karl Struss; **Música** – William Axt, David Mendoza; **Cenografia** – Cedric Gibbons, Horace Jackson, Arnold Gillespie; **Guarda-roupa** – Herman J. Kaufmann; **Montagem** – Lloyd Nosler.

Nuno S. Rodrigues

Ben-Hur

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer (EUA)

Realização Cinematográfica: William Wyler

1.ª Apresentação: Cinemas de Lisboa e RTP

Remake da produção de 1925, a de 1959 tinha a seu favor dois factores: o sucesso alcançado pelo filme anterior e o *cast* escolhido, que era liderado por um dos galãs do cinema americano da década de 50, perito em épico-históricos: Charlton Heston. Esta versão tem algumas diferenças de fundo em relação à de F. Niblo: são suprimidas algumas personagens (a de Iras, por exemplo) e o carácter de outras segue novos rumos. O protagonista desempenha agora um papel muito mais assexuado (como

refere R. De Espanha, parece demonstrar mais interesse pela vingança ou pela mãe e irmã, do que pela heroína, cf. *El Peplum. La Antigüedad en el cine*, p.336), enquanto o do seu adversário Messala (Stephen Boyd) ganha uma insinuação sexualmente dúbia na relação com o herói titular. Esta ideia, que saíu da cabeça do escritor Gore Vidal, permite que se crie um ambiente de amor-ódio entre as duas personagens. Além disso, esta produção caracteriza-se também pelo politicamente correcto: a máquina imperial é a culpada dos actos singulares das suas vítimas, como Messala; os Judeus, como Ben-Hur, são um povo digno e os Árabes, como Ilderim, são homens de investimento e, portanto, socialmente importantes (R. de Espanha, *El Peplum. La Antigüedad en el cine*, pp.336-337).

Uma palavra para a música de Miklós Rózsa, premiada com um óscar e que valoriza em muito o impacte das cenas épicas do filme. Aliás, esta realização foi premiada com onze estatuetas da Academia, tendo sido, até à data, o filme mais «oscarizado» de sempre.

Elenco: Actores – Charlton Heston, Jack Hawkins, Stephen Boyd, Haya Harareet, Hugh Griffith, Martha Scott, Sam Jaffe, Cathy O'Donnell, Finlay Currie, Frank Thring, Marina Berti, George Relph, Stella Vitelleschi, José Greci, Richard Hale; **Argumento e Guião** – Karl Tumberg, [Gore Vidal]; **Fotografia** – Robert L. Surtees; **Música** – Miklós Rózsa; **Cenografia** – William A. Horning, Edward Carfagno; **Guarda-roupa** – Elizabeth Haffenden; **Montagem** – Ralph E. Winters, John D. Dunning.

Nuno S. Rodrigues

Cabíria

Produção: Itala Film (Itália)

Realização Cinematográfica: Piero Fosco [pseud. de Giovanni Pastrone]

1.ª Apresentação: SIC

Data: 1999.

Considerado o melhor filme sobre as guerras púnicas, esta produção de 1914 anuncia já dimensões épicas, quer pelo enredo, quer pelos efeitos especiais, quer pela qualidade da cenografia e do guarda-roupa, mais fiel aos originais do que muitas produções posteriores. Na verdade, o impacte visual do filme é o seu principal trunfo.

O argumento baseia-se numa novela histórica de Emilio Salgari, *Cartago em chamas*, publicada em 1906. A intriga mistura um pouco de trama romanesca antiga (Cabíria, uma menina romana, é raptada na

Sicília por piratas depois de uma erupção vulcânica e vendida aos Cartagineses, que se preparam para a sacrificar a Moloc) com a história romana, centrada no tema das guerras romano-cartaginesas. Cabíria acaba por ser entregue ao cuidado da filha de Asdrúbal, Sofonisba, com quem irá crescendo, mudando significativamente o seu nome para Elissa. O filme termina com a chegada das tropas núbido-romanas e a libertação de Cabíria, que entretanto se junta ao general romano Fúlvio Axila. O filme apresentava já a figura emblemática do escravo robusto, que virá a traduzir-se no futuro gladiador, na personagem de Maciste (Bartolomeu Pagano), como *ex libris* dos épicos romanos.

Elenco: Actores – Umberto Mozzato, Bartolomeo Pagano, Italia Almirante Manzini, Lydia Quaranta, Vitale De Stefano, Enrico Gemelli, Alex Bernard, Raffaele Di Napoli, Luigi Chellini, Ignazio Lupi, Emilio Vardannes, Eduardo Davesnes, Ada Marangoni, Dante Testa, Carolina Catena, Domenico Gambino; **Argumento e Guião** – Piero Fosco; **Fotografia** – Segundo de Chomón; **Música** – Giocondo Fino; **Cenografia** – Camillo Innocenti.

Nuno S. Rodrigues

Augusto Sobral, *Bela-Calígula*

Produção: Grupo de Teatro MAIZUM, CRL

Encenação: Rogério Vieira

1.ª Apresentação: Casa dos Tabuenses

Data: 13.7.1987.

Ver Vol. I, pp.239-240.

Carmen Soares

Albert Camus, *Calígula*

Produção: Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Encenação: Jacques Sereys

Tradução: Fernando Fragoso Santos do Vale

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 19.11.1971.

Para encenar a peça *Calígula* de Albert Camus, a Companhia do Teatro Nacional D. Maria II convidou Jacques Sereys da “Comédie Fran-

çaise”. Preocupado com a criação de um simbolismo que tornasse próximo o jogo de situações que vai do trágico ao cómico, do cruel ao lírico, Sereys teve a ideia de transformar o palácio do imperador romano num circo, o circo da vida, onde o homem faz cabriolas e usa as suas máscaras de palhaço. No palco encontravam-se chicotes de tortura, metralhadoras e grades de jaulas-prisões, à mistura com máscaras de palhaço e trapézios. E Calígula tanto envergava o uniforme de um general hitleriano, quando se pretendia pôr em cena o reinado do terror, como aparecia de túnica branca, nos seus momentos de angustiada interrogação, ou travestido de Vénus, num insulto ao último reduto dos preconceitos.

É interessante verificar até que ponto esta ousada encenação de Jacques Sereys conseguiu dividir as opiniões da crítica portuguesa. Vários foram os elogios recebidos: “Trabalho atento, fruto de um estudo aprofundado, inteligente e lógico, o de Jaques Sereys é uma experiência cheia de calor humano e juventude” (Manuela de Azevedo, *DN*, 20.11.1971); “A encenação de Sereys é uma realização inteligente para uma peça inteligente” (Vera Lagoa, *Diário Popular*, 25.11.1971). As críticas negativas não foram em menor número: “Sereys foi para um barroquismo de encenação onde o accidental prejudica o essencial, onde a acção algumas vezes se perde no jogo do gratuito e a ressonância do que de profundo se afirma no palco não encontra mais do que o vazio” (Manuel Magro, *Diário Popular*, 20.11.1971); “O encenador deste espectáculo não entendeu literalmente nada do texto de Camus” (Carlos Porto, *DL*, 22.11.1971); “O assassínio perpetrado na obra de Camus vai ser coisa lembrada (e temida) por muitos anos e bons, o que levará talvez a que tão depressa ninguém lhe volte a pegar” (Orlando Neves, *A República*, Nov.1971).

Já no que diz respeito à interpretação da Companhia do Teatro Nacional, a crítica é quase unânime ao afirmar que foi muito má. Segundo o que pudemos apurar, os nossos actores não corresponderam ao que Sereys lhes exigia, já que, por um lado, não tinham uma mobilidade corporal que lhes permitisse fazer os exercícios que a encenação requeria e, por outro, evidenciavam muitos defeitos declamatórios. A única actuação amplamente elogiada foi a de Varela Silva, que desempenhou o papel de Hélicon, o escravo liberto que continuou cegamente fiel à escravatura.

Dentre os aspectos mais positivos deste trabalho, há a salientar a óptima tradução de Santos do Vale, bem como a bela realização plástica de Lucien Donnat, que muito parece ter contribuído para os momentos mais altos do espectáculo.

Em termos gerais, podemos, sem receios, afirmar que este *Calígula* não foi uma das melhores apostas da Companhia do Nacional. Mas uma coisa é certa: a peça provocou celeuma, que é talvez, como dizia Helena

Mesquita em *A Capital*, 20.11.1971, “o melhor que se pode desejar no morno e insípido ambiente em que vivemos”.

Elenco: Actores – José de Castro (Calígula), Mariana Rey Monteiro (Cesónia), Rogério Paulo (Cherea), Varela Silva (Hélicon), Rui Pedro (Cipião), Luís Filipe (Lepidus), Rui Furtado (Merea), Tomás de Macedo (Metelus), Luís Pinhão (Senectus), Manuel Cavaco (Octavius), Fernando Santos (Intendente), José David (Mucius), Senuel de Carvalho (Septimicus), José Melchior (Brutus), Duarte Nuno (Guarda), Paulo Garcia (Primeiro Poeta), Júlio Coutinho (Segundo Poeta), Francisco Serafim (Terceiro Poeta), Fernanda Pinto (Mulher de Mucius) e alunos da Casa Pia de Lisboa; **Cenários e Figurinos** – Lucien Donnat; **Sonoplastia** – Leonel da Silva; **Direcção de Cena** – Pedro Lemos; **Montagem** – Fernando Correia; **Contra-regra** – João Francisco; **Guarda-roupa** – Carmina Teixeira, Alberto Armindo, Manuel Lopes, João Pinto (para os chapéus); **Cenografia** – José Manuel, Rebocho, Alberto; **Pontos** – Adeline Matos, Mário Bernardo.

Cláudia Cravo

Albert Camus, *Calígula*

Produção: Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos

Encenação: João Silva

1.ª Apresentação: Salão Nobre do Hospital Júlio de Matos

Data: Maio de 1974.

Por iniciativa de técnicos de saúde do Hospital Júlio de Matos e de alguns profissionais ligados às áreas de teatro e de informação, surgiu, em 1968, a ideia de criar um entretenimento teatral que dinamizasse doentes do foro da psiquiatria de um dos pavilhões do hospital. Foi assim que nasceu o Grupo de Teatro Terapêutico (GTT) que, em Dezembro desse mesmo ano, se estreou com a apresentação, em duas sessões, para o interior da instituição e para o público em geral, do texto *Óleo* de Eugene O'Neill. O êxito deste espectáculo motivou os participantes a continuarem a trabalhar. Em Julho de 1969, o GTT levou à cena a peça *Torno* de Luigi Pirandello, seguindo-se, em Julho de 1970, a representação de *Caleidoscópio*, texto de Eduardo Gama, ex-doente do hospital. Esta peça, que mais não era do que uma crítica social e política, suscitou o descontentamento do regime da altura, que deliberou que, a partir de então, todos os projectos do GTT teriam de passar pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos. Foi neste contexto, mais concretamente

depois de proibida a representação da peça *A Traição do Padre Martinho* de Bernardo Santareno, na qual o grupo trabalhara com afinco de 1970 a 1972, que surgiu a ideia de preparar a peça *Calígula* de Albert Camus. Segundo os responsáveis por esta escolha, o texto camusino é a ilustração ideal da prepotência levada ao extremo da crueldade patética e do ridículo; é a tragédia dos que servem o autoritarismo mas que esquecem “o monstro que bate a qualquer porta”.

Muitos dos actores conduzidos pelos técnicos de saúde para actuar em *Calígula* vieram de pavilhões do hospital recuados, mesmo considerados de “vigilância”. A estes doentes juntaram-se outros de “clínica mais aberta” e também elementos vindos do exterior: doentes não hospitalizados, estudantes universitários, etc.

O tratamento do texto em cena e o jogo de personagens foram aspectos desenvolvidos com naturalidade, paralelamente à vivência dos actores no dia-a-dia do grupo em geral. A maior dificuldade esteve na escolha de um actor que interpretasse a figura do imperador romano. De facto, passaram pelo projecto quatro Calígulas que foram progressivamente rejeitados pelos outros doentes-actores.

O espaço da acção teatral foi concebido de acordo com as ideias dos vários actores. Panos pretos estavam suspensos por uma tubagem de metal. Num dos extremos da sala, ao fundo, via-se uma lua gigante, feita de madeira e papel prateado, desenhada a preto e mostrando o choro de um bebé-chorão. Alguns actores estavam vestidos com lençóis colocados em posição de túnica romana; outros envergavam roupas actualizadas.

É de registar que os intervenientes neste projecto souberam dar ao drama de *Calígula* um toque de actualidade, escrevinhando vários textos que foram encaixados na obra de Albert Camus. Assim, para além dos quatro actos que integram a peça, o trabalho levado à cena pelo GTT era ainda constituído por: um prólogo da autoria de actores doentes esquizofrénicos; um poema escrito por um outro actor, também doente esquizofrénico, e declamado entre os II e III actos; um poema burlesco, dito entre os III e IV actos, da autoria de um actor doente epiléptico; e ainda um último poema, com o qual terminava o drama, escrito em 1972 por um actor doente esquizofrénico.

A peça foi apresentada ao público numa única sessão, em Maio de 1974, com a casa completamente esgotada. Infelizmente não foram feitos registos filmados ou gravados e são igualmente desconhecidos quaisquer apontamentos fotográficos da representação.

Esta produção envolveu quinze doentes mentais (de vários quadros patológicos) e cinco actores sem experiência da “doença”. Teve o apoio dos profissionais de saúde Dr. Afonso de Albuquerque, Dr. Leopoldo

Campos de Morais, Dr.^a Clementina Diniz, Dr. Américo de Assunção e o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Cláudia Cravo

Albert Camus, *Calígula*

Produção: Comuna – Teatro de Pesquisa

Encenação: João Mota

Tradução: Raúl de Carvalho

1.^a Apresentação: Lisboa, Comuna

Data: 22.3.1986.

Ver Vol. I, pp.240-241.

Carmen Soares

Albert Camus, *Calígula*

Produção: Companhia de Teatro de Almada

Encenação: Joaquim Benite

Tradução: António Pescada

1.^a Apresentação: Almada, Teatro Municipal

Data: 7.11.1996

Outras: no mesmo local, 8.11-15.12.1996 (de quinta a domingo).



Como 65.^a produção da Companhia de Teatro de Almada, e a comemorar os seus vinte e cinco anos de actividade, o grupo levou à cena a peça *Calígula* de Albert Camus, numa tradução de António Pescada. Entendendo que uma tradução de teatro não pode fazer-se longe do palco, Pescada assistiu à leitura colectiva do drama em voz alta e aos ensaios. Com a colaboração do encenador e dos actores, muitas frases foram sendo alteradas, tendo a peça passado por cinco versões diferentes até ao texto final.

A uma tradução “brilhante” (como lhe chamou a crítica) juntou-se um homem de larga experiência – Joaquim Benite, director da maior parte dos 65 espectáculos da Companhia.

Na opinião de Benite, o importante era assumir completamente o teatro de ideias proposto por Camus, isto é, partir da sua óptica, que faz uso de *Calígula* e das personagens que o rodeiam, para apresentação de

uma tese. E a primeira consequência desta posição foi – citando as palavras do próprio encenador – “rejeitar a ideia comum da ‘loucura’ de Calígula, que justificaria a sua monstruosidade, e compreender que, ao contrário, o seu comportamento decorre de uma extrema lucidez, e que o seu percurso não é mais do que o resultado de um desesperado mentalismo. Todas as acções de Calígula são filhas de uma razão que se desenvolve incessantemente. Na base deste mentalismo está a descoberta do absurdo da vida e a revolta contra a condição humana”. No entender de Benite, *Calígula* é, indiscutivelmente, uma peça que coloca no centro da sua temática a discussão sobre valores morais e problemas éticos, facto que, segundo ele, determina a “actualidade flagrante” do texto. É também uma “demonstração, por absurdo, da crueldade do Poder”.

Muito bem acolhido pelo público, este drama contou com nomes bem conhecidos da televisão: Paulo Matos e Luís Vicente, dois dos grandes responsáveis pela limpidez do espectáculo, segundo diz a crítica. Paulo Matos teve em *Calígula* o mais longo e completo de todos os papéis que já representara no teatro. Afirma Manuel João Gomes (*Público*) a respeito da sua interpretação: “É um espectáculo raro vê-lo passar da grande angústia à agressão irónica, ou da digressão filosofante ao histrionismo mais burlesco”.

Também a prestação de Pedro Saavedra, aluno do Conservatório Nacional que deu vida ao jovem poeta amante de Calígula, granjeou caloroso aplauso da crítica: “intérprete sensual, reflectido, surpreendente”.

Destaque merece, ainda, o cenário, que foi nitidamente concebido com o objectivo de impelir a atenção para o texto e para os actores – chão de mármore claro, mobiliário e muros negros, em que se abrem vãos emoldurados em mármore cinzentos.

O Secretário de Estado da Cultura assistiu ao espectáculo de estreia.

Elenco: Actores – Paulo Matos (*Calígula*), Luís Vicente (*Cherea*), Teresa Gafeira (*Cesónia*), Alexandre de Sousa (*Hélicon*), Pedro Saavedra (*Cipião*), Alberto Quaresma (*Primeiro Patrício*), Alfredo Sobreira (*Mereia*), António Assunção (*Velho Patrício*), Carlos Gonçalves (*Terceiro Patrício*), Carlos Lacerda (*Intendente*), Celestino Silva (*Segundo Patrício*), Maria Frade (*Mulher de Mucius*), Miguel Martins (*Guarda*), Nuno Simões (*Mucius*); **Assistente de Encenação** – Vítor Gonçalves; **Desenho de Luzes** – Joaquim Benite, Carlos Galvão; **Colaboração Coreográfica** – Ana Gouveia; **Direcção de Cena** – Maria Frade; **Direcção de Montagem e Adereços** – José Verdades; **Luz e Som** – Carlos Galvão, Rui Silva; **Guarda-roupa** – Maria Gonzaga; **Ajudantes de Montagem** – António Cipriano, Daniel Verdades; **Direcção de Produção** – Vítor Gonçalves; **Assistente de Produção** – Paulo Mendes; **Relações Públicas** –

Miguel Martins; **Publicidade** – António Pescada; **Grafismo** – Pedro Machado; **Fotografia** – Jorge Caria, José Frade.

Cláudia Cravo

Albert Camus, *Calígula*

Produção: Het Zuidelijk Toneel (Holanda)

Encenação: Ivo van Hove

1.ª Apresentação: Lisboa, Grande Auditório da Culturgest

Data: 24.4.1998

Outras: no mesmo local, no dia seguinte.

A companhia de teatro holandesa Het Zuidelijk Toneel trouxe à Culturgest uma adaptação da primeira versão do drama *Calígula* de Albert Camus. Talvez menos interessante do ponto de vista político, a versão escolhida, datada de 1941, cria todo um conjunto de situações emocionais que fazem da angústia existencial do imperador romano o fulcro da peça.

Acessível ao público português graças ao sistema de legendas, esta representação mereceu grandes elogios da crítica. Ouçamos, a propósito, as palavras de Carlos Porto: “Trabalho conjunto e individual, procura do mero pormenor (ruído das chávenas, por exemplo), reinvenção de processo óbvio (o espelho, os vídeos), este espectáculo constitui uma criação marcada por uma inteligência, um rigor e uma inventividade como é raro ver-se”. E ainda: “o trabalho dos intérpretes, de todos eles (com um *Calígula* – Steven van Wartermeulen – fabuloso) é decisivo para a qualidade excepcional deste espectáculo”.

A cenografia e as luzes estiveram a cargo de Jan Versweyveld. Não dispusemos de informações relativas à constituição do elenco da peça.

Elenco: Actores – Steven van Wartermeulen; **Cenografia e Luzes** – Jan Versweyveld.

Cláudia Cravo

Calígula

Produção: Penthouse Films International (EUA)/ Felix Cinematografica (Italia)

Realização: Não consta.

1.ª Apresentação: Cinemas de Lisboa.

Esta é uma «estranha» adaptação da biografia de Calígula ao grande ecrã. Estranha, porque o argumento vive essencialmente de um erotismo que chega a resvalar na pornografia, por recorrer ao sado-masoquismo e ao ambiente orgiástico, apesar do *cast* de luxo que dá vida às personagens (J. Gielgud, P. O'Toole, H. Mirren, M. McDowell). Refira-se, contudo, que esse mesmo elenco veio posteriormente a mostrar-se arrependido, por ter participado nesta produção.

O argumento segue os textos dos historiadores latinos, Tácito e Suetónio, dando-se ênfase à esquizofrenia do imperador, acentuando particularmente o incesto com a irmã Drusila. A caracterização da figura de Tibério segue também o mesmo espírito, bem como a de Cláudio que, usualmente, é retratado como o imperador «sensato». Para a banda sonora foram escolhidos extractos de compositores como Khachaturian e Prokofiev, que acompanham as cenas de abertura, algo bucólicas, talvez até um pouco teocriteanas, protagonizadas pelo imperador e sua irmã Drusila.

Elenco: Actores – Malcolm McDowell, Teresa Ann Savoy, Helen Mirren, John Gielgud, Peter O'Toole, Guido Mannari, Giancarlo Badessi, Adriana Asti, Leopoldo Trieste, Paolo Bonacelli, John Steiner, Bruno Brive, Mireia Dangelo, Richard Paretts, Paula Mitchell, Donato Placido; **Argumento e Guião** – Não consta [baseado num argumento original de Gore Vidal]; **Fotografia** – Giancarlo Lui; **Música** – Paul Clemente, Khachaturian, Prokofiev; **Cenografia e Guarda-roupa** – Danilo Donati.

Nuno S. Rodrigues

Albert Camus, *Calígula*

Produção: Centro Dramático Galego

Encenação: Manuel Guede Oliva

Iniciativa: V Festeixo

1.ª Apresentação: Viana do Castelo, Teatro Municipal de Sá de Miranda

Data: 27-28.10.2000.

Foi em Portugal que o Centro Dramático Galego veio estreiar a sua versão de *Calígula* de Camus, em que se empenharam dezena e meia do seu elenco de actores.

Elenco: Coreografia e Selecção Musical – Thelma Putnam; **Cenografia** – Seara Morales; **Figurinos** – António Pernas.

M. F. S. S.

Carl Orff, *Carmina Burana*

Produção: Companhia de Ópera Italiana

Maestro Director: Oliviero de Fabritus

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1954.

Na temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos, foi levada à cena a obra de Carl Orff *Carmina Burana*, em 1954, pela Companhia de Ópera Italiana, com a participação da Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida por Oliviero de Fabritus. O Coro do Teatro Nacional de S. Carlos participou no espectáculo, bem como o Corpo de Baile “Verde Gaio” do S.N.I.

Elenco: Intérpretes – Rosanna Carteri (Soprano), Nicola Filacuridi (Tenor), Walter Monachesi (Barítono); **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestros Substitutos** – António Brainnovich, Renato Sabbioni; **Direcção Coreográfica e Bailarinos Solistas** – Francis Graça, Violette Quenolle; **Regista** – Riccardo Moresco; **Cenografia e Luminotecnia** – Alfredo Furiga; **Ponto** – Carlo Pasquali; **Chefes de Contra-regra** – Mário Encarnação, Columbano Sabino.

Ana Paula Quintela

Carl Orff, *Carmina Burana*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Pedro de Freitas Branco

Data: 1958.

Os *Carmina Burana* voltaram a subir ao palco do Teatro Nacional de S. Carlos, igualmente com o acompanhamento da Orquestra Sinfónica Nacional, desta vez sob a batuta de Pedro de Freitas Branco. Tal como aconteceu em 1954, o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos e o Corpo de Baile do S.N.I colaboraram no espectáculo.

Elenco: Intérpretes – Maria Cristina Castro (Soprano), Armando Guerreiro (Tenor), Manuel Leitão (Barítono); **Maestros do Coro** – Mario Pellegrini, Carlo Pasquali; **Maestros Substitutos** – Konrad Brenner, Rudolf Sailer; **Direcção Coreográfica e Bailarinos Solistas** – Francis Graça, Violette Quenolle; **Regista** – Frank Quell; **Cenografia e Lumino-tecnia** – Alfredo Furiga; **Ponto** – Sitta Muller-Wishin; **Director de Palco** – Abílio de Mattos e Silva; **Contra-regra** – Columbano Sabino; **Electricista-chefe** – Liège de Almeida; **Maquinista-chefe** – José Paulo Mota; **Guarda-roupa** – “Peris Hermanos”.

Ana Paula Quintela

Carl Orff, *Carmina Burana*

(Versão de Concerto)

Maestro: Carl Orff

Iniciativa: VII Festival Gulbenkian de Música

Data: 18.5 – 8.6.1963.

Estes escassos elementos foram colhidos no volume de actualização da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, s.v. Orff.

Ana Paula Quintela

Carl Orff, *Carmina Burana*

Produção: Les Grands Ballets Canadiens

Iniciativa: XIII Festival Gulbenkian de Música

Data: 1969.

Com coreografia de Fernand Nault, a companhia de bailado *Les Grands Ballets Canadiens* apresentou a obra de Carl Orff *Carmina Burana*. Segundo a crítica de *Vida Mundial*, tratou-se de “um espectáculo total de dança, canto e música cénica teatral” que, devido à sua incontestável qualidade, agradou à maior parte do público que a ele assistiu no Coliseu de Lisboa.

Ana Paula Quintela

Carl Orff, *Carmina Burana*

Produção: Companhia Nacional de Bailado

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Municipal de S. Luís

Data: 11.3.1979

Outras: 21, 22 e 24.2.1985.

Com coreografia de Armando Jorge e concepção plástica de Gil Teixeira Lopes e de Da Silva Nunes (pseudónimo de Armando Jorge, enquanto cenógrafo e figurinista), foi levada à cena, sobre a partitura de Carl Orff, a cantata *Carmina Burana*. O coreógrafo procurou fugir a “qualquer reconstituição teatral de sentido realista”, optando, pelo contrário, por uma via “abstractizante”, conforme se pode ler no programa do espectáculo realizado na temporada de Fevereiro/Março de 1985.

Ana Paula Quintela

Carl Orff, *Carmina Burana*

Produção: Ópera da Silésia

Maestro: Jaroslaw Bagrowski

1.ª Apresentação: Silves, Castelo

Data: 12.8.1999.

Com a colaboração da Orquestra do Norte, sob a direcção do maestro José Ferreira Lobo, o coro da Ópera da Silésia interpretou, em versão de concerto, a cantata *Carmina Burana*.

Elenco: Intérpretes – Elvira Ferreira (Soprano), Feliks Widera (Tenor), Boguslaw Zalasinski (Barítono).

Carmina Burana
de Carl Orff
(versão concerto)

Pela
Orquestra do Norte
e
Coro da Ópera da Silésia

Sob direcção do
Maestro Jaroslaw Bagrowski

Solistas: - Elvira Ferreira, *soprano*
- Feliks Widera, *tenor*
- Boguslaw Zalasinski, *barítono*

Narrador: António Almeida Matos

Programa

Castelo de Silves

Ana Paula Quintela

Carl Orff, *Carmina Burana*

Produção: Franz Abraham Art-Concerts (Munique)

Maestro: João Paulo Santos

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Pavilhão Atlântico

Data: 3.12.1999

Outras: 4-5.12.1999.

Com a colaboração da Orquestra Metropolitana de Lisboa e do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, sob a direcção do maestro João Paulo Santos, foi trazida ao Pavilhão Atlântico esta super-produção, que, estreada em Munique em 1995, por ocasião do 1.º centenário do nascimento de Carl Orff, tem corrido o mundo, tendo sido já vista por mais de 650.000 espectadores. Previsto inicialmente apenas para os dias 3 e 4 de Dezembro de 1999, o espectáculo no Pavilhão Atlântico, cuja lotação rapidamente se esgotou, teve de ser repetido no dia 5, por “exigência” do público. Calcula-se que cerca de 36.000 pessoas terão assistido, em Lisboa, a este grandioso evento, que, ao que parece, desagradou aos puristas, mas que, a julgar pelos aplausos, impressionou vivamente a assistência em geral.



Como o maestro Walter Haupt – discípulo do próprio Carl Orff, que o terá ajudado a preparar o espectáculo – e o arquitecto e encenador Mihail Tchernaev pretendiam, foi alcançado o “teatro total” com esta encenação, em que todos os elementos são igualmente importantes, desde a iluminação e o cenário à direcção de actores e à técnica. Este objectivo foi plenamente conseguido nesta ópera monumental que não se limitou a ser um deleite para os ouvidos, mas também para a vista.

O espectáculo inicia-se com o desfile em procissão, através da plateia, dos elementos do coro e dos actores embiocados e empunhando archotes, ao som do dobrar dum sino e do rufar soturno de tambores. Depois de instalados no palco, as cenas vão desenrolar-se numa torre de 22 metros de altura, onde se movimentam cerca de 250 participantes, incluindo actores, bailarinos e acrobatas. Um anjo e um demónio começam por atear o fogo à roda da Fortuna que gira, inflamada, numa atmosfera mística e onírica. Nada faltou – nem sequer os efeitos pirotécnicos – para criar o ambiente mágico que estava na mente do próprio Carl Orff, ao compor a obra, como é evidente pelo subtítulo que lhe deu: “Cantiones profanae cantoribus et choris cantandae comitantibus instrumentis atque imaginibus magicis”. Através duma tecnologia altamente sofisticada, a torre vai assumindo múltiplos aspectos e permite que se desenrolem, a vários níveis, cenas simultâneas. Perante os olhares incrédulos dos espectadores surgem praticamente “do nada”, neste cenário fantasmagórico, um iceberg, uma floresta, um navio, um castelo ...

Elenco: Intérpretes – Eteri Lamoris (Soprano), Kevin Connors (Tenor), Motti Kastón (Barítono); **Bailarinos e Actores** – Teatro Ustí nad Labem / República Checa; **Coreógrafo** – Ondrej Soth; **Coreógrafo Adjunto** – Blanká Honsova; **Desenho de Luz** – Hans-Joachim Haas; **Efeitos Pirotécnicos** – Diamond Feuerwerke, Christian Neuhaus; **Figurinos e Toucados** – Heike Hartmann; **Directores de Produção** – Gustl Walter, Johann Eisenmann; **Director Assistente e Director de Palco** – Rosemarie Nistler; **Electricista-chefe** – Ingolf Berger.

Ana Paula Quintela

Carpe Diem

Produção: Estudantes do Curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa da Faculdade de Letras de Coimbra

Iniciativa: II Colóquio de Cultura Greco-Latina

1.ª Apresentação: Viseu, Universidade Católica

Data: 25.1.1990

Outras: Coimbra (Faculdade de Letras, Teatro Paulo Quintela), 13.3.1990; Aveiro (Universidade), 26.4.1990; Torres Novas (Ginásio da Escola Secundária), 3.5.1990; Coimbra (Escola Secundária Infanta D. Maria), 17.5.1990; Anadia (no âmbito do II Congresso Peninsular de História Antiga), 20.10.1990; Entroncamento (Teatro), 16.11.1990; Ílhavo, Novembro de 1990; Viseu (Universidade Católica, III Congresso de Cultura Greco-Latina), 10.1.1991; Porto (Escola Secundária Carolina Michaelis), Janeiro de 1991; Leiria (Escola Secundária Rodrigues Lobo), 26.4.1991; Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 12.7.1991; Valongo, 13.12.1991.

Eram gregos, latinos e portugueses os poemas que integraram este espectáculo, tendo como factor de união o tema *Carpe Diem*. Foram musicados pelo estudante Paulo Pedrosa e executados por um conjunto de jovens colegas do autor da música. Pela vivacidade e interesse que caracterizou este programa, bem como pelo impacto criado pelo grupo de estudantes, as diversas realizações foram sempre muito participadas e vibrantemente aplaudidas.

M. F. S. S.

Carl Orff, *Catulli Carmina*

Produção: Reitoria da Universidade de Lisboa, Coro da Universidade de Lisboa, RTP

1.ª Apresentação: Universidade de Lisboa, Aula Magna

Data: 28-29.5, 1-2.6.1999.

Esta apresentação da cantata *Catulli Carmina* de Carl Orff foi interpretada por bailarinos, sob a orientação de Sofia Neuparth e Peter Michael Dietz. José Robert dirigiu o coro; participaram, ainda, o tenor Carlos Guilherme, a soprano Elsa Cortês, os pianistas Nuno Bar-



roso, Nuno Lopes, Francisco Sasseti, Armando Vidal e os percussionistas da Banda da Armada. Posteriormente, em 6.2.2000, este concerto foi transmitido pela RTP2 no programa Artes do Palco.

M. F. S. S.

Catulo

Direcção: Paulo Pedrosa

Iniciativa: Congresso 'O Amor desde a Antiguidade Clássica'

1.ª Apresentação: Coimbra,
Faculdade de Letras (Teatro Paulo
Quintela)

Data: 1.4.1992.



Organizado pelos estudantes do Curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, decorreu, entre 31.3. e 1.4. de 1992, no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, um congresso dedicado ao tema 'O Amor desde a Antiguidade Clássica'. A rematar esta iniciativa, os estudantes, dirigidos pelo colega Paulo Pedrosa, que musicou várias odes gregas e latinas, introduziram um espectáculo musical. Esta apresentação teve *Catulo* por único motivo e partiu do *Carme 51*, executado ao piano pela estudante Gabriela Barroso. Para os restantes nove *carmes* que compuseram o programa o acompanhamento musical foi executado em gravação. Ana Maria Almeida e Manuel Ramos encarregaram-se de apresentar, antes de cada execução musical e coral, uma pequena introdução informativa sobre cada poema. Algum estímulo visual foi assegurado pela projecção simultânea de diapositivos.

M. F. S. S.

L. Refice, *Cecília*

Produção: Orquestra Sinfónica Nacional

Maestro Director: Licinio Refice

Libreto: Emilio Mucei

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1947

Data: Abril de 1947.

Nascido em Roma nos finais do séc. XIX, L. Refice foi professor da Escola Pontifícia de Música Sacra e, no mesmo âmbito, compôs uma longa e variada série de produções. Já numa fase de maturidade compôs a acção-sacra *Cecília*, que juntamente com outras criações o consagrou como um compositor de mérito. Conhecido como um notável director de orquestra, Refice, como sacerdote, beneficiou de uma autorização papal para reger, nos teatros, as suas produções, vestido de hábitos talaes. O tema tratado nesta composição diz respeito ao martírio de Santa Cecília, cristã perseguida em Roma. Foi executada pela primeira vez em Roma, no Teatro Real da Ópera, em 1934, e depois repetida nos mais diversos países. Lisboa teve o privilégio de a ouvir, sob a direcção do autor e cantada pelos melhores dos seus intérpretes.

Elenco: Intérpretes – Pequeno Coro, Elena Raggi (Anjo de Deus), Elisabetta Barbato (*Cecília*), Ugo de Rita (Valeriano), Luigi Borgonovo (Tibúrcio), Miriam Pirazzini (Velha Cega), Alfredo Colella (Bispo Urbano), Paolo Caroli (Liberto), Ildebrando Santafé (Escravo); Corpo Coral do Teatro.

M. F. S. S.

Cervantes, *O Cerco de Numância*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1959.

M. F. S. S.

Jacques Prévin, *César* (Renascença Francesa)

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1959.

M. F. S. S.

George Bernard Shaw, *César e Cleópatra*

Produção: Gabriel Pascal/ Two Cities (Inglaterra)

Data da Produção: 1946

Direcção Cinematográfica: Gabriel Pascal

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Eden

Data: 17.1.1947.

Esta produção da peça de George Bernard Shaw, escrita em 1901, foi feita em pleno período bélico (entre 1944 e 1945). A filmagem desta peça insere-se no projecto do realizador, Gabriel Pascal, de adaptar ao cinema o teatro de Shaw, tendo a crítica considerado esta a adaptação mais bem sucedida. Deve referir-se, aliás, que foi o próprio Shaw, então com quase 80 anos, a adaptar o argumento ao cinema.

Na tentativa de se manter fiel ao texto dramático, a encenação de Pascal acabou por ser pouco cinematográfica; porém, ganhou em suntuosidade cenográfica e de guarda-roupa. O dinheiro gasto na produção, todavia, não foi bem aceite pela população inglesa, precisamente por se estar num período em que se apelava às restrições, tendo em vista o esforço de guerra. O que acabou por ter como consequência o exílio cinematográfico do próprio realizador em Hollywood.

Tem-se salientado que, apesar das cenas de acção rodadas em exteriores, esta produção é fundamentalmente uma encenação teatral filmada. A sua interpretação dos factos distancia-se da tradicional, ao dar um tom de cómico sofisticado às personagens e ao suprimir a insinuação sexual entre os protagonistas. O que é uma originalidade na tradição que tem tratado o tema, mas pertinente do ponto de vista das fontes clássicas. A figura de Cleópatra, soberbamente interpretada por uma Vivien Leigh pueril e astuta, surge como uma Lolita que, apesar do fascínio que exerce sobre um César que caminha para os 60 anos, não é mais do que a imagem da quimera da juventude. A nível da interpretação, destacou-se ainda a da reconhecida actriz inglesa Flora Robson. A sua interpretação do papel da criada da rainha, cujo estranho nome de Ftatateeta causa enormes dificuldades de pronúncia a Júlio César, proporcionando alguns momentos do melhor humor britânico, é sem dúvida das mais notáveis de todo o elenco.

Elenco: Actores – Claude Rains (Júlio César), Vivien Leigh (Cleópatra), Stewart Granger (Apolodoro), Flora Robson (Ftateeta), Cecil Parker (Britano), Francis L. Sullivan (Potino), Basil Sydney (Rúfio), Raymond Lowell (Lúcio Sétimo), Anthony Eustrel (Aquilés), Ernest Thesiger (Teódoto), Anthony Harvey (Ptolemeu), Renée Asherson (Iras), Olga

Edwardes (Cármion), Leo Genn (Bel Afris), Jean Simmons (Harpista), Harda Swanhilde (Aia de Cleópatra), Stanley Holloway (Belzanor), Basil Jayson (Mitridates); **Assistência ao Argumento** – Marjorie Deans; **Fotografia** – F. A. Young, Robert Krasker, Jack Cardiff, Jack Hildyard; **Música** – Georges Auric; **Cenografia e Guarda-roupa** – Oliver Messel; **Montagem** – Frederick Wilson.

Nuno S. Rodrigues

George Bernard Shaw, *César e Cleópatra*

Produção: Southern Television, Talent Associates-Norton Simon Clarion, David Susskind, Duane Bogie (Inglaterra)

Encenação e Realização: James Cellan Jones

Adaptação: Audrey Maas

1.ª Apresentação: RTP 2

Data: 1980.

Esta é uma encenação de estúdio, à maneira britânica, da peça de G. Bernard Shaw, que tenta reproduzir em televisão a técnica e cenografia do palco. O resultado é uma produção mais contida, como é evidente, do que a produção de Pascal nos anos 40. O elemento forte é o recurso a actores de teatro, dos quais se destacam as interpretações dos papéis titulares, a do veterano Alec Guinness, que aparece como um maduro Júlio César, constantemente encantado com a inocência e a infantilidade da rainha do Egipto, e a de Geneviève Bujold, como a rainha que procura ainda o seu lugar na política do seu tempo e recorre ao general romano como se de um auxílio paterno se tratasse.

Seguindo o espírito de Shaw, estes César e Cleópatra desprezam o erotismo entre si, mantendo antes uma relação de afectividade paterno-filial, condimentada com momentos de humor, como a já célebre dificuldade do líder romano em pronunciar o estranho nome da ama da rainha.

Quanto à encenação propriamente dita, parece existir alguma dificuldade em demonstrar o ambiente de tensão militar, que supostamente existiria no cerco romano ao palácio dos Ptolemeus em Alexandria, quer pela qualidade cenográfica, quer pelo número limitado de figurantes em cena. De qualquer modo, não se pode esperar de uma encenação teatral o que é possível fazer com uma realização cinematográfica e essa limitação é superada pela qualidade de representação dos actores.

Uma palavra ainda para o guarda-roupa, sem dúvida mais teatral do que real, não deixando, no entanto, de desempenhar a função de inserção das personagens no seu tempo.

Elenco: Actores – Alec Guinness (Júlio César), Geneviève Bujold (Cleópatra), Margaret Courtenay (Ftataetea), Iain Cuthbertson (Rúfio), Noel Willman (Potino), David Steuart (Teódoto), Gareth Thomas (Aquiles), Michael Bryant (Britano), Clive Francis (Apolodoro), Jolyon Bates (Ptolemeu), Roy Stewart (Escravo Núbio), Matthew Long (Soldado Ferido), Neville Phillips (Mordomo), Ludmila Nova (Cármion), Kristin Hatfeild (Iras); **Luzes** – Hedley Versey; **Som** – Keir Polyblank; **Música** – Michael Lewis; **Cenografia** – Eileen Diss; **Guarda-roupa** – Jane Robinson; **Editor Vídeo** – Ken McLeod-Baikie; **Caracterização** – Trish Heather, Sue Adams; **Produtor Associado** – Margaret Matheson; **Produtor Executivo** – Lewis Rudd; **Tradução Portuguesa** – Marta Silva e Sousa.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Cimbelino*

Produção: Teatro da Cornucópia

Encenação: Luís Miguel Cintra

Tradução: Luís Miguel Cintra, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: 15.6-30.7.2000.

Esta peça de Shakespeare pertence à produção final do dramaturgo. O seu argumento tem algo em comum com a *Norma* de Romani. Ambos os textos são situados na província britânica do Império Romano, tendo como protagonistas habitantes naturais dessas paragens, e ambos recolhem influências da literatura grega: da *Medeia* de Eurípides, no caso da ópera de Bellini, do romance grego, no caso de *Cimbelino*. Escrita talvez em 1610, esta tragédia pertence também ao tipo de textos shakespearianos a que alguns comentadores chamam «romances», visto que as afinidades com esse género helenístico, também presentes na comédia nova, são de facto bas-



tantes: desencontros de amantes e de pais e filhos, reencontros, naufrágios, viagens fantásticas, aparições maravilhosas e intervenções das divindades antigas. No exemplo em questão, conta-se a história de um rei da Britânia, Címbelino, que reina sobre um mundo de mentiras, maldade e corrupção, casado em segundas núpcias com uma mulher sem escrúpulos, que pretende casar o seu próprio filho com a filha do rei; sua enteada, portanto. Todavia, esta, Imogénia, ama outro homem, Póstumo Leonato, com quem já casou mesmo, secretamente. Amor que levará o jovem ao exílio em Roma. Entretanto, o rei, num acto de injustiça, desterrara um suposto seu inimigo, que lhe levara dois filhos, que criara como se fossem seus, e que virá finalmente a reencontrar numa cena típica de reconhecimento trágico. A quantidade de elementos já anteriormente trabalhados pelo poeta inglês e reinseridos neste texto levou os especialistas de Shakespeare a referirem-se a *Címbelino* como a peça síntese do dramaturgo, visto que nela é possível encontrar temas de *Macbeth*, *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Otelo*, *Noite de Reis*, *Rei Lear* ou *Como lhe aprouver*. O que demonstra que o processo usado pelos argumentistas de *Shakespeare in Love* também não primou pela originalidade. O irónico é verificar que quem deu a ideia foi o próprio dramaturgo do título.

Paralelamente a essas contaminações literárias, Shakespeare construiu também o enredo sobre inverosimilhanças históricas e até mesmo anacronismos, fazendo coincidir, por exemplo, a Roma do principado augustano com a Itália seiscentista. A cidade de Roma é também usada como elemento de referência urbana que se opõe ao espaço pastoril da Britânia provincial. Um tema caro ao século XVII: o diálogo campo/cidade. O elemento trágico clássico está marcado não só ao nível do reconhecimento/clímax, tal como teorizado por Aristóteles, e da violência senequiana, mas também ao nível da intervenção *deus ex machina*, única solução aparentemente possível para uma história tão extraordinariamente enredada, do deus Júpiter, que desce à terra montado numa águia, para indicar as soluções que levarão ao êxodo feliz e redentor da tragédia.

A fonte de inspiração desta tragédia parece ter sido a *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth. Todavia, Címbelino vinha já registado na historiografia clássica, nomeadamente em Suetónio e em Díon Cássio, que se referem a um rei de Camuloduno (Colchester, Essex) com esse nome. Segundo os historiadores antigos, Címbelino teria sido educado como refém em Roma, pelo próprio Augusto, pelo que se tornara aliado da máquina administrativa romana, e governado mais de trinta anos, entre 33 a. C. e o início do século I d. C. Elementos que não foram totalmente aproveitados por Shakespeare.

Quanto a esta produção do Teatro da Cornucópia, há que referir que, para além de ser a quarta da companhia, no que diz respeito ao seu *curriculum* shakespeariano, tem também o mérito de ser a primeira vez que se faz representar *Cimbelino* em Portugal. O cenário foi especialmente cuidado, tendo-se montado um palco que fica envolvido pelos espectadores e que permite uma maior proximidade entre o narrado e o assistente. Quanto aos figurinos, seguiu-se um pouco o espírito da produção de *Édipo Rei* de Don Taylor para a BBC, optando-se pelo visual intemporal do guarda-roupa que permite a cristalização da história no tempo, adequando-a a todos os tempos. No que diz respeito à tradução, seguiu-se a edição de Roger Warren, editada pela Oxford University Press, traduziram-se os nomes das personagens para português e anularam-se os versos originais, mas houve o cuidado de manter um certo ritmo que permita uma aproximação do espírito do texto original, «uma solução em verso, sem rigor métrico, conservando alguma cadência rítmica para o distinguir da prosa, deixando que o vocabulário e a sintaxe mantivessem a linguagem do texto primitivo», como afirma o encenador, Luís Miguel Cintra (*Público*, 16.6.2000, p.20).

Elenco: Actores – José Manuel Mendes (Cimbelino, Júpiter), Márcia Breia (Rainha), Rita Durão (Imogénia), José Airosa (Póstumo Leonato), Ricardo Aibéo (Cloten), Luís Lima Barreto (Pisânio, Sicílio Leonato), Luís Lucas (Cornélio), Sofia Marques (Helena), Francisco Nascimento (Bobo), Nicolau dos Mares (Carcereiro), Rogério Samora (Giacomo), Nuno Lopes (um Holandês), Duarte Guimarães (um Espanhol), Diogo Dória (Caio Lúcio); **Cenografia e Figurinos** – Cristina Reis; **Luz** – Daniel Worm d' Assumpção; **Música** – Vítor Rua/Telectu; **Assistente de Encenação** – Nicolau dos Mares; **Director de Montagem** – Jorge Esteves; **Contra-regra** – Manuel Romano; **Guarda-roupa** – Emília Lima; **Voz** – Luís Madureira.

Nuno S. Rodrigues

Cipião o Africano

Produção: Consorzio Scipione / ENC (Itália)

Direcção Cinematográfica: Carmine Gallone

Guião: Camillo Mariani dell' Anguillara, Sebastiano Luciani, Carmine Gallone

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Odeon, Palácio

Data: 28.12.1938.

Esta produção italiana, estreada em 1937, teve objectivos claramente políticos. Ao assumir os encargos da produção, Mussolini quis, por um lado, justificar a invasão da Abissínia, apresentando-a como a continuação natural das façanhas imperiais do séc. III a. C., além de fazer reviver personagens e situações relevantes, que constituíram etapas fundamentais das guerras púnicas. No filme, Cipião, o chefe – que assume a condução do povo e propõe aos membros do Senado uma atitude de força para dominar os rompantes de Aníbal, mesmo que tal implique levar a guerra a território africano –, desempenha um papel decisivo. A história começa com o desastre de Canas e prossegue com a campanha de Cipião até à batalha decisiva de Zama (202 a. C.). As figuras e os episódios usados misturam a historicidade com a ficção. Ao lado dos Romanos, contrastam personagens de bárbaros: Cipião, o protagonista, serve de contraponto ao seu terrível inimigo, Aníbal, apresentado como o bárbaro estranho às regras da civilização de que Roma é paradigma, sem no entanto denunciar tons pejorativos, mas valorizada a sua qualidade militar de excelência; Sofonisba, que assume o papel da bárbara sensual, de pele negra, olhos profundos e músculos poderosos, traz uma marca de erotismo à austeridade geral do filme, posta em relevo pelo monumental foro romano inspirado na arquitectura nazi-fascista da época; estas características físicas de Sofonisba, marca de raças inferiores, contrastam com o louro da patrícia Vélia, personagem imaginária que simboliza a essência da dignidade romana submetida ao escárnio dos selvagens cartagineses.

Alguns efeitos de grandiosidade caracterizam a cena desta produção; é de destacar o aparato da batalha de Canas, com a profusão de extras e a impressão causada pelos elefantes, a que se sobrepõe um vibrante fundo musical; como ainda as cenas no foro e a partida da armada de Cipião. O director Gallone, veterano do cinema mudo que, depois da guerra, se converteria em especialista de óperas filmadas, impõe uma concepção estética que podemos qualificar de operística, não só pela utilização da música de fundo e de fragmentos decididamente cantados, como pela disposição cenográfica de algumas sequências, como as do foro, com níveis distintos e escadas onde se movimenta uma multidão aparatosa.

Cipião o Africano acaba com uns planos bucólicos nas propriedades de Cipião, ocupado em tarefas campesinas e em companhia da mulher, filhos e trabalhadores rurais, numa sugestão de que o grande guerreiro foi também um homem de paz.

Elenco: Actores – Annibale Ninchi (Cipião), Camillo Pilotto (Aníbal), Fosco Giacchetti (Massinissa), Isa Miranda (Vélia), Francesca Braggiotti (Sofonisba), Guglielmo Barnabò, Memo Benassi, Piero Carnabuci, Franco Coop, Ciro Galvani, Marcello Giorda, Carlo Lombardi, Carlo Ninchi, Clara Padoa, Lamberto Picasso, Marcello Spada, Raimondo van Riel, Gino Viotti, Carlo Lombardi, Carlo Tamberlani, Achille Manjeroni, Fernando Solieri, Alfredo de Antoni, Olinto Cristina, Mario Gallina; **Fotografia** – Ubaldo Arata, Anchise Brizzi; **Música** – Ildebrando Pizzetti; **Decoração e Vestuário** – Pietro Aschieri; **Montagem** – Oswaldo Hafenrichter.

M. F. S. S.

Wolfgang Amadeus Mozart, *A clemência de Tito* (*La Clemenza di Tito*)

Produção: Gästspiel Deutsche Oper am Rhein

Maestro Director: Hans Georg Ratjen

Libreto: Pietro Metastasio, com adaptação de Caterino Mazzola

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1968

Data: 2 e 4.2.1968.

A Clemência de Tito é uma das derradeiras peças compostas por Mozart, bem como uma das menos conhecidas. Talvez porque o génio do compositor não se tenha revelado nesta ópera de uma forma tão evidente como aconteceu noutras. A maioria dos musicólogos considera a abertura tipicamente mozartiana, de música elevada, mas talvez um tanto festiva demais para a intriga a que se assistirá posteriormente, bem como algo distanciada daquilo que depois se revela no conjunto da ópera.

O enredo gira em torno do imperador Tito e de um plano para o assassinar. A figura de Sexto assume as características trágicas do homem que se debate interiormente entre o amor que tem por uma mulher vingativa, Vitélia, que deseja o assassinato do chefe do estado, e a fidelidade que tem ao seu imperador. O carácter de Tito é exaltado ao longo de toda a obra, o que permite acentuar a negatividade da figura de Vitélia. Aliás, ao longo de toda a ópera, ressalta a nobreza de carácter de todas as personagens, sempre dispostas a sacrificar a sua felicidade pelos que amam e a renegar os mais altos privilégios pelos sentimentos, à excepção de Vité-

lia. Todavia, o final traz a *metabolê* desta personagem, que acaba por renunciar às suas ambições, em troca de honestidade e verdade que se impõem como condições necessárias para salvar seres humanos em perigo. No final, até Vitélia demonstra capacidade de amar e de humanidade. A ópera termina com um grande elogio à competência de Tito enquanto imperador, que perdoa as diversas traições e conspirações que eclodiam na corte. Na verdade, *A Clemência de Tito* é um hino à figura do príncipe ideal.

Elenco: Intérpretes – William Holley (Tito), Anton Trommelen (Ânio), Franziskos Voutsinos (Públio), Rachel Mathes (Vitélia), Raili Kostia (Sexto), Brigitte Dürbler (Servília).

Nuno S. Rodrigues

Wolfgang Amadeus Mozart, *A clemência de Tito* (*La Clemenza di Tito*)

(Versão de Concerto)

Maestro Director: John Eliot Gardiner

Libreto: Pietro Metastasio, com adaptação de Caterino Mazzola

Récita: Porto, Teatro Rivoli

Data: 18.5.1990

Outras: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1990, 20 de Maio.

Elenco: Intérpretes – Anthony Rolfe Johnson (Tito), Charlotte Margiono (Vitélia), Jennifer Larmore (Sexto), Catherine Robbin (Ânio), Sylvia McNair (Servília), Cornelius Hauptmann (Públio), Monteverdi Choir, English Baroque Soloists.

Nuno S. Rodrigues

Cecil B. DeMille, *Cleópatra*

Produção: USA

Direcção Cinematográfica: Cecil B. De Mille

Data da Produção: 1934

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Tivoli

Data: 31.12.1934.

Do mesmo realizador de *Os Dez Mandamentos*, *Cleópatra* é um filme que retrata as ligações amorosas e perigosas da rainha do Egipto

com César e Marco António. O momento da apresentação de Cleópatra a César, na famosa alfombra, marca o início da obra, que termina com a morte da protagonista. Violência, erotismo e sumptuosidade são os principais ingredientes de cenas como a batalha de Áccio, a orgia na galera de Cleópatra e a entrada triunfal em Roma.

Cecil B. DeMille despreza o rigor histórico e algumas das suas soluções são pouco inteligentes: César não tira a coroa de louro durante todo o filme; para seduzir Marco António, Cleópatra recorre a um número que mais parece das *Ziegfield Follies*. O realizador conhecia bem os gostos e a cultura da classe média americana, o público das suas produções. Apesar das roupas e dos cenários, a maneira de pensar e agir das personagens é típica do americano do século XX.

Com gastos mínimos conseguiu De Mille criar cenas espectaculares, ora através da breve reconstrução cenográfica, como na entrada de Cleópatra em Roma, ora com o recurso a *stock shots* de *Os Dez Mandamentos* (1923), nas cenas de guerra.

Elenco: Actores – Claudette Colbert (Cleópatra), Warren William (César), Harry Wilcoxon (Marco António), Gertrude Michael, Joseph Schildkraut, C. Aubrey Smith.

Paulo Sérgio Ferreira

Margaret George, *The memoirs of Cleopatra*

Realização cinematográfica: Franc Roddam

1.ª Apresentação: (em Portugal) TVI

Data: 19.10.1999.

No dia 19 de Outubro de 1999, a TVI apresentou uma produção cinematográfica realizadã por Franc Roddam, sobre a vida da última rainha do Egipto. O argumento baseou-se na novela recente de Margaret George, *The memoirs of Cleopatra*, publicada entre 1997 e 1999 (trata-se de uma trilogia, vol. I, *A Filha de Ísis*; vol. II, *Sob o signo de Afrodite*; vol. III, *A mordedura da serpente*). A música é de Trevor Jones e o filme foi protagonizado por Leonor Varela (Cleópatra), Timothy Dalton (Júlio César), Billy Zane (Marco António) e Rupert Graves (Octávio).

O início do filme sugere que se seguirá o relato plutarqueano, talvez associado ao de outros historiadores (como Josefo, Apiano e Díon Cássio), mas logo afastamos essa ideia. Significativa é desde logo a ausência de Pompeio e o envolvimento que ele teve com os Lágidas, bem como a relação, denunciada por Josefo, entre o seu filho e a então princesa

Cleópatra. Surpreendente por isso a imagem de uma Cleópatra virgem ao momento do encontro com César! É a ausência dessa personagem, fundamental na trama histórica, que esvazia o sentido da chegada de Júlio César ao Egipto e obriga à criação de um móbil estranho às fontes clássicas: a exigência do pagamento de um tributo a Roma. O mesmo se diga sobre as referências anacrónicas de um César que se refere à rainha como 'deusa', quando isso terá acontecido posteriormente; ou sobre o assassinato de Arsínoe ainda sob o domínio de César, quando Josefo conta que tal aconteceu já com Marco António, em Éfeso.

O filme decalca inevitavelmente cenas de produções anteriores, como a alusão ao incêndio de Alexandria já anteriormente recriada com Elizabeth Taylor (produção da *Twentieth Century Fox* e protagonizada pela actriz e por Richard Burton, Rex Harrison e Pamela Brown), ou referências menos explícitas, como a auto-identificação da rainha com o Egipto, que ecoa o argumento de Cecil B. De Mille para *The Ten Commandments*, onde a inesquecível voz de Anne Baxter (Nefertari) sussurra aos ouvidos de Charlton Heston (Moisés): *I am Egypt!* É também dentro dessa linha de representação que se subvalorizam personagens, como as servas da rainha, que historicamente terão agido mais activamente. Curiosamente, nem sequer a famosa última frase de Cármion, a propósito do suicídio da sua senhora, referida por Plutarco, é citada: 'Uma bela atitude, sem dúvida, digna da descendente de tantos reis' (*Ant.*85.7-8). Por outro lado, introduzem-se figuras estranhas, certamente compreensíveis ao nível da encenação dramática, que recebem os mais curiosos nomes, como o egípcio revoltado que reclama por falta de trigo entre a população na sala do trono e que se autodenomina *Guevarius!* Será alusão a um certo *Che?*

Ao nível da direcção artística, destaquem-se alguns pormenores, como a festa de apresentação de Cleópatra, muito pouco romana e muito *jet set* do século XX; ou o triunfo de César, onde, falha imperdoável, falta um escravo a lembrar o *Imperator* de que era mortal; ou o triunvirato Octávio, António e Lépidio transformado num duonvirato entre António e Octaviano. Elementos que poderiam ter sido eliminados se tivesse havido um cuidado maior do ponto de vista histórico, o que se justificava plenamente, dado o investimento de uma produção desta natureza (quiséssemos ser mais radicais ainda, citaríamos inclusive a escolha da actriz para protagonista: um ar talvez demasiado latino-americano para representar uma descendente dos macedónicos Ptolemeus!). O mesmo se diga da cena do celeiro, em que a rainha oferece o grão ao povo egípcio, pouco convincente e certamente decalcada também de *The Ten Commandments* de Mille. Porém, de qualidade dramática muito inferior. Ou da serpente que entra no futuro túmulo de Cleópatra com a própria rainha,

dispensando-se o cesto de figos que tanto contribuiu para a construção da imagética mítica da personagem. Trata-se de uma tentativa de inovar a nível da interpretação do tema. A mesma que preside à eliminação do suicídio de Marco António desta versão. Todavia, são esses talvez os episódios de carácter mais romanesco nas fontes antigas. Talvez não devesse ter sido aí o investimento para alcançar a originalidade. Ainda ao nível da composição das figuras, destaque-se o facto de os Romanos continuarem a moda capilar iniciada no *Júlio César* de Manckiewicz, argumentamente comentada por Roland Barthes nas suas *Mitologias* e, essa sim original, uma Cleópatra que gladia em Ácio ao lado dos exércitos.

Porém, há que salientar também aspectos positivos nesta produção e é de louvar primeiro que tudo a consciente distinção que os argumentistas fizeram do estatuto dos oficiais romanos dotados do poder de *Imperium* antes de Augusto. Ouvimos por isso dizer nas suas bocas o termo latino *Imperator* e não o inglês *Emperor*. Infelizmente, a tradução portuguesa não pôde, ou não soube, expressar essa diferença o que induz naturalmente o espectador mais desatento em erro. É interessante também a imagem de cobarde que se tenta passar de Octávio, que nunca avança em momentos de crise que envolvam o confronto físico.

É também ao nível da tradução portuguesa que há outros aspectos a referir. Parece que os tradutores portugueses de programas televisivos ou de cinema continuam a não se preocupar com aspectos de rigor linguístico no que respeita à onomástica e toponímia. Os erros e a adopção de nomes decalcados directamente das línguas originais de produção são assim o que mais transparece e esta *Cleópatra* não é excepção, vendo-se: *Pelisium* ou *Pelusium* em vez de Pelúcio; *Olympos* em vez de Olimpo; *Pothinus* em vez de Potino; *Ashkelon* em vez de Ascalon; *Ahenobarbus* em vez de Aenobarbo; *Brutus* em vez de Bruto; *Pontus* em vez de Ponto; *Dionísio* em vez de Dioniso; *Cesariano* em vez de Cesarião; *Cornelius* em vez de Cornélio; ou, e o que é mais grave ainda, a confusão de lugares da Antiguidade, como a Pártia com a Pérsia!

De qualquer modo e apesar de tudo, é sempre cheiro da Antiguidade que se difunde na pobre divulgação que esta tem nos meios de maior comunicação social. Pelo que, aproveite-se por isso.

Elenco: Actores – Leonor Varela (Cleópatra), Timothy Dalton (Júlio César), Billy Zane (Marco António), Rupert Graves (Octávio); **Música** – Trevor Jones.

Nuno S. Rodrigues

Étienne Jodelle, *Cleópatra Cativa* (Renascença Francesa)

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1959.

M. F. S. S.

Mancinelli, *Cleópatra*

Produção: Real Theatro de S. João

1.^a Apresentação: Porto, Real Theatro de S. João

Data: 5.3.1903.

Paulo Sérgio Ferreira

J. L. Mankiewicz, *Cleópatra*

Realizador: J. L. Mankiewicz

Data: 1963

Cor

Embora a ideia de realizar um filme sobre Cleópatra remontasse aos fins de 1958, a verdade é que só em Julho de 1959, após a estreia na Europa de *As Legiões de Cleópatra*, a 20th Century-Fox decidiu avançar com o projecto, propondo a Elizabeth Taylor o papel principal. A actriz não se mostrou muito receptiva e exigiu um milhão de dólares e 10% das vendas de bilhetes para dissuadir os responsáveis do projecto; estes, porém, não recuaram. Os dois milhões de dólares previstos no orçamento inicial depressa se revelaram insuficientes para o êxito de tão grande empresa.

O gigantesco cenário começado em Pinewood (Hollywood) foi preterido em favor de um novo porto de Alexandria que o cenógrafo John DeCuir criou em Inglaterra: desconhecem-se os motivos pelos quais o filme não foi rodado nos Estados Unidos, como estava inicialmente planeado, mas em Inglaterra. Os gastos da produção ascendiam, por esta altura, aos seis milhões de dólares. Temendo a concorrência, a Fox comprou, por um preço muito elevado, os direitos do filme de Cottafavi, que acabou por ter uma fugaz aparição, em 1960, sob o título de *Legiões do Nilo*.

Com a atribuição dos papéis de César a Peter Finch e de António a Stephen Boyd, em fins de 1960, completava-se o elenco, dirigido pelo experiente Rouben Mamoulian.

Aproveitando a interrupção nas filmagens, motivada por doença de Elizabeth Taylor, Mamoulian demitiu-se, com dez minutos de filme produzidos, e Joseph L. Mankiewicz foi o escolhido para ocupar o lugar. Excelente director de actrizes, Mankiewicz rodara recentemente (1958) *Bruscamente no Verão Passado*, com Elizabeth Taylor. Acreditava o novo realizador cumprir o prazo previsto das quinze semanas, mas a actriz principal foi internada de urgência em Março de 1961. A convalescência foi morosa. Durante este tempo, Mankiewicz convenceu Spyros Skouras de que Roma era a cidade ideal para o recomeço da rodagem do filme. O realizador aproveitou este tempo para reformular o guião. Já com Rex Harrison no papel de César e Richard Burton no de António, novas filmagens se realizaram em Roma em Setembro de 1961. A Fox já gastara vinte milhões de dólares. Em Janeiro de 1962, Richard Burton contracenou pela primeira vez com Elizabeth Taylor nesta produção. O envolvimento na vida real dos dois fez correr rios de tinta.

A primeira montagem data de 1962. Darryl F. Zanuck, recentemente eleito presidente da Fox, não gostou e despediu Manckiewicz. Como as montagens de Elmo Williams também não agradaram, o antigo realizador voltou a ser contratado para refazer a cena inicial, na qual desaparece Burton. A realização de um dos maiores, senão o maior épico de todos os tempos, foi concluída em Março de 1963.

Das 96 horas de material filmado, Manckiewicz construiu uma obra de 264 minutos, que se dividiria em duas partes: “César e Cleópatra” e “António e Cleópatra”. A estreia foi no Rivoli de Manhattan a 12 de Junho de 1963. Cada bilhete custava 100 dólares. Com o tempo, a duração da película reduziu-se a pouco mais de três horas. Zanuck tinha despendido mais de 60 milhões de dólares, Elizabeth Taylor achava que a sua voz não tinha ficado muito bem, por causa da cirurgia, Manckiewicz estava farto de tantas contrariedades e o público não mostrara entusiasmo proporcional a tamanhos gastos e trabalhos.

À produção e estreia atribuladas, seguiu-se a controvérsia da crítica, que persiste nos nossos dias, quando dispomos de uma versão de quatro horas, muito próxima da original: os infundáveis diálogos dão à obra um aspecto de peça filmada e o rigor histórico só dura até à cena da *testudo* das legiões romanas. A presença do arco de Constantino, construído 300 anos depois dos factos descritos, na entrada de Cleópatra em Roma, reflecte bem o anacronismo de alguns pormenores da obra. Apesar disso, a produção impressiona pela reconstrução de Roma e do porto de Alexandria.

Notáveis são os desempenhos dos actores, ainda que, em alguns casos, apartados da verdade histórica, como o Octávio criado por Roddy McDowall. Inesquecíveis são Elizabeth Taylor no papel de Cleópatra e

Rex Harrison no de César. Richard Burton parece destoar um pouco do nível dos restantes.

O diálogo e a acção conjugam-se, na arte de Manckiewicz, num todo, muitas vezes de aspecto barroco e grandioso, que dá a impressão de teatro filmado.

Elenco: Actores – Elizabeth Taylor (Cleópatra), Rex Harrison (César), Richard Burton (António), Roddy McDowall (Octávio); **Cenografia** – John DeCuir; **Música** – Alex North.

Paulo Sérgio Ferreira

Cleópatra

Produção: Cinematographo

Local: Porto, Salão High-Life

Data: 16.2.1910.

Paulo Sérgio Ferreira

Claudio Monteverdi, *A coroação de Popeia (L'incoronazione di Poppea)*

Produção: Kent Opera

Maestro Director: Roger Norrington

Libreto: Francesco Busanello

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1974

Dta: 11, 13 e 14.1.1974.

Esta ópera, considerada uma das obras-primas do repertório lírico, assenta numa história cuja intensidade dramática é exaltada pela música de Claudio Monteverdi. Os temas clássicos não eram de forma alguma estranhos a Monteverdi quando, em 1642, compôs *A coroação de Popeia*. Em 1607, tinha composto *A história de Orfeu* e, em 1608, *Ariadne*. Em 1641, baseia-se na *Odisseia* para compor *O Regresso de Ulisses à Pátria* e no ano seguinte regressa aos textos clássicos, a Tácito, a Séneca e ao pseudo-Séneca, em cuja *Octávia* se inspira para escrever uma ópera baseada nas figuras das duas esposas de Nero. O libreto de Francesco Busanello recupera não só uma narrativa de raiz histórica, como a faz iniciar com uma temática de inspiração 'jobiana', em que os deuses, no Olimpo, no caso a Fortuna e a Virtude, apostam entre si para saber qual deles tem maior poder sobre os mortais.

A *coroação de Popeia* é uma ópera extensa, passível de produzir um espectáculo épico de tipo 'hollywoodesco'. Obedeceu a esse espírito, aliás, a encenação que em 1971 se tinha feito em Londres, pela Sadler's Wells Opera, protagonizada por Janet Baker. Num cenário orgiástico, dominado por dois torsos gigantescos, um masculino e outro feminino, desfilam as personagens. A cena final da coroação punha em cena dois monstros adornados, sentados no trono como imperador e imperatriz, evocando assim o ponto de degeneração a que o Estado romano tinha chegado. Do mesmo modo, a produção de 1973, na New York City Opera, com Carol Neblett, tinha optado pela insinuação da sensualidade e da luxúria, aliadas à imperatriz desde os textos antigos. E a Opera Society, de Washington, no mesmo ano, não tinha hesitado em explicitar essa sensualidade, apresentando o cantor intérprete de Nero integralmente nu em palco. Cena que se repetiu na produção da Scottish Opera, também no ano de 1973.

Mas Lisboa teve também a sua originalidade. Não só se tratou da estreia da ópera entre nós, como do abandono da tendência interpretativa de tónica erótica e sexual, influenciada por certas leituras contemporâneas da Antiguidade clássica, que se evidenciaram particularmente no cinema dos anos 50-60. Na ópera, a figura do imperador é normalmente cantada por um tenor. Todavia, a apresentação que a Kent Opera fez em Lisboa em 1974 alterou a norma e usou um soprano na figura de Nero. Uma vez que actualmente é praticamente impossível encontrar um homem com registo de soprano, foi uma cantora, Anne Pashley, a escolhida para interpretar a figura do filho de Agripina. Um procedimento normal em óperas de autores como Mozart e Händel. A escolha deve-se ao facto de a partitura original de Monteverdi ter estabelecido os duetos de Popeia e Nero em registos vocais do mesmo tipo. A representação que se fez em Lisboa foi, portanto, original no facto de ter sido a primeira vez, desde o século XVII, que esses duetos foram reencenados tal como o compositor os concebeu originalmente. Pelo que a ideia que presidiu a esta produção parece ter sido mais a da recuperação do espírito barroco original da composição, aparentemente desprovido de exagero sensual, insistindo antes na crueldade de quem pretende o poder seja a que preço for. Do mesmo modo, a personagem de Otão, usualmente cantada por um barítono, foi em Lisboa cantada por um tenor. Saliente-se, todavia, que o papel titular foi entregue a uma cantora negra, Sandra Browne, o que poderá ter algum outro significado para além da qualidade da voz em questão.

Outro factor de originalidade nesta produção esteve ao nível da orquestra, dado que foi usado um número bastante reduzido de músicos, que tocaram exclusivamente instrumentos de corda. Não se deve esquecer

que esta peça foi concebida para teatros pequenos, devendo as atenções ser centradas na acção e na melodia, que devem fazer o espectáculo, mas sobretudo nas palavras ditas pelos cantores. *A coroação de Popeia* é também uma ópera de carácter, em que as personagens se definem na perfeição e cuja acção do drama se articula de modo a cativar o espectador para assistir ao desenlace.

A Kent Opera era, em 1974, a única companhia de ópera inglesa sediada fora de Londres, tendo até então no seu repertório outras produções de temática clássica como a *Atalanta* de Händel, *Dido e Eneias* de Purcell e *Vénus e Adónis* de John Blow.

Elenco: Intérpretes – Gloria Jennings (Fortuna, Ama), Laureen Livingstone (Virtude, Atena, Serva), Janet Hughes (Amor, Pajem), Kenneth Bowen (Otão), Edmund Bohan (1.º Soldado, Lucano), Ian Thompson (2.º Soldado), Sandra Browne (Popeia), Anne Pashley (Nero), Enid Hartle (Arnalta), Laura Sarti (Octávia), John Tomlinson (Séneca), Janet Price (Drusila, Vénus), Nigel Beavan (Liberto, Lictor); **Músicos** – Robert Spencer, Anthony Rooley, Jennifer Ward-Clarke, Marilyn Sansom, Jonathan Hinden, Nicholas Kraemer; **Encenador** – Norman Platt; **Cenografia** – Nadine Baylis; **Figurinos** – Jean Jones; **Luminotecnia** – Peter Harwood.

Nuno S. Rodrigues

Demétrio, o Gladiador (Demetrius and the Gladiators)

Produção: USA

Data da Produção: 1954

Direcção Cinematográfica: Delmer Daves

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Politeama

Data: 30.12.1954.

Elenco: Actores – Victor Mature, Susan Hayward, Michael Rennie, Debra Paget, Anne Bancroft, Richard Egan, Ernest Borgnine, Jay Robinson.

M. F. S. S.

Os Dez Mandamentos (*The Ten Commandments*)

Produção: USA

Data da Produção: 1923

Direcção Cinematográfica: Cecil B. De Mille

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Tivoli

Data: 19.12.1927.

Elenco: Actores – Theodore Roberts, Charles de Roche, Estelle Taylor, Rod La Rocque, Edythe Chapman, Richard Dix, Leatrice Joy.

M. F. S. S.

Henry Purcell, *Dido e Eneias*: “Ária de Dido”

Produção: “Pro Arte” (Delegação de Leiria)

Récita: Salão de Festas do Grémio Literário e Recreativo de Leiria

Data: 20.12.1965.

No seu quinto concerto, a Delegação de Leiria da “Pro Arte” apresentou a “Ária de Dido”, um tema da conhecida ópera *Dido e Eneias*, de Henry Purcell. O espectáculo musical, para maiores de doze anos, contou também com obras de Bach, Mozart, Schubert, entre outros compositores.

Elenco: Maria do Céu Figueiredo (Soprano); Maria Carlota Tinoco (Piano).

Susana Hora Marques

Henry Purcell, *Dido and Aeneas*

Data: 9.6.1983.

Elenco: Intérpretes – Glória Saraiva (Dido), Joel Santos Costa (Aeneas), Isabel Assis Pacheco (Belinda), Ana Maria Neto (Sorceress), Alice Marinho (Woman, First Witch), Laura Conde (Second Witch, Spirit), Aníbal Real (Sailor); **Pianista** – José Manuel Araújo.

M. F. S. S.

Henry Purcell, *Dido e Eneias*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: António de Almeida

Libreto: Nahum Tate

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1986-1987

Data: Janeiro de 1987.

Ver Vol. I, p.250.

Aires Rodeia Pereira

Henry Purcell, *Dido and Aeneas*

Produção: Opera Factory of London

Maestro Director: Nicholas Kok

Libreto: Nahum Tate

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos de 1995-1996

Data: Novembro de 1995.

Integrada nas comemorações do tricentenário da morte de Henry Purcell, foi levada à cena a sua ópera *Dido and Aeneas* no Teatro Nacional de S. Carlos, em Novembro de 1995, com a colaboração do grupo musical Endymion Ensemble.

Algumas notas do encenador, David Freeman, para *Dido and Aeneas* fornecem dados sobre esta obra num prólogo e três actos, com libreto de Nahum Tate, baseado no Canto IV da *Eneida* de Virgílio: ela foi escrita "...durante o reinado de William e Mary, o único período da história inglesa em que um rei e uma rainha governaram com estatuto igual; por esse motivo, é notável que a ênfase seja posta sobre a faceta de amante de Dido e não sobre a sua faceta de rainha. Esse aspecto pode ser lido de forma subjacente, (...) tornando claro às alunas da escola feminina, a quem a peça foi destinada, os perigos das relações ilícitas. (...) No que diz respeito aos antecedentes da cultura clássica, os deuses romanos são substituídos pelas bruxas, tão apreciadas no teatro elisabetiano (...), apesar de ainda existirem muitas referências ao passado clássico. (...) O nosso objectivo é encontrar um estilo de apresentação que se movimente, com flexibilidade, entre estilização e realismo, sem esperar ver a rainha desempenhar apenas o seu papel público, nem vê-la absorvida num mundo abstracto em que apenas as emoções privadas interessam."

Elenco: Intérpretes – Marie Angel (Soprano), Jozik Koc (Barítono), Sally Harrison (Soprano), Janet Lax (Soprano), Mark Milhofer (Tenor), Nigel Robson (Tenor), Geoffrey Dolton (Barítono), Michael Bennett (Tenor), Ian Jervis (Barítono), Annabelle Cheetham (Mezzo), René Linnenbank (Baixo); **Produção** – Orquestra Sinfónica Nacional; **Director Musical da Produção** – Nicholas Kok; **Direcção Musical** – Howard Moody; **Encenação** – David Freeman; **Cenografia e Figurinos** – Karin Süss; **Desenho de Luzes** – Ian Sommerville.

Susana Hora Marques

Henri Purcell, *Dido e Eneias*

Produção: Conservatório de Música de Coimbra

Encenação: Isabel Mello e Silva

Iniciativa: Encontros de Teatro Greco-Latino

Libreto: Nahum Tate

1.ª Apresentação: Salão Nobre do Instituto de Coimbra

Data: 13.7.1998

Outras: Coimbra (Auditório do Colégio da Rainha Santa Isabel), 9.10.1998; Conimbriga (Pátio do Museu), 22.5.1999; Coimbra (Salão Polivalente da Escola Secundária da Quinta das Flores), 28.5.1999.



História trágica bem conhecida, em que amor e morte se encontram intimamente associados, é a que protagoniza Eneias, o filho de Afrodite e Anquises, na *Eneida* de Virgílio.

Sofridas peripécias várias em longa viagem, após a fuga de Tróia em chamas, já às portas de Itália uma tempestade dispersa a frota dos Troianos e atira Eneias para as costas do norte de África, para Cartago. Aí é favoravelmente acolhido pela rainha Dido, viúva de Siqueu. Durante o faustoso banquete que ela dá em sua honra, o amor começa a insinuar-se no seu coração (*Eneida* 1.673, 675, 717), um amor irremediável.

A rainha pede a Eneias que conte as desgraças da sua pátria e as suas próprias aventuras; procurava todos os pretextos para prolongar a noite, enquanto em sua alma, pouco a pouco, o amor criava raízes: como diz o poeta, Dido «bebia um longo amor» (*Eneida* 1.749: *longum bibebat amorem*). Terminada a narração de Eneias, que ocupa por inteiro os cantos 2 e 3 do poema de Virgílio, a infeliz recolhe-se, mas não consegue

conciliar o sono. No canto 4, o amor cresce no coração da rainha, que vagueia pela cidade, fora de si, sem conseguir sossego em parte alguma. Dido ardia de amor e a paixão penetrara em todos os ossos (4.100).

A união consuma-se durante uma caçada, quando a tempestade (4.160 sqq.) lançou Eneias e Dido, sós, para a mesma gruta. Uma união marcada pela ambiguidade. Mas esse canto mostra-nos também a separação: a partida de Eneias, chamado por Júpiter ao cumprimento do dever e da missão de que fora incumbido; o desespero e suicídio de Dido.

A ópera *Dido e Eneias* de Henri Purcell baseia-se na *Eneida*, como o nome sugere, em especial no seu quarto canto, se bem que o libreto, da autoria de Nahum Tate, apresente diferenças. Começa de imediato por substituir a irmã Ana por Belinda, uma dama da corte, no papel de confidente.

O Acto I passa-se no palácio de Dido. A rainha de Cartago, que acabara de entrar com o seu séquito, suspira tomada de um mal secreto, apenas conhecido de Belinda, mal que a acabrunha e procura esconder: o amor pelo troiano Eneias que acabara de ser atirado para as praias do seu reino. O coro alia-se a Belinda na missão de convencer Dido a aceitar esse amor por Eneias, já que tal união seria benéfica tanto para ela como para Cartago. Revela-lhe por outro lado que o herói troiano lhe dedica o mesmo sentimento. E de facto o acto termina com a entrada em cena de Eneias a confessar o seu amor e a pedir à rainha ajuda para vingar Tróia.

O Acto II passa-se, em parte, na caverna da feiticeira que, levada pelo ódio fundo que dedica a Dido, solicita a ajuda das companheiras para provocar a partida de Eneias para Itália e aí cumprir o seu destino; em parte na floresta, onde Dido, Eneias e a comitiva vão à caça. Mas as feiticeiras, para os obrigarem a entrar na gruta, suscitam uma tempestade. Depois Dido regressa ao palácio, mas a feiticeira, sob a forma de Mercúrio, retém Eneias e informa-o de que ele, por ordem de Júpiter, deve partir essa noite sem falta. Após algumas hesitações, o herói declara-se pronto a partir, mas interroga-se angustiado sobre qual será a reacção da rainha.

O Acto III decorre junto dos barcos que os marinheiros preparam, enquanto as feiticeiras se entregam no meio deles a dança infernal, satisfeitas pelo seu plano ter resultado. Dido, que tomara conhecimento da partida próxima de Eneias, aparece e considera-se traída, apesar de Belinda tentar convencê-la da sinceridade dos sentimentos do herói. Rejeita por isso as desculpas de Eneias, acabado de entrar. Este então propõe-se ficar em Cartago, como prova do seu amor, contrariando as ordens dos deuses. A rainha porém rejeita tal oferta, por não desejar um homem que, por um instante, admitiu abandoná-la.

Eneias retira-se e Dido morre nos braços de Belinda.

Elenco: Intérpretes – Lara Martins (Dido), João de Moraes Fernandes (Eneias), Maria do Castelo Gouveia (Belinda), Ana Carina Reis (Segunda Mulher), Catarina Braga (Feiticeira), Ana Sofia Domingues (Bruxa), Mariana Abrunheiro (Bruxa, Espírito), Nuno Correia (Marinheiro); **Coro** – Ana Carina Reis, Lara Martins, Catarina Braga, Maria do Castelo, Mónica Batista, Sandra Lopes (Sopranos), Ana Isabel Mendes, Ana Sofia Domingues, Carlos Manuel Pocinho, Catarina Sereno, Raúl Campos, Maria Dulce Freitas, Mariana Abrunheiro, Raquel Luís (Contraltos), Eduardo Alves, Henrique Guerra, Humberto Teixeira, João de Moraes Fernandes, Moisés Fonseca, Nuno Correia, Paulo Alexandre Fernandes, Rui Costeira (Tenores), João Lopes Isa Freitas, Mário Miguel Moraes, Nuno Miguel Araújo, Rui Pedro Cruz (Baixos); **Direcção do Coro** – Isilda Margarida; **Pianista** – Júlio Dias; **Figurinos** – Ruy Malheiro.

José Ribeiro Ferreira

Virgílio, *Écloga III*

Produção: Teatro da República (Lisboa)

Tradução: Coelho de Carvalho

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Sá da Bandeira

Data: 7.10.1911.

Susana Hora Marques

Elissa, Rainha de Cartago = A Lenda de Dido

Produção: Teatro de Dança Caracalla (Líbano)

1.ª Apresentação: Lisboa, EXPO 98, Teatro Camões

Data: Agosto de 1998.

Susana Hora Marques

Peter Cann, Thérèse Collins, *Enclave*

Produção: Teatro Regional da Serra de Montemuro

Encenação: Steve Johnstone

Iniciativa: Porto, Evento ZerO

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Latino

Data: 22.10.1999

Outras: Viseu (Teatro Viriato), 19-20.11.1999; Coimbra (Igreja do Museu Machado de Castro), 2-3.12.1999.

Inspirado em duas lendas antigas – a do lusitano Viriato e a do galês Will Edric –, este espectáculo procura extrair do mito uma mensagem que tem a ver com a experiência contemporânea. De facto, a vivência de um povo que sente a ameaça de uma invasão estrangeira, vivida por aqueles dois heróis emblemáticos, continua uma realidade nos nossos dias.

Elenco: Actores – Alexandre Lobato, Eduardo Correia, Graeme Pullyen, Paulo Duarte; **Cenografia** – Sue Hall; **Música** – Carlos Clara Gomes.

M. F. S. S.

Erupção do Etna

Produção: Cinematographo

1.ª Apresentação: Porto, Salão High-Life

Data: finais de Abril, inícios de Maio de 1910.

M. F. S. S.

Espártaco (Spartaco il Gladiatore della Tracia)

Produção: Itália / França

Data da Produção: 1952

Direcção Cinematográfica: Riccardo Freda

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 20.11.1953.

Elenco: Actores – Massimo Girotti, Ludmilla Tcherina, Gianna Maria Canale, Carlo Ninchi, Yves Vincent.

M. F. S. S.

Espártaco (*Spartacus*)

Produção: Bryna/Universal (EUA)

Realização: Stanley Kubrick

1.ª Apresentação: Cinemas de Lisboa e RTP

Data: 1960.

Baseado no romance de Howard Fast, o argumento de *Espártaco* gira em torno da personagem que no século I a. C. liderou uma das maiores revoltas de escravos com que o aparelho estatal romano se teve de defrontar. Com diversas adaptações ao cinema, esta, rodada em 1960, teve como realizador um dos nomes mais carismáticos da indústria fílmica americana, o recentemente desaparecido Stanley Kubrick, o mesmo autor de *A laranja mecânica* e *2001: Odisseia no espaço*.

Para Rafael de España (*El Peplum. La Antigüedad en el cine*, p.223), o filme vive essencialmente da personalidade de Kirk Douglas e da fama que este tinha de ser filo-comunista, o que se coadunava perfeitamente com o espírito do romance de Fast e com a América dos anos 50-60, mas muito pouco com a realidade histórica. De facto, o papel dos «maus» está uma vez mais entregue aos Romanos, porém agora como opressores sociais decadentes e fúteis, colocados num nível mais acima. Uma das cenas mais paradigmáticas é a da crucificação dos escravos revoltosos, no final, onde Kubrick faz com que se imponha uma sensação angustiante, provocada pelo esmagamento do oprimido pelo opressor, e onde a solução à vista parece ser apenas a do nascimento de um mito, que se avizinha como sintoma de vitória.

Das interpretações, destacam-se alguns nomes de um elenco assumidamente de luxo: Olivier, Ustinov e Laughton excepcionais, bem como o já citado Douglas.

Elenco: Actores – Kirk Douglas, Jean Simmons, Laurence Olivier, Tony Curtis, Charles Laughton, Peter Ustinov, John Gavin, Nina Foch, Herbert Lom, John Ireland, John Dall, Charles McGraw, Joanna Barnes, Woody Stroode, Harold J. Stone, Peter Brocco, Paul Lambert, Bob Wilke, Nick Dennis, John Hoyt, Lili Valenty, James Griffith; **Argumento e Guião** – Dalton Trumbo; **Fotografia** – Russell Metty; **Música** – Alex North; **Cenografia** – Alexander Golitzen, Eric Orbom; **Guarda-roupa** – Vittorio Nino Novarese, Bill Thomas; **Montagem** – Robert Lawrence.

Nuno S. Rodrigues

Aram Khachaturian, *Espártaco (Spartacus)*

Produção: Ballet da Ópera de Novosibirsk

Coreografia: Iuri Grigorovitch

Libreto: Nikolai Volkov

1.ª Apresentação: Porto, Coliseu

Data: 10.4.1996

Outras: Lisboa (Coliseu), 11-13.4.1996; Coimbra (TAGV), 14.4.1996.

Não deixou de ser, para o público português, interessante este contacto com um programa de dança marcado pelo estilo soviético, sob a coreografia de Iuri Grigorovitch, antigo director artístico do Ballet Bolchoi. E foi exactamente na interpretação deste último grupo que *Espártaco* foi estreado em Moscovo, em 1968, já com a mesma coreografia. Dificuldades surgidas com a presença de Grigorovitch à frente do Bolchoi levaram-no a encetar uma actividade com o Ballet de Novosibirsk, o que correspondeu a uma inegável baixa de qualidade do produto apresentado. No entanto, é de registar que duas das quatro personagens principais do *Espártaco* continuaram a cargo de Iuri Klevtsov (*Espártaco*) e de Elina Palchina (*Frígia*, sua mulher), solistas do Bolchoi, com a qualidade que lhes é reconhecida. Dos intérpretes de Crasso e da sua concubina, os outros dois elementos do elenco principal, não retivemos o nome. O libreto baseia-se em testemunhos de Apiano e de Plutarco, sujeitos a uma interpretação livre e alargada, que parte da ideia base da revolta dos escravos liderada por *Espártaco* e do confronto que teve de enfrentar com o representante do poder romano, Crasso. Maria José Fazenda, na crónica que lhe dedicou no *Público* de 10 de Abril de 1996, comentava: 'Entre as cenas que representam a virilidade e o heroísmo dos escravos, o narcisismo dos romanos, a luta pela liberdade dos primeiros e as orgias decadentes dos segundos, o amor de *Espártaco* pela sua devota mulher *Frígia*, ou o sensualismo da concubina, o núcleo coreográfico de *Espártaco* são as representações de bravura, vigor e resistência dos desempenhos masculinos'.

Elenco: Intérpretes – Iuri Klevtsov (*Espártaco*), Elina Palchina (*Frígia*, sua mulher).

M. F. S. S.

Aram Khatchaturian, *Espártaco (Spartacus)*

Produção: Yuri Grigorovich

1.ª Apresentação: Porto, Coliseu

Data: 17.5.2000.

Teve o Porto o privilégio de ser local para a estreia mundial do bailado *Spartacus*, na sua última versão produzida pelo coreógrafo Yuri Grigorovich, director do Bolshoi durante meio século (1944-1994) e prestigiado produtor de nível internacional. Já em 1968, Grigorovich tinha apresentado uma versão do *Spartacus*, que lhe valeu o prémio Lenine e um reconhecimento generalizado na Rússia, que depois se estendeu a diversas capitais europeias, que percorreu em digressão (Paris, Roma, Londres, Praga). Em 1996, a cidade de Kuban desafiou Grigorovich a aí fundar a sua própria companhia de bailado, que, a partir de então, atraiu a si os mais distintos bailarinos. E é a versão montada por esta companhia a que se exibiu, em primeira mão, no Coliseu do Porto. As intervenções masculinas e a beleza dos cenários são os principais motivos de louvor da crítica que se pronunciou sobre este espectáculo.

M. F. S. S.

Fabiola

Produção: Universalia (Itália)/ Franco London Film (França)

Realização: Alessandro Blasetti

1.ª Apresentação: RTP 2

Data: Julho de 2000.

Baseado na obra homónima do cardeal Wiseman (1802-1865), este filme é justamente considerado uma das grandes produções europeias de cinema histórico. Co-produzido por franceses e italianos em 1948, o cuidado e o rigor nele depositados, especialmente ao nível da reconstituição cenográfica, foram tão grandes que o filme surge como superior ao romance original, aliás muito pobre na sua estruturação narrativa. *Fabiola* tem mesmo sido considerado como um dos melhores filmes deste género cinematográfico. Todavia, foram introduzidas algumas alterações pelos guionistas, como a criação de novas personagens (Rual, o gladiador gaulês, conveniente a uma produção galo-italiana) e a mudança do tempo da acção, do original reinado de Diocleciano, para o período do conflito entre Maxêncio e Constantino. Como consequência, algumas das personagens, alegadamente históricas, ficaram deslocadas no tempo, como é o

caso dos santos mártires do cristianismo, Sebastião e Cecília, que no calendário litúrgico surgem como vítimas sob a perseguição de Diocleciano e não sob Maxêncio.

O enredo gira em torno de uma patrícia pagã, de nome Fabíola, que acaba por se converter ao cristianismo face ao exemplo de vida e humanidade que os cristãos que a rodeiam demonstram. A própria figura de Fabíola parece ter sido inspirada numa santa não mártir, de finais do século IV d. C., que ficou conhecida pelas suas actividades filantrópicas e sanitárias (cf. R. de España, *El Peplum. La Antigüedad en el cine*, p.321).

Também produto do pós-guerra, é significativa a dedicatória inicial do filme «a todas as vítimas de perseguições», o que o coloca ao nível do politicamente correcto da época. Uma das mais significativas cenas é precisamente a final, onde a reconstituição do martírio dos cristãos chega a resvalar no sadismo, oportunamente interrompido pela entrada em Roma de um *deus ex machina* sotérico, o imperador Constantino. A tese do apoio dos inúmeros cristãos romanos a este imperador é apresentada de uma forma inteligente, permitindo-nos estabelecer uma relação historio-graficamente plausível e explicativa entre esse favorecimento e a «conversão» de Constantino e, conseqüentemente, do Império, à religião de Cristo.

A nível das interpretações, destaque para a loira Michèle Morgan no papel titular, que surge um tanto gélida ao longo de toda a película, e para Massimo Girotti, que nos presenteia com um Sebastião que se opõe a essa frieza, como demonstra a elevação do momento do seu célebre martírio.

Elenco: Actores – Michèle Morgan (Fabíola), Henri Vidal, Louis Salou, Michel Simon, Gino Cervi, Massimo Girotti (Sebastião), Elisa Cegani, Rina Morelli, Carlo Ninchi, Paolo Stoppa, Sergio Toffano, Aldo Silvani, Guglielmo Barnabò, Silvana Jachino, Franco Interlenghi; **Argumento e Guião** – Jean-Georges Auriol, Alessandro Blasetti, Antonio Pietrangeli, Diego Fabbri, Mario Chiari, Emiliano Cecchi; **Fotografia** – Mario Craveri; **Música** – Enzo Masetti; **Cenografia** – Arnaldo Foschini; **Guarda-roupa** – Veniero Colasanti; **Montagem** – Mario Serandrei.

Nuno S. Rodrigues

Femina Sapiens (sequência de excertos de várias obras, entre as quais *Medeia e As Bacantes* de Eurípidés)

Produção: Teatro Laboratório de Faro

Encenação: Luís Aguilar

1.ª Apresentação: Faro

Data: 1983

Outras: Faro, até inícios de 1984.

Produção do Teatro Laboratório de Faro, *Femina Sapiens* é um trabalho que resulta da colagem de pequenos textos sobre a condição feminina através dos tempos. Não dramaticamente relacionados, os excertos escolhidos por Isabel Pereira vão desde “As Bacantes” ao “Diário de Anne Frank”, do “Frei Luís de Sousa” a Boris Vian, de García Lorca a Brecht. A respeito desta colagem dramaturgica escreveu Jorge Listopad (JL): “...textos apenas justapostos: só no final do espectáculo uma osmose de vozes e cenas querem afirmar a unidade mais profunda, não só nominal. Isto é, o tema não foi aproveitado dramaturgicamente de modo completo”.

A peça tem início com um arrazoado feminista e algo violento, proferido ainda no pátio de entrada da casa de espectáculos, sob um alpendre. Com soutiens amachucados e lançados às cabeças da assistência, acaba o discurso, e todos mudam de poiso, ao sinal dos actores. Só agora os espectadores vão entrar no recinto teatral propriamente dito para assistir à peça. Relativamente ao cenário escolhido, atentemos nas palavras do mesmo Jorge Listopad: “dispositivo cénico simples, pobre mas honesto, jogando bem com tudo o que há: a porta que é porta, a janela que é janela, o vão da janela que é vão da janela, só o armário de Anne Frank não é o armário”.

O espectáculo é curto, mas seguem-se-lhe algumas surpresas. A primeira é uma discussão, aberta a todos, sobre a problemática da condição feminina. Acabados os temas, os espectadores têm ainda a oportunidade de assistir à sua própria ‘actuação’, já que a discussão anterior foi parcialmente apanhada pelo vídeo.

Femina Sapiens parece ter tido bastante êxito em Faro, onde fazia regularmente esgotar a pequena lotação da casa (35 pessoas). Não podemos, no entanto, deixar de registar os comentários de Jorge Listopad a propósito do trabalho dos actores: “Quem toca o primeiro violino, técnica e artisticamente, é a autora do espectáculo-texto, a actriz Isabel Pereira. O feminismo, aqui, realiza-se em cheio. Actriz de talento, de força e de vontade, nem sempre domando os impulsos primeiros, cometendo alguns

exageros vocais e expressivos. (...) Todos inocentes, com jeito, alguns com algo mais: trabalho colectivo limpo, mas ainda não significativo”.

Elenco: Actores – António Clarezza, Cristina Cantinho, Henrique Estêvão, Isabel Pereira, José Teiga, Manuela Gordo, Rosa Estêvão, Vera Faísca; **Cenografia** – Alexandra Alice; **Luminotecnia** – Manuel Pedro; **Som e Vídeo** – Henrique Estêvão; **Música** – António Clarezza, Dora Campina; **Colagem Dramatúrgica** – Isabel Pereira.

Cláudia Cravo

Filho de Locusta

1.ª Apresentação: Porto, Salão Pathé

Data: 13, 16 e 18.4.1911.

De novo a temática neroniana, insistindo desta vez num dos episódios mais apreciados pelo curioso da História: as relações do imperador com a célebre Locusta, a mulher que, segundo Tácito, fornecia os venenos ao filho de Agripina, e que a pintura também celebrizou. Mais uma vez, o Porto insistia nesta temática, anunciando o filme na imprensa da seguinte forma: «... a vida da horrível envenenadora, cúmplice do imperador Nero, de quem este se serviu para matar o irmão...».

Nuno S. Rodrigues

Abílio de Campos Monteiro, *Os Filhos de Minerva*

Produção: Estudantes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto

1.ª Apresentação: Porto, Teatro de S. João

Data: 14.5.1902.

Entendeu o primeiro grupo de finalistas da Escola Médico-Cirúrgica do Porto homenagear o seu professor Dr. Lebre com uma récita que intitulou *Os filhos de Minerva* e que constituiu um êxito louvado na imprensa da época. O público afluíu em grande número. A peça, expressamente escrita para o efeito, tinha a estrutura de uma farsa em verso, com um prólogo e quatro quadros: ‘Revolta no Olimpo’, ‘Jantar de despedida’ (paródia à *Ceia dos Cardeais*), ‘Última Serenata’ e ‘Regresso’. E o tema valia-se de evidentes referências mitológicas. Passo a transcrever uma síntese da peça, de acordo com o relato de *O Tripeiro* de Maio de 1952:

1.º Quadro – *A revolta no Olimpo* – Júpiter, pai dos deuses, adoeceu. Nem a ambrosia, nem Cupido, nem o próprio Mercúrio o restituem à saúde nem sua mulher, Juno, e outras beldades celestiais, nem mesmo a decantada Cleópatra, o reanimam. Vénus nada pode, porque seu marido, muito ciumento, não consente que ela intervenha. Prometeu, no entretanto, trama uma revolta contra Júpiter. Entre os seus fervorosos prosélitos encontram-se ‘Os filhos de Minerva’. O médico-assistente de Júpiter assevera que só uma mulher o pode curar. Surgem várias panaceias muito afamadas, na época: a badiana fosfatada, a pílula Pink, a fosfiodoglicina, a emulsão de Scott, o pomito Lencart. O médico apresenta-as e gaba-lhes os efeitos e a eficácia medicamentosa. Aparece, em cena, o combalido Júpiter. Confidencia, esmorecido, a Baco e a Vénus, que nada lhe confere o vigor antigo. Apenas tem esperança em Minerva. Mas esta declara já estar velha e ser mãe de cinquenta filhos. Nesta altura, ouve-se grande rumor e algazarra cá fora. Prometeu assalta o Olimpo. A luta é acesa, renhida. Mas a revolta acaba por malograr-se. Os ‘Filhos de Minerva’ são presos e levados à presença de Júpiter. Este castiga-os, deportando-os para a Terra, por dez anos. Minerva intercede a favor da sua numerosa prole, implora para esta, no nosso planeta, um ‘cantinho’ onde tudo seja belo, bom e grande. Só Portugal está nos casos. Júpiter acede. O seu médico vem com os expulsos ‘Filhos de Minerva’. É neste momento crucial, que eles, abandonando o Paraíso, entoam a sua ‘Balada de despedida’. As deusas lacrimosas que ficam respondem-lhes, saudosamente. Uma vez na Terra, aproveitam o tempo formando-se em Medicina, na antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

2.º Quadro – *O jantar dos quintanistas* – constitui um dos números de maior sucesso do histórico espectáculo. Mr. Gaston (Armando Chaves), proprietário e gerente do Hotel Africano, presidiu ao repasto dos quintanistas: Carlos Lemos, Lima Elias, José Guilherme Pacheco de Miranda e Pedro Moreira. Servia à mesa um criado galego, Romão (o quintanista Raúl do Carmo Pacheco) que foi soberbo no desempenho do seu papel, parecendo actor consumado. O dono do hotel, Mr. Gaston, ofereceu o champanhe, elogiando e fazendo a propaganda dos vinhos franceses. Narrou uma cena de amor, acompanhada e estimulada por uma sua passada carraspana. O Romão, apesar da sua função subalterna, também se meteu na conversa. Solicitado pelos convivas do jantar, descreveu, com o proverbial hiperbolismo espanhol, uma sua bebedeira em que lutou, heroicamente, com um cão danado. A propósito, faz o elogio ditirâmico dos vinhos de Espanha. O estudante português (José Guilherme), que não gostava de vinho nem nunca o havia provado, estreou-se, impelido, intimado pelos seus condiscípulos, naquela noite festiva. Apanhou, permitam-nos a expressão, uma ‘piela’ de caixão à cova. À per-

gunta dos seus companheiros: – ‘Gostas de vinho também’, respondeu: – ‘Também, também. Sem beber vinho, pode haver no mundo alguém!’ Romão, o galego, rematou a cena, exclamando: – ‘E foi ele, afinal, quem mais se embebedou!’.

3.º Quadro – *A última serenata* – Clássico namoro entre um estudante e uma rapariga, acompanhado de serenata. Mas Júpiter perdoou, por fim, aos rapazes. Envia, como emissários, Marte e Orfeu, a dar-lhes a boa nova. Estes têm por missão reconduzi-los ao paraíso. O médico de Júpiter que acompanhou ‘Os filhos de Minerva’ à Terra diz aos dois emissários de Júpiter que eles se encontram num restaurante, em grande patuscada. Orfeu, indo ter com eles, e deixando-os primeiro entoar uma canção em que recordam a sua vida de estudantes, acaba por os adormecer a todos, a fim de os transportar para o Olimpo.

4.º Quadro – *No regresso* – Uma vez despertos, encontram-se, outra vez, no Olimpo. Sua mãe, Minerva, acha-os abatidos e lamenta-os. Haviam perdido a memória. Minerva, portanto, administra-lhes o antigo licor do esquecimento, que lhes havia sido propinado por Mercúrio. Recordam-se então de toda a sua vida passada. Aparece Júpiter, que lhes perdoou parte da sentença de desterro, por dez anos, no globo terráqueo. O pai dos deuses refere, longamente, o que se passa na Terra: vida pública, política, jornalística, artística, etc. Júpiter termina por afirmar, aos médicos recém-formados, que eles se irão aperfeiçoando, no exercício da sua profissão, com as novas energias e terapêuticas que se vão descobrindo de ano para ano. Na apoteose final, em que desponta, no Mundo, o Clarão da Caridade, pregada por Cristo, agradece-se ao público que acorreu à récita de despedida, proclamando-se que ‘para viver feliz, alegre e consolado, basta a satisfação de praticar o Bem’.

Elenco: Actores – Álvaro Mourão (Vénus, Maria), Adolfo Souto (Minerva), Coelho da Rocha (Júpiter), Sérgio da Fonseca (Vulcano), Manuel de Castro (Marte), Vitorino Magalhães (Mercúrio), Fernandes Vale (Baco), Carteador Mena (Morfeu), Lima Elias (Abracadabra, Racio), Arnaldo Leite (Hippocrax), Portugal Marreca (Egon), Armando Chaves (Crateo, Mr. Gaston), César Machado (Diocles), Pacheco de Miranda (José Guilherme, Arauto), Pedro Moreira (Lydo), Carlos de Lemos (Trassio), Manuel Monterroso (Alceste), Raúl Pacheco (Romão), Fernando Silva (Ponto); **Música** – Manuel Monterroso, Lima Elias.

M. F. S. S.

Freitas Branco, *Funerais de Viriato*

Produção: Orquestra Sinfónica do Porto

Maestro Director: Raimundo de Macedo

1.ª Apresentação: Porto, Teatro da Trindade

Data: Março de 1967.

A peça *Funerais de Viriato* foi apresentada, em primeira audição, pela Orquestra Sinfónica do Porto, numa festa de homenagem ao seu fundador e director, o Maestro Raimundo de Macedo.

M. F. S. S.

Serguei Kalédine, *Gaudeamus*

Produção: Teatro Dramático Maly de S. Petersburgo

Encenação, Dramaturgia e Adaptação: Lev Dodine

Iniciativa: FIT 93

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Trindade

Data: 1993.

Desta apresentação do grupo russo no FIT ficou a lembrança de uma enchente pouco habitual de público. Já um êxito havia sido o texto, publicado em plena perestroika, em 1989, que fala de um batalhão militar, constituído por marginais, do ponto de vista étnico e social. O espírito do texto combina, com o absurdo, um antimilitarismo hilariante. Por trás de uma série de situações divertidas, o público compreende que está a assistir ao desfecho inglório de um processo de ideologia política.

O espectáculo em si mereceu a Jorge Listopad, numa crónica publicada no *JL* de 1.6.1993, aplausos entusiásticos, suscitados pelo ritmo de cena e pela capacidade dos actores; este grupo compunha-se dos *Sub 21* do Teatro Maly e do Curso Superior de Encenação, uma espécie de curso de pós-graduação em teatro. Pôde, assim, o público envolver-se sem quebras numa sequência de 18 cenas que se produziram ao longo de 150 minutos, sem intervalo. De inspiração clássica, talvez só o nome seja significativo!

Elenco: – **Cenografia** – Alexis Porai-Kocbets; **Figurinos** – M. Fomina, N. Petrova; **Direcção Musical** – E. Davidov.

M. F. S. S.

O Gladiador

Realização Cinematográfica:

R. Scott

Data: 19.5.2000.



Estreou no dia 19 de Maio, nas salas de cinema portuguesas, *O gladiador* de Ridley Scott, anunciado como um regresso aos grandes épicos. Nos principais papéis, Russel Crowe (Máximo), Richard Harris (Marco Aurélio), Joaquin Phoenix (Cómodo), Connie Nielsen (Lucila), Derek Jacobi (Graco) e Oliver Reed (Próximo), falecido durante as filmagens. Deixando de lado o enredo previsível que segue o esquema clássico de um filme histórico, com um rei bom, um vilão usurpador, um herói libertador, à mistura com juras de lealdade e com amores impossíveis, e a apreciação crítica que se deve deixar para os especialistas da sétima arte, há aspectos ligados à história da cultura romana que interessa referir.

Comecemos pelo contexto histórico subjacente.

A acção desenrola-se no último quartel do século II d. C., na transição do poder do imperador filósofo Marco Aurélio, para o seu filho Cómodo, aficionado das lutas na arena. No filme fica bem clara a força que já tem um império com duzentos anos de existência, mas ao mesmo tempo a noção de que os romanos tradicionalistas têm do principado, frequentemente conotado com tirania. Daí que o móvel último da acção seja a tensão entre o *status quo* e o saudosismo do ideal republicano, representado na oposição da classe senatorial – que, com o império, viu reduzir-se o seu poder –, visível, no filme, pela actuação do senador Graco. O próprio Cómodo tem consciência dessa força opositora e sabe que o príncipe deve agir de modo a não ser considerado um tirano. Assim os “bons” estão do lado da restauração da República (Marco Aurélio, Máximo e Graco), e os “maus” (Cómodo e seus adúladores, secundados pela guarda pretoriana) querem manter a todo o custo o império, usurpado outrora ao povo e agora ao príncipe nomeado. O realizador parece querer ilibar o bom imperador Marco Aurélio do erro da escolha, como sucessor, do seu próprio filho – desde a ascensão de Nerva, em 96, que a sucessão se fazia por adopção –, fazendo-o escolher um general da sua confiança, Máximo. Vai mesmo mais longe, encarrega-o de restaurar a república: “devolver Roma ao povo romano”. No meio da trama está Lucila, dividida no seu amor ao pai e ao irmão, a Máximo e ao filho, e

Próximo, antigo gladiador liberto, dividido na sua admiração pelo imperador que o libertara e na sua ânsia de lucro.

Do ponto de vista social, além da importância do senado, outra classe fundamental é o povo. Cómodo sabe a receita da publicidade: *panem et circenses*. Conhecedor da oposição do senado, a última esperança do imperador é ser aclamado pela plebe. A volubilidade desta está bem patente: ora aplaude as medidas do imperador, ora toma partido pelo gladiador. Mas a força da massa humana é tal que, já nesse tempo, é capaz de determinar uma sentença de vida ou de morte na arena. Os escravos do filme são sobretudo gladiadores. O escravo pessoal de Máximo tem um nome que sugere cultura: Cícero. O poder económico dos libertos está representado por Próximo. São de notar no filme dois percursos inversos nesta pirâmide social romana: um general que, por força das circunstâncias e do destino, se torna um escravo gladiador e um antigo gladiador, Próximo, que, graças aos seus méritos, se torna um liberto rico, o que, em Roma, acontece com frequência. Elemento jurídico interessante é a breve descrição que Próximo faz do ritual da sua própria *manumissio*: o imperador tocara-lhe no ombro com a espada de madeira que ele guarda como símbolo da sua liberdade.

Aqui reside a actualidade do filme. Fácil é transpor para o nosso tempo o “show business” dos imperadores, o delírio dos jogos e o poder das massas, a lógica do “vence ou morres”, o poder de um novo rico, a intervenção da guarda pretoriana. Tanta coisa mudou e tanta continua igual!

Semelhante também ao de hoje é o peso do exército com o seu código de valores. A importância do apoio dos generais é notória no pedido que, inicialmente, o futuro imperador Cómodo faz a Máximo, no sentido de o ajudar a consolidar o seu poder contra as tentativas dos senadores. A lealdade das legiões é, antes de mais, para com os comandantes. Máximo sabe que os seus homens, acantonados em Óstia, estão prontos a segui-lo ao menor sinal. Presente está a ideia de que o exército pode promover ou destituir imperadores. Bastante útil, ao serviço de uma política expansionista, torna-se um peso perigoso em tempos de paz. A sua entrada, em armas, em Roma sempre foi muito mal vista pelos romanos. É com renitência que Graco permite que Máximo traga os seus homens para a Urbe. E de facto essa tentativa é frustrada.

Máximo representará os antigos valores ligados ao cultivo da terra, o motivo dos seus sonhos e a concepção do paraíso: a terra mãe que afaga antes de cada combate e o trigo louro promessa de abundância; Cómodo, a negação desses valores, manda queimar as searas e matar os camponeses. Máximo é o representante da *pietas*, para com a pátria e a família, Cómodo é, no filme, usurpador, parricida e incestuoso; Máximo repre-

senta a *uirtus* romana – presente de forma explícita nas palavras de ordem, que precedem as façanhas: “honra e coragem”–, Cómodo mantém-se afastado das campanhas, prefere as lutas da arena e é desonesto no combate; Máximo personifica a *clementia*, poupando o vencido, Cómodo a *crudelitas*, ordenando a morte do seu opositor e da sua família. No final vencem os valores e o filme termina, de uma forma otimista, com uma promessa de restauração da República.

A religião está representada sobretudo no culto familiar. As *imagines*, guardadas por Máximo, da esposa e do filho transformam-se, depois da morte destes, nos *Manes* venerados, a quem se deseja juntar. Até estes, depois da morte do herói, voltam à terra, no meio da arena sepultados.

Importantes são os cenários criados. Do agrado das novas gerações, a tecnologia digital usada substituiu os cenários gigantescos e as multidões: 2000 figurantes reais para 33000 virtuais. Ridley consegue sugerir de forma impressionante, ajudado pela adequada banda sonora de Hans Zimmer e Lisa Gerrard, o horror do impacto dos combates quer das legiões, quer dos gladiadores, entre os gritos do povo. Em relação aos grandes épicos de 60, a distância é grande. Fica a impressão de que os lugares comuns hollywoodescos, como belos penteados e orquestras de trombetas, foram quase por completo suprimidos, em favor de maior realismo na cor local.

O mesmo se pode dizer da reconstituição arquitectónica de Roma, de modo especial do Anfiteatro Flávio, símbolo da propaganda da Roma imperial. A recriação do Coliseu denota busca de rigor histórico, ao deitar mão a uma das teorias sobre a forma de fixar o *uelum* que servia de cobertura ao espaço.

Elenco: Actores – Russel Crowe (Máximo), Richard Harris (Marco Aurélio), Joaquin Phoenix (Cómodo), Connie Nielsen (Lucila), Derek Jacobi (Graco), Oliver Reed (Próximo); **Música** – Hans Zimmer, Lisa Gerrard.

José Luís Brandão

O Hércules Moderno (The Gladiator)

Produção: USA

Data da Produção: 1938

Direcção Cinematográfica: Edward Sedgwick

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema S. Luís

Data: 22.2.1941.

Elenco: Actores – Joe E. Brown, June Travis.

M. F. S. S.

Pierre Corneille, *Horácio*

Produção: Centro Cultural de Évora

Tradução e Encenação: Mário Barradas

1.ª Apresentação: Évora, Teatro Garcia de Resende

Data: 27.7.1985

Outras: Porto (Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica), 2, 17.11.1985.

O Centro Cultural de Évora estreou a tragédia em 5 actos, *Horácio*, de Pierre Corneille, no Teatro Garcia de Resende, a 27 de Julho de 1985. A peça esteve em cena até 7 de Agosto, data do encerramento da temporada de 1984-1985. Foi reposta no início da temporada seguinte, mais precisamente de 8 a 13 e de 15 a 20 de Outubro, «devido ao enorme êxito obtido» (*Correio da Manhã*, 5.10.1985). Enquanto decorreram estes espectáculos, o Centro Cultural de Évora preparava a *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, e a peça infantil *O vento e o mendigo*, baseada num conto do Vietname. Com este *Horácio* participou o grupo eborense no FITEI (Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica), que decorreu no Porto entre 2 e 17 de Novembro de 1985. A apresentação da tragédia no festival estava prevista para a segunda semana.

Criado em Janeiro de 1975, o Grupo de Évora já tinha realizado 53 produções. Esta, porém, teve a particularidade de ser a primeira em que se procurou adequar a peça ao espaço em que estava inserida. O prestígio e a opulência do Teatro Garcia de Resende, com o seu palco à italiana, contribuíram, de forma decisiva, para a solenidade da peça. O cenário, da autoria de Acácio de Carvalho, não destoou nesta liturgia leiga.

Ao escrever esta peça numa época em que a opinião pública se mostrava descontente com a actuação do Monsenhor Cardeal Duque de Richelieu, por este ter levado a França a declarar uma guerra dispendiosa

contra um país católico como a Áustria, pátria da rainha Ana, Corneille procurou atenuar as críticas dirigidas ao impopular ministro e legitimar as suas decisões.

A propósito do modo como Mário Barradas encara o mito, escreve Jorge Listopad (*JL*,4.11.1985?): «Pelo menos o conflito do personagem principal, Horácio, entre herói e criminoso, levado em triunfo e condenado simultaneamente, não fará lembrar uma das nossas dolorosas actualidades, do processo de Monsanto?»

O peso do texto, patético e com pouca acção em palco, e do espaço esmagou os actores. No palco de Évora, o público pôde assistir a uma reflexão megalómana sobre a honra e a hombridade.

Participaram na concepção do espectáculo dois estagiários da República Popular de Angola: Dias José Hongo (som) e Sebastião Paulo Erasmo (execução de cenografia).

Para esta produção, o Centro Cultural de Évora contou com o apoio da Comissão de Trabalhadores da Quimigal, da Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal, dos Engenheiros Duarte Durmão Esmeraldo e Rui Martins, do Engenheiro Técnico José Manuel e da Revogue Internacional – Vila Nova de Gaia.

Elenco: Actores – Pedro Hestnes Ferreira (Túlio), Mário Barradas (O Velho Horácio), José Alegria (Horácio, seu filho), Álvaro Corte-Real (Curiácio), Victor Zambujo (Valério), Ana Meira (Sabina), Rosário Gonzaga (Camila), Teresa Gonçalves (Júlia), José Caldeira (Flaviano), Alexandre Passos (Próculo); **Figuração** – Figueira Cid, Gil Salgueiro Nave, Isabel Bilou, João Sérgio Palma, José Geraldo, José Russo, Pedro Palma; **Cenografia** – Acácio de Carvalho; **Figurinos** – Manuela Bronze; **Assistência de Encenação e Organização Musical** – Gil Salgueiro Nave; **Adereços** – José Caldeira, Pedro Hestnes Ferreira; **Cartaz** – Acácio de Carvalho.

Paulo Sérgio Ferreira

Heiner Müller, *Horácio*

Produção: Teatro da Nova (Univ. Nova de Lisboa)

Encenador: Carlos Fogaça

1.ª Apresentação: Lisboa e Coimbra (Semana de Coimbra)

Data: 3 – 13.5.1984.

Heiner Müller encena, através da lenda romana, a tensão de uma Alemanha dividida. Trata-se de uma peça composta em 1968, pertencente a um tríptico dramático que toca problemas de moral política.

Maria do Céu Fialho

Bertold Brecht, *Horácios e Curiácios*

Produção: Grupo Contra-Regra

Encenação: António Solmer

1.ª Apresentação: Caixa Económica Operária

Data: Fevereiro – Março de 1987.

Esta peça didáctica, composta por Brecht em 1939, foi representada num espectáculo intitulado “Dos Horácios e Curiácios à Noite”. Após o intervalo que se segue ao desfecho da peça, seguiu-se uma acção mimada, com música e letra de J. M. Branco intitulada “A Noite”.

Elenco: Cenografia – Eduarda Dionísio.

Maria do Céu Fialho

Domenico Cimarosa, *Gli Orazzi e i Curiazi*

Libreto: Antonio Sografi

1.ª Apresentação: Porto, Real Teatro de S. João

Data: Temporada de Ópera 1814-1815.

Em 1814-1815, o Real Teatro de S. João recebe a primeira companhia de ópera que, entre outras peças, interpreta *Horácios e Curiácios*, do compositor setecentista italiano Cimarosa.

A ópera inspira-se na velha lenda romana da luta entre três irmãos romanos, os Horácios, e três irmãos albanos, os Curiácios, para decidir da supremacia de Roma ou de Alba Longa. Prevalecendo o último dos Horácios, único sobrevivente da contenda, regressa a Roma, vitorioso,

com os despojos do inimigo. Sua irmã reconhece o manto de um dos três mortos de Alba Longa, seu noivo, e perde-se em lamentos e imprecações. Movido pela cólera, Horácio apunhala-a, pelo que é condenado à força pelos magistrados romanos. Porém, o seu apelo ao povo romano logra a absolvição.

Maria do Céu Fialho

Domenico Cimarosa, *Gli Orazi e i Curiazi*

Libreto: Antonio Sografi

Direcção Musical: Alan Curtis

Encenação: João Perry

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional S. Carlos

Data: Janeiro – Fevereiro de 1990.

A encenação condensa em dois actos os três da ópera de Cimarosa.

A partitura foi tocada e cantada, respectivamente, pela Orquestra Sinfónica e pelo Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, sob direcção de João Paulo Santos.

Elenco: Intérpretes – Anna Caterina Antonaci (Orazia), Elvira Ferreira (Sabina), Helena Vieira (Curiazio), Lia Altavilla (Licínio), Carlos Guilherme (Marco Orazio), António Silva (Publio Orazio), Jorge Vaz de Carvalho (Águre); **Cenografia** – Manuel Reis; **Figurinos** – Manuela Gonçalves.

Maria do Céu Fialho

Carlos Jorge Pessoa,
In(sub)missão (Peça Teatral
sobre a Liberdade)

Produção: Teatro da Garagem

Encenação: Carlos Jorge Pessoa

1.ª Apresentação: Porto, Teatro
 Nacional de S. João

Data: 11-21.5.2000 (terças, sábados e domingos)

Outras (previstas): Amadora
 (Teatro D. João V), 2-18.6.2000.



Maria José Oliveira introduzia assim a crónica que dedicou a este espectáculo no *JL* de 12.5.2000: ‘O Comandante, os deuses Diana e Júpiter, o Menino Eterno, a Tia Fernanda e a Morte. Mas há mais: ao todo, são 18 personagens fantásticas que povoam ‘*In(sub)missão* (peça teatral sobre a Liberdade)’. No centro desta produção está a evidência da crise da cultura europeia ao sabor de múltiplas e controversas influências. Mas mais do que a revelação pessimista da actualidade, o objectivo de Pessoa é incentivar a insubmissão.

Para concretizar o seu projecto, Carlos Pessoa encerrou na ‘grande Casa do Mundo’ diversas personagens inspiradas na ficção mitológica e literária, clássica e contemporânea, com as quais estabeleceu jogos e cruzamentos ousados, através de encarnações anti-heróicas, românticas, quixotescas, trágicas, mitológicas ou falhadas. Ao mesmo tempo encerrou também no seu entrecho inspirações e marcas diversas, de Conrad a Voltaire, Shakespeare, Cervantes no campo literário, mas também do cinema e da televisão. A anarquia é total: Diana, Neptuno e Júpiter convivem com um rent-boy, um Comandante interpreta um anti-heróico D. Quixote. O momento é o de uma viagem em busca de um tesouro. ‘Uma espécie de vadiagem pelos diversos géneros’, assim define Carlos Pessoa o seu projecto.

Elenco: Actores – Anabela Almeida, Joana Craveiro, Jorge Andrade, Maria João Vicente, Pedro Lacerda, Sara Belo, Sérgio Praia, Sílvia Filipe; **Cenografia** – José Espada; **Música** – Daniel Cervantes; **Desenho Multimédia** – Miguel Pereira, Pedro Lacerda.

M. F. S. S.

Júlio César (Caio Giulio Cesare)

Produção: Itália

Data da Produção: 1914

Direcção Cinematográfica: Enrico Guazzoni

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 31.7.1925.

Elenco: Actores – Amleto Novelli.

M. F. S. S.

William Shakespeare, Júlio César

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer (Estados Unidos da América)

Data da Produção: 1953

Direcção Cinematográfica: Joseph L. Mankiewicz

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Monumental

Data: 15.1.1954.

Esta produção do *Júlio César* de Shakespeare é aquilo que podemos entender como teatro filmado. Com um espaço cénico delimitado, as marcações dos actores confinam-se a ele como se estivessem num palco. A fotografia a preto e branco, a cenografia estilizada, os figurinos recuperados de produções anteriores, como o *Quo Vadis* de Mervyn Le Roy, tudo contribui para a ideia da produção teatral em que o interesse cai mais sobre a retórica do texto e da actuação, que pretendem evocar valores, do que propriamente sobre a reconstituição do ambiente histórico. Já Roland Barthes, nas suas *Mitologias*, se referiu à densidade que se faz sentir nesta representação, simbolizada pelos penteados romanos, decalcados dos retratos tardo-republicanos, ensopados na transpiração das personagens ou desalinhados, como se pressentissem a tragédia que se aproxima. Deste esquema simbólico, salientam-se as personagens de César, Bruto e Marco António, sem dúvida os protagonistas da peça, que balançam entre o conhecimento doloroso da tragédia e a ignorância da catástrofe que faz conservar a serenidade própria da inocência.

Das interpretações, destacam-se as de James Mason, como Bruto, magnífico no papel do homem que age pelas suas convicções políticas e morais, pelo altruísmo político, e não pelo egoísmo pessoal. É através deste Bruto que o espectador sente César como um *dictator*, mas no moderno sentido da palavra. Também Marlon Brando dá a Marco António a retórica desejada, com uma serenidade épica, quase seráfica, que

nem sempre o caracterizou, especialmente patente no discurso fúnebre dos Rostros, após a morte de César. Aliás, a deliberada junção de actores provenientes da escola teatral inglesa (como Calhern, Garson, Kerr, Gielgud e Mason) contrasta extraordinariamente com o estilo *Actor's Studio* patente na representação de Brando. Um estilo também aproveitado em *Um Eléctrico chamado Desejo* de Elia Kazan, no duelo Leigh/Brando.

A música de Miklós Rózsa, frequentemente chamado a Hollywood para musicar epopeias, contribui positivamente para o efeito pretendido. Este *Júlio César* é justamente considerado o melhor filme shakespearano até hoje feito.

Elenco: Actores – Marlon Brando (Marco António), James Mason (Marco Bruto), Louis Calhern (Júlio César), Deborah Kerr (Pórcia), Greer Garson (Calpúrnia), John Gielgud (Cássio), Edmond O'Brien (Casca), George MacReady (Marulo), John Hardy (Lúcio), William Cottrell (Cina), Alan Napier (Cícero), John Hoyt (Décio Bruto), Ian Wolfe (Ligário), Tom Powers (Metelo Cimber), Morgan Farley (Artemidoro), Lumsden Hare (Públio), Douglas Watson (Octávio); **Fotografia** – Joseph Ruttenberg; **Música** – Miklós Rózsa; **Cenografia** – Cedric Gibbons, Edward Carfagno; **Guarda-roupa** – Herschel McCoy; **Montagem** – John Dunning.

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Júlio César*

Produção: BBC

Encenação: Herbert Wise

Data da Produção: 1979

1.^a Apresentação: (em Portugal) RTP 1

Data: 1980.

Esta produção da BBC vem na tradição das adaptações que aquela estação televisiva faz sistematicamente dos clássicos da língua inglesa. Neste caso, a tragédia shakespearana segue o texto original, mas alarga a marcação de actores ao ambiente de cinema, proporcionado por uma representação em que se dispensa o palco e a presença física de um público.

Destacam-se as interpretações de Charles Gray e Keith Michell como Júlio César e Marco António, cujo timbre vocal, correcção de tempos e composição física nos oferecem dois oficiais exemplarmente fiéis

ao espírito do dramaturgo inglês, mas também ao ambiente base da acção da tragédia.

Elenco: Actores – Charles Gray (Júlio César), Keith Michell (Marco António), Jon Laurimore (Bruto), Richard Pasco (Cássio).

Nuno S. Rodrigues

William Shakespeare, *Júlio César*

Produção: Grupo de Teatro “Os Jotas”

Encenação: Filipe Marinho Bastos

Tradução: Domingos Ramos

1.^a Apresentação: Cacém, Escola Secundária Ferreira Dias

Data: Abril de 1998.

A encenação da tragédia *Júlio César* de Shakespeare por este grupo surge na sequência de um trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina de História, na Escola Secundária Ferreira Dias. Esta representação não foi a primeira do grupo, nem a primeira de temática clássica, tendo já o encenador e alguns dos actores visitado autores como Eurípidés, Racine e Cocteau.

Com um cenário simples, consequência dos poucos meios que caracterizam um grupo amador, mas evocando uma certa austeridade clássica, os actores apresentaram-se em público vestidos e calçados com grande rigor, de que se destacam os pormenores das togas senatoriais exibidas por algumas das personagens.

A nível da representação, houve falhas, especialmente ao nível da mnemónica e da entoação de alguns dos actores. Sendo, contudo, de destacar os trabalhos de Miguel Ferro como Marco António e de Tiago Pinto como Bruto. Apesar das hesitações, perfeitamente compreensíveis neste tipo de trabalho, que pretende ser sobretudo um exercício de contacto do aluno com o texto dramático e o ambiente histórico, refira-se a boa marcação e direcção de actores de Filipe M. Bastos, cujo empenho neste tipo de actividade só pode ser aplaudido e elogiado.

Elenco: Actores – Luís Santos (Júlio César), Miguel Ferro (Marco António), Tiago Pinto (Bruto), Hugo Silva (Cássio), André (Casca), Sara Diogo (Calpúrnia), Liliana de Oliveira (Pórcia), Rui Pedro (Décio), Rodrigo Pereira (Cina), Carlos Neto (Águre), Helga Brandão (1.^o Cidadão), Filipa Brandão, Daniel Camacho (Cidadãos); **Luz** – Luís

Lima, Luís Santos; **Som** – Filipe Marinho Bastos; **Figurinos e Adereços** – Eunice Boialvo, Sara Boialvo, Carla Freitas; **Cenografia** – Eunice Boialvo, Sara Boialvo, Luís Lima, Luís Santos, Tânia Rosado.

Nuno S. Rodrigues

Júpiter diverte-se (Giove in Doppiopetto)

Produção: Itália

Data da Produção: 1954

Direcção Cinematográfica: Daniel D'Anza

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Politeama

Data: 9.2.1956.

Elenco: Actores – Delia Scala, Carlo Dapporto, Lucy D'Albert.

M. F. S. S.

Locusta, a envenenadora de Nero

1.ª Apresentação: Porto, Cinematografo, Salão Pathé

Data: 13.4.1911.

Esta película, inspirada na famosa mulher de nome Locusta que teria acompanhado o imperador Nero nalguns dos crimes por ele planeados, estreou no Porto em Abril de 1911. Na época, a imprensa chamou-lhe 'o drama histórico de maior assombro cinematográfico'.

Nuno S. Rodrigues

Lucrecia

Produção: França

Data da Produção: 1943

Direcção Cinematográfica: Léo Joannon

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Trindade

Data: 7.7.1947.

Elenco: Actores – Edwige Feuillère, Pierre Jourdan, Jean Mercanton.

M. F. S. S.

Marco António e Cleópatra

Produção: Itália

Data da Produção: 1913

Direcção Cinematográfica: Enrico Guazzoni

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 25.8.1925.

Elenco: Actores – Amleto Novelli.

M. F. S. S.

Marco António e Cleópatra (LaVita Intima de Marco Antonio y Cleopatra)

Produção: México

Data da Produção: 1946

Direcção Cinematográfica: Roberto Gavaldón

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Politeama

Data: 28.2.1952.

Elenco: Actores – Luis Sandrini, Maria Antonieta Pons, Victor Junco, José Baviera.

M. F. S. S.

Lewis Wallace, *Mário*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico (Folhetim em 23 episódios)

Adaptação: Figueiredo de Barros

Realização: Carlos Fernandes

Direcção de Actores: Raúl de Carvalho

Data: 19.3.1971.

Elenco: Actores – Gustavo Rosa, Alexandre Vieira, Pedro Lemos, Graça Vitória, Carlos Miguel, Pedro Pinheiro, Santos Gomes, Batista Fernandes, João Perry, Eduardo Jacques, Rui Furtado, Luís Filipe, Ermelinda Duarte, Carlos Santos, Amílcar Botica, Jorge Sousa Costa, Assis Pacheco, Lourdes Norberto, Branco Alves, Eduardo Silveira, Beatriz Almeida, Linda Bringel, Andrade e Silva, Alberto Inácio, Adelina Campos.

M. F. S. S.

Marius (versão alemã: ***Zum goldenen Anker***)

Produção: França / USA / Alemanha

Data da Produção: 1931

Direcção Cinematográfica: Alexander Korda

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Tivoli;

Data: 25.7.1932.

Elenco: Actores – Pierre Fresnay, Orane Demazis, Charpin.

M. F. S. S.

Messalina

Produção: Itália / França

Data da Produção: 1949

Direcção Cinematográfica: Carmine Gallone

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema S. Luís

Data: 30.9.1952.

Elenco: Actores – Maria Félix, Jean Chevrier, George Marchal, Jean Tissier, Delia Scala, Germaine Kerjean, Carlo Ninchi.

M. F. S. S.

A Mulher de Cláudio (La moglie di Claudio)

Produção: Itália

Data da Produção: 1918

Direcção Cinematográfica: Gero Zambuto

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Central

Data: 22.10.1919.

Elenco: Actores – Pina Menichelli, A. Nepoti, Vittorio Rossi Pianelli.

M. F. S. S.

Nero

1.ª Apresentação: Porto, Salão Pathé

Data: 5 – 6.11.1909.

O anúncio que publicitava a estreia desta fita italiana no Salão Pathé, apresentado no *Jornal de Notícias* de 6 de Novembro de 1909, salientava a temática do filme como «cheia de interesse dramático». Para atrair o público, referia-se não só o carácter trágico do enredo, como também algum do conteúdo da película, como o repúdio de Octávia pelo imperador e a encenação do incêndio de Roma. Novidades, decerto, para o público portuense, e não só, de 1909. Os realizadores da fita eram L. Maggi e A. Ambrosio.

Nuno S. Rodrigues

Nero

Produção: Itália

Data da Produção: 1923

Direcção Cinematográfica: J. Gordon Edwards

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Condes

Data: 29.11.1926.

Elenco: Actores – Jacques Grétilat, Paulette Duval, Edy Darcléa, Sandro Salvini.

M. F. S. S.

Nero e Agripina

Produção: Itália

Data da Produção: 1914

Direcção Cinematográfica: Mario Caserini

1.ª Apresentação: (em Portugal) Salão Trindade

Data: 25.3.1918.

Elenco: Actores – Vittorio Rossi Pianelli, Mario Bonnard, Maria Caserini Gasperini.

M. F. S. S.

Jorge de Vasconcelos, *Olissipo*

Produção: E. N. / R. D. P. – teatro radiofónico

Data: 1959.

M. F. S. S.

Marcellino Mesquita, *Petrónio*

Produção: Companhia Rosas & Brasão (Lisboa)

1.ª Apresentação: Porto, Real Teatro de S. João

Data: 26.4.1901.

M. F. S. S.

Popeia e Octávia

1.ª Apresentação: Porto, Salão High-Life (Cinematógrafo)

Data: 10-11.10.1911.

Com a apresentação desta produção confirma-se o gosto que os primeiros tempos do cinema, bem como o público português, e talvez não só, tinham pelas temáticas clássicas do tempo de Nero. Depois de *Nero*, *Agripina* e *Locusta, a envenenadora de Nero*, era a vez de estrear em mais um cinematógrafo do Porto uma produção dedicada aos tempos do último dos Júlio-Cláudios: *Popeia e Octávia*, filme de realizador desconhecido. O enredo desta fita andou decerto em torno das duas esposas de Nero e da rivalidade entre ambas. A publicidade da época referia-se a ela como «uma grandiosa e empolgante tragédia romana, com uma *mise en scène* tão deslumbrante, que só por si bastava para confeccionar um soberbo programa.»

Nuno S. Rodrigues

Gonçalo Ferreira de Almeida, *Pompeia*

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro da Graça

Data: 1999.

Susana Hora Marques

A Queda do Império Romano

Produção: Samuel Bronston (USA)

Direcção Cinematográfica: Anthony Mann

Duração: 188 m

Data: 1964.

O filme começa com os últimos dias de vida de Marco Aurélio passados numa fortaleza dos confins do império, quando o imperador aí se deslocara para tentar barrar as arremetidas cada vez mais perigosas dos povos bárbaros. Domina-o, perante os efeitos da doença, a preocupação com a sucessão; Cómodo, seu filho, não parece reunir as condições para tanta responsabilidade, e por isso as suas preferências vão para Lívio, seu afilhado. Mas o assassínio do imperador impede-o de fazer prevalecer a sua vontade e conduz Cómodo ao poder. A partir de então o império agita-se entre o empenho pacificador de uns e a ambição desmedida e cruel de outros.

O cenário oscila entre as florestas do Danúbio e a imponência de Roma.

Elenco: Actores – Sophia Loren (Lucila), Stephen Boyd (Lívio), Alex Guinness (Marco Aurélio), James Mason (Timónides), Christopher Plummer (Cómodo), Anthony Quayle, John Ireland, Omar Sharif (Rei da Arménia), Mel Ferrer (Cleandro), Eric Porter, Finlay Currie, Andrew Keir, Douglas Wilmer, George Murcell, Norman Wooland, Michael Gwynn, Virgílio Teixeira, Peter Dumon, Rafael Luís Calvo, Lena von Martens, Gabriella Licudi, Guy Rolfe; **Directores de Segunda Unidade** – Yakima Canutt, Andrew Marton; **Guião** – Ben Barzman, Basílio Franchina, Philip Yordan; **Fotografia** – Robert Krasker; **Fotografia de Segunda Unidade** – Cecilio Paniagua; **Música** – Dimitri Tiomkin; **Cenários e Figurinos** – Veniero Colasanti, John Moore; **Montagem** – Robert Lawrence.

M. F. S. S.

Quo Vadis?

Produção: Itália

Data da Produção: 1925

Direcção Cinematográfica: Georg Jacoby, Gabriellino D'Annunzio

1.ª Apresentação: (em Portugal) Cinema Tivoli

Data: 5.3.1928.

Elenco: Actores – Emil Jannings, Lillian Hall-Davis, Bruto Castellani, Elga Brink, Alfons Fryland, Alberto Capellani, Elena Sangro, Rina de Liguoro.

M. F. S. S.

Quo Vadis

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer (EUA)

Data da Produção: 1952

Direcção Cinematográfica: Mervyn LeRoy

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema S. Jorge

Data: 9.10.1952.

Inspirada na obra homónima de Henryk Sienkiewicz, prémio Nobel da literatura em 1907, esta foi a primeira superprodução americana sintomaticamente filmada na cidade cinematográfica de Roma, a *Cinecittà*, tendo sido o filme mais caro até então realizado. Além do facto de se estar no período pós-guerra e de ser conveniente a reflexão sobre as ditaduras opressoras que haviam assolado a Europa uma década antes, as mais-valias desta versão são, uma vez mais, a cenografia, o guarda-roupa (por vezes, como no caso do da imperatriz Popeia, um pouco distante do universo romano), a música e as cenas de multidão, bem como as interpretações de Leo Genn e, sobretudo, de Peter Ustinov (um Óscar injustamente não atribuído, apesar da nomeação), que neste filme marcou um estilo *dandy* para a figura do imperador Nero. Todavia, tinha também defeitos, de que se destacam alguns anacronismos, como o das cruzes penduradas nas paredes das casas de cristãos do século I, e alguma infidelidade ao texto original de Sienkiewicz, de que se destaca a cena do martírio de Lígia, totalmente alterada nesta reconstituição «hollywoodesca».

Seguindo um pouco o estilo de Cecil B. De Mille, o realizador deste *Quo Vadis* recorre a alguns artifícios iconográficos para compor determinadas cenas, nomeadamente o *close up* que nos dá dos cristãos que assis-

tem ao discurso de Pedro, nas catacumbas de Roma, que surge como o decalque de uma pintura renascentista. O mesmo se diga da composição das personagens dos apóstolos Paulo e Pedro.

Destaque especial para a cena do combate do escravo Urso com o touro na arena, em que o actor Buddy Baer foi substituído pelo toureiro português Nuno Salvação Barreto.

Elenco: Actores – Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn, Patricia Laffan, Finlay Currie, Abraham Sofaer, Marina Berti, Buddy Baer, Feliz Aylmer, Nora Swinburne, Ralph Truman, Rosalie Crutchley, Norman Wooland, Peter Miles, Geoffrey Dunn; **Argumento e Guião** – John Lee Mahin, S. N. Behrman, Sonya Levien; **Fotografia** – Robert Surtees, William V. Skall; **Música** – Miklós Rózsa; **Cenografia** – William A. Horning, Cedric Gibbons, Edward Carfagno; **Guarda-roupa** – Herschel McCoy; **Montagem** – Ralph E. Winters.

Nuno S. Rodrigues

A Rival de Cleópatra (Due Notti con Cleopatra)

Produção: Itália

Data da Produção: 1953

Direcção Cinematográfica: Mario Mattoli

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Alvalade

Data: 18.2.1955.

Elenco: Actores – Sophia Loren, Ettore Manni, Alberto Sordi, Paul Muller.

M. F. S. S.

Federico Fellini, *Roma – Fellini*

Realização: Federico Fellini

Data: 1971

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, São Jorge

Data: 23.3.1973.

Num cenário de cinquenta metros de comprimento, situado no estúdio 5 da Cinecittà, Fellini construiu a Via Albalonga: era meio quilómetro de auto-estrada, à escala real, com projectores e câmaras

escondidos ao longo do percurso. De pinturas forjadas criou fantasmas de personagens do séc. XVI, que assistiam a uma passagem de modelos de roupas eclesiásticas actuais, ao som de música de cabaré. As obras no metro põem a descoberto o mosaico de uma antiga casa romana, onde se vislumbram os rostos da equipa de filmagem. A prodigiosa imaginação de Fellini criou uma Roma à sua medida: intemporal apesar da confluência de épocas, imaginária apesar dos fragmentos de realidade, possível à luz do olhar transfigurador da câmara de filmar.

A propósito do *Satyricon* e de *Roma-Fellini*, tece Gaston Haustrate o significativo comentário: «A partir de *Satyricon* (1969), Fellini generaliza um pouco o seu pensamento, historicizando-o em metáforas sumptuosas, do que *Roma-Fellini* (1971) constitui um píncaro cujo nível nunca mais foi atingido desde então, não obstante o valor intrínseco das obras seguintes. É que a ode à morte, aliada a uma meditação sobre o fim das civilizações, vive paradoxalmente de uma petulância vital e de uma forte emoção, ambas portadoras de esperança: Fellini, cineasta mentira ao serviço da verdade verdadeira...»¹⁸

Como em *Fellini 8½* e *Os Palhaços*, o cineasta não deixa de ostentar um certo narcisismo ao colocar em cena uma personagem que, de certa forma, o representa. A mitologia de Roma e as recordações da personagem fundem-se e confrontam-se num universo quase onírico, tão eterno quanto irreal. A presença do nome de Fellini em diversos títulos das suas obras indicia, além de influência das teorias idealistas de autor, a presença de fantasmas e obsessões pessoais. Como o realizador confessa, *Roma-Fellini* é «um diário íntimo e nostálgico». Roma é o pretexto para o cineasta mostrar como são fluidas as fronteiras entre a sua arte e a sua vida. As histórias dão lugar a fragmentos da sua vida pessoal. *Roma* apresenta vestígios da vertigem introspectiva que caracterizara *Fellini 8½*.

Poderá parecer descabida, ao leitor mais distraído, a inclusão de uma notícia desta obra cinematográfica num livro intitulado *Representações de teatro clássico no Portugal contemporâneo*, mas a Roma clássica é revisitada, ainda que de uma forma tão fragmentária quanto a lembrança que o autor tem dos tempos da sua infância: «Quando eu andava na escola, Roma era Júlio César e Nero, uma sociedade decadente e corrompida, povoada de obesos e glutões epicuristas ou de invencíveis guerreiros. Era a loba amamentando Rómulo e Remo, a aparição de Mussolini de capacete, os enormes ajuntamentos populares da Piazza Venezia, a imagem plebeia dos *spaghettis alla matriciana* e de Frascati.» (Federico

¹⁸ Gaston Haustrate, *Le guide du Cinéma*, Paris, Éditions Syros Alternatives, 21986-8, 3 vols., T.3, 69, (trad. port. de Rui de Moura, *O guia do Cinema*, Lisboa, Pergaminho, 1991-4, 3 vols.).

Fellini, “Roma mia”, VM 6.4.1973). O realizador volta a filmar épicos italianos dos anos 30, como *Cipião*, *o Africano* ou *A coroa de ferro*, filmes produzidos na «Cinecittà, a mini-Hollywood da era fascista...» (Federico Fellini, “Roma mia”, VM 6.4.1973). A visão da Roma clássica surge inevitavelmente condicionada pela função propagandística do tipo de cinema que se fazia na capital italiana na infância do realizador.

Como o próprio Fellini confessou em entrevista aos *Cahiers de l’Arc* (número 45), e ficcionalmente documentou, de resto, em *Fellini 8½*, nunca se sentiu constrangido por limitações de gastos, apesar de as suas produções serem as mais caras do cinema italiano. Importa referir que *Roma* é uma coprodução italo-francesa.

Paulo Sérgio Ferreira

Em Roma era assim (actividade escolar)

1.ª Apresentação: São Jorge, Açores, Escola EB 2,3/S de Velas

Data: 12.4.1997.

Entusiasmados pela “experiência teatral” alcançada com a montagem de *Epídico*, de Plauto, no ano lectivo de 1995-96, alguns alunos do 11.º e 12.º anos da Escola EB 2,3/S de Velas (São Jorge, Açores) decidiram recriar uma *cena romana*, sob a orientação das professoras Ana Maria Almeida e Ana Lígia Rego. Mais uma vez, puderam contar com o apoio da escola, sobretudo do Conselho Directivo. Foi, aliás, o seu Presidente, Joaquim Henrique Furtado, a sugerir aos alunos que transformassem esta actividade escolar num pequeno espectáculo ao qual puderam assistir familiares e amigos, também eles convivas, embora a sua refeição tivesse sido confeccionada e servida por um restaurante da região.

À semelhança do que acontecera no ano anterior, com a ajuda dos funcionários da escola, os alunos montaram um alegre e colorido cenário, um autêntico *triclinium* que tinha como fundo um fresco alusivo à cultura romana. Completavam o cenário ornamentos com flores e hera, o *Lar familiaris* e o vomitório. As refeições, compostas por peixe, codornizes, espargos, bolos de mel, figos e uvas, foram preparadas com base na obra de Apício. Foi mesmo necessário encomendar de propósito alguns alimentos que não existiam na ilha.

Esta cena romana iniciou-se com uma discussão entre as escravas (Crisandra e Prosérpina), pretexto para dar a conhecer as diferenças entre as refeições romanas e as das pessoas do século XX. As interpelações ao público por parte das escravas suscitaram bastantes gargalhadas. Seguiu-

-se o cortejo dos convivas do *triclinium*, vestidos a rigor e com grinaldas na cabeça, que entoaram cânticos em latim e atiraram flores aos convivas-espectadores.

Embora a improvisação tenha dominado, em especial, esta actividade, os alunos tinham preparado algumas animações, nomeadamente uma dança (executada por Cláudio Monteiro), que surpreendeu a assistência pelo originalidade e rigor dos movimentos. Os alunos declamaram, em latim e português, poemas de Catulo e Horácio, contaram anedotas a partir de Marcial e o próprio *dominus* (Rui Brasil) viria a cantar o poema *Viuamus mea Lesbia...* de Catulo. Estas animações, que receberam sempre grandes aplausos, foram interrompidas pelas idas ao vomitório, o que não deixou de causar uma certa estranheza ou o riso entre os convivas-espectadores.

Sob o signo da cultura latina e dos costumes romanos, os alunos criaram um espectáculo que se traduziu num convívio muito agradável e animado entre a escola e a comunidade. Uma actividade escolar a louvar por permitir que os alunos apliquem e partilhem, de uma forma divertida, o que aprendem nas aulas. Por vezes, para que isso seja possível é necessário, como neste caso, que os Conselhos Directivos dêem todo o seu apoio.

Elenco: Alunos do 12.º ano – Ana Paula Moura, Dénia Azevedo, Joselina Oliveira, Karen Matos, Lucília Sousa, Maria Amélia Pereira; **Alunos do 11.º ano** – Cristina Magina, Rui Brasil, Maria Pacheco, Iolanda Ávila, Álvaro Fonseca; **Participação especial** – Cláudio Monteiro; **Professoras** – Ana Almeida, Ana Lúcia Rego.

Luísa de Nazaré Ferreira

Friedrich Durrenmatt, *Rómulo o Grande*

Produção: Teatro Nacional D. Maria II

Direcção e Encenação: Varela Silva

Tradução e Adaptação: David Mourão Ferreira

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II

Data: 2.10.1981-24.1.1982.

Ver Vol. I, pp.243-244.

Cláudia Cravo

Federico Fellini, *Fellini – Satyricon*

Realização: Federico Fellini

Data: 1969

Duração: 138 m.

Cor

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa,
São Jorge

Data: 16.1.1975.



Com 49 anos de idade, iniciou Fellini a rodagem de *Satyricon*. O orçamento da produção foi de 90 mil contos e a sua equipa ocupou, durante cinco meses, 7 dos 13 estúdios da Cinecittà. Grimaldi produziu a obra. Foi o décimo primeiro filme da carreira do Cineasta e representou, para o realizador, um salto no vácuo, um corte com toda a sua produção anterior. Alheado de quaisquer tendências autobiográficas, Fellini procurou «recriar um mundo pré-cristão» (Fellini apud VM 29.8.1969, 11), distante da retórica dos épicos da Cinecittà e de Hollywood.

A ideia de realizar um filme nestes moldes já vinha de 1939, quando Fellini, então redactor do *Marc'Aurelio*, leu uma primeira edição algo clandestina de Petrónio. Os épicos, que na infância vira em Rimini, também o podem ter inspirado, assim como *O universo em delírio*, de Fredric Brown, que relata a história de um homem que subitamente se vê confrontado com um mundo aparentemente semelhante ao seu, mas terrivelmente angustiante. Será um pouco essa a sensação do espectador perante o *Satyricon*.

Fellini começou por ler Petrónio e outros autores latinos como Tácito, Ovídio, etc., e fazer anotações e caricaturas dispersas nas margens dos livros. Visitou os vestígios da Roma antiga: a Ápia Antiga, o Museu Capitolino, Herculano, o Coliseu. Com Bernardino Zapponi escreveu o argumento. Embora a obra petroniana tenha fornecido o grosso das cenas, Apuleio e Horácio constituíram igualmente fontes de inspiração.

Muitas foram as dificuldades encontradas: o perigo de transformar a obra num épico, numa simples sátira ou num relato tão fiel quanto possível de uma época histórica; a luta contra uma visão condicionada pelos séculos de cristianismo que, entretanto, decorreram; a falta de documentação sobre os gostos e os gestos daquele povo.

Como num jogo teatral, o cineasta propõe-nos que abandonemos as máscaras criadas por cerca de dois mil anos de “civilização” e que regressemos à misteriosa psicologia da era pré-cristã. O objectivo era sair de si.

Depois de concluir que as exigências e honorários dos grandes cómicos da época, como Danny Kaye, Alberto Sordi, Jimmy Durante e Peter Ustinov, e de artistas famosos, como Richard Burton ou Terence Stamp, condicionariam bastante o seu trabalho, decidiu escolher para protagonistas actores desconhecidos do grande público. Os monumentos e o vestuário da Roma clássica também lhe pareciam pouco inspiradores. À boa maneira dos anti-heróis do *Satyricon*, assim Fellini manterá uma distância afectada em relação à história. A simplicidade das casas, dos jardins, e dos pórticos, a luz diáfana do ambiente, a areia avermelhada do chão, a escassez dos objectos (uma carroça, um cesto, uma mesa, uma cadeira), despreocupada com o rigor arqueológico, as roupas sobretudo de lã, as jóias rudes e os móveis, de aspecto artesanal, criam uma certa poesia em torno da Roma imperial.

O objectivo do filme não é realista, mas poético e alusivo: não foi a orgia romana, mas as merendas campestres, regadas, a pretexto de apostas, com muito vinho, que inspiraram o *Festim de Trimalquião*. As personagens de *Fellini – Satyricon* são retiradas dos matadouros, das tascas, dos mercados ou de fotografias e memórias. À abundância de pormenores dos outros filmes contrapõe agora Fellini uma simplicidade primordial. Pela Roma do *Satyricon* deambulam os fantasmas culturais do homem de hoje. Ao contrário dos filmes que reservam cada momento para uma emoção, a narração do *Satyricon* reflecte as necessidades interiores da obra. Para João Lopes e José Camacho Costa (*VM* n.º 1847 6.2.1975, 21), «*Satyricon* é o reconhecimento, ou melhor, o conhecimento do mito como alienação, a afirmação do prazer como necessidade, à margem de qualquer justificação moralista.» No filme, o prazer é directamente proporcional à descoberta contínua do mito.

Em “Do desencanto à alegria: o *Satyricon* de Petrónio e o *Satyricon* de Fellini” (*Humanitas*, 49, 1997, pp.169-175), Walter de Medeiros considera que a relação heterossexual de Crísis e de Encólpio, assim como a restituição da virilidade ao protagonista, constituem indícios de que o romance não terminaria com a cena de antropofagia. Esta foi, de resto, também a percepção de Fellini: «E, no entanto, em duas ou três cenas, e sobretudo na final, uma luz de esperança irradia sobre as trevas da avidez e do canibalismo.

Quando a faca dos caçadores de heranças se levanta para esquartejar o cadáver de Eumolpo, a câmara desvia-se para o lume da praia, onde Encólpio, com uma alegre revoada de jovens, se prepara para embarcar. E a sua voz de fundo profere estas palavras:

«Com eles decidi partir. O navio transportava mercadorias preciosas e escravos. Tocámos portos e cidades desconhecidas. Pela primeira vez ouvia os nomes de Celíscia e de Réctis. Em uma ilha coberta de ervas

altas, de suave perfume, um adolescente grego me apareceu e me narrou os anos...» (Apud W. Medeiros, p.175).

O realizador nunca se sentiu constrangido pela opinião do público: é uma massa que, por inércia mental, criámos. A obra de arte estabelece uma relação natural com cada indivíduo que sobre ela reflecte.

Fellini – Satyricon é uma coprodução italiana (PEA) e francesa (Les Productions Les Artistes Associés).

Elenco: Actores – Martin Potter (Encópio), Hiram Keller, Max Born, Salvo Randone, «er Moro» Mario Romagnoli (Trimalquião), Magali Noël (Fortunata), Danica La Loggia (*Scintilla*), Giuseppe Sanvitale, Alain Cuny, Capucine, Lucia Bosè, Joseph Wheeler (Par de Suicidas), Hyllette Adolphe, Tanya Lopert, Luigi Montefiore, Luigi Visconti (Fanfulla), Marcello Di Falco, Elisa Mainardi, Donyale Luna, Carlo Giordana, Gordon Mitchell, Eugenio Mastropietro (Genius), Marina Boratto, Pasqualino Baldassarre, Karmela Goldberg, Kim Underwood, Beryl Cunningham, Maria De Sisti, Aide Aste, Franco Mario, Sandro Dori, Marisa Traversi, Alfredo Domizi, Lina Alberti, Elio Gigaante, Dolly Mayor, Wolfgang Hillinger, Sibila Setad, Lorenzo Piani, Luigi Zerbinati, Vittorio Vittori, Ali Nanush, Luigi Battaglia, Tania Duckworth, Antonia Pietrosi; **Produção** – Alberto Grimaldi; **Argumento** – Federico Fellini, Bernardino Zapponi; **Cenário e Figurinos** – Danilo Donati; **Assistentes de Cenografia** – Luigi Scaccianoce, Giorgio Giovannini; **Fotografia** – Giuseppe Rotunno (Panavision, color); **Música** – Nino Rota, com a colaboração de Ilhan Mimaroglu, Todd Docksader, Andrew Rudin; **Montagem** – Ruggero Mastroianni.

Paulo Sérgio Ferreira

Bruno Maderna, *Satyricon*

Direcção Musical: Aldo Brizzi

Encenação: Cornelia Geiser

1.ª Apresentação: (em Portugal)
Porto, Teatro Rivoli

Data: 20 e 22.7.1999, às 21.30 h.

A apresentação da ópera *Satyricon* de Bruno Maderna no Rivoli, a 20 e 22 de Abril de 1999, é fruto do esforço de



instituições como a Culturporto e o Teatro Nacional de S. João que, nos últimos anos, têm procurado fomentar a «criação de projectos indepen-

dentos de ópera de câmara, particularmente nos repertórios barroco, clássico e contemporâneo» (*Libreto da ópera*, 1). Este objectivo tem igualmente presidido à construção do Estúdio de Ópera da Casa da Música. Isabel Alves da Costa, Ricardo Pais, Luís Madureira e Pedro Burmester foram os mentores de dois espectáculos que se realizaram em 1999 e que resultaram da colaboração entre jovens criadores e jovens intérpretes, oriundos das mais diversas áreas artísticas.

Composta em 1972 pelo compositor italiano Bruno Maderna, a ópera *Satyricon* tem a duração aproximada de 80 minutos e baseia-se no romance homónimo de Petrónio, autor latino do séc. I d.C. O episódio do 'Festim de Trimalquião' (*Cena Trimalchionis*), que, no romance petroniano, corresponde aos capítulos que decorrem entre 26.7 e 78, suporta, na ópera de Maderna, vinte e um números, aleatoriamente ordenados e elaborados. Apesar de se tratar de uma obra aberta, o libreto seguiu, contudo, a ordem proposta por Maderna em 1973: 1. Bande I (17') interrompe par: 1.º Scintilla I, 2.º Criside; 2. Fortunata aria; 3. Trimalchio e le flatulenze; 4. Orchestral improvisation: food machine; 5. The money; 6. Bande 2: erotica (flutes and Italian); 7. Lady Luck; 8. Trimalchio e le flatulenze (reprise); 9. Bande 3: awakening (1'05'') – 16 violas; 10. La Matrona di Efeso; 11. Bande 4: music a la Webern with pigs (cut somewhat) / Trimalchio and animals; 12. Carriera di Trimalchio; 13. Fortunata e Eumolpus; 14. Eumolpus fuga; Scintilla and party re-enter; 16 Trimalchio contra Fortunata; 17. Trimalchio e le flatulenze (orchestral reprise); 18. Party returns (silent mime); 19. Trimalchio e il monumento; 20. Funeral march; 21. Bande 5 (birds, etc.).

Como se pode constatar, a partir da simples leitura dos títulos, participam no 'Festim' de Maderna personagens alheias ao 'Festim' petroniano: Crísis e Eumolpo. Do mesmo modo, a história da Matrona de Éfeso, narrada por Eumolpo em *Sat.*111-112, é posta, por Maderna, na boca do liberto Habinas, durante o 'Festim'. Atentando, porém, no libreto, verificamos que este não é um caso isolado: no número 13, por exemplo, Fortunata dirige a Eumolpo as mesmas palavras que Crísis, a escrava de Circe, utiliza para interpelar Encólpio, em *Sat.*126.1-4.

Podemos igualmente depreender, dos títulos referidos, que Maderna mistura diversas línguas, consoante as situações: é em inglês que a acção evolui e se contam algumas histórias; o francês é o idioma utilizado nos jogos de sedução e nas lides amorosas; ao alemão recorrem as personagens quando falam de dinheiro e de poder; e o latim serve para tratar temas filosóficos.

Como no texto de Petrónio, a linguagem é um elemento caracterizador das personagens da ópera de Maderna: não nos admiramos, por

isso, de ver Fortunata a falar um francês estropiado. Como Carmen da ópera homónima de Bizet, também Fortunata trai e seduz.

Se, nos planos literário e linguístico, esta obra constitui um «mosaico», reflexo do carácter fragmentário do texto petroniano e da própria estética de Maderna, a verdade é que, sob o ponto de vista musical, através da colagem de trechos de diferentes tipos de música, o compositor cria um paralelo interessante com as paródias de diversos géneros literários, presentes no *Satyricon* de Petrónio. Assim, «a famosa Habanera, da Carmen, vira acompanhamento de um tango argentino, em que a música de vanguarda convive com trechos de Wagner, Puccini com café-chantant, passando por Gluck, Strauss ou Verdi, e excertos de peças anteriores do próprio Maderna» (*Libreto*, 4). Do mesmo modo que o *Satyricon* de Petrónio constitui uma reflexão sobre a tradição literária anterior e contemporânea, a obra de Maderna é uma meta-ópera.

No que toca à encenação, o movimento procurou sugerir um mundo povoado por tipos que encarnam, de forma exagerada, os vícios da sociedade romana do séc. I d.C. Cada personagem reage instantaneamente a um conjunto de estímulos de natureza fisiológica e sexual, sem estar condicionada por quaisquer tipos de convenções ou princípios morais. Devido à escassez de meios financeiros, os objectos do 'Festim' são «simbolicamente invocados pelo gesto» (*Libreto*, 5).

Segundo o *Jornal de Notícias*, de 20 de Julho de 1999, p.55, «*Satyricon* é, assim, um acto de amor, surpresa visionária, e uma homenagem à história da música.»

Elenco: Actores – João Henriques (Trimalchio), Helena Pata (Fortunata), Cláudia Pereira Pinto (Habinnas), Paulo Ferreira (Eumolpus), Alexandra Moura (Criside), Raquel Lima (Scintilla), Cristiano Amarante (Cario), Gabriel Mendes (Gitone), Guilherme Lima (Encolpus), José Pedro Ferraz (Polyaenos), Miguel Hernandez (Ascyltos), Natália Correia (Tryphaena), Ricardo Sousa (Phylargirus), Julien Busse (Novo Escravo); **Músicos** – Ana Maria Ribeiro (Flauta), Pedro Ribeiro (Oboé), Ricardo Freitas (Clarinete), Helder Tavares (Clarinete baixo), Paulo Martins (Fagote), Helder Vales (Trompa), Vasco Faria (Trompete), Vitor Faria (Trombone), Avelino Ramos (Tuba), Rui Pinheiro (Piano/Celesta), Áurea Guerner (Harpa), Mário Teixeira (Percussão), Paulo Oliveira (Percussão), Radu Ungareanu (Violino I), Susana Lidegran (Violino II), Luís Norberto Silva (Viola), Vicente Chuaqui (Violoncelo), António Aguiar (Contrabaixo); **Figurinos** – Ana Luena; **Desenho de Luz** – João Guedes; **Maestro Correpetidor** – Luís Filipe Sá; **Elocução** – Luís Madureira; **Maquilhagem** – Paulo Soares; **Assistente de Figurinos** – Mafalda Portocarrero;

Costureiras – Branca Ilísio, Celeste Marinho; **Colaboração** – Balletatro Escola Profissional.

Paulo Sérgio Ferreira

Pierre Corneille, *Sertorius*

Produção: Théâtre de la Commune / Pandora, Teatro da Cornucópia

Encenação: Brigitte Jacques

Tradução: Nuno Júdice

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Teatro do Bairro Alto

Data: 11.10.1997.

Ver Vol. I, pp.244-246.

M. F. S. S.

Agustina Bessa Luís, *A Sibila*

Produção: CeDeCe – Companhia de Dança Contemporânea

Guião: António Rodrigues em colaboração com Agustina Bessa Luís

Coreografia: António Rodrigues

1.ª Apresentação: Lisboa, Sala Polivalente do ACARTE

Data: 16-19.12.1998, às 21.30 h.

Apesar da diversidade de produções que tem caracterizado o trabalho da CeDeCe, desde a sua fundação, em 1992, a verdade é que a qualidade tem presidido aos espectáculos apresentados em Portugal e no estrangeiro. Assim, quer como companhia de projecto, quer de repertório, quer de documento, quer de diversão, a CeDeCe, além das cinquenta actuações anuais em Portugal, já se apresentou na Alemanha, em Inglaterra e na República da Irlanda.

A *Sibila* ainda pôde ser vista na Sala Polivalente do ACARTE, nos dias 17, 18 e 19 de Dezembro de 1998, pelas 21.30 horas.

Elenco: Intérpretes – Salomé Martins, Bárbara Amar, Hugo Vieira, Pedro Dias, Iolanda Rodrigues, Ana Cardigos, Sávio de Luna, Maria João Lopes, Mónica Gomes, Débora Queiróz, Rita Soares; **Fotografia** – Alice Costa; **Voz** – Marta Dias.

Paulo Sérgio Ferreira

O Sinal da Cruz (The Sign of the Cross)

Produção: Paramount (EUA)

Realização: Cecil B. De Mille

1.ª Apresentação: Lisboa, Cinemas

Data: 1932.

Produção de 1932 e *remake* de uma de 1914, esta realização de De Mille narra um episódio passado durante o reinado de Nero, em que um funcionário imperial, Marco Superbo, se apaixona por uma jovem cristã de nome Mércia. Todavia, o ambiente do filme centra-se sobretudo na sexualidade da imperatriz Popeia, interpretada por Claudette Colbert, que acentua a sua feminilidade de diversas formas, como a que se exprime na famosa cena em que a atriz toma banho em leite de burra. Paralelamente a esse erotismo, sente-se também, na parte final do filme, uma certa crueldade subjacente ao martírio dos cristãos nas arenas de Roma, em algo semelhante à *Fabiola* de Alessandro Blasetti. Ainda ao nível da interpretação, a composição da figura do imperador Nero pelo actor britânico Charles Laughton é das mais carismáticas, tendo chegado certamente a estar na base da de Peter Ustinov no *Quo Vadis* de 1951.

Em 1944, o filme foi reeditado com algumas alterações que se proporcionavam ao período em questão, visto que se estava em plena guerra e convinha destacar o aspecto ditatorial do reinado de Nero e a perseguição das minorias religiosas; do mesmo modo, era oportuno o desfecho do filme, visto que terminava com Superbo e Mércia a encaminharem-se para a arena, aceitando o martírio como cristãos, ao qual assistem Nero e Popeia. Simultaneamente, desapareciam todas as cenas eróticas da tela.

Elenco: Actores – Fredric March, Claudette Colbert, Charles Laughton, Elissa Landi, Ian Keith, Vivian Tobin, Harry Beresford, Ferdinand Gottschalck, Arthur Hohl, Joyzelle Joyner, Tommy Conlon, John Carradine, Ethel Wales, Lionel Belmore; **Argumento e Guião** – Waldemar Young, Sidney Buchman; **Fotografia** – Karl Struss; **Música** – Rudolph Kopp; **Cenografia e Guarda-roupa** – Mitchell Leisen; **Montagem** – Anne Bauchens.

Nuno S. Rodrigues

O Sinal do Pagão

Produção: Universal / International (USA)

Direcção Cinematográfica: Douglas Sirk

Guião: Oscar Brodney, Barré Lyndon

Data: 1954.

Elenco: Actores – Jeff Chandler, Jack Palance, Ludmilla Tcherina, Rita Gam, Jeff Morrow, George Dolenz, Eduard Franz, Allison Hayes, Alexander Scourby, Sara Shane, Put Hogan, Howard Petrie, Michael Ansara, Leo Gordon, Rusty Westcoatt, Chuck Robertson, Moroni Olsen, Charles Horwath, Robo Bechi, Sim Iness, Walter Coy, Norbert Schiller; **Fotografia** – Russell Metty; **Música** – Frank Skinner, Hans J. Salter, Joseph Gershenson; **Decoração** – Alexander Golitzen, Emrich Nicholson; **Figurinos** – Bill Thomas; **Montagem** – Milton Carruth, Al Clark.

M. F. S. S.

Damião de Góis, ‘Surge, propera’ e ‘Ne laetaris’

Produção: Coral de Letras da Universidade do Porto

Maestro: José Luís Borges Coelho

Iniciativa: Porto Cidade da Cultura 2001

1.^a Apresentação: Porto, Sé Catedral

Data: 15.1.2001.

Incluído no programa do Porto Cidade da Cultura 2001, o Coral de Letras da Universidade do Porto fez-se ouvir num concerto dentro do ciclo dedicado a Pedro do Porto (c. 1465-1535), o primeiro compositor nacional de quem se conserva música escrita e precursor da polifonia sacra dos nossos séculos XVI e XVII. No programa então apresentado foram incluídas também peças de contemporâneos do homenageado, de que destacaremos dois motetes de Damião de Góis, ‘Surge, propera’ e ‘Ne laetaris’; para além do interesse de revelar uma faceta decerto menos conhecida do humanista, a execução das composições pôs também em evidência a notável capacidade de composição de um Góis que granjeou, nos círculos europeus do seu tempo, fama como músico.

M. F. S. S.

Tarquínio, o Soberbo

1.ª Apresentação: Porto, Salão High-Life

Data: 19.4.1911

Outras: Porto (Salão Pathé), 27.4.1911.

M. F. S. S.

Tetaro

Encenação: António Calpi

1.ª Apresentação: Lisboa, Armazém do Ferro

Data: 5-22.12.2000 (às terças e sábados).

Cabe ao único actor António Calpi dar vida, em cena, a três personagens, Saint Thomas Becket, Calígula e Ricardo III, que constituem o elenco de *Tetaro*, um texto que retrata a solidão dos poderosos. Quem detém nas mãos a força da autoridade distancia-se dos mortais e, de alguma forma, comunga da superioridade divina. Mas como diz diante do público o actor / encenador: ‘Todos se distanciam do homem vulgar e por isso são heróis, por isso têm de morrer’.

Através da expressividade do movimento, da música e do texto criam-se três núcleos temáticos, centralizados em torno das três personagens paradigmáticas, criadas respectivamente por Jean Anouilh, Albert Camus e Carmelo Bene.

Elenco: Actores – António Calpi.

M. F. S. S.

Angelika Oei, Tomi

Produção: Angelika Oei Company

1.ª Apresentação: (estreia mundial) Lisboa, Expo 98, Pequeno Auditório

Data: 6-7.8.1998.

O romance do escritor austríaco Christoph Ransmayr, *The Last World*, é o texto inspirador desta produção. Situada na cidade de Tomi, onde o poeta Ovídio viveu exilado, a acção ocorre num plano mítico, onde os pensamentos se transformam em paisagens e as pessoas em animais ou pedras. Através da ficção, o autor tende a diluir a pessoa humana e a civilização, num processo de decadência imparável. Angelika Oei volta ao tema, numa criação que agora intitula *Tomi*. E a partir dele, abre

caminhos à criação de movimentos, de sons, vozes, efeitos de luz, que ajudam a colocar as suas criaturas num mundo do imaginário.

Elenco: Intérpretes – Nadia Cusimano, Arthur Sauer, Jordi Casanovas Sempere, Paul Gazzola, François Ben Aim, Angelika Oei, Bym (mistura de música ao vivo); **Composições** – Thus Van Der Poll, Bym, Arthur Sauer; **Cenografia** – R. A. Verouden; **Desenho de Luzes** – Renze Torensma, Reint Baarda, Mart Stibbe; **Figurinos** – Gerwin Smit.

M. F. S. S.

William Shakespeare, *A Tragédia de Coriolano*

Co-Produção: Artistas Unidos / Ensemble / Culturporto

Encenação: Jorge Silva Melo

1.ª Apresentação: Porto, Teatro Rivoli

Data: 31.11.1997

Outras: Lisboa (Teatro Politeama), 25.2.1998; Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 16-17.2.1998.

Ver Vol. I, pp.242-243.

Luísa de Nazaré Ferreira

Carl Orff, *O Triunfo de Afrodite*

Produção: Les Grands Ballets Canadiens

Iniciativa: Fundação Calouste Gulbenkian

1.ª Apresentação: Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente

Data: 23.5.1969.

Por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, Coimbra pôde assistir a uma exibição de *O Triunfo de Afrodite*, baseado em textos de Safo, Eurípides e Catulo, pela companhia Les Grands Ballets Canadiens. As duas partes anteriores do mesmo tríptico de Carl Orff – *Carmina Burana* e *Catulli Carmina* – foram entretanto exibidas em Lisboa pelo mesmo grupo.

M. F. S. S.

Hector Berlioz, *Les Troyens*

Produção: Teatro Nacional de S. Carlos

Maestro Director: Edmond Carrière

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 18.4.1968.

Os Troianos de Berlioz, na sua versão integral, constam de duas partes, com os títulos de *A Conquista de Tróia* e de *Os Troianos em Cartago*. O libreto, da autoria do próprio compositor, segue de perto os Cantos 2 e 3 da *Eneida* de Virgílio, para a I Parte, e os Cantos 1 e 4 do mesmo poema, para a II Parte. Como se trata de uma ópera muito longa e de execução difícil num único espectáculo, desde cedo se formou uma versão corrente que inclui cenas das duas partes acima referidas, com menor extensão para poder caber dentro dos limites de tempo habituais num espectáculo de ópera. Utilizada, de modo geral, pela Ópera de Paris nos seus programas, foi essa a versão que o Teatro Nacional de S. Carlos apresentou em 1968.

Com um Prólogo e dois Actos, *Os Troianos* então apresentados, em vez de um desenrolar progressivo da acção dramática sobre a tomada de Tróia e a chegada e estadia de Eneias e companheiros em Cartago, oferecem-nos uma série de quadros que ilustram, por meio da arte dos sons, episódios ou cenas do poema de Virgílio, o que transmite um carácter fragmentário à ópera.

É conhecida a narração da queda de Tróia na *Eneida* de Virgílio (Cantos 2 e 3) onde Berlioz foi buscar o argumento. Os Gregos simulam retirar, deixando fraudulentamente um cavalo de madeira, com o bojo pejado de guerreiros, como pretensa dádiva aos deuses. Imprudentes, os Troianos introduzem o animal no interior das muralhas, desprezando o funesto vaticínio de Cassandra. Pela calada da noite, os guerreiros saem do cavalo, abrem as portas e os Gregos obtêm uma vitória total. A cidade está em chamas, as Troianas, recolhidas no templo de Cibele, pedem protecção, mas em breve serão distribuídas pelos chefes vencedores como escravas. Só Eneias, a conselho do espírito de Heitor, com a ajuda de um punhado de Troianos, conseguiu salvar o tesouro de Príamo e pôr-se em fuga.

A segunda parte, cujo assunto vai buscar no essencial aos Cantos 1 e 4 do poema de Virgílio, tem como cenário o palácio de Dido, em Cartago. À sua chegada, a rainha é aclamada pelo povo. O bárbaro Iarbas ameaça o reino e pretende impor a Dido um casamento odioso. Ana, irmã de Dido, observa à rainha que o povo cartaginês deseja um rei e que ela é ainda muito jovem e bela para não mais obedecer à lei do amor. Entre-

tanto uma delegação de Troianos, chefiada por Eneias, chega ao palácio e é bem recebida pela rainha. Eneias, ao saber que Cartago está sob a ameaça de Iarbas, oferece o seu apoio na luta contra o invasor e parte para o combate, deixando Ascânio ao cuidado de Dido que lhe promete amor de mãe.

Terminada a batalha com a vitória de Cartagineses e Troianos, o quadro segundo mostra-nos os jardins do palácio, onde Eneias conta a triste história dos Troianos, detendo-se em especial na de Andrômaca, e nos faz assistir ao amor crescente de Dido por Eneias, até com ele desaparecer, caída a noite, pelas ruas do jardim. Mas Mercúrio aparece subitamente, bate três vezes com o caduceu no escudo do herói e repete de modo solene: Itália! Itália! Itália!

No primeiro quadro do segundo Acto, os barcos de Eneias estão no porto, prontos para partir, apesar da oposição de Dido. Eneias chega junto do acampamento, visivelmente agitado, e profere um monólogo que traduz toda a luta interior entre a consciência do dever a cumprir e o desgosto de fazer sofrer a mulher que ama e o ama. Mas os espectros de Príamo, Corebo, Heitor, Cassandra aparecem-lhe e incitam-no a partir sem detença. O anúncio da partida foi um momento de alegria para os marinheiros troianos, mas de amargura e sofrimento para Eneias.

No quadro segundo, pedia Dido à irmã que fosse implorar, mais uma vez, a Eneias que não partisse, quando chega Iopas com a informação de que os Troianos tinham abandonado Cartago. A primeira reacção da rainha é mandar persegui-los, mas rapidamente cai num grande abatimento e conclui que só lhe resta a saída da morte, que se consuma no quadro terceiro. A pedido de Dido, fora preparado um sacrifício simbólico em que seriam lançados às chamas um leito, uma túnica, um elmo, uma espada e um busto de Eneias. Mas realizados os rituais, no momento de consumir o sacrifício, Dido imola-se a si própria com a espada de Eneias, ante a desesperada impotência da irmã. Agonizante, profetiza as vitórias de Aníbal sobre Roma, mas são de previsão da derrota de Cartago as suas últimas palavras que ainda deixam transparecer o seu amor por Eneias: «Roma ... Roma ... imortal!».

As figuras foram interpretadas por Suzanne Sarroca (Cassandra e Dido), Danielle Millet (Ana), Ruth Bézinian (Ascânio), Guy Chauvet (Eneias), Franz Petri (Panteu), Marc Vento (Narbal) e Michel Caron (Iopas e Hilas). O cronista de *Vida Mundial*, que assina com as iniciais N. B (19.4.1968, p.57), destaca a soprano Suzanne Sarroca e o tenor Guy Chauvet: considera a primeira «excelente actriz, capaz de veemência, sem trair uma fundamental sobriedade, e cantora de grandes recursos, embora lhe faça falta, para esta ópera, um registo grave mais potente»; classifica

o segundo como «tenor heróico, cuja voz se impõe mais pelo vigor do que pela beleza do timbre».

Actuaram, com boa participação, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo Maestro Edmond Carrière, o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, com direcção dos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali, e o Corpo de Baile do S.N.I. Foi regista Louis Erlo, que também se encarregou das luzes, e mostrou talento na disposição dos coros e actores e nos efeitos de luz, embora, na opinião do crítico de *Vida Mundial* (19.4.1968, p.57), «nem sempre se livrou de um certo preciosismo». A direcção coreográfica pertenceu a Margarida de Abreu e Fernando Lima. Os cenários e arranjos de cena, bem concebidos e bem realizados, eram criação de Alfredo Furiga e representavam, na I Parte, a muralha de Tróia (o primeiro quadro), o cavalo de madeira a entrar na cidade (segundo quadro), o interior do templo de Cibele (terceiro quadro); e mostravam, na II Parte, um anfiteatro (primeiro quadro) e os jardins do palácio de Dido (segundo quadro do I Acto), o porto com os barcos dos Troianos (primeiro quadro), o aposento de Dido (segundo quadro) e um templo (terceiro quadro do II Acto). Os adereços tinham a responsabilidade de Raúl de Campos e o guarda-roupa veio da Ópera de Paris.

Apesar do carácter fragmentário desta versão reduzida, a Ópera continua a oferecer, como nota o crítico da *Vida Mundial*. (19.4.1968, p.57), belos e artísticos momentos que não são «os mais espectaculares ou de feição heróica e guerreira», mas os que «se recomendam pela delicadeza do colorido (coro feminino evocando Cibele), pelo lirismo envolvente e acariciador (o septeto e dueto de amor que se lhe segue...) ou pelo fundo dramatismo e expressão pungente (as previsões de Cassandra e a despedida de Dido...)».

Elenco: Intérpretes – Suzanne Sarroca (Cassandra, Dido), Danielle Millet (Ana), Ruth Bézinian (Ascânio), Guy Chauvet (Eneias), Franz Petri (Panteu), Marc Vento (Narbal), Michel Caron (Iopas, Hilas); **Coreografia** – Margarida de Abreu, Fernando Lima; **Cenografia** – Alfredo Furiga; **Adereços** – Raúl de Campos; **Guarda-roupa** – Ópera de Paris.

José Ribeiro Ferreira

Hector Berlioz, *Les Troyens – La Prise de Troie*

Produção: Companhia de Ópera do Teatro Nacional d S. Carlos

Direcção Musical: Frédéric Chaslin

Libreto: Hector Berlioz, segundo a *Eneida* de Virgílio

Récita: Temporada de Ópera do Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 24.5.1997.

Ver Vol. I, pp.255-256.

Aires Rodeia Pereira

Hector Berlioz, *Os Troianos* II Parte: *Os Troianos em Cartago*

Produção: Teatro Nacional de S. Carlos

Encenação: Paulo Ferreira de Castro

Maestro Director: Frédéric Chaslin

1.ª Apresentação: Lisboa, Teatro Nacional de S. Carlos

Data: 18.7.1998

Outras: Lisboa (Teatro Nacional de S. Carlos), 21, 23 e 26.7.1998.

O Teatro Nacional de S. Carlos apresentou em Julho de 1998, nos dias 18, 21, 23 e 26, a II Parte da versão completa de *Os Troianos* de Hector Berlioz, intitulada *Os Troianos em Cartago*, os Actos III a V, dos cinco que a ópera integral possui. A I Parte – ou seja os dois primeiros Actos com o título de *A Tomada de Tróia* – tinha sido incluída no programa da temporada anterior (1997). Da representação se deu notícia no I volume (pp.255-256).

Esta II Parte da ópera de Hector Berlioz, agora apresentada pelo Teatro Nacional de S. Carlos, tem por base os Cantos 1 e 4 da *Eneida* de Virgílio e corresponde, grosso modo, ao assunto da II Parte da representação que o mesmo Teatro Nacional levou à cena em 1968, de que dei o resumo na respectiva notícia. Mas o espectáculo de agora, além do entrecho mais desenvolvido – já que estamos perante a versão completa da ópera –, mostra também uma acção mais homogénea e menos fragmentária. É constituído por três actos em vez de dois: o primeiro corresponde à cena inicial da representação de 1968, em que o povo aclama Dido, esta concede hospitalidade aos Troianos e Eneias oferece o seu apoio na luta contra Iarbas. O II Acto, em dois quadros, põe em evidência o poder do amor que une Dido e Eneias: abre com a famosa cena de caça, descrita nos versos 160 sqq. do Canto 4 da *Eneida*, em que uma tempestade isola os dois amantes numa gruta da floresta; e termina com a cena dos jardins

do palácio de Cartago, que também faz parte da versão reduzida. O III Acto corresponde ao II da referida versão de 1968 e apresenta os mesmos três quadros.

Além de ir ao encontro do romantismo de Berlioz, o drama de Dido e Eneias expressa a dicotomia entre as aspirações individuais e o dever público, sublinhando que são os interesses políticos a causa do amor infeliz que tantas vezes conduz à morte.

Com a direcção musical de Frédéric Chaslin – que, na temporada de 1997 do Teatro Nacional de S. Carlos, já dirigira também a I Parte desta mesma ópera, *A Tomada de Tróia* – e a participação da Orquestra Sinfónica Portuguesa e do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos, de que é maestro titular João Paulo Santos, e com a colaboração da Companhia Nacional de Bailado, o espectáculo teve como principais intérpretes as meio-soprano Markella Hatziano, no papel de Dido, e Liliana Bizineche, no de Ana; o tenor Jon Ketilsson, no de Eneias; a figura de Narbal esteve a cargo de Jean-Philippe Courtis e a de Iopas teve interpretação de Gérard Garino; a de Panteu foi entregue a Philippe Khan; Sílvia Correia Mateus deu vida à figura de Ascânio e a sua «voz límpida de transbordante vitalidade» recebeu «a maior ovação das duas primeiras récitas» (A. Delgado, *Público* 23.7.1998); Mário João Alves, Nuno Cardoso e Alberto Silveira trouxeram à cena Hilas, Mercúrio e o Espectro de Príamo, respectivamente; Luís Rodrigues fez de Sentinela e de Espectro de Corebo, João Miranda de Sentinela e de Espectro de Heitor e Manuela Teves de Espectro de Cassandra.

A direcção artística e encenação eram assinadas por Paulo Ferreira de Castro, a coreografia pertenceu a Rui Lopes Graça e os cenários foram da responsabilidade de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira. Os figurinos, sóbrios, tiveram o risco de Filipe Faísca e o desenho de luzes foi de Pedro Martins.

As duas partes da ópera têm cariz diferente: *A Tomada de Tróia* é toda ela sofrimento e destruição, enquanto *Os Troianos em Cartago* são mais alegres ou então menos sombrios, apesar do suicídio de Dido no final. Este contraste, que tem tradução nos ambientes musicais – foi sublinhado nos próprios cenários, como observa a cronista do *Diário de Notícias* (18.7.1998, p.41): na primeira parte – ou seja na *Tomada de Tróia* – «imperaram as cores cinzentas de Tróia, na segunda dominam agora as cores quentes de Cartago».

A encenação desta ópera oferece sérias dificuldades como um lago em palco que Paulo Ferreira de Castro nos informa ter-lhe parecido logo de início assustador; não menor dificuldade levanta a cena de caça com correria de cavalos e cães. Daí, possivelmente, as escassas vezes que foi encenada a versão integral da ópera *Os Troianos*. De qualquer modo o

encenador preferiu seguir uma linha despojada, optando por «uma redução de elementos que se irá reflectir do ponto de vista visual e que ganhará expressão no predomínio dos símbolos» (Cristina Margato, *Diário de Notícias* 19.7.1998, p.41). Pedro Cunha (*Público* de 4.7.1998) considera que, na cena da caçada, cavalos e cães, passando atrás de um pano, criam «um efeito deslumbrante de sombras ilustradas por mancebos com arcos e flechas às costas, caçadores com os cães pela trela, ao som da música de Berlioz, num palco onde cabe também a tempestade que agita os corpos, a chuva, os raios». Por seu lado, escreve Alexandre Delgado, também no *Público* (23.7.1998) que «a justaposição do intimismo e do colossal é a essência desta ópera, e a encenação de Paulo Ferreira de Castro captou-a quer na grandiosidade sóbria das cenas de multidão – de que o 1.º Acto é o exemplo mais arrebatador – quer na nudez da tragédia do penúltimo acto».

A crítica do *Expresso* (25.7.1998, p.24), da autoria de Jorge Calado, impressiona pelo seu carácter negativo e derrotista: não há nada de positivo, nem encenação, nem direcção musical, nem coreografia, nem cenários, nem luzes; praticamente, apenas se salva Markella Hatziano e mesmo essa «está mais à vontade na Dido sofredora do primeiro e último actos do que nas paixões do segundo».

Elenco: Intérpretes – Markella Hatziano (Dido), Liliana Bizineche (Ana), Jon Ketilsson (Eneias), Jean-Philippe Courtis (Narbal), Gérard Garino (Iopas), Philippe Khan (Panteu), Sílvia Correia Mateus (Ascânio), Mário João Alves (Hilas), Nuno Cardoso (Mercúrio), Alberto Silveira (Espectro de Príamo), Luís Rodrigues (Sentinela, Espectro de Corebo), João Miranda (Sentinela, Espectro de Heitor), Manuela Teves (Espectro de Cassandra); **Coreografia** – Rui Lopes Graça; **Cenários** – Manuel Graça Dias, Egas José Vieira; **Figurinos** – Filipe Faísca; **Desenho de Luzes** – Pedro Martins.

José Ribeiro Ferreira

A Túnica (The Robe)

Produção: 20th Century-Fox (EUA)

Realização: Henry Koster

1.ª Apresentação: Lisboa, Cinemas, RTP

Data: 1953.

Dirigida em 1953 por Henry Koster, *A túnica* anunciava-se desde logo como um filme de combate contra a hegemonia da televisão, que

começava a revelar-se. Por isso, esta película foi a escolhida para estrear um novo método de filmar e projectar, o *Cinemascope*.

Baseada no *best seller* de Lloyd C. Douglas, publicado em 1943, a película conta a história de um oficial chamado Marcelo (R. Burton) que passa pela experiência da crucificação de Jesus em Jerusalém. É esta personagem que assume a figura bíblica do soldado romano que ganha a túnica de Cristo aos dados. A esse contexto, junta-se a figura do seu escravo de origem grega, Demétrio (V. Mature), que entretanto se converte ao cristianismo e foge com a relíquia. A intriga é enriquecida com a introdução de personagens históricas, como Tibério, Calígula e Pedro, todas preocupadas com a veste do Messias. Marcelo e a sua heroína, Diana (J. Simmons), acabarão por aceitar o cristianismo e o sacrifício nas arenas de Roma.

A *túnica* é um filme muito mais contido do que outros que tratam o mesmo tema. Não existe, por exemplo, qualquer cena de martírio, apenas se sugere o mesmo. Centra-se, por isso, na acção psicológica das personagens e na composição das figuras, como as dos imperadores, que seguem de perto a imagem que Suetónio ou Tácito nos deram deles. A exaltação do cristianismo faz-se através da enunciação de valores que se evidenciam nas decisões e comportamentos dos intervenientes na acção.

A nível das interpretações destacam-se as de Burton, como um homem constantemente atormentado por um fantasma do passado, que lhe é difícil de definir e de reconhecer, e de Jay Robinson, cuja composição da esquizofrenia de Calígula acabou por se impor como modelo cinematográfico.

Elenco: Actores – Richard Burton (Marcelo), Jean Simmons (Diana), Victor Mature (Demétrio), Michael Rennie, Jay Robinson (Calígula), Dean Jagger, Torin Thatcher, Richard Boone, Beta St. John, Jeff Morrow, Ernest Thesiger, Dawn Addams, Leon Askin, Frank Pulaski, David Leonard; **Argumento e Guião** – Philip Dunne, Gina Kaus; **Fotografia** – Leon Shamroy; **Música** – Alfred Newman; **Cenografia** – Lyle Wheeler, George W. Davis; **Guarda-roupa** – Emile Santiago, Charles LeMaire; **Montagem** – Barbara McLean.

Nuno S. Rodrigues

Os Últimos Dias de Pompeia (Gli Ultimi Giorni di Pompei)

Produção: Itália

Data da Produção: 1925

Direcção Cinematográfica: Amleto Palermi, Carmine Gallone

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Politeama

Data: 5.12.1927.

Elenco: Actores – Maria Corda, Bernhard Goetzke, Rina de Liguoro, Emílio Ghione, Victor Varconi.

M. F. S. S.

Os Últimos Dias de Pompeia (The Last Days of Pompeii)

Produção: USA

Data da Produção: 1935

Direcção Cinematográfica: Ernest B. Schoedsack

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Odeon, Palácio

Data: 1.4.1936.

Elenco: Actores – Preston Foster, Alan Hale, Basil Rathbone, Louis Calhern.

M. F. S. S.

Os Últimos Dias de Pompeia

Produção: Itália / França

Data da Produção: 1947

Direcção Cinematográfica: Marcel L'Herbier

1.ª Apresentação: (em Portugal) Lisboa, Cinema Odeon, Palácio

Data: 19.4.1950.

Elenco: Actores – Micheline Presle, George Marchal, Adriana Benetti, Marcel Herrand, Jaque Catelain, Camillo Pilotto.

M. F. S. S.

John Blow, *Vénus e Adónis*

Direcção: Jill Feldman, Richard Gwift

Libreto: inspirado em Ovídio

1.ª Apresentação: Porto, Rivoli Teatro Municipal

Data: 18.2.1999

Outras: Coimbra (Teatro Académico de Gil Vicente), 19.2.1999; Tomar (Convento de Cristo – Sala das Cortes), 5.8.1999; Lisboa (Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém), 29.9.1999.



Este espectáculo resulta da combinação da música do inglês John Blow (1649-1708) com textos estruturados sob forma de um prólogo e três actos, de toada ovidiana mas de autor desconhecido, que contam os amores de Vénus e Adónis. O resultado merece a designação de 'ópera de câmara'. A evolução deste romance conduz o par de uma felicidade plena para o desmoronar de um belo sonho, ou simbolicamente de um abraço para o cortejo fúnebre do apaixonado. O primeiro público visado pelo compositor foi a corte de Carlos II.

Elenco: Actores – Ana Ester Neves (Vénus), João Manuel Fernandes (Adónis), Paula Pires de Matos (Cupido), Armando Possante, Hugo Oliveira, Nicolau Domingues (Pastores e Caçador); **Intérpretes da Música** – Richard Gwift (Primeiro Violino), Álvaro Pinto (Segundo Violino), Philip Yeeles (Viola), Katie Rietman (Violoncelo), Pedro Sousa e Silva, Pedro Lopes e Castro (Flautas de Bisel), Nuno Torka (Tiorba), Ana Mafalda Castro (Cravo); **Coro do Grupo Vocal de Olisipo**: Armando Possante, Elsa Cortês, Hugo Oliveira, Júlio Guerreiro, João Tiago Santos, Lucinda Rosário, Mónica Santos, Ricardo Ceitil; **Maestro do Coro** – Armando Possante; **Figurinos** – Filipe Faísca.

Nas representações de Agosto e Setembro houve as seguintes modificações:

Elenco: Actores – Maria Luísa Tavares (Vénus), Rui Pedro Baeta (Adónis), Rute Dutra (Cupido) Paula Pires de Matos (Pastora).

M. F. S. S.

João Aguiar, *Viriato* (baseado no romance *A Voz dos Deuses*)

Produção: Grupo de Teatro Fatias de Cá (Tomar)

Encenação: Carlos Carvalheiro

Adaptação: Filomena Oliveira, Carlos Carvalheiro

1.ª Apresentação: Castelo de Almourol

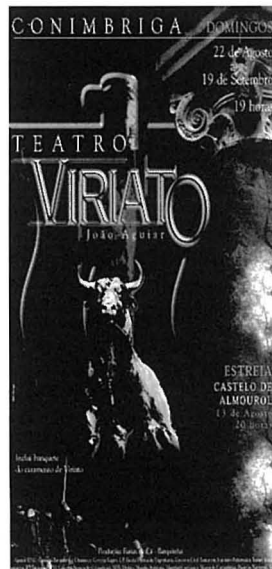
Data: 13.8.1999

Outras: Ruínas de Conimbriga, 22.8 – 19.9.1999 (aos domingos).

Estreada em Agosto de 99 no Castelo de Almourol, no dia em que se celebrava a Festa do Rio e das Aldeias, a peça *Viriato* transitou depois para as Ruínas de Conimbriga, onde foi integrar o programa dos Encontros de Teatro de Tema Clássico (de Conimbriga, Aeminium e Sellium).

A acção da peça decorre no ano de 147 a. C., quando os Romanos de novo investiam contra guerreiros lusitanos, chefiados por Viriato, no que parecia ser simplesmente mais uma campanha contra os resistentes da Ibéria. Uma surpresa lhes estava, no entanto, reservada. Até ser assassinado em 139 a. C., Viriato desenvolveu, com clarividência política e militar, um processo de resistência incansável contra o poderio romano, em que radicam características profundas da identidade ibérica.

Formado por um misto de amadores e profissionais, o grupo de teatro Fatias de Cá vem desenvolvendo, desde 1979, uma enérgica actividade dramática na sua cidade de origem, Tomar. Com esta adaptação do texto de João Aguiar, ensaiou-se uma encenação original que teve, no espectáculo de estreia, por pano de fundo o Castelo de Almourol, um espaço que, com o enquadramento da serra de Sicó, tinha todo o poder sugestivo da paisagem agreste de um campo de batalha. A hora a que decorreu o espectáculo permitiu também que ele começasse com sol, que entretanto se vai pondo para dar lugar à lua e permitir efeitos especiais à luz dos archotes. A presença dos cavalos acrescenta um último retoque a um ambiente que se pretende sugestivo das cavas onde o guerreiro organizou a sua resistência. O espectáculo resulta da articulação entre o texto de João Aguiar, lido em voz *off*, e todo um movimento cénico em que se impõem os jogos marciais, desfiles militares, conselhos de guerra, para além dos ritos matrimoniais de Viriato. Para melhor envolver o público, um intervalo permitiu que os espectadores pudessem participar da boda e saborear uma ementa constituída por pão, água, carne assada e frutas. Na



segunda parte, representada já com noite profunda, multiplicam-se as batalhas e desenvolve-se uma rede de traições que levam à morte de Viriato. Toda esta espectacularidade e envolvimento da cena, o espaço natural, de um elenco que mobilizou mais de 50 actores em palco e do público, que não faltou, foram as grandes virtudes desta proposta teatral.

Elenco: Música – Carlos Dâmaso.

José Ribeiro Ferreira

Arnaldo Leite, *Viriato*

1.ª Apresentação: Matosinhos-Leça, Teatro Constantino Neri

Data: 5-6.11.1911.

Na sua rubrica ‘Aconteceu há 50 anos ...’, *O Tripeiro* n.º 11, de Novembro de 1961, noticiava: ‘Com a peça “Viriato”, tragédia cômica, e “Tosca”, paródia da ópera “Tosca”, de Arnaldo Leite, realiza-se, no Teatro Constantino Neri, uma festa a favor dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça’. Também colaborou nesta réeita o Orfeon do Porto.

Elenco: Intérpretes – José Brito, Augusto Veras, A. Morgado.

M. F. S. S.

Viviriato

Produção: O Bando

Encenação: João Brites

Texto: Colagem de João Brites

Iniciativa: FIT 91

1.ª Apresentação: Lisboa, Estrela 60

Data: 9.5.1991.

Ver Vol. I, p.246.

M. F. S. S.

(Página deixada propositadamente em branco)

Execução gráfica

Colibri – Artes Gráficas

Faculdade de Letras

Alameda da Universidade

1699 Lisboa Codex

Telef. / Fax 217 964 038

Internet: www.edi-colibri.pt

e-mail: colibri@edi-colibri.pt

Após um primeiro desafio, que teve o feliz desfecho de um volume de resultados já expressivos, de novo *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo* vem comprovar, pelo acréscimo de informação entretanto reunida, como os temas greco-latinos continuam vitais na Europa actual e, sem excepção, também entre nós.

Lidos sob versões heterogéneas, com fidelidade à tradição velha de milénios ou sujeitos ao filtro das mais recentes experiências humanas, os mitos e temas clássicos continuam a dar provas infalíveis: da sua vitalidade inesgotável, antes de mais, mas sobretudo da sua imensa capacidade de exprimir os eternos e imutáveis anseios do Homem.



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



EDIÇÕES COLIBRI

ISBN 972-772-227-X



9 789727 722273